

«Sinistro
e repleto de
reviravoltas.
Se é fã de Stephen
King, vai adorar.»

LIBRARY JOURNAL

O AMIGO DAS SOMBRA S

Alex North

AUTOR BESTSELLER DE *O HOMEM DOS SUSSURROS*

TOP
SEL
LER

**O pior dos pesadelos
está agora a começar.**



Para a Lynn e o Zack

PRÓLOGO

Foi a minha mãe que me levou à esquadra da polícia. Os agentes queriam que eu fosse no carro-patrolha, mas ela não permitiu. De que me lembro, foi a única vez em que a vi perder as estribeiras. Eu tinha 15 anos, estava na cozinha, flanqueado por dois polícias corpulentos. A minha mãe estava na soleira da porta. Lembro-me de ver a expressão do seu rosto a mudar quando os agentes lhe disseram ao que vinham e sobre o que queriam falar comigo. Ao início, ela pareceu confusa com o que estava a ouvir, mas depois o seu rosto começou a denotar algo semelhante a medo quando olhou para mim e percebeu quão perdido e assustado eu estava.

Apesar de a minha mãe ser uma mulher de baixa estatura, havia algo na ferocidade contida da sua voz e na convicção da sua postura que fez com que aqueles dois polícias enormes recuassem. Sentei-me no banco do passageiro, ao lado da minha mãe, inerte, enquanto seguíamos o carro que nos servia de escolta, através da aldeia.

Ao chegarmos ao parque infantil, abrandou.

— Não olhes — disse-me a minha mãe.

Porém, eu olhei. Vi as fitas policiais que haviam sido dispostas no local; os agentes alinhados na rua, de rosto fechado; os veículos estacionados ao longo da estrada, com as luzes azuis numa rotação silenciosa, sob o sol do fim da tarde. Vi a velha estrutura metálica que costumávamos trepar. O chão em redor sempre fora cinzento e esbatido, mas, naquele momento, estava manchado de vermelho. Parecia tudo tão tranquilo e solene, um ambiente quase reverencial.

O carro que seguia à nossa frente parou. Os agentes queriam que eu visse bem o local do crime, que tinham a certeza ser da minha responsabilidade.

Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie.

Era um pensamento que me assolara muitas vezes nos meses que antecederam aquele dia, e ainda me lembro da frustração que suscitava em mim. Eu tinha 15 anos, e aquilo não era justo. Sentia que toda a minha vida estava a ser condicionada e controlada pelos adultos à minha volta, mas nenhum deles parecia ter reparado na flor negra que apodrecia no meio do jardim. Ou talvez tivessem achado que seria mais fácil ignorá-la, como se as ervas que ela envenenava não tivessem importância.

Não devia ter sido eu a lidar com o Charlie. Agora, compreendo isso. Ainda assim, enquanto estava sentado no carro, a culpa que eles queriam que eu sentisse tomou conta de mim.

No início desse dia, ao percorrer as ruas poeirentas, semicerrando os olhos diante da luz intensa do Sol, a transpirar com o calor, eu avistara o James ali mesmo, no parque infantil. O meu amigo mais antigo. Uma figura pequena e solitária, ao longe, desajeitadamente empoleirada na estrutura metálica. Apesar de não nos vermos há semanas, eu percebera imediatamente o que ele estava ali a fazer: estava à espera do Charlie e do Billy. E eu passara por ele sem parar.

Vários agentes que estavam no local viraram-se na nossa direção, e, por instantes, senti-me aprisionado numa redoma de silêncio absoluto. Observado e julgado.

Um ruído súbito encheu o ar, fazendo-me estremecer.

Demorei um segundo a perceber que a minha mãe estava a pressionar a buzina. O som estridente pareceu dissonante e profano naquele cenário, como um grito a meio de um funeral. Ao olhar para ela, apercebi-me de que o seu maxilar estava cerrado e que o seu olhar fulminava o carro-patrolha à nossa frente. Manteve a pressão sobre a buzina, e o som continuou a ecoar

pela aldeia.

Cinco segundos.

— Mãe.

Dez segundos.

— Mãe!

Por fim, o carro-patrolha à nossa frente retomou a sua marcha lenta. A minha mãe retirou a mão da buzina, e o mundo em meu redor voltou a mergulhar no silêncio. Quando ela se virou para mim, a sua expressão tinha tanto de impotência quanto de determinação, como se partilhasse o meu sofrimento e estivesse disposta a suportar o fardo até ao limite das suas forças. Eu era o seu filho, e ela haveria de zelar por mim.

— Vai correr tudo bem — assegurou-me.

Eu não respondi. Limitei-me a suster-lhe o olhar, reconhecendo a gravidade do seu tom de voz e a convicção na sua expressão, grato por estar ali alguém que cuidasse de mim, mesmo que eu nunca o admitisse. Grato por ter ao meu lado alguém que gostava de mim. Alguém tão convicto da minha inocência que não havia necessidade de proferir as palavras que a professassem. Alguém que faria tudo para me proteger.

Após o que me pareceu uma eternidade, ela acenou para si mesma, olhou em frente e arrancou. Seguimos o carro-patrolha até este sair da aldeia, deixando para trás os veículos da polícia estacionados, os agentes que nos observavam e o parque infantil manchado de sangue. Quando chegámos à via rápida, as palavras da minha mãe ainda ecoavam na minha cabeça.

«Vai correr tudo bem.»

Passaram-se 25 anos, desde então, mas ainda penso muito nisso. É o que todos os bons pais dizem aos filhos. Porém, de que servem essas palavras? Refletem uma esperança, um desejo; são reféns da nossa sina. Uma promessa forçosa, na qual temos de fazer os possíveis por acreditar quando não temos mais nada a que nos agarrar.

«Vai correr tudo bem.»

Sim, penso muito nisso. No facto de todos os bons pais o dizerem, e no facto de estarem frequentemente enganados.

PRIMEIRA PARTE

1

Agora

No dia em que tudo começou, a inspetora Amanda Beck estava teoricamente de folga. Tendo acordado de madrugada com um pesadelo recorrente, agarrara-se à réstia de sono durante o máximo de tempo possível, dormindo até mais tarde, pelo que era quase meio-dia quando se levantou, tomou um duche e preparou o café. Um rapaz estava a ser morto nesse momento, apesar de ainda ninguém o saber.

A meio da tarde, Amanda percorreu a curta distância que a levaria a visitar o pai. Quando chegou a Rosewood Gardens, havia mais alguns carros estacionados, mas não avistou ninguém. Um profundo silêncio abraçava o mundo, à medida que ela percorria o caminho que serpenteava por entre os canteiros de flores até ao portão da entrada, tomando, depois, o trajeto que memorizara nos últimos dois anos e meio, por entre lápides que se haviam tornado pontos de referência familiares.

Seria estranho pensar nos mortos como amigos?

Talvez, mas uma parte de si pensava assim. Ela ia ao cemitério pelo menos uma vez por semana, o que significava que visitava mais as pessoas que ali estavam enterradas do que o punhado de amigos vivos que tinha.

Percorreu o rol, passando pelas lápides: uma campa que estava sempre muito bem cuidada, com flores viçosas; aquela que tinha uma velha garrafa de brandy vazia encostada à pedra; e o talhão repleto de peluches, uma campa de criança, deduzia, com presentes deixados pelos pais chorosos, incapazes de aceitar que o filho os tivesse deixado tão cedo.

Logo a seguir à última curva, ficava a campa do pai.

Deteve-se e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. O talhão estava

assinalado por uma lápide retangular, ampla e robusta, tal como o pai era, nas suas memórias de criança. Havia algo de agradavelmente inexorável na simplicidade da lápide, no facto de conter apenas o nome dele e as duas datas que circunscreviam a sua vida. Sem adornos, tal como ele queria. Ele fora um pai presente e carinhoso, mas a sua vida havia sido passada na polícia, onde cumpria o seu dever, deixando o trabalho para trás ao fim do expediente. Amanda achara apropriado refletir esse aspeto da sua personalidade na escolha da lápide, tendo encontrado algo que cumpria a sua função — e bem —, mas que mantinha as emoções ao largo.

«Não quero flores na minha campa, Amanda. Quando morrer, morri.»

Uma das inúmeras ordens que ela cumprira.

Que estranho e perturbador era o facto de ele já não estar vivo. Em criança, Amanda tinha medo do escuro, e era sempre o pai que a acudia quando ela chamava por alguém. Quando ele fazia um turno à noite, ela sentia-se ansiosa, como se tivesse perdido a sua rede de segurança e não houvesse nada que a amparasse se caísse. Era assim que encarava a vida, atualmente. Assolava-a uma sensação constante, no fundo da mente, de que havia algo de errado, de que faltava alguma coisa, mas que seria de pouca dura. Logo a seguir, lembrava-se de que o pai tinha morrido, e caía-lhe a ficha: se chamasse por ele a meio da noite, ninguém a acudiria.

Apertou o casaco com mais força à volta do corpo.

«E também não quero que fales comigo depois de eu morrer.»

Mais uma ordem. Por isso, quando visitava a campa, ficava simplesmente parada, a pensar. O pai tinha razão, claro. Tal como ele, Amanda não era religiosa, pelo que não via grandes motivos para dizer fosse o que fosse em voz alta. Afinal de contas, ele já não a ouvia; a oportunidade para interrogações passara. Restava-lhe o curto período de experiência e de sabedoria que o pai lhe legara, e competia-lhe agora destilar tudo isso. Analisar algumas partes em contraluz, limpar-lhes o pó e perceber o que

fazia sentido e o que podia aproveitar.

Impassível.

Distante.

Prático.

Eram essas as características que definiam o seu pai no âmbito profissional. Amanda pensava frequentemente no conselho que ele lhe dera: quando nos deparamos com uma coisa horrível, devemos guardá-la numa caixa. A caixa era algo que mantínhamos trancado na mente, e que só deveríamos abrir para atirar lá para dentro outra coisa qualquer. O trabalho, e as visões que este nos suscitava, tinha de ser mantido afastado da nossa vida, a todo o custo. Parecia tão simples e evidente.

O pai ficara muito orgulhoso quando Amanda se alistara na polícia, e, apesar de ela sentir muito a sua falta, havia uma pequena parte de si que estava contente por ele não poder testemunhar como ela lidara com os últimos dois anos. A caixa dos horrores que guardava na sua mente teimava em não permanecer fechada; os pesadelos atormentavam-na. Não conseguira ser o tipo de agente que ele fora, e não sabia se alguma vez viria a conseguir.

Apesar de seguir as instruções do pai, isso não a impedia de pensar nele. Hoje, como sempre, perguntava-se se estaria desiludido com ela.

Ia a caminho do carro quando o telemóvel tocou.

Meia hora depois, estava de volta a Featherbank, a percorrer o terreno baldio.

Detestava aquele sítio; detestava os seus arbustos agrestes e queimados pelo sol, o seu silêncio e isolamento, a sua aura doentia, como se a própria terra estivesse inquinada e pudéssemos sentir a podridão e o veneno no chão, a um nível mais primitivo.

— Foi ali que o encontraram, não foi? — perguntou o agente John Dyson, caminhando ao lado de Amanda, apontando para um arbusto esquelético,

agreste, seco e pontiagudo, como tudo o que crescia naquele terreno.

— Sim, foi — assentiu ela.

Onde o encontraram.

Porém, fora onde primeiro o haviam perdido. Dois anos antes, um menino desaparecera ao regressar a casa a pé, e, algumas semanas depois, o seu corpo fora descartado naquele mesmo local. O caso ficara sob a alçada de Amanda, e os eventos que se seguiram fizeram com que a sua carreira entrasse numa espécie de queda livre. Antes, imaginara-se a subir paulatinamente na hierarquia, ao longo dos anos, trancando a caixa dos horrores na sua mente a sete chaves, mas, aparentemente, não se conhecia de todo.

Dyson acenou para si mesmo.

— Deviam encerrar este sítio. Rebentar com ele de uma vez.

— São as pessoas que cometem os crimes — comentou Amanda. — Se não o fizerem num sítio, irão fazê-lo noutro.

— Talvez.

Ele não soara convencido, mas, aparentemente, também não se importava muito com isso. Amanda achava-o estúpido, e ele próprio parecia ter noção de o ser, pelo que toda a sua carreira fora marcada por uma evidente falta de ambição. Agora, com 50 e poucos anos, fazia apenas o que lhe competia, recebendo o seu salário ao fim do mês e regressando a casa todas as noites sem sequer olhar para trás. Como ela o invejava.

Chegaram ao arvoredado denso que delimitava o topo da pedreira. Amanda olhou para trás. O cordão que mandara colocar em redor do terreno baldio não se via, oculto pela vegetação rasteira, mas ela sabia que estava ali. Para lá dele, as engrenagens invisíveis de uma grande investigação começavam a ganhar vida.

Alcançaram o limite do arvoredado.

— Cuidado onde põe os pés — aconselhou Dyson.

— Isso digo-lhe eu.

Amanda posicionou-se deliberadamente à frente dele, vergando a cerca que separava o terreno baldio da pedreira e esgueirando-se por baixo. Havia um sinal de perigo esbatido, colocado um pouco mais à frente, que não dissuadia minimamente as crianças daquela zona de explorarem o terreno. Talvez servisse até de incentivo — teria certamente servido de incentivo para si se fosse mais nova. Porém, Dyson tinha razão. O terreno era íngreme e traiçoeiro, pelo que ela fincou bem os pés, à medida que abria caminho. Se escorregasse à frente dele, teria de o matar para salvar a face.

Desceu cautelosamente a encosta da pedreira, perigosamente inclinada. Raízes e ramos, esbatidos pelo calor inclemente do verão, projetavam-se da rocha como tendões, e Amanda teve de se agarrar a esses braços retorcidos para se equilibrar. A pedreira tinha cerca de 50 metros de profundidade. Quando assentou, por fim, os pés em terreno sólido, suspirou de alívio.

Instantes depois, os pés de Dyson pousaram, igualmente, na pedra ao seu lado, seguindo-se um silêncio sepulcral.

A pedreira tinha um aspeto sinistro e alienígena. Parecia isolada e desoladora, e, embora o sol fustigasse o terreno baldio lá em cima, a temperatura ali era bastante mais baixa. Amanda olhou em volta para as rochas e para o amontoado de arbustos amarelecidos. Aquele local parecia um labirinto — um labirinto que eles deveriam percorrer, seguindo as indicações de Elliot Hick.

— Por aqui — indicou ela.

Ao início dessa tarde, dois rapazes adolescentes haviam sido detidos à porta de uma casa nas redondezas. Um deles, Elliot Hick, estava à beira da histeria; o outro, Robbie Foster, mostrara-se impassível e calmo. Cada um deles tinha uma faca e um caderno, e ambos estavam encharcados de sangue, da cabeça aos pés. Havia sido levados para a esquadra, para serem interrogados, mas Hick contara ao agente no local o que os dois tinham feito,

e onde poderia ser encontrado o resultado do seu ato.

Não era longe, dissera.

A cerca de cem metros.

Amanda esgueirou-se por entre as rochas, sem pressa, com movimentos lentos e cautelosos. Ali, o silêncio exercia uma pressão semelhante à de mergulhar debaixo de água, e ela sentiu um aperto de apreensão no peito ao imaginar o que estavam prestes a ver. Partindo do princípio de que Hick dissera a verdade, claro; afinal de contas, havia sempre a possibilidade de não encontrarem nada ali e de tudo aquilo não passar de uma partida bizarra.

Estendeu o braço e desviou uma cortina de ramos pontiagudos. A ideia de que pudesse ser uma partida de mau gosto parecia absurda, mas era infinitamente preferível à de estar prestes a entrar numa clareira e a deparar-se com...

Estancou de imediato.

E a deparar-se com aquilo.

Dyson emergiu igualmente dos arbustos, posicionando-se ao lado de Amanda. A sua respiração era ligeiramente mais acelerada, apesar de não ser claro se seria devido ao esforço físico da descida e da caminhada ou ao cenário diante deles.

— Meu Deus! — exclamou ele.

A clareira que se abria à sua frente tinha um formato mais ou menos hexagonal; o terreno era agreste, mas basicamente plano, delimitado em todo o seu perímetro por árvores e emaranhados de arbustos. Havia algo de quase oculto naquele local, uma primeira impressão potenciada pelo cenário com que se depararam.

O cadáver encontrava-se a cerca de cinco metros de distância, exatamente ao centro. Fora colocado de joelhos, vergado, quase como que em oração, os braços magros cruzados atrás, no chão, como asas partidas. Parecia tratar-se de um rapaz adolescente. Vestia calções e uma t-shirt, arregaçada até às

axilas, mas o sangue não permitia descortinar a cor da roupa. O olhar de Amanda percorreu-lhe o corpo. Havia múltiplos ferimentos com arma branca no tronco exposto do rapaz, o sangue em redor de um castanho pálido sobre a pele. Uma poça mais profunda jazia sob a cabeça, estranhamente inclinada para o lado, quase separada, felizmente virada para o lado oposto.

Impassível, lembrou-se Amanda.

Distante.

Prático.

Por instantes, o mundo parou por completo. Em seguida, a sua atenção focou-se num pormenor, que a fez franzir o sobrolho.

— O que é aquilo ali no chão? — perguntou.

— É a porra do cadáver de um puto — respondeu Dyson.

Amanda ignorou-o e deu alguns passos cautelosos para o interior da clareira, receosa de perturbar o local do crime, mas ansiosa por dar sentido ao que estava a ver. Havia mais sangue no piso rochoso, que se espalhava num círculo à volta do corpo. O padrão parecia ser demasiado uniforme para ser accidental. Porém, só quando chegou à extremidade das manchas de sangue é que percebeu de que se tratava.

Olhou fixamente para o chão, tentando abarcar toda a cena.

— O que foi? — perguntou Dyson.

Mais uma vez Amanda não lhe respondeu, mas, desta feita, por não saber ao certo o que dizer. Dyson aproximou-se. Ela esperou ouvir outra exclamação, mais jactância, mas ele permaneceu em silêncio. Estavam ambos igualmente perturbados.

Tentou contar as manchas, mas era difícil não lhes perder o rasto. Pareciam os vestígios de uma tempestade que se abatera sobre o solo.

Centenas de marcas de palmas de mãos ensanguentadas, cuidadosamente impressas na rocha.

2

A casa de repouso onde a minha mãe estava a morrer ficava inserida no complexo hospitalar de Gritten. Parecia-me uma combinação ligeiramente mórbida. Durante a minha longa viagem pelo campo, ocorrera-me porque é que eles não teriam aproveitado para montar também um cemitério e um tapete rolante.

Contudo, a propriedade revelou-se aprazível. Após o hospital, a estrada circundava agradavelmente por entre relvados meticulosamente aparados e pontilhados por canteiros de flores coloridas e macieiras, indo desembocar numa pequena ponte sobre um riacho borbulhante.

O dia estava quente, e eu conduzia com o vidro aberto. O ar estava saturado com o aroma intenso a relva acabada de cortar, e o som da água a bater nas pedras parecia entrecortado com o riso de crianças.

Um cenário idílico para os últimos anos de vida.

Um minuto depois, cheguei a um edifício de dois andares, cujas paredes enegrecidas estavam cobertas por braçadas de heras luxuriantes. Os pneus do carro restolharam ao pisar um oceano de gravilha perfeitamente uniforme. Quando desliguei o motor, o único som que se ouvia era o chilrear tranquilizador dos pássaros, que cortava um silêncio pesado e profundo.

Acendi um cigarro e deixei-me ficar no carro por instantes.

Ainda não era demasiado tarde para voltar para trás.

Tinham sido quatro horas de viagem. Sentira a presença de Gritten a aproximar-se cada vez mais, e o temor dentro de mim aumentara a cada quilómetro percorrido.

O céu podia estar límpido e luminoso, mas mais parecera que eu estava a

conduzir em direção a uma tempestade. Quase esperara ouvir o estrondo dos trovões ao longe e ver os relâmpagos na linha do horizonte. Quando passara pelas ruas e pelos terrenos industriais decrepitos, percorrendo fileiras de lojas, fábricas degradadas e pátios pejados de lixo e de vidros partidos, sentira-me tão maldisposto que só muito a custo não dera meia-volta.

Fumei o cigarro, com a mão a tremer.

Há 25 anos que não vinha a Gritten.

Vai correr tudo bem, tentei convencer-me.

Apaguei o cigarro, saí do carro e caminhei na direção da casa de repouso. As portas de vidro da entrada deslizaram e revelaram uma área de receção limpa e minimalista, com um piso preto e branco polido. Dei o nome na receção e aguardei, por entre o cheiro a cera e a desinfetante. Além do ruído de talheres, ao longe, o edifício estava tão silencioso como uma biblioteca, e senti o ímpeto de tossir, apenas porque me parecia que não deveria fazê-lo.

— É o Sr. Adams? O filho da Daphne?

Ergui os olhos. Uma mulher aproximava-se de mim. Parecia ter uns 20 e tal anos, era baixa, com o cabelo azul-claro, e tinha inúmeros *piercings* nas orelhas. Vinha trajada num estilo informal, pelo que não seria uma enfermeira.

— Sim — respondi. — É a Sally, certo?

— Exatamente.

Apertei-lhe a mão.

— Trate-me por Paul.

— Com certeza.

A Sally encaminhou-me por um lanço de escadas e depois até ao fundo de uma ala com corredores silenciosos, enquanto entabulava conversa de circunstância.

— Como correu a viagem?

— Correu bem.

— Há quanto tempo não vinha a Gritten? — Quando lhe respondi, ela pareceu ficar chocada. — Caramba! Ainda tem amigos por estas bandas?

A pergunta fez-me pensar na Jenny, e senti o coração a acelerar. Imaginei como seria vê-la após tantos anos.

— Não sei — respondi.

— Presumo que a distância dificulte as coisas — concluiu a Sally.

— É verdade.

Ela referia-se à distância física, mas a distância também assume outras dimensões. A viagem de carro podia ter demorado quatro horas, mas esta curta caminhada dentro da casa de repouso parecia mais longa ainda, e, embora um quarto de século pudesse parecer um período de tempo suficientemente longo para aportar o olvido, a verdade é que todo eu tremia por dentro. Sentia que os anos se tinham desvanecido perigosamente e que os acontecimentos de há tanto tempo em Gritten haviam ocorrido ontem.

Vai correr tudo bem.

— Fico contente que tenha vindo — rematou a Sally.

— Tenho sempre pouco trabalho no verão.

— É professor catedrático, não é?

— Não, não. Dou aulas de Inglês, mas não a esse nível.

— Escrita Criativa?

— É um dos módulos, sim.

— A Daphne tem muito orgulho em si, sabia? Sempre me disse que o Paul ainda haveria de ser um grande escritor.

— Eu não escrevo. — Hesitei. — Ela disse isso?

— Sim.

— Não fazia ideia.

A verdade é que havia muitas coisas na vida da minha mãe que eu desconhecia. Podíamos falar ao telefone de mês a mês, mas as conversas eram sempre curtas e casuais, nas quais ela perguntava por mim, e eu mentia,

e não perguntava por ela para ela não ter de mentir. Nunca me dera o menor indício de que algo de errado se passava.

Até que, há três dias, recebi um telefonema da Sally, a auxiliar da minha mãe. Eu nem sabia da existência da Sally. Também não sabia que a minha mãe sofria de demência progressiva há vários anos, e que, nos últimos seis meses, o cancro se tornara terminal; que, nas últimas semanas, ela ficara tão debilitada que nem conseguia subir as escadas, passando a viver quase sempre no piso térreo da sua casa; que se recusara a sair de lá; que, uma noite, nessa semana, a Sally encontrara-a inconsciente ao fundo das escadas. Fosse por frustração ou por confusão, a minha mãe tentara, aparentemente, chegar ao patamar, ao cimo das escadas, e o seu corpo dera de si. A lesão craniana que sofrera era grave, embora não fatal, mas a queda agudizara o seu estado de saúde.

Havia tantas coisas que eu desconhecia.

A Sally dissera-me que o tempo escasseava, e perguntara-me se eu podia vir visitá-la.

— A Daphne passa o tempo a dormir. Está a receber cuidados paliativos e alívio para as dores, e encontra-se tão bem quanto possível — informara-me. — Porém, ao longo dos próximos dias, irá dormir cada vez mais frequentemente, e por períodos cada vez mais longos. Até que por fim...

— Não voltará a acordar?

— Exatamente. Irá acabar por falecer tranquilamente.

Assenti com a cabeça. Parecia-me uma boa maneira de morrer. Se pensarmos que todos temos um fim, talvez o melhor que nos pode acontecer seja adormecer tranquilamente para sempre. Algumas pessoas acreditam que somos acometidos por sonhos e pesadelos logo a seguir, mas eu nunca percebi porquê. Sei, por experiência própria, que isso acontece na fase mais superficial do sono, e sempre considerei que a morte fosse um estado mais profundo.

Parámos à porta do quarto.

— Ela está lúcida? — perguntei.

— Às vezes. Por vezes, reconhece as pessoas e parece ter uma vaga noção de onde está. Mas, de resto, parece viver num lugar e num tempo diferentes. — A Sally abriu a porta e baixou o tom de voz. — Ah... cá está a nossa menina.

Segui-a para dentro do quarto, preparando-me para o que estava prestes a ver. Contudo, a visão não deixou de ser chocante. Uma cama de hospital estava encostada à parede mais próxima, com rodas e controlos para elevar e alterar a posição. Ao lado, mais máquinas do que aquelas que eu contava encontrar: um carrinho com uma série de monitores, e um suporte com sacos transparentes, com tubos a sair de dentro deles, ligados à figura sob os cobertores.

A minha mãe.

Estremeci. Não a via há 25 anos, e, agora que ali estava, na soleira da porta, parecia que alguém fizera um modelo dela em cera, muito mais pequeno e frágil do que eu me lembrava. O meu coração disparou. Ela tinha a cabeça enfaixada de um lado, e a parte visível da cara estava amarela e imóvel, com os lábios ligeiramente apartados. Os cobertores finos mal revelavam o relevo do corpo que se escondia por baixo. Por instantes, não tive sequer a certeza de que ela estivesse viva.

A Sally pareceu imperturbável. Atravessou o quarto e inclinou-se ligeiramente, verificando os monitores. Senti o leve aroma das flores que estavam numa jarra, na mesa de cabeceira, junto às máquinas, mas o cheiro foi corrompido por algo mais doce e enjoativo.

— Pode sentar-se junto dela. — A Sally terminou a ronda e endireitou-se. — Mas é melhor não a perturbar.

— Claro.

— Há água na mesa, se ela acordar e pedir. E, se houver algum problema,

tem ali um botão para me chamar. — Apontou para a grade da cama.

— Obrigado — respondi.

Fechou a porta atrás de si ao sair.

Ficou o silêncio. Mas não absoluto. A janela mais próxima da cama estava entreaberta, e, por ela, entrava o som tranquilizador e soporativo do cortador de relva, ao longe. Subjacente a isso, ouvia-se a respiração lenta e débil da minha mãe, com longos segundos vazios entre cada respiração.

Olhei para ela. Reparei no padrão floral cor-de-rosa dos lençóis, fazendo-me evocar uma recordação espectral. Não eram idênticos aos que eu me lembrava da minha infância, mas bastante semelhantes. A Sally deve tê-los trazido de casa da minha mãe para ela se sentir mais confortável.

Olhei em redor. O quarto lembrava-me o que tive na residência universitária, nos primeiros anos da faculdade: pequeno, mas agradável, com uma casa de banho privativa a um canto, uma secretária e um armário na parede em frente à cama. Havia uma série de objetos espalhados sobre a secretária. Alguns deles eram claramente médicos — frascos vazios, caixas de comprimidos abertas e bolas de algodão —, mas outros pareciam mais normais, mais familiares: um monte de roupa cuidadosamente dobrada, óculos num estojo aberto, a fotografia de casamento dos meus pais. Lembro-me de a ver em cima da cornija da lareira quando era miúdo. Agora, estava ali, posicionada de modo que a minha mãe pudesse vê-la da cama.

Aproximei-me da secretária. A fotografia devia ser a recordação de uma ocasião feliz, mas, apesar de a minha mãe estar sorridente e esperançosa, o semblante do meu pai estava carregado, como sempre. Era a única expressão dele de que eu me lembrava dos tempos de criança, quer iluminada pelas fogueiras que ele acendia frequentemente no quintal quer ensombrada, no corredor, quando passávamos um pelo outro sem trocar palavra. Ele sempre fora sério e amargo, um homem desiludido com tudo na vida, e ambos nos vimos de bom grado pelas costas quando saí de casa. Nenhum dos

telefonemas da minha mãe, ao longo dos anos, o mencionara, e, quando ele morreu, há seis anos, eu não vim a Gritten para o funeral.

Olhei novamente para a secretária, vendo algo em que não reparara: um livro grosso, pousado com a capa para baixo. Estava velho e desgastado, com a lombada ligeiramente contorcida, como se tivesse sido ensopado em água e deixado a secar torto. A minha mãe nunca fora dada à leitura; o meu pai sempre fora desdenhoso de ficção, e de mim e do meu apreço por ela. Talvez a minha mãe tivesse descoberto o gosto pela leitura após a morte dele e andasse a ler aquele livro antes do acidente. Fora um gesto simpático da parte da Sally deixá-lo ali, apesar de parecer demasiado otimista imaginar que a minha mãe pudesse terminá-lo agora.

Virei o livro, deparando-me com o rosto malicioso de um demónio vermelho na capa. Retirei a mão, rapidamente, sentindo um formigueiro nos dedos, como se me tivesse queimado.

The Nightmare People.

— Paul?

Virei-me, sobressaltado. A minha mãe acordara. Virara-se de lado e estava apoiada num ombro, a fitar-me, quase com desconfiança, com o único olho que eu conseguia ver. O cabelo pendia-lhe sobre a almofada em fiapos grisalhos. O meu coração batia descompassadamente.

— Sim — respondi, em surdina, tentando acalmar-me. — Sou eu, mãe.

Ela franziu o sobrolho.

— Tu... não devias estar aqui. — Havia uma cadeira junto à cama. Atravessei o quarto lentamente e sentei-me. Ela seguiu-me com o olhar, desconfiada, como um animal pronto a fugir. — Não devias estar aqui — repetiu.

— Não tive alternativa. Caíste. Lembras-te?

Ela continuou a fitar-me, por instantes. Em seguida, a sua expressão suavizou-se. Inclinando-se para mim, sussurrou, num tom conspiratório:

— Espero que a Eileen não esteja aqui.

Olhei em redor, sem saber o que fazer.

— Não está, mãe.

— Eu não devia dizer isto, mas ambos sabemos que ela é uma cabra. Pobre Carl... — O seu olhar denotava tristeza. — E coitado do pequeno James. Só estamos a fazer isto por ele, não é? Acho que sabes isso. Não precisamos de o dizer. Tu compreendes.

«Ela parece viver num lugar e num tempo diferentes.»

Eu reconhecia aquele lugar e aquele tempo.

— Sim, mãe — assenti. — Eu compreendo.

Ela voltou a deitar-se, cuidadosamente, e fechou os olhos.

— Não devias estar aqui — repetiu, num sussurro.

— Queres água? — perguntei.

Por instantes, a minha mãe não reagiu; ficou ali deitada, a respirar calmamente, como se a pergunta estivesse a demorar algum tempo a percorrer os meandros labirínticos do seu cérebro. Eu não tinha grande esperança de que chegasse ao seu destino, mas não me lembrava de mais nada para dizer naquele momento. De repente, ela voltou a despertar, soerguendo-se, agarrando-me o pulso tão rapidamente que eu nem tive tempo de recuar.

— Não devias estar aqui! — gritou.

— Mãe...

— Mãos vermelhas, Paul! Há mãos vermelhas por toda a parte!

Os seus olhos estavam esgazeados, e ela fitava-me no mais absoluto horror.

— Mãe...

— Mãos vermelhas, Paul!

Ela soltou-me e voltou a cair na cama. Levantei-me e recuei alguns passos, com a marca branca dos seus dedos bem visível na minha pele. Na minha

mente, surgiu a imagem de uma estrutura metálica e um chão manchado de vermelho, e as suas palavras ecoaram na minha cabeça, em sintonia com o bater do meu coração.

Mãos vermelhas, mãos vermelhas, mãos vermelhas por toda a parte...

— Meu Deus, está aqui em casa, Paul! — O rosto da minha mãe contorceu-se num esgar de desespero, e ela gritou para o teto, ou talvez para algo invisível que estivesse para lá dele. — Está aqui em casa!

Com o pânico a assolar o meu corpo, procurei desesperadamente o botão de alarme.

3

Quando eu tinha 14 anos, a minha levou-me a mim e ao meu amigo James, nas férias do verão, a visitar a Gritten Park, a nossa nova escola. Chegámos a casa do James de manhã cedo, e lembro-me de a minha mãe me sussurrar, enquanto nos dirigíamos para a entrada:

— Espero que a Eileen não esteja aqui.

Assenti com a cabeça. Também tinha essa esperança. A Eileen era a mãe do James, mas ninguém o dizia, a julgar pela maneira como o tratava. Aos olhos dela, o James não fazia nada bem, isto quando chegava sequer a reparar nele. Sempre a achei assustadora. Cheirava a xerez e estava sempre a fumar, com o cotovelo apoiado na palma da mão oposta, a fitar-nos com um ar desconfiado, como se pensasse que lhe tínhamos roubado algo.

Porém, naquela manhã, foi o Carl quem veio abrir a porta.

O Carl era o padrasto do James, e eu gostava muito dele. O pai biológico do James abandonara a Eileen quando ela estava grávida, e o Carl criara-o como se ele fosse seu filho. Era um homem humilde, reservado e meigo, mas, apesar de eu ficar contente por ele ser um bom pai para o James, não deixava de me surpreender que tivesse escolhido uma mulher como a Eileen. O Carl e a minha mãe eram amigos de infância, e desconfio que isso também fosse um mistério para ela. Anos antes, eu ouvira uma conversa entre os dois. «As coisas podiam ser bem melhores para ti, sabes?», dissera-lhe a minha mãe. Fizera-se um longo silêncio, e, por fim, o Carl respondera: «Não me parece.»

O Carl aparentava estar cansado, mas sorriu-nos calorosamente, antes de se virar para dentro e chamar o James, que assomou à porta, alguns instantes

depois, vestindo umas calças de fato de treino velhas e uma t-shirt coçada, e exibindo um sorriso estranho. Era um rapaz tímido: acanhado, meigo e indefeso; sempre ansioso por agradar ao mundo inteiro, mas sem nunca saber ao certo o que seria esperado de si. Era o meu melhor amigo.

— Venham daí, pestinhas — disse a minha mãe.

Fomos a pé desde a casa do James até à via rápida, que ligava a nossa aldeia ao resto de Gritten. Estava uma manhã quente. O ar era sufocante, saturado de pó e cheio de mosquitos. O metal do viaduto rangeu sob os nossos pés, ao dirigirmo-nos para a paragem de autocarro suja, que ficava do outro lado. Por baixo de nós, um fluxo constante de carrinhas e camiões seguia o seu caminho, indiferente. A nossa aldeia não tinha muito trânsito, e, apesar de, para todos os efeitos, ser um subúrbio de Gritten, mal existia nos mapas. Até o seu nome — Gritten Wood — dava mais destaque ao enorme bosque que a rodeava do que à ideia de que vivia ali alguém.

Por fim, surgiu um autocarro ao longe.

— Têm o dinheiro para os vossos bilhetes? — perguntou a minha mãe.

Ambos assentimos com a cabeça. Revirei os olhos para o James, e ele sorriu-me. Já tínhamos andado de autocarro e visitado a Gritten Park no período anterior, quando soubemos que a pequena escola secundária que frequentávamos iria fechar. Apesar de não o admitir, o James estava assustado com a transferência para uma escola nova no período seguinte, pelo que a minha mãe arranjava uma forma de o ajudar sem lhe causar constrangimentos, e eu alinhei de bom grado no esquema.

Era uma viagem de meia hora. A maior parte de Gritten era vítima do flagelo da indigência, e a vista da janela do autocarro era tão desoladora que por vezes se tornava difícil distinguir as casas abandonadas das ocupadas. Eu desejava fugir dali, mais do que tudo — sair de casa e nunca mais voltar —, mas era difícil imaginar que isso pudesse vir a acontecer. A cidade tinha uma gravidade que mantinha no lugar tudo o que ali caísse, incluindo as

pessoas.

Depois de sairmos do autocarro, encetámos a caminhada de cinco minutos até à Gritten Park.

A escola era bastante maior e mais intimidante do que eu me lembrava. Os ginásios ficavam a cerca de cem metros da estrada principal, com as suas vastas janelas a refletir e a captar o céu pardacento nas vidraças. Mais ao fundo, erguia-se o edifício principal: quatro andares de corredores sombrios e monótonos, as portas das salas de aula grossas e pesadas, tal como eu imaginava serem as de uma prisão. Os ângulos dos dois edifícios estavam ligeiramente desnivelados, de modo que, da rua, a escola parecia erguer-se do chão, com um ombro arqueado ao fundo, desconjuntado e requebrado. Olhei para a zona à direita dos ginásios. Aquela área estava a ser renovada, e ouvia-se o troar de um martelo pneumático por detrás dos toldos estendidos. Um som intermitente e alternado, como tiros disparados ao longe.

Ficámos ali parados, por um momento.

Lembro-me de me sentir inquieto. Havia algo de malévolo naquela escola, na sua quietude e na forma como parecia fitar-me. Até então, eu tinha compreendido o nervosismo do James relativamente à transferência. A escola era enorme, albergando mais de mil alunos, e o James sempre fora um alvo natural para os *bullies*. Mas era o meu melhor amigo. Eu cuidara sempre dele, e cuidaria sempre. No entanto, havia algo de lúgubre naquela escola que me fazia duvidar de mim mesmo.

O silêncio prolongou-se.

Lembro-me de olhar para a minha mãe e de me aperceber da confusão que ela sentia, como se tivesse tentado fazer algo bom, um gesto caridoso, mas que correra mal. Lembro-me também da expressão no rosto do James, a fitar a escola com um pavor absoluto. Apesar das boas intenções da minha mãe, aquela expedição não o ajudara em nada.

Era como se o tivéssemos levado ao local da sua execução.

O caminho mais rápido da casa de repouso para a aldeia ter-me-ia feito passar por essa mesma estrada que circundava a escola. Porém, optei por um caminho diferente. Queria evitar ao máximo qualquer tipo de contacto com as más recordações do meu passado.

Contudo, isso revelou-se impossível quando entrei em Gritten Wood. A aldeia onde eu crescera parecia intocada pelo passar dos anos. A sua teia de ruas silenciosas e desoladas tornou-se imediatamente familiar, e a muralha escura do bosque ainda dominava a linha do horizonte, pairando sobre as casas de dois andares degradadas que se erguiam nos seus lotes autónomos de terreno agreste. Tive a sensação de que a areia fina que os pneus do carro pisavam era a mesma poeira que ali estava desde a minha infância, soprada do chão e pousada em lugares ligeiramente diferentes, mas sem nunca sair dali.

O mau pressentimento que me andara a assolar o dia inteiro intensificou-se. Não era apenas a visão daquele lugar; era aquilo que eu sentia em relação a ele. As recordações ameaçavam vir à tona, ondas de um passado que começaram a tornar difusa a superfície do presente, e eu mal conseguia contê-las. O volante ficou escorregadio de suor, que nada tinha que ver com o calor.

Eu ainda tremia, após a visita à minha mãe na casa de repouso. A Sally chegara um minuto depois de eu ter pressionado o botão de alarme, mas, nessa altura, a minha mãe já tinha voltado a adormecer. A Sally verificou as máquinas e pareceu alarmada.

— O que é que aconteceu?

— Ela acordou. E falou.

— O que disse?

Fiquei calado, sem saber o que responder. Por fim, expliquei-lhe que a

minha mãe me reconheceria, mas parecia estar longe dali, a reviver uma recordação que a perturbava. Não especifiquei à Sally qual era o tempo e o lugar, nem lhe contei o que a minha mãe dissera a seguir, e quão abalado eu ficara com as suas palavras.

«Mãos vermelhas por toda a parte.»

Apesar do calor, tais palavras fizeram-me estremecer, ainda a tentar racionalizá-las. A minha mãe estava confusa e a morrer; fazia sentido que regressasse ao seu passado, e que isso fosse, em parte, perturbador. Porém, dissesse eu o que dissesse a mim próprio, o mal-estar que me invadia, o mau pressentimento, era cada vez mais forte.

«Não devias estar aqui.»

Mas estava.

Estacionei o carro à porta de casa da minha mãe. À semelhança de quase todos os edifícios da aldeia, era uma habitação de dois andares degradada, separada da casa do vizinho por faixas de terra batida e arbustos compostos quase na totalidade por espinheiros. A fachada de madeira estava desgastada, e as janelas, escuras e vazias. O jardim fora tomado por vegetação selvagem, e as calhas e os algerozes estavam enferrujados, quase a desfazer-se em algumas zonas.

A casa não parecia ter mudado muito ao longo dos anos; envelhecera apenas, uma visão que suscitava em mim uma vaga de emoções. Esta era a casa onde eu crescera, onde, 25 anos antes, dois polícias tinham esperado comigo pelo regresso da minha mãe.

Eu deixara-a para trás, mas ela permanecera ali.

Saí do carro. Ao entrar na casa, a primeira coisa que senti foi o cheiro, como se estivesse a abrir um baú repleto de objetos da minha infância, debruçando-me lá dentro e inspirando fundo. Porém, fui invadido de imediato por outros cheiros. Olhei para a parede ao lado das escadas, coberta de dedadas de bolor negro e cinzento. Os vestígios de produtos de

limpeza no ar não conseguiam disfarçar a poeira nem a humidade. Cheirou-me a amoníaco. E a outra coisa. O mesmo odor enjoativo que senti na casa de repouso, mais intenso na sala, onde, claramente, a minha mãe passara a maior parte do tempo.

Parecia que a Sally dera um jeito à casa, mas o monte de cobertores sobre o braço do sofá, por muito bem empilhado que estivesse, tornava óbvio que este havia servido de cama improvisada. Uma mesa de apoio fora arrastada para junto do sofá. Agora, estava vazia, mas eu conseguia imaginá-la encimada por diversos objetos.

Um copo de água. Os óculos da minha mãe.

Um livro, talvez. Aquele que eu tinha agora na mão.

The Nightmare People.

No corredor, segui o cheiro a amoníaco até à despensa por baixo das escadas. Duas moscas voavam junto ao vidro verde enegrecido da janela. A alcatifa fora arrancada, enrolada e guardada num saco. Demorei alguns segundos a perceber: como a minha mãe não estava capaz de subir as escadas, nas últimas semanas, este espaço desolador servira-lhe de casa de banho.

Visualizei-a na minha mente, o seu corpo franzino, as suas faculdades a falhar, os movimentos desajeitados num mundo que se fechava à sua volta, e senti-me tomado por uma vaga de remorsos.

«Não devias estar aqui.»

Apesar de tudo, deveria ter estado.

As escadas rangeram sob o meu peso, e eu subi devagar, como se receasse incomodar alguém. A meio caminho do patamar superior, olhei para baixo. Um feixe de sol penetrava pelo vidro da porta da rua, revelando uma faixa do soalho limpa e polida. Mais uma vez, demorei alguns instantes a perceber o que estava a ver: deve ter sido onde a minha mãe ficara deitada quando caíra.

No piso superior, detive-me à porta do que fora o meu quarto durante o que me pareceu uma eternidade. Quando, por fim, abri a porta, as dobradiças rangeram, e o espaço revelou-se lentamente. Nada mudara. Era evidente que os meus pais não tinham usado o quarto para nada desde que eu me fora embora, e a única diferença era que, agora, parecia muito mais pequeno do que eu me lembrava. O que restava da minha antiga cama permanecia junto à parede — apenas uma estrutura de metal com um colchão despido em cima —, e a minha antiga secretária de madeira continuava debaixo da janela em frente à cama. O quarto sempre fora tão espartano quanto era agora. Eu nunca tivera muito que se visse. As minhas roupas eram guardadas em montes no chão, junto ao radiador, e os meus livros, empilhados em torres periclitantes junto às paredes.

Parecia que tinha saído de casa no dia anterior. Uma parte de mim quase sentia o fantasma de um rapaz curvado à secretária, a altas horas da noite, a escrever as histórias que gostava de imaginar na altura.

Atravessei o quarto e abri as cortinas sobre a secretária, inundando a divisão de luz. Lá em baixo, estava o emaranhado do quintal, que se estendia até à cerca que o delimitava, e, mais além, via-se a muralha de árvores do bosque. A aldeia recebera o nome do bosque, mas, à semelhança de todos os outros habitantes, eu conhecia-o como as Sombras. Era assim que todos lhe chamavam, desde que me lembrava. Apesar do sol, os espaços entre as árvores sempre me pareceram repletos de trevas e de segredos.

Olhando para o quintal, uma recordação emergiu do bosque, negra e indesejada.

O Charlie costumava levar-nos para lá.

Todos os fins de semana daquele ano, encontrávamo-nos no parque infantil da aldeia e seguíamos para casa do James, e, de lá, para o bosque, atravessando o quintal dele. Caminhávamos quilómetros. O Charlie seguia sempre à frente. Dizia que as Sombras eram assombradas, que albergavam

um fantasma, mas, apesar de eu ter muitas vezes a sensação de estar a ser observado por algo entre as árvores, estava, por norma, mais preocupado em não me perder. Aquele bosque sempre me pareceu vivo e perigoso. Quanto mais nos embrenhávamos, mais eu sentia que não saíamos do mesmo sítio, que a ilusão de movimento era causada pelo terreno que se reordenava à nossa volta, como os quadrados num tabuleiro de xadrez a movimentarem-se em redor das peças.

Porém, o Charlie tirava-nos sempre de lá em segurança.

Lembrei-me, então, da última vez que fora ao bosque com eles. Embrenhados por entre as árvores, a quilómetros de distância de alguém que me pudesse valer, o Charlie apontara uma fiska carregada à minha cara.

Fechei as cortinas.

Estava prestes a sair do quarto quando reparei numa velha caixa de cartão no chão, ao lado da secretária. A parte de cima havia sido selada com várias camadas de fita-cola castanha, mas fora aberta entretanto, e as abas da caixa estavam afastadas. Ajoelhei-me cuidadosamente, abrindo-as um pouco mais.

Lá dentro, encontrava-se uma panóplia dos meus antigos objetos pessoais. A primeira coisa que reconheci foi uma revista com as páginas amarelecidas. *The Writing Life*. Tal como acontecera com o livro, na casa de repouso, senti um formigueiro nas pontas dos dedos ao tocar-lhe, e pousei-a rapidamente no chão, ao lado da caixa. A seguir, havia um livro fino de capa dura. Sabia do que se tratava, e não quis olhar para ele, quanto mais tocar-lhe. Depois, por baixo, encontrei vários dos meus cadernos, usados para anotar os ténues simulacros de narrativas da minha adolescência. Entre outras coisas.

Peguei no caderno que estava por cima, abri-o e li o início da primeira entrada.

«Estou no mercado negro.»

Uma vaga de recordações irrompeu de repente, como pássaros espantados

dos ramos de uma árvore.

O James, sentado na estrutura metálica do parque infantil, naquele dia.

Alguém a bater à porta mais tarde.

O pensamento que me assolara tantas vezes: *Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie.*

Pousei o caderno, a tremer ligeiramente, apesar do calor do dia. Quando a Sally me ligara, no início da semana, para me contar do acidente da minha mãe e para me perguntar se eu podia vir visitá-la, eu não respondera de imediato, pois a ideia de regressar a Gritten deixava-me em pânico. Ainda assim, fizera os possíveis para me convencer de que o passado estava enterrado, de que não havia necessidade de pensar no que acontecera aqui. De que estaria em segurança ao fim de todos estes anos.

Porém, estava enganado.

Começavam a surgir mais recordações, negras e iradas, e percebi que, por mais que me quisesse livrar do passado, o que importava era se o passado se queria livrar de mim. Perante o baque sinistro do silêncio na casa, atrás de mim, o mau pressentimento que me acompanhara o dia todo aproximou-se do temor que eu me lembrava de ter sentido 25 anos antes.

Algo de terrível estava prestes a acontecer.

4

Antes

Estávamos no início de outubro, poucas semanas após ter começado o ano letivo, o nosso primeiro período escolar na Gritten Park. Nesse dia, havia rãguebi. Eu e o James equipámo-nos no edifício principal, com o resto da turma, e seguimos pelas estradas calçetadas até ao campo de jogos. Lembro-me de sentir o ar gelado nas coxas e de como a minha respiração se condensava no ar. À nossa volta, o som dos pitões das chuteiras no alcatrão era audível e violento.

Olhei para o James, que caminhava ao meu lado com o semblante de um condenado, observando preocupadamente os rapazes mais encorpados que seguiam à frente. Apesar de termos tentado fundir-nos, da forma mais impercetível possível, com o pano de fundo da nossa nova escola, o James fora alvo dos *bullies* desde o primeiro dia. Eu fazia tudo para o proteger quando estávamos juntos, mas não podia estar sempre com ele, e o campo de rãguebi parecia um terreno de caça, uma ocasião em que a violência era não só tolerada como ativamente incentivada.

O professor Goodbold seguia à frente, em amena cavaqueira com os seus alunos preferidos. O homem parecia uma versão mais velha e mais encorpada dos *bullies*. Tinha a cabeça igualmente rapada, a mesma robustez física, o mesmo ressentimento em relação ao mundo e um desprezo mal disfarçado pelos miúdos mais fracos e mais sensíveis. Via-o ocasionalmente a passear o seu buldogue por Gritten, ambos movendo-se a um idêntico ritmo arqueado e musculado.

Chegando à estrada, tivemos de parar nos semáforos, enquanto os carros dobravam perigosamente a esquina. Encolhi-me a cada rajada de ar que

soltavam à sua passagem. À velocidade a que alguns se deslocavam, nada garantia que parassem a tempo diante de um semáforo vermelho.

Inclinei-me para sussurrar ao James:

— Parece que tudo nesta experiência está pensado para nos matar.

Ele não sorriu.

Assim que atravessámos a estrada, o Goodbold conduziu-nos para uma zona ao fundo do campo, onde um assistente estava a braços com uma rede emaranhada contendo bolas de rãguebi. O céu plúmbeo e infinito estendia-se sobre nós.

— Dois grupos! — exclamou o Goodbold, abrindo os braços, conseguindo, de alguma maneira, separar os seus alunos preferidos dos restantes. — Vocês, que estão nesta linha, organizem-se por altura.

Levou os rapazes maiores para o outro lado do campo, e nós ficámos a olhar uns para os outros, começando a posicionar-nos. O James dava-me pelos ombros, pelo que fiquei afastado dele, mais ao fim da fila. O assistente passou-me uma bola. Vi que, do outro lado do campo, o Goodbold organizava a outra equipa de forma que o mais alto desse grupo ficasse em frente ao mais baixo dos nossos.

— Quando eu der sinal — gritou, mostrando o apito —, vocês tentam levar a bola até ao outro lado. O vosso adversário irá tentar travar-vos. É tão simples quanto isso. Estamos entendidos?

Ouviram-se alguns «Sim, professor», mas não da minha boca. Reparei que o grupo do outro lado do campo estava a conspirar e a reordenar-se nas costas do Goodbold. Um rapaz chamado David Hague trocou de lugar com o que estava ao seu lado, para ficar em frente ao James. *Filho da mãe!*, pensei. O Hague era o pior dos *bullies*. Vinha de uma família problemática; o seu irmão mais velho estava preso, e o mais certo era ele seguir-lhe as pegadas. No primeiro dia naquela escola, empurrou-me sem motivo aparente, e eu reagi com um soco, sem hesitar. A luta ficou por ali, e, depois disso, ele

deixou-me em paz. Porém, o James era uma vítima mais fácil.

Disse a mim mesmo que não havia nada que eu pudesse fazer. O James estava entregue a si próprio. Assim, concentrei a minha atenção no meu adversário. O sucesso da minha equipa não era algo que me interessasse, mas estava determinado a vencer, nem que fosse por mim. Rangi os dentes, apertando a bola contra o corpo, e posicionei o pé direito atrás. O meu coração começou a acelerar.

O apito soou.

Arranquei o mais depressa que consegui, mal dando pelo rapaz que vinha na minha direção. O embate foi brutal. Ele placou-me na zona da cintura, fazendo-me perder o fôlego e ver tudo a andar à roda, mas eu segui em frente, contorcendo-me contra ele, em fúria, fincando os pés, focado na linha ao fundo do campo. Pouco depois, ele afrouxou o aperto, e eu consegui avançar. No instante seguinte, a bola já estava na linha final, com a minha mão a pressioná-la.

O apito soou novamente.

Ofegante, olhei ao longo da linha. Apenas uns poucos membros da nossa equipa haviam conseguido lá chegar, e o meio-campo estava cheio de rapazes, alguns deles de pé, outros ainda prostrados no chão. Foi o Hague quem eu avistei primeiro. Estava a alguma distância, a rir. O James encontrava-se tombado aos seus pés, encolhido e a chorar.

Aparentemente alheio ao que se passava, o Goodbold limitou-se a avançar ao longo da linha, a contar os vencedores. Olhei para trás e vi o Hague, ainda a rir, a cuspir no James.

A raiva tomou conta de mim.

Ele ergueu os olhos quando me aproximei, mas não a tempo de evitar o empurrão que lhe dei, afastando-o do James. O impacto foi um choque para ambos — eu próprio não sabia que ia fazer aquilo. Por instantes, o Hague parecera surpreendido, mas, logo a seguir, o seu semblante carregou-se de

fúria. Vindos do nada, dois dos seus amigos posicionaram-se ao lado dele.

— Qual é o teu problema? — disse-lhe, calmamente.

O Hague abriu os braços.

— O que foi?! Tenho culpa de que o teu amigo seja um maricas de merda?!

Engoli em seco. O Goodbold não iria intervir, mesmo que estivesse a ver, pelo menos até a situação ficar séria. Porém, os outros rapazes estavam atentos, e eu sabia que não podia recuar, o que significava que teria de levar uns quantos murros. O melhor que podia esperar era dar também alguns, pelo que cerrei os punhos junto ao corpo e obriguei-me a fitar o Hague.

— Qual é o teu problema? — repeti.

O Hague deu um passo na minha direção.

— Vais fazer alguma coisa?

Era escusado estar com conversas; seria preferível atacar e fazer figas. Estava prestes a avançar quando me apercebi de um vulto junto a mim. Olhei para o lado e vi que dois outros rapazes se haviam juntado a nós.

O Charlie Crabtree e o Billy Roberts.

Só os conhecia de nome, e mal, ainda assim. Andávamos no mesmo ano, e eles tinham algumas aulas comigo e com o James, mas nenhum de nós falara alguma vez com eles. Na verdade, eu nunca os vira a falar com ninguém. Tanto quanto sabia, frequentavam a Gritten Park há anos, mas pareciam manter-se tão afastados do resto dos alunos quanto eu e o James. Durante os intervalos e à hora do almoço, pareciam desaparecer.

No entanto, a julgar pela sua linguagem corporal, estavam ali claramente a apoiar-me, fosse por que motivo fosse. Nenhum dos dois tinha um perfil de lutador: o Billy era alto e desengonçado, demasiado magro para ser uma verdadeira ameaça; o Charlie era da altura do James. Contudo, a união faz a força, por mais inesperada que fosse a presença deles, e, naquele instante, eu estava grato por poder contar com a sua ajuda.

Pelo menos até o Charlie abrir a boca.

— Ontem à noite, sonhei contigo, Hague — disse ele.

O seu tom de voz era tão sério que demorei algum tempo a perceber o significado das suas palavras. Não sei o que esperava que ele dissesse, mas não era aquilo de certeza. O Hague também foi apanhado de surpresa. Abanou a cabeça.

— O que é que estás para aí a dizer, Crabtree?

— Aquilo que disse. — O Charlie sorriu pacientemente, como se estivesse a falar com uma criança de compreensão lenta. — Estavas deitado no chão, gravemente ferido. Tinhas a cabeça rachada, e eu via os teus miolos a pulsar e o bater do teu coração. Só tinhas um olho, a piscar constantemente para mim. Não estavas morto, mas estarias muito em breve. E sabias disso. Sabias que estavas a morrer, e estavas aterrorizado.

Apesar da diferença de altura, o Charlie não parecia ter medo do Hague. Havia um zumbido no ar, como se ele canalizasse algo terrível, um poder interior que poderia libertar, se assim o desejasse. O Hague estava mais habituado a confrontos físicos, não sabendo como reagir a algo tão estranho como o que acabara de ouvir.

Abanou novamente a cabeça.

— Tu...

O apito soou atrás de nós.

Todos recuámos instintivamente um passo — todos à exceção do Charlie, que permaneceu exatamente onde estava, ainda com um sorriso nos lábios, a fitar intensamente o Hague.

— Seis de vocês conseguiram — disse o Goodbold, do outro lado do campo. — Teriam sido nove se o Crabtree e os amigos não tivessem saído da linha. Pensem nisso na próxima vez, rapazes.

O Hague e os dois amigos seguiram para a sua linha, com o Hague a fitar-nos por cima do ombro. Baixei-me para estender a mão ao James, para o ajudar a levantar.

— Estás bem?

— Sim.

Contudo, apesar de ser eu quem estava a ajudá-lo a levantar-se, era para o Charlie que o James estava a olhar. O Charlie, que ainda sorria para si mesmo. O Billy, ao seu lado, olhou para mim por instantes, com uma expressão vazia e imperscrutável.

— Vamos tentar novamente! — gritou o Goodbold.

Depois da aula, atravessámos os quatro o campo juntos. Não me pareceu accidental, mas também não sabia como acontecera; nenhum de nós pareceu procurar a companhia dos outros, mas, de alguma forma, acabámos a caminhar lado a lado. Já na altura parecia estar traçado o que viria a acontecer.

O Hague e os amigos seguiam mais à frente, com ele sempre a virar-se para trás e a olhar para nós, tendo recuperado a sua habitual bravata irada, agora que o efeito das palavras do Charlie já passara. O Charlie parecia indiferente àquilo.

— Quantas vezes é que o professor Goodbold irá entrar nos balneários com a desculpa de se certificar de que todos tomamos banho? — comentou, casualmente.

Olhei rapidamente para trás, para ter a certeza de que o Goodbold não o ouvira. Fiquei na dúvida.

— Pelo menos não ficámos muito enlameados — observei, virando-me para a frente.

O Billy deu um pontapé na terra dura.

— É a única coisa boa do inverno.

— Ainda não estamos no inverno — corrigiu o Charlie.

O Billy pareceu melindrado.

— Mas é o que parece. Está um frio de rachar.

— Sim — concordou o Charlie. — Isso é verdade.

— Não quero saber que andaste a sonhar comigo, meu grande maricas! — Mais à frente, o Hague virara-se para trás e avançava agora, com os olhos postos no Charlie. Falara bastante mais alto do que o Charlie, pelo que, desta vez, tive a certeza de que o Goodbold conseguia ouvir. Mas, claro, não iria intervir. O Hague lançou beijos para o ar. — Mas sei que não consegues evitar.

O Charlie sorriu-lhe.

— Quem diz que não consigo evitar?

— O quê?

— Quem diz que não consigo evitar? — repetiu o Charlie. — Talvez seja uma escolha minha sonhar com a tua morte, com os teus olhos rebentados e os teus miolos a saírem para fora da cabeça. Se pensarmos bem, quem não gostaria de sonhar com isso? Foi uma visão maravilhosa.

Apesar da bravata recuperada, a cara do Hague ficou mais pálida.

— És mesmo passado dos cornos, Crabtree!

— Sim. — O Charlie riu-se. — Sou mesmo.

O Hague esboçou uma expressão de nojo e virou-se para a frente. Percebi que o James ainda estava fascinado com o Charlie. Fitava-o fixamente, como se ele fosse uma pergunta inaudita, para a qual precisava de encontrar resposta.

— Sou passado dos cornos — repetiu o Charlie.

Disse-o suficientemente alto para o Hague ouvir, num tom deliberadamente provocador. Quando chegámos à estrada, o Hague virou-se e começou a aproximar-se novamente de nós, furioso por estar a ser gozado. Porém, fosse qual fosse a sua resposta, não cheguei a ouvi-la, pois ele avançou levianamente para a estrada, sendo abalroado por uma carrinha, e desapareceu.

Ouviu-se um chiar de travões. Olhei apaticamente para a esquerda, vendo

o veículo a guinar na estrada, a rodopiar, a encher o ar de fumo e o alcatrão de marcas de pneus. Parou cerca de 30 metros mais à frente, com uma mancha de sangue no para-brisas rachado, como uma enorme impressão digital no vidro.

Por instantes, tudo ficou em silêncio.

Logo a seguir, as pessoas começaram a gritar.

— Saiam da frente!

Quando o Goodbold irrompeu por entre nós, olhei para o Charlie. Eu ainda estava demasiado chocado para pestanejar, quanto mais para processar o que acabara de acontecer, mas lembro-me de que o Charlie estava absolutamente calmo, com o mesmo sorriso nos lábios.

O James fitava-o, boquiaberto, num misto de horror e de profundo assombro.

«Tinhas a cabeça rachada, e eu via os teus miolos a pulsar.»

Lembro-me de ver o Charlie a piscar o olho ao James.

5

— Gostei muito.

Ergui o olhar. O clube de escrita criativa à hora do almoço tinha terminado, e eu estava a arrumar as coisas no meu saco de desporto. Julgava que já todos tinham saído, mas uma rapariga ficara para trás, parada à porta da sala de aula.

— A tua história — disse ela. — Gostei muito.

— Oh... obrigado.

O elogio deixou-me constrangido, mais ainda por vir de uma rapariga. Ela era baixa, de cabelo curto, preto como breu, que parecia ter sido desbastado com uma tesoura numa cozinha, e vestia uma t-shirt por baixo da camisa da farda da escola.

Jenny... Chambers?

O nome era tudo o que eu sabia a seu respeito. Quase não reparara nela, pois ela parecia manter-se na periferia, tal como eu e o James.

— Obrigado — repeti, enquanto acabava de arrumar o saco. — Achei que estava uma merda.

— Mas que bela maneira de responder a um elogio! — Ela parecia mais divertida do que insultada.

— Desculpa — apressei-me a dizer. — É simpático da tua parte. Mas sabes como é... nunca estamos satisfeitos com aquilo que fazemos.

— Só assim conseguimos melhorar.

— Presumo que sim. Também gostei muito da tua.

— A sério? — Ela pareceu ligeiramente cética.

Deve ter sido óbvio que eu dissera aquilo apenas para ser simpático, uma

vez que nem sequer me lembrava da história dela. A nossa professora de Inglês, a professora Horobin, organizava um clube de escrita criativa durante meia hora, uma vez por semana, à hora do almoço. Escrevíamos as histórias de antemão, e, em cada sessão, eram escolhidos dois alunos para ler a sua em voz alta. Na semana anterior, fora a vez da Jenny. Ou teria sido na semana antes dessa?

Lembrei-me da história dela mesmo a tempo.

— A história do homem e do seu cão — disse-lhe. — Adorei.

— Obrigada. Se bem que era mais a história do cão e do seu homem.

— É verdade.

A história dela falava de um homem que maltratava o seu cão. Arrastava-o por toda a parte, batia-lhe, esquecia-se de o alimentar. Porém, o cão, como cão que era, gostava do homem, ainda assim. Um dia, o homem morreu de ataque cardíaco em casa, e, como não tinha amigos, o corpo ficou muito tempo sem ser encontrado. O cão, quase compungido, viu-se na obrigação de comer o cadáver. A Jenny escrevera a história da perspetiva do cão, e intitulara-a *Lindo Menino*.

Quando acabara de a ler, fizeram-se alguns segundos de silêncio. Logo a seguir, a professora Horobin tossira e descrevera a história como «evocativa».

— Acho que a professora Horobin foi apanhada de surpresa — observei.

A Jenny riu-se.

— Sim, mas essas são as melhores histórias, certo? Gosto daquelas que nos apanham de surpresa.

— Eu também.

— E foi baseada numa história verídica.

— A sério?

— Sim. Aconteceu aqui perto. Obviamente, eu não estava lá, pelo que inventei muita coisa, mas a polícia encontrou mesmo o que restava do

homem quando entrou em casa dele.

— Caramba! Não soube dessa história.

— Contou-ma uma amiga. Estás de saída? — A Jenny fez sinal para a porta.

— Sim.

Corri o fecho do meu saco, e saímos juntos.

— E tu, onde é que foste buscar a ideia para a tua história? — perguntou-me.

Senti-me novamente constrangido. A minha história era sobre um homem que caminhava pela aldeia onde crescera, a caminho da sua casa de infância. Na minha cabeça, ele estava a ser caçado por algum motivo, e queria visitar o passado uma última vez — voltar a um lugar onde o mundo parecia amplo e repleto de possibilidades. Não era certo se ele teria chegado a casa ou não; a história terminava na altura em que ele avistava a sua antiga rua, com o som das sirenes ao longe. Tentei convencer-me de que era inteligente e literário da minha parte manter a ambiguidade, mas, na verdade, não conseguira arranjar um fim mais apropriado.

— Já leste *A Dança da Morte*? — perguntei.

Não contava que o tivesse lido, mas ela arregalou os olhos.

— Oh, meu Deus, sim! Adoro o Stephen King! E agora percebo... O homem de preto, certo?

— Sim, sim! — O seu entusiasmo despertou um pouco o meu. — Essa personagem ficou-me na memória... apesar de ele ser o Diabo, ou assim. Mas, no início, quando ele está apenas a caminhar, e não sabemos bem porquê... Gostei muito.

— Eu também.

— Leste mais algum livro do Stephen King?

— Li-os todos.

— Todos?!

— Sim, claro. — Ela olhou para mim como se a ideia de não os ler todos fosse um disparate. — É o meu escritor preferido. Li a maioria dos livros duas ou três vezes. No mínimo, quero eu dizer.

— Ena!

Mais tarde, eu viria a descobrir que tudo aquilo era verdade. A Jenny era uma leitora ávida. Em parte, porque a sua família era pobre, e os livros eram uma forma barata de escapismo, mas, por outro lado, porque ela era mesmo assim. Naquela altura, limitei-me a ficar espantado com o facto de ela ter lido mais livros do Stephen King do que eu.

— Eu li a maioria deles — disse-lhe. — Alguns mais de uma vez.

— Qual é o teu favorito?

— O *The Shining*. — Hesitei. — Talvez.

— Pois, é difícil escolher um, não é? São todos tão bons.

— E tu?

— O *Samitério de Animais*.

— Meu Deus, esse é horrível!

— Eu sei. Adoro. — Ela esboçou um sorriso. — O final. Absolutamente lúgubre!

— E tu gostas disso?

— Claro! A ideia é serem histórias de terror, certo? E são-no, obviamente, mas pensa, por exemplo, no *A Dança da Morte*: acontecem montes de coisas más, mas, no final, os bons acabam por ganhar. E o *The Shining*... Sim, é uma pena o que acontece ao pai, mas o miúdo fica bem. No entanto, no *Samitério de Animais*... não há o menor indício de esperança.

Assenti com a cabeça, embora apercebendo-me da triste resignação com que ela dissera aquilo. Uma parte de mim queria garantir-lhe que nem todos os finais tinham de ser desprovidos de esperança. Porém, chegáramos ao pátio principal, com a imensidão de alunos e o cenário pardacento à nossa volta, e as palavras acabaram por não sair. Nos dias bons, era possível

acreditar que eu iria conseguir sair de Gritten quando fosse mais velho, mas, na verdade, poucas pessoas ali teriam uma vida fácil e venturosa. Não havia motivo para crer que eu ou a Jenny fôssemos especiais, ou que o nosso final seria mais feliz do que o da maioria.

Olhei para a direita. O James estava à minha espera junto aos ginásios.

Pus o saco ao ombro.

— Vou para ali.

— E eu vou para ali. As coisas são mesmo assim.

Pareceu-me algo estranho de se dizer. Então, lembrei-me de que nunca via a Jenny nos intervalos, nem à hora do almoço; ela desaparecia, tal como eu e o James. Pus-me a pensar para onde iria; que parte esquecida da escola teria assumido como sua, e o que faria lá.

— Já leste *The Monkey's Paw*? — perguntou-me.

— Acho que não. Não é do Stephen King, pois não?

— Não. É um conto, mais antigo. Mas é parecido com o *Samitério de Animais*. Havia de gostar.

— Parece ser bom.

— E é. Tenho-o em casa. Posso emprestar-to. Se quiseres, claro.

Algumas pessoas poderiam acrescentar a frase final para evitarem o embaraço de serem rejeitadas, mas a Jenny pareceu-me absolutamente casual, como se lhe fosse indiferente. Até então, julgara-a uma solitária, mas, extraordinariamente, a nossa conversa revelara-a como uma rapariga autoconfiante e à vontade consigo própria. Como se o mundo fosse algo que ela pudesse pegar ou largar, e parecia um estranho privilégio que ela tivesse decidido falar comigo.

— Sim — respondi. — Gostaria muito.

Depois, fui ao encontro do James.

E do Charlie e do Billy, claro.

Nas semanas e meses que se seguiram ao acidente do Hague, começámos a andar os quatro sempre juntos.

Nunca percebi ao certo como é que isso aconteceu. Foi um pouco como quando demos por nós a caminhar juntos à saída do campo, naquele dia, assumindo a aparência de ser accidental. Sei, porém, que foi sobretudo por causa do James. Ele ficou fascinado com o Charlie após o que aconteceu naquele dia. O Charlie incentivou a atenção, e a atração entre os dois acabou por nos aproximar aos quatro. Começámos a passar cada vez mais tempo juntos, e, aos fins de semana, o Charlie levava-nos a fazer caminhadas no bosque, falando-nos de fantasmas. Na escola, passávamos a hora do almoço na Sala C5b.

A sala ficava na cave da escola, ao fundo de um lanço de escadas recôndito, no fim do corredor principal. Lembro-me de que havia um recanto escuro, com um elevador antigo, cujas portas certamente rangeriam se algum dia fossem abertas. Tanto quanto eu sabia, não havia saídas correspondentes nos andares de cima, pelo que deduzi que o elevador só descia, para um piso abaixo da cave. Talvez uma casa da caldeira, um qualquer sítio húmido e bafiento cheio de tubos enferrujados e barulhentos.

A outra única porta ao fundo das escadas era a da Sala C5b, que presumi ter sido, em tempos, uma sala de aula. Havia fileiras enviesadas de secretárias empoeiradas à frente, mas também cadeiras confortáveis ao fundo da sala, conferindo-lhe uma sensação de decrepitude fragmentada, como se a mobília tivesse sido recolhida em diferentes lojas de objetos em segunda mão, ao longo de vários anos.

A sala localizava-se numa parte da escola que parecia ter sido esquecida, assumindo-se, a esse nível, como um local apropriado para nós os quatro. Era lá que nos encontrávamos e passávamos os tempos livres. Almoçávamos, conversávamos; por vezes, usávamos os antigos pedaços de giz para escrever letras de canções no quadro de ardósia. Nirvana, Pearl

Jam, Faith No More. Tudo o que escrevíamos ficava lá, até o apagarmos e escrevermos outra coisa qualquer.

Nesse dia, o Charlie e o Billy já se encontravam na sala quando eu e o James chegámos. O Billy estava estirado num cadeirão a ler uma das revistas de armas e munições com que andava obcecado. Ergueu os olhos, por instantes, para se certificar de que não éramos um professor a ir expulsá-los dali, e prosseguiu com a leitura. O Charlie ocupava o seu lugar habitual na extremidade da sala, sentado a uma secretária de carvalho solitária. Não fez sinal de ter dado pela nossa presença. A sua atenção estava focada num caderno pousado na secretária à sua frente. Segurava uma caneta sobre a página, como se estivesse preparado para fazer uma anotação decisiva.

Abri caminho por entre o labirinto de mobiliário.

— Olá, rapazes. O que se faz?

O Billy encolheu os ombros, com uma expressão taciturna, como se tivesse sido repreendido por alguma coisa. Como estava amiúde com aquele ar, era difícil de perceber. O Charlie continuou sem responder, mas, quando chegámos ao fundo da sala, franziu o sobrolho e escreveu algo no caderno, cuidadosamente.

Sentei-me num dos cadeirões, de frente para o Billy, tirei o almoço que preparara nessa manhã e ignorei o Charlie em igual medida. Já estava habituado àquele tipo de comportamento. Por vezes, quando ali chegávamos, dávamos com ele concentrado a fazer algo manifestamente misterioso.

Enquanto comia, reparei na curiosidade nos olhos do James, e tive de reprimir a irritação que isso me causou. Ele tinha-se tornado demasiado impressionado com o Charlie para o meu gosto. Apesar de eu estar disposto a tolerar as excentricidades do Charlie, garanti que haveria sempre espaço para um revirar de olhos mental, ao passo que o James achava, claramente, que o Charlie era tão importante quanto ele próprio se julgava. Por motivos que eu tinha dificuldade em verbalizar, isso irritava-me solenemente.

— O que é que estás a fazer, Charlie? — perguntou, por fim, o James.

— Já lhe perguntei o mesmo. — O Billy fez um esgar, sem erguer os olhos da revista. — Ao que parece, é segredo.

O Charlie suspirou e pousou a caneta em cima da secretária.

— Não é segredo — disse. — Estava concentrado. Quando pensamos em coisas importantes, não gostamos de ser interrompidos.

— Credo! Desculpa lá... — retorquiu o Billy, por entre dentes.

— Tal como não gostarias que eu interrompesse... seja lá o que for que estás a ler.

O Billy olhou para a revista e fechou-a.

O Charlie sorriu para o James.

— Estava a escrever no meu diário de sonhos.

— O que é um diário de sonhos?

O Charlie levantou o caderno.

— Todas as manhãs, aponto o que sonhei na noite anterior.

Dei uma dentada na minha sandes.

— A manhã já lá vai...

— Eu não disse que era isso que estava a fazer agora.

Engoli. Irritante, mas era verdade.

— Eu nunca me lembro dos meus sonhos — comentou o James.

— A maioria das pessoas não se lembra. — O Charlie pousou o caderno.

— Eu também era assim. Os sonhos são guardados na memória de curto prazo, e é por isso que é importante apontá-los assim que acordamos, antes que nos esqueçamos. Caso contrário, desaparecem para sempre.

Resisti à tentação de revirar fisicamente os olhos. Já estava habituado ao fascínio do Charlie por tretas ocultistas. Costumava levar para a escola livros sobre magia e demonologia, mas sempre achei que era mais para ser visto a lê-los do que por verdadeiro interesse — fazia parte da personagem que ele gostava de cultivar. O Charlie adoraria que as pessoas pensassem

que ele passava as noites de pernas cruzadas em cima de um pentagrama desenhado a giz rodeado por velas. Contudo, por norma, preferia que a sua reputação fosse mais arrojada do que isso.

— Então, o que é que estás a fazer? — perguntei.

— Estou à procura de padrões. — Olhou para mim. — Estou a tomar nota do que descobri. Assim que fazemos isso, começamos a perceber que os sonhos se repetem, vezes sem conta. Os mesmos temas. Os mesmos lugares. As mesmas pessoas.

— E então?

— Ajuda com a incubação. — O Charlie sorriu.

Eu hesitei, por instantes, com a sandes a meio caminho da boca. Foi como as palavras que ele dirigira ao Hague no dia do acidente — suficientemente inesperadas e estranhas para captar a nossa atenção.

«Incubação.»

Não gostava daquela palavra. Fez-me pensar em algo horrível a ser cultivado num frasco. Percebi, obviamente, que estava enganado — depois do que se passara com o Hague, os sonhos tinham, de facto, um elemento de arrojo no que dizia respeito ao Charlie.

O James também pareceu ficar inquieto.

— O que significa «incubação»?

— Significa influenciar aquilo com que sonhamos — respondeu o Charlie. — O que ajuda a despertar a lucidez. Sabes o que é um sonho lúcido? — O James negou com a cabeça. — É quando tomamos consciência de que estamos a sonhar durante o sonho. Como se acordássemos dentro do sonho, embora continuemos a dormir. Assim que conseguimos fazer isso, passamos a controlar o que acontece. Podemos fazer tudo o que nos apetecer, viver todas as experiências que desejarmos, transformar o nosso mundo dos sonhos naquilo que quisermos que ele seja. Podemos concretizar tudo aquilo que idealizarmos.

Olhei para o James, percebendo que ele estava a considerar essa hipótese. Imaginei o que faria ele se pudesse concretizar tudo aquilo que quisesse. Vingá-lo dos *bullies* que o atormentavam? Ter uma vida familiar mais feliz? Fugir de Gritten? A ideia pareceu agradar-lhe, e a forma como olhou para o Charlie deixou-me transtornado, como se lhe tivesse sido oferecida uma solução mágica.

— Não deixam de ser apenas sonhos — observei. — Quando acordamos, perdemos a importância. Nada muda.

O Charlie olhou para mim. Por instantes, a sua expressão pareceu totalmente vazia, mas havia algo subjacente que me deixou em alerta, como se eu tivesse cometido uma transgressão ao estar a pô-lo em causa.

— Como assim? — perguntou.

Encolhi os ombros.

— É isso mesmo. Não passam de sonhos. Não fazem qualquer diferença.

O Charlie sorriu. Por algum motivo, isso deixou-me mais inquieto do que a sua expressão vazia. Era o mesmo sorriso que esboçara ao Hague naquele dia, um sorriso que sugeria que ele sabia mais do que eu, e que eu dissera algo simplista e pueril, que ele próprio já ultrapassara há muito.

«Não passam de sonhos.»

Um sorriso que indiciava que ele sabia um segredo que eu desconhecia.

6

Agora

Amanda ficou a trabalhar até tarde naquela noite.

Correu as cortinas do seu gabinete e apagou a luz, de modo que a única iluminação proviesse do ecrã do computador sobre a secretária e do candeeiro enviesado ao seu lado. Não seria a melhor opção para a sua vista, mas ela gostava de trabalhar assim sempre que podia. Ajudava-a a concentrar-se e a esquecer o resto do mundo, permitindo-lhe pensar.

Naquele momento, pensava em diários de sonhos.

O conceito parecia-lhe ridículo. Considerava os diários convencionais estranhos — se acontecia algo que não era suficientemente importante para ser recordado pelo nosso cérebro, para quê estar a anotá-lo? —, mas a ideia de ir ainda mais além e registar os nossos sonhos era tão alienígena que Amanda precisava de um telescópio para a contemplar. De qualquer forma, parecia ser isso que tinha à sua frente.

Apesar de Robbie Foster não estar a colaborar e de Elliot Hick se encontrar à beira do histerismo, a polícia conseguira estabelecer uma cronologia preliminar dos eventos, e Amanda sabia agora um pouco mais sobre o que se passara. Perto do meio-dia, Hick e Foster tinham ido até à pedreira com um amigo, Michael Price, e assassinaram-no. Em seguida, tomaram alguns soporíferos. Quando, por fim, acordaram, deambularam pelo terreno baldio, ensanguentados e perdidos, tendo sido avistados por um cidadão preocupado. Ambos os rapazes traziam consigo uma faca e um livro. Nenhum dos dois negara o homicídio, e, apesar de a análise forense poder ser demorada, Amanda não tinha dúvidas de que os dois adolescentes eram culpados.

Tinha o quê e o quem. Faltava-lhe compreender o porquê.

Estivera em reunião com o seu superior, o inspetor-chefe Colin Lyons, uma hora antes. Lyons era um sacana de primeira, e ela percebera perfeitamente as maquinações que lhe passavam pela cabeça. Ocorrera um homicídio no seu território, o que lhe causava embaraço, mas os assassinos já haviam sido detidos e parecia não haver risco para a comunidade em geral. As condenações seriam irrefutáveis, e o departamento sairia bem-visto daquela história. Basicamente, morrera um rapaz, mas poderia ter sido bastante pior.

Era assim que funcionava a cabeça de Lyons. Apesar de o pai de Amanda não ter sido, de forma alguma, um sacana, ela imaginava que os dois homens ter-se-iam entendido. O porquê não era, necessariamente, uma questão relevante. Os motivos, as causas e as razões revelavam-se quase sempre triviais e decepcionantes. Que explicação poderia haver para o cenário dantesco com que ela se deparara na pedreira naquela tarde que pudesse dar sentido a tudo aquilo? Perguntar porquê era como mergulhar num buraco negro. Quanto mais fundo imergia, menos luz encontrava.

Ainda assim, Amanda sentira-se na obrigação de analisar.

Encontrara uma escuridão difícil de compreender. Foster e Hick tinham levado os seus diários de sonhos com eles para o local do crime, e, sobre a secretária dela, estavam agora impressões digitalizadas das últimas entradas. Leu o que os rapazes haviam escrito naquela manhã.

Primeiro, a entrada de Robbie Foster:

Estou na pedreira. A luz é estranha. Executo o truque do nariz e a técnica do ambiente para estabilizar e, em seguida, caminho para o cenário. O Elliot está à minha espera. A sua figura é difusa, mas percebo que está ali. (Colocamos os dois as mãos no chão.) O MV está nos arbustos a observar-nos, e quase consigo ver-lhe cara. O Elliot também o vê, e ambos sabemos que está na altura.

Em seguida, a de Elliot Hick:

Estou no cenário na pedreira. O ar tem uma cor estranha. O Robbie chega instantes depois e estabilizamo-nos mutuamente colocando as mãos no chão. Demora algum tempo, mas depois sinto o MV. Ainda não lhe vejo a cara, mas sei que está nos arbustos ao lado. O Robbie sorri para mim. Preparámos tudo cuidadosamente e sabemos exatamente o que fazer, tal como o Charlie nos disse. Ambos sabemos que será amanhã.

Amanda recostou-se na sua cadeira.

Levando as entradas à letra, dava a ideia de que os dois rapazes tinham tido o mesmo sonho. Porém, os relatos não eram idênticos. Parecia a descrição de um evento visto de duas perspetivas diferentes, como se Hick e Foster tivessem participado no mesmo sonho. O que, obviamente, era impossível.

Os rapazes tinham certamente de estar alucinados para fazerem aquilo. O interesse de Amanda centrou-se nos outros detalhes. O que significaria «MV»? E quem seria Charlie?

Fosse quem fosse, e tendo em conta sobretudo a entrada de Hick, os dois rapazes haviam seguido instruções suas, o que sugeria que o homicídio não estaria tão controlado quanto Lyons desejava.

Amanda pôs as cópias impressas de lado e focou a sua atenção no computador, abrindo o processo que estava a criar online. Os portáteis de Hick e de Foster haviam sido previamente apreendidos. Ambos aguardavam uma análise minuciosa, mas ela tinha uma lista do seu histórico de pesquisas. Os dois rapazes haviam acedido a vários sites online. Porém, ao analisar atentamente, parecia que a atenção de ambos se centrara maioritariamente

num fórum específico.

O Não Solucionado e o Desconhecido.

Amanda escreveu o endereço no seu *browser*.

Deparou-se com um site de crimes reais de aspeto reais. O título estava rabiscado no topo da página, a vermelho, como se tivesse sido escrito por um dedo ensanguentado, e, por baixo, havia um vasto número de fóruns. As pastas encontravam-se dispostas cronologicamente, a começar na publicação mais recente, e aquela que estava no topo da página captou de imediato a sua atenção.

Crabtree/Roberts — «MV»

A utilização de «MV» não podia ser uma coincidência. Continuou a explorar, encontrando outro mural de publicações, todas com inúmeros comentários. Os principais estavam em itálico — tópicos mais antigos em destaque, deduziu Amanda. Porém, o seu coração parou ao clicar na publicação mais recente, e ao ler o comentário.

LP242: Malta, soube agora de um homicídio em Featherbank. Não é longe da minha casa, e foi por isso que ouvi falar dele. Ainda não há pormenores sobre a vítima, mas corre o rumor de que se trata de um adolescente e que a polícia deteve dois rapazes. Perto de @RF532 e @EH808, julgo eu. Tanto quanto sei, eles ainda não estiveram online hoje. Espero que não tenham feito nenhum disparate. Vou tentar saber mais pormenores.

KH854: Também não encontro publicações recentes. O homicídio já está a passar nas notícias, mas ainda não encontrei nenhuma ligação a MV. Não nos precipitemos. @RF532 e @EH808, digam

coisas, rapazes!

SR483: Tenho pena dos pobres pais. Já deixei registadas as minhas reservas relativamente a @RF532 e @EH808. Talvez os moderadores possam pensar em banir finalmente @CC666? Porque, a ser verdade, então @CC666 tem as mãos manchadas de sangue.

LP242: Pronto, já falei com uma fonte policial da minha confiança. A vítima e os assassinos são bastante conhecidos localmente. Disseram-me que a vítima foi quase decapitada; encontraram diários de sonhos e marcas de mãos no chão. 100% MV, mas a polícia está a fazer-se de desentendida, ou ainda não fez a associação. Raios vos partam, @ RF532 e @EH808! Todos escrevemos merdas aqui, mas nunca julguei que levassem a vossa avante. Desejo que o miúdo que mataram descanse em paz, e espero que vocês os dois apodreçam no Inferno!

Amanda voltou a ler todos os comentários.

«@CC666 tem as mãos manchadas de sangue.»

Consultou o relógio e pegou no telefone.

O inspetor Theo Rowan trabalhava na cave do departamento. O seu gabinete era frequentemente apelidado de «câmara escura», por dois motivos: a ausência de janelas e de luz natural, e o género de trabalho que Theo e a sua equipa faziam lá dentro. Amanda sabia que muitos agentes do departamento achavam Theo sinistro, o que, de facto, tinha alguma razão de ser, pois, se algumas pessoas guardavam, na sua mente, caixas de horrores fechadas, Theo devia ter um verdadeiro baú.

Contudo, era bastante eficiente. Vinte minutos depois de ela lhe ter ligado,

o e-mail deu sinal, e a totalidade das publicações e mensagens de Hick e de Foster no fórum *O Não Solucionado e o Desconhecido* aterraram na sua caixa de entrada. Amanda pestanejou perante a extensão do material: as mensagens tinham sido coladas num documento *Word* com quase cem páginas. Aqueles dois rapazes eram, evidentemente, participantes ativos no fórum.

Percorreu as páginas, lendo ao acaso.

RF532: Até ver, sucesso limitado com os sonhos lúcidos. Alguma experiência com MV, mas eu e @EH808 ainda não conseguimos interagir. Conselhos?

PT109: É difícil de dizer. Parece que estás a fazer progressos. Mas não queiras dar um passo maior do que a perna. Mantém os diários e a incubação, e tu e @EH808 hão de lá chegar. Força, meu!

Leu várias mensagens semelhantes, igualmente crípticas, mas que apontavam para a mesma conclusão: Foster e Hick tinham estado envolvidos numa espécie de experiência, e procuraram conselhos e ajuda naquele fórum. Contudo, não era fácil perceber de que se tratava. Mais à frente, uma publicação assumiu um tom mais sinistro.

RF532: Alguém consegue precisar o tipo de faca que foi usado por CC e BR? Obrigado desde já.

FG634: Sim, era uma faca de mato Ithaca S3. Apareceu uma série de fotografias na cobertura jornalística da altura. Vou anexar algumas digitalizações antigas que fiz. Como sempre, publicado a TÍTULO MERAMENTE INFORMATIVO. Tudo de bom.

[faca1.jpg]

[fisga1.jpg]

As imagens não estavam incluídas no documento *Word*. Porém, alguns minutos depois, numa publicação de poucos meses antes, Amanda encontrou aquilo que procurava.

RF532: Conselhos, malta. Eu e @EH808 estamos a conseguir. Temos partilhado SL todas as noites. MV, etc. Estou a pensar no próximo patamar, mas um pouco nervoso, tendo em conta os fracassos do passado. O que acham que correu mal nessas ocasiões? Porque é que resultou com CC e não com BR, e os outros? Agradecem-se teorias.

CC666: Eu estava lá. Envia mensagem direta.

Amanda perscrutou o ecrã. Aquele era o único contributo para o tópico feito pelo utilizador conhecido como CC666. Havia uma série de publicações posteriores, incluindo um comentário de SR483 a expressar as suas reservas relativamente à pergunta de Foster e a pedir conselhos ao moderador, mas não pareceu dar em nada, e Foster e Hick não voltaram a intervir no tópico.

«Eu estava lá. Envia mensagem direta.»

O registo das mensagens diretas dos dois rapazes no site estava colado no final do ficheiro. Amanda percorreu-o e encontrou rapidamente a troca de mensagens entre Foster, Hick e o utilizador CC666. A conversa ocupava várias páginas.

[Participantes]: @RF532, @EH808, @CC666

RF532: Olá, CC666. Quando dizes que estavas lá, referes-te a quê?

CC666: Sabes o que aconteceu em Gritten. Não vou dizer mais nada, mas aqui vai um presente. Podes ler nas entrelinhas e deduzir por ti mesmo. Queres a resposta à tua pergunta ou não?

A mensagem tinha um anexo: [entrada.jpg]. Amanda não conseguia abri-lo diretamente a partir do documento *Word*, mas, a julgar pelas mensagens que se seguiram, parecia que Foster e Hick tinham ficado impressionados com o conteúdo.

RF532: Sim!

CC666: Ótimo. Não resultou com o Billy ou com os outros porque não acreditavam com convicção suficiente. Mas resultou comigo, e pode resultar convosco. Só têm de seguir as instruções.

Amanda continuou a ler, com um sentimento de indignação cada vez maior. Algum tempo depois, fechou as transcrições e abriu a base de dados nacional, procurando pormenores de um crime diferente num outro local. Nunca ouvira falar de Gritten. Aparentemente, tratava-se de uma cidade industrial 160 quilómetros a norte de Featherbank. Há 25 anos, fora o palco de um homicídio.

Abriu o ficheiro.

Aproximou-se do ecrã, mal podendo acreditar no que via. Havia uma fotografia, tirada há vários anos, mas que parecia ter sido tirada em Featherbank nesse mesmo dia. A imagem mostrava um parque infantil. O

corpo fora arrastado para baixo de um dos arbustos mais próximos, talvez numa tentativa malograda de o esconder, e o chão estava repleto de marcas de palmas de mão ensanguentadas.

Amanda leu o auto do crime.

Na tarde do homicídio, um adolescente chamado Paul Adams tinha sido detido como suspeito, mas fora libertado nessa mesma noite quando um rapaz chamado Billy Roberts, após ter andado a vaguear pela aldeia manchado de sangue e com um caderno e uma faca na mão, confessou o crime. Ele e um outro rapaz, chamado Charlie Crabtree, tinham assassinado alguém no parque infantil naquele dia.

A polícia de Gritten respondera ao quê e ao quem quase de imediato, mas o porquê demorara um pouco mais a vir à tona, uma história gradualmente montada nos dias e semanas que se seguiram.

Nos meses que antecederam o crime, Charlie Crabtree e Billy Roberts andavam obcecados com os sonhos lúcidos. Tinham escrito diários. Acreditavam que partilhavam os mesmos sonhos durante o sono. Acabaram por invocar uma figura sombria que presidia a esse reino de fantasia, tendo o assassinato sido um tributo a essa figura. Acreditavam que, ao fazê-lo, desapareceriam do mundo real e viveriam, onnipotentes, no mundo dos sonhos para sempre.

Após o homicídio, os dois rapazes encaminharam-se para o bosque ali perto, com as suas facas e diários de sonhos, tomaram soporíferos e adormeceram sobre a vegetação rasteira. Billy Roberts acordou horas mais tarde e regressou à aldeia, a cambalear, onde foi imediatamente detido. Ao contrário de Charlie Crabtree, que desaparecera da face da Terra, e nunca mais fora encontrado.

SEGUNDA PARTE

7

Agora

Nos primeiros dias que passei em Gritten, andei a vaguear entre a casa da minha mãe e a casa de repouso.

A sua saúde continuou a deteriorar-se. Estava a dormir durante a maior parte das minhas visitas, e eu sentia-me culpado com o alívio que isso me causava. Apesar de dizer a mim mesmo que era melhor para ela estar a descansar, sabia que, na verdade, tinha medo do que ela pudesse dizer se estivesse acordada. Nas poucas ocasiões em que isso aconteceu, dei por mim a suster a respiração, à espera de a ouvir proferir mais alguma coisa sobre um passado que eu, conscientemente, decidira deixar para trás e evitar, mas não o fez. Estava quase sempre confusa, não parecendo reconhecer-me sequer. Era como se eu fosse um estranho — e talvez fosse, de facto, um pensamento que me suscitava um sentimento de culpa com uma origem diferente, e que me deixava igualmente confuso. Não sabia ao certo o que queria que acontecesse; não sabia o que queria dizer ou ouvir.

Depois de a ir visitar, passava sempre algum tempo num bar, ali perto. Era um bar local onde me lembro de entrar à socapa quando era adolescente, e que mudara mais do que eu. Na altura, sujo e desleixado, era agora um bar de desporto, sóbrio e eficiente, com uma decoração em madeira escura e iluminação suave. Nunca estava muito cheio à tarde. Eu sentava-me a uma mesa com uma cerveja e ficava a ouvir o som das bolas de bilhar algures ao fundo da sala, tentando, durante cerca de uma hora, não pensar em nada.

Em casa da minha mãe, as recordações estavam por toda a parte.

Eu guardara os meus objetos antigos novamente na caixa, mas conseguia senti-los lá dentro — uma ameaça velada constante no quarto, junto à

secretária —, e o fantasma do rapaz que eu imaginava ali sentado parecia tornar-se mais corpóreo a cada dia.

Lembrava-me de quando, à hora do almoço, o Charlie começara a falar-nos sobre sonhos, sobre a incubação. À meia-noite, lá estava eu sentado à secretária, no meu quarto. Era a minha parte do dia preferida. As tarefas e os trabalhos de casa estavam feitos, a casa mergulhada em silêncio e os meus pais a dormir. Eu esgueirava-me da cama, acendia a luz do candeeiro e escrevia as minhas histórias. Tinha imensos cadernos, que guardava, escondidos, na gaveta da secretária, pois o meu pai não hesitaria em lê-los se os encontrasse, e eu podia imaginar facilmente o sorriso escarninho nos seus lábios se o fizesse.

Porém, naquela noite, o caderno que se encontrava à minha frente era novo.

Os acontecimentos daquela hora do almoço haviam-se desenrolado exatamente da forma que eu previra. O Charlie decidira que iríamos fazer algo, e todos acabámos por concordar. Até o processo fora previsível: o James mostrara-se interessado, o que significava que o Billy, receoso de ser substituído como alvo do afeto do Charlie, alinhara também. Isso deixara-me sozinho, até que acabei por ceder.

Sonhos lúcidos.

Apesar de, na altura, eu ter desvalorizado a ideia, ficara intrigado. Olhando em redor do meu quarto, empoeirado e desgastado, e pensando na tristeza da minha vida familiar e no mundo taciturno, cinzento e sorumbático à minha volta, a ideia de poder escapar-lhe e experienciar tudo o que eu desejasse era interessante, além de que essa me parecera a única forma de alguma vez o conseguir.

O Charlie dissera-nos que a primeira coisa que tínhamos de fazer era escrever um diário de sonhos. Uma semana depois, deveríamos reler as entradas e procurar padrões. Assim, seria mais provável que os

reconhecêssemos de futuro, altura em que perceberíamos que estávamos a sonhar e seríamos capazes de assumir o controlo.

Naquela noite, deitado na cama, fiquei a fitar o teto pardo durante algum tempo, até puxar o cordão que pendia junto à cabeceira da cama para desligar a luz. O Charlie explicara-nos que precisávamos de dizer algo a nós próprios antes de adormecermos, todas as noites. Era a incubação — um sinal para o subconsciente —, e, apesar de poder parecer que as palavras não levavam a lado nenhum, algo dentro de nós acabaria por ouvi-las e por reagir.

Hei de lembrar-me dos meus sonhos, dissera eu a mim mesmo.

E resultara. Quando acordei, na manhã seguinte, lembrava-me de muito mais do que o habitual. Assim que me sentei à secretária, com o caderno aberto, fui assolado pelas imagens, cada uma suscitando outra anterior, como se eu estivesse a puxar a corda da noite.

No sonho de que me recordava mais nitidamente, dera por mim num estranho mercado a céu aberto. Era de noite, e eu corria por vielas estreitas, passando por bancas demasiado escuras para as conseguir discernir. Havia gente a afadigar-se à minha volta, indivíduos cinzentos e indistintos como fantasmas, e eu sabia que precisava de sair dali, que havia algo ali comigo. Conseguia ouvi-lo a irromper, furiosa e aleatoriamente, por caminhos nas imediações, perseguindo-me como um minotauro num labirinto. Contudo, todas as passagens eram iguais, e, por mais esquinas que eu dobrasse, parecia não haver saída.

Apercebera-me de que não conseguiria escapar daquele local sozinho.

Estava no mercado negro.

Contudo, não eram apenas as recordações com 25 anos que enchiam agora a casa. Havia também o silêncio suspenso sobre todas as divisões, parecendo mais pesado e crítico a cada dia. O que quisera a minha mãe dizer

com aquilo? O que é que estaria ali em casa?

Tentei convencer-me de que não tinha importância, que o passado era algo que podia ser deixado em paz, mas havia momentos em que parecia que eu e a casa estávamos envolvidos numa guerra de atrito, e, em certa medida, ela estava a ganhar. E que algo de mau iria acontecer quando eu descobrisse o quê.

«Mãos vermelhas por toda a parte.»

Foi ao quarto dia que a vi.

Na altura, estava sentado no bar, com uma cerveja meio bebida à minha frente. Estendi a mão para pegar na garrafa, passando o dedo pela condensação no vidro frio, e vi a porta à minha frente a abrir. Entrou uma mulher, a sua figura delineada pela luz quente da tarde. Só lhe vi a cara de relance, e o vislumbre de reconhecimento ficou por concretizar quando ela se virou de imediato de costas para mim, encaminhando-se para o bar.

Aquela é...?

Vestia calças de ganga e um elegante casaco de cabedal preto, com o cabelo castanho a dar-lhe pelo meio das costas. Observei-a a remexer na mala e na carteira. Aguardei, dizendo a mim mesmo para ter calma, que não podia ser ela. A empregada levou-lhe um copo de vinho branco, que não vi ser pedido, e a mulher fechou a mala e virou-se, observando o bar em busca de um sítio para se sentar.

Durante alguns segundos, foi difícil acreditar nos meus olhos.

A Jenny estava diferente, claro, mas, de certa forma, parecia igual. Mantinha os contornos da rapariga de 15 anos que eu conhecera, agora com 40, o rosto marcado pela vida, mas ainda imediatamente reconhecível.

Os anos desvaneceram-se.

Talvez seja melhor que ela não te veja.

Porém, então, o olhar dela cruzou-se com o meu, afastando-se

momentaneamente, antes de voltar, logo a seguir. Ela franziu o sobrolho, claramente pensando o mesmo que eu: «Aquele é...?»

Então, sorriu.

Céus, o sorriso dela continuava igual!

Senti um assomo de calor no peito, e qualquer resquício de medo ou qualquer reserva em voltar a encontrá-la desapareceu quando ela se aproximou, com os saltos do que pareciam botas caras a ressoar no soalho de madeira.

— Deus do céu! — exclamou. — Olá, desaparecido.

— Olá. Ena!

— Bem podes dizê-lo. Quanto tempo passou?

Tentei fazer as contas. A Jenny visitara-me algumas vezes na universidade, mas começara a parecer constrangedor, e, a dada altura, perdemos o contacto.

— Vinte anos? — aventei.

— Que loucura! — Ela mediu-me de alto a baixo, em silêncio, por instantes. O que veria em mim? A minha aparência, com a roupa maltrapilha, o cabelo desgrenhado e os olhos cansados, devia contrastar em tudo com a dela. — Posso juntar-me a ti? — perguntou.

— Claro.

Sentou-se à minha frente e pousou o copo de vinho na mesa.

— Confesso que não é propriamente uma surpresa ver-te — disse-me. — Soube que estavas de visita.

Ergui uma sobancelha.

— Ah, sim?

— Sim. Numa comunidade pequena, as notícias correm depressa... Sempre assim foi, e sempre assim será. Sabes como é esta aldeia.

— Sei.

— Pensei em contactar-te, mas... sabes como é.

Sim. Lembrava-me de como as coisas haviam terminado entre nós.

— Sei, sim — assenti.

A Jenny esboçou um sorriso triste, e instalou-se um momento de silêncio.

— Ouve, lamento muito o que aconteceu à tua mãe — disse ela, olhando para o seu copo e passando a ponta do dedo lentamente pelo rebordo.

— Obrigado. — A minha resposta foi automática, mas percebi que não me sentia apto a dar-lha. Outra coisa que andara a reprimir ao longo destes dias era o remorso, mas, com a Jenny, senti-me à vontade para desabafar um pouco. — Não sei muito bem como me sinto — confessei-lhe. — Devia ter estado presente, mas eu e a minha mãe não falávamos há muito tempo. Eu nem sequer sabia que ela estava tão doente. Não consegui voltar a Gritten desde que me fui embora.

A Jenny bebeu um gole de vinho.

— Eu sinto que estou sempre aqui — confidenciou-me. — Venho ver a minha mãe muitas vezes. Lembras-te da minha mãe, certo?

— Claro. Como é que ela está?

A Jenny acenou com a cabeça para si mesma.

— Está boa, sim. Velhota, mas em forma.

— É melhor do que a alternativa.

— É verdade. Meu Deus, a sério que nunca mais cá voltaste?

— A sério — respondi. — Fui para a universidade, e nunca mais voltei.

— Porquê?

— Demasiadas más recordações.

— Compreendo. — Ela permaneceu em silêncio por alguns instantes. — Mas boas também, certo?

Arriscou um sorriso, que eu retribuí, embora contrafeito. Era difícil pensar assim, mas, sim, também tinha boas recordações, momentos que, analisados em retrospectiva e de forma objetiva, haviam sido cheios de luz. Porém, o que acontecera depois lançara uma sombra tal sobre tudo que eram difíceis de

ver.

— É verdade, ainda tenho o teu livro — disse-lhe.

— O meu livro? — Ela não percebeu de imediato. — Ah, *The Nightmare People*?

— Exatamente.

A Jenny levava-o para a escola, no dia a seguir a termo-nos conhecido, para mo emprestar: uma antologia gasta de histórias de terror clássicas. A lombada estava desfeita, como casca de árvore, e tinha o preço — 10 p — escrito a lápis, sumido, no canto superior da primeira página. Não era muito dinheiro, claro, e ela entregara-mo com a mesma displicência aparente que revelara no dia anterior, mas eu sentira que o livro era algo importante, e decidira, naquele preciso momento, cuidar bem dele. Se corria o risco de se desfazer, isso não aconteceria nas minhas mãos.

Aparentemente, cumprira a promessa.

— Acho que a minha mãe estava a lê-lo — comentei.

— Sim, mas, mais importante ainda, tu leste-o?

Sorri.

— Muitas vezes.

— Ainda escreves?

— Não. É como se costuma dizer: quem não sabe ensina. — Peguei na minha cerveja e falei-lhe um pouco do meu trabalho na universidade e dos módulos que lecionava. — E tu?

— Eu ainda faço isso tudo. Arte, e música também. Mas, sobretudo, escrevo. Já publiquei alguns livros.

— Ena! — Fiquei contente por ela; ainda bem que um de nós conseguira realizar esse sonho. Recostando-me na cadeira, percebi quão bom era voltar a falar com a Jenny, mesmo após tanto tempo. Ela estava com ótimo aspeto, e fiquei espantado com o seu ar de felicidade. Aprouve-me que tudo lhe tivesse corrido bem, que tivesse saído de Gritten e que levasse uma boa

vida. — Ena! — repeti. — Não sabia. Vou ter de procurar.

Ela tocou discretamente com o dedo no nariz.

— Publico sob um pseudónimo.

— Que não me vais revelar?

— Não. Seja como for, já despachámos a parte do trabalho. E a família? Mulher e filhos?

Abanei a cabeça. Tivera uma série de relações ao longo dos anos, muitas delas sérias, mas nenhuma resultara. Seria demasiado dramático afirmar que as mulheres em questão haviam pressentido uma espécie de escuridão no meu passado, mas a sombra do que acontecera caía sobre mim de tempos a tempos. Não baixava a guarda, e, nas piores alturas, chegava mesmo a afastar-me. A necessidade de evitar abordar o assunto era sempre mais premente, mais importante, do que as relações em causa, e eu sabia, lá bem no fundo, que isso não poderia servir de base a um relacionamento a longo prazo.

— Nunca calhou — respondi.

Sem saber bem porquê, resisti a fazer-lhe a mesma pergunta. A Jenny não trazia aliança, mas isso não significava nada, e, naquele momento, decidi que não queria saber.

Ficámos em silêncio por alguns segundos.

— A tua mãe está confortável? — perguntou-me, então.

— Passa a maior parte do tempo a dormir. Quando está acordada, não me reconhece... — Franzi o sobrolho.

A Jenny insistiu.

— Exceto?

— Exceto quando a fui visitar pela primeira vez.

Senti novamente que era seguro falar com a Jenny, pelo que lhe contei o que a minha mãe dissera naquela primeira visita. Que eu não devia estar aqui. Que havia mãos vermelhas por toda a parte. Que havia algo em casa. A

Jenny abanou a cabeça.

— O que é que havia em casa?

— Não sei — respondi. — Nada, julgo eu. Encontrei uma caixa com alguns dos meus objetos antigos, que ela abrira. Talvez se sentisse culpada por eu ter visto isso. Mas ela está confusa. O mais certo é não significar nada.

— Sim, mas tocaste no assunto. Claramente, preocupa-te.

Hesitei.

— Tenho feito os possíveis por não pensar nisso. Fiz algumas limpezas, arrumei algumas coisas, passei algum tempo com ela. — Gesticulei para o vazio. — Só quero fazer o que tenho de fazer e depois ir-me embora daqui, voltar para casa. Deixar o passado morto e enterrado.

A Jenny começara a abanar a cabeça, ainda antes de eu terminar a frase.

— Isso é treta, Paul. Não tens de te preocupar com nada disso. Quer dizer, olha para nós. É estranho voltar a ver-me?

— Não. É bom.

— Exatamente. E eu também pertenço ao passado, certo? O passado foi há muito tempo. Já não pode fazer-te mal.

— Talvez.

Ela consultou o relógio e esvaziou o copo de vinho.

— Tenho de ir. — Levantou-se. — Mas, se estás preocupado com o que a tua mãe disse... faz alguma coisa em relação a isso. Talvez tenhas razão; pode não ser nada. Mas não há aqui nada a temer.

— Talvez.

— Olha só para ti: o capitão Talvez. — Pôs a mala ao ombro. — Talvez nos voltemos a ver?

— Espero que sim — respondi.

Voltei a sentir aquele calor no peito ao observá-la a afastar-se em direção à porta. Uma débil luz nas trevas. Como a chama de uma vela, que eu queria

resguardar com as palmas das mãos e soprar ligeiramente para a avivar. Porém, claro está, isso acarretava sempre um risco: o risco de que a chama se apagasse.

8

«Faz alguma coisa em relação a isso.»

Na manhã seguinte, as palavras da Jenny não me saíam da cabeça. Enquanto eu tomava um duche, o melhor possível, no exímio polibã bege da vetusta casa de banho, concluí que ela tinha razão.

«Meu Deus, está aqui em casa, Paul! Está aqui em casa!»

Não sei ao que a minha mãe se referia quando dissera aquilo, mas, provavelmente, não era nada. Ainda assim, eu precisava de ter a certeza, e decidi certificar-me disso antes de virar costas a este sítio para sempre. Não havia, de facto, nada a recear ali.

Fechei a torneira e comecei a secar o corpo. O silêncio na casa parecia zumbir, expectante.

Tentara trabalhar um pouco, no meu antigo quarto, e deixara o meu computador portátil em cima da secretária. Vesti-me, fui até ao quarto e afastei-o para o lado. Em seguida, peguei na caixa com os objetos da minha adolescência e esvaziei o conteúdo sobre a secretária, metodicamente, um artigo de cada vez.

Os cadernos e o diário de sonhos.

A revista.

O livro fino de capa dura. *Jovens Escritores*.

Cada um deles suscitou um clarão de reconhecimento. Pareciam artefactos mágicos que, em conjunto, narravam uma história. Peguei na revista, as páginas antigas ásperas e rígidas contra os meus dedos, e olhei para a capa — *The Writing Life*. Depois, virei-a e li a contracapa, sentindo os anos a esvaírem-se. Voltei a pousá-la. Apesar da minha determinação renovada,

ainda não estava disposto a seguir a narrativa descrita por aqueles objetos. E, apesar do que sugerira à Jenny, mesmo sendo evidente que a minha mãe andara a vasculhar a caixa, não estava convencido de que fosse a isso que se referira.

Ao que seria, então?

Eu passara muito tempo ali em casa em arrumações: limpava a cozinha, retirara os cobertores da sala e arrumara-os no roupeiro, varrera o chão e puxara o lustro. Porém, em vez de ser produtivo, mais parecia estar a procrastinar. Enchi-me, por fim, de coragem e tentei abordar a questão que as palavras da minha mãe me haviam suscitado. Abri gavetas e armários, vasculhando o conteúdo; tirei roupas e espalhei-as; levantei almofadas e empilhei-as no chão. Após dias a cuidar da casa, dediquei-me ao oposto: a revolver o seu recheio em busca de algo que pudesse explicar o que a minha mãe dissera.

Nada.

Ou pelo menos nada que ajudasse.

Havia, contudo, recordações, que se levantavam das costuras da casa como poeira. Ao remexer a roupa da minha mãe, reconheci algumas peças, que me lembrava de a ver usar: umas calças de ganga velhas e puídas, remendadas nos joelhos e nas ancas; o casaco preto fino com que sempre enfrentava o inverno; um saco cheio de sapatos, emparelhados às avessas e comprimidos de tal forma que pareciam colados.

Juntamente com as recordações, havia mistérios: artefactos de uma vida que eu praticamente desconhecia. Num pequeno guarda-joias, descobri anéis e pulseiras, e um medalhão numa corrente com uma fotografia oval a preto-e-branco de uma mulher que não reconheci. Talvez fosse a minha avó, mas eu não o saberia dizer, visto que até mesmo as partes do meu passado que eu não optara por esquecer encontravam-se envoltas em neblina. Ocorreu-me que, quando a minha mãe morresse, eu seria o último sobrevivente de uma

família que não conhecia. Por instantes, a minha confiança de adulto evaporou-se, e eu senti-me perdido e à deriva.

Contudo, o mais estranho eram as fotografias que encontrei amontoadas aleatoriamente numa caixa de sapatos, cheia até cima. Esvaziei-a sobre a cama e espalhei as fotografias, formando um mosaico de imagens sobrepostas nos lençóis. Não havia qualquer ordem. Diferentes alturas no passado misturadas, pousadas umas em cima das outras; pessoas e lugares de fases distintas da vida colocados lado a lado.

Eu também ali estava.

Peguei numa das minhas fotografias de bebé, embalado nos braços da minha mãe. Eu estava a chorar, mas ela sorria, embora parecesse exausta. Havia uma fotografia minha à entrada de casa, com uns 3 ou 4 anos, a sorrir para alguém fora do plano. Outra com 6 anos, a andar numa bicicleta com rodinhas. Outra ainda, da escola, tinha eu 8 ou 9 anos, o meu cabelo cortado em casa ligeiramente desgrenhado e as minhas faces pontilhadas por sardas. E ainda outra, na festa dos meus 11 anos, de mãos enfiadas nos bolsos, os ombros magros a servirem de cabide à minha roupa, constrangido, ao lado do bolo que a minha mãe fizera para mim.

Ela também lá estava.

Não foram tanto as fotografias em que eu aparecia que captaram a minha atenção, mas as mais antigas: imagens tão esbatidas que mais parecia que o papel onde estavam impressas se começara a esquecer delas. Havia uma fotografia a preto-e-branco da minha mãe em criança, deitada na relva, a rir timidamente para a máquina fotográfica, com um livro aberto à sua frente. Noutra, era um pouco mais velha, à porta de uma casa que eu não conhecia, protegendo os olhos do sol com as mãos.

Foram, porém, as fotografias da sua adolescência que mais me impressionaram. Ela era linda, e as fotografias apanharam-na em momentos de distração, o seu rosto sem rugas, uma vida inteira pela frente, os olhos

brilhantes de riso. Encontrei uma fotografia de grupo, de cinco pessoas sentadas numa escadaria. Não reconheci três delas, mas a minha mãe estava à direita, ao lado de um rapaz que me apercebi, com um sobressalto, ser o Carl Dawson, que, em adulto, viria a casar com a Eileen e tornar-se-ia padrasto do James.

Na fotografia, ele estava voltado para ela. A minha mãe tinha as mãos sobre os joelhos, e a sua cara estava cristalizada numa expressão de puro prazer, um meio-termo entre o choque e o riso, como se ele tivesse dito algo propositadamente chocante no preciso momento em que captaram a imagem.

«As coisas podiam ser bem melhores para ti, sabes?»

Pestanejei, reuni as fotografias e voltei a guardá-las na caixa. Quando pensava na minha mãe, era sempre como uma presença — quase uma função a desempenhar —, e era estranho ser confrontado com uma verdade que deveria ter sido óbvia: que ela fora alguém com os seus próprios sonhos e aspirações, que sentira o mesmo que eu e que tivera uma vida além da sua relação comigo.

Nada disso, contudo, me aproximava do que eu precisava de saber.

«Está aqui em casa.»

Saí para o patamar. Esfreguei a testa. Talvez devesse sentir alívio por ainda não ter encontrado nada, mas, ao invés, sentia-me frustrado. Assumira esta missão, e a ausência de provas não significava que estas não existissem. O facto de não ter encontrado nada não significava que não houvesse nada a encontrar; apenas que não podia ter a certeza.

O silêncio continuava a zumbir.

Vá lá, casa, pensei. Estou a fazer um esforço. Faz a tua parte.

Contudo, obviamente, a casa não me revelou nada.

A janela no patamar das escadas dava para o quintal, e, mais à frente, estendiam-se as Sombras. Fiquei a olhar lá para fora durante algum tempo, observando as árvores que se erguiam, formando uma muralha de folhagem

quebrada que parecia chegar ao céu.

Depois, olhei para cima. Diretamente sobre mim, vi o contorno fino de uma fissura no teto.

O sótão.

O zumbido da casa intensificou-se ligeiramente.

No atual estado de saúde da minha mãe, era obviamente impossível que ela tivesse estado lá em cima, mas eu não fazia ideia de quando a sua saúde começara a deteriorar-se, ou quão rapidamente se deteriorara. Apesar de a ideia não me agradar particularmente, o sótão era a única zona da casa que eu ainda não revistara.

Ergui a mão e pressionei a portinhola, empurrando-a ligeiramente. Ouviu-se um leve estalido, e, quando retirei a mão, a portinhola veio também. Contava ser brindado com uma chuva de pó e de teias de areia, mas não. O espaço por cima era escuro como breu, ouvindo-se uma ténue corrente de ar.

A escada estava integrada na extremidade do alçapão. Passei-a através da abertura, desdobrando-a com estrépito e fincando-a na alcatifa. Quando era miúdo, subira ao sótão algumas vezes, mas, agora, o metal parecia frágil e menos firme do que eu me lembrava. À medida que avançava paulatinamente para a escuridão, cada degrau cedia precariamente sob o meu peso.

O ar no sótão estava bafiento e fresco — denso, com o cheiro de roupas antigas, malas de viagem e humidade. Pousei as mãos na madeira áspera da primeira viga e icei-me. Assim que me pus de pé, dei um passo em frente, ligeiramente desequilibrado, subitamente consciente da altura e da distância. O alçapão atrás de mim parecia minúsculo, e a luz do Sol que banhava o patamar das escadas parecia estar quilómetros, e não metros, mais abaixo. Parecia que eu estava num mundo diferente do resto da casa.

Estendi o braço para a direita e encontrei o cordão da luz. Puxei-o.

— Merda!

Estava rodeado por um bando de pássaros de um vermelho-vivo.

A visão era de tal modo avassaladora que recuei um passo, com o coração sobressaltado, e quase caí pelo alçapão. Porém, logo a seguir, tornou-se mais distinta, revelando aquilo que realmente era. Não eram pássaros. Os beirais do sótão estavam cobertos de marcas de mãos vermelhas. Eram às centenas, calcadas sobre a madeira em ângulos diversos, a tinta vermelha a sobrepor-se em alguns sítios, os dedos espalmados como asas.

Eram todas do mesmo tamanho. Todas suficientemente pequenas para serem da minha mãe. Imaginei-a a vir aqui acima, quando ainda era capaz de o fazer, a saltitar pelas traves como um fantasma, pressionando as palmas das mãos encharcadas contra os beirais.

Senti um cheiro distinto no ar, bem como uma sensação diferente. Como se eu estivesse no âmago da própria loucura.

Com o coração sobressaltado, desviei o olhar das marcas das mãos, na direção da outra ponta do sótão. Quando vi o que ali estava, o mundo pareceu parar.

«Está aqui em casa, Paul.»

Ao que parecia, eu tinha encontrado aquilo que procurava.

9

Antes

Uma semana após o início da experiência com os diários de sonhos, lembro-me de descer as escadas para a Sala C5b com o James atrás de mim. Vinha a arrastar um pouco o passo, e percebi que estava nervoso.

— Estás bem?

— Sim.

Era óbvio que não estava. Mesmo que ele não quisesse admiti-lo, eu conseguia adivinhar a razão mais provável para aquele comportamento. Tínhamos combinado rever os nossos esforços relativamente aos diários de sonhos, naquela hora do almoço, e, pela postura ansiosa do James, ele estava claramente receoso de desiludir o Charlie. Essa constatação deixou-me irritado. Isso não devia ser assim tão importante para ele.

— Tudo isto é uma grande parvoíce — disse-lhe.

— Resultou contigo?

— O que é que isso interessa?

A verdade é que resultara comigo — pelo menos até certo ponto. Todas as manhãs daquela semana, eu fora cada vez mais bem-sucedido em recordar os meus sonhos da noite anterior, e, na noite passada, tivera um sonho que reconheci. Não havia estado no mercado negro, mas num sítio mais ou menos equivalente: um local exíguo e labiríntico, onde eu caminhava, perdido, incapaz de encontrar a saída, com a sensação de estar a ser perseguido por algo.

O medo do sonho perdurara após o meu despertar.

Porém, sentira também um vislumbre de reconhecimento, como se tivesse tido uma estranha noção de perceção de mim mesmo: um vislumbre do

funcionamento do mecanismo interno da minha mente.

O Charlie tinha razão. Não que eu tencionasse admiti-lo, claro.

— Não te preocupes com isso — disse ao James. — Nada disto interessa.

Quando entrámos na sala, o Charlie estava no seu lugar habitual, ao fundo. O Billy estava sentado numa das cadeiras mais confortáveis da frente, com uma antiga agenda, aparentemente reaproveitada para a experiência. Quando o James pegou no seu diário, vi que era apenas um molho de folhas A4 dobradas ao meio e agrafadas na dobra. O diário de sonhos do Charlie estava pousado na mesa à sua frente. Era um caderno preto, exatamente igual àqueles que uso para escrever as minhas histórias, e àquele que começara a usar para registar os meus sonhos. Por algum motivo, era como se houvesse uma espécie de batalha tácita entre nós.

— Muito bem — disse o Charlie. — Quem quer começar? James?

O James agitou-se desconfortavelmente na cadeira.

Meu Deus, pensei. *Vê se atinas, meu!* Não sabia se me apetecia tranquilizá-lo ou dar-lhe um valente abanão, mas não precisei de fazer nada, porque o Billy nunca permitiria que o James lhe roubasse a posição de segundo-comandante do Charlie.

— Eu tive um sonho lúcido — disse o Billy, sorrindo, satisfeito consigo mesmo. — Resultou na perfeição. Foi tal e qual como tu disseste. Uma noite, sonhei que estava na oficina do meu pai, e depois sonhei a mesma coisa na noite seguinte. E, dessa vez, foi como se tivesse acendido um interruptor. Acordei no meu sonho. Foi espetacular! Usei o truque do nariz e tudo.

— O que é o truque do nariz? — perguntei.

— Já lá vamos — respondeu o Charlie, sem olhar para mim. — Billy, fico muito contente. — O Billy regozijou-se em silêncio. — Quanto tempo durou o sonho lúcido? — perguntou o Charlie.

— Não muito. Acordei quase de imediato. Foi do choque.

— Então, não usaste a técnica do ambiente?

— Não. Não me lembrei.

O Charlie pareceu ficar desiludido, e o Billy perdeu o sorriso, assumindo uma postura mais envergonhada. Eu tentava não perder o fio à meada. Olhando para o lado, percebi que o James estava tão confuso quanto eu. Era como se nos tivessem marcado um teste sem nos terem dado a matéria.

— Mas que merda é essa da técnica do ambiente? — perguntei.

— Eu disse que já explicava. — O Charlie virou-se para mim. — E tu, Paul? Como te saíste?

Eu ainda não decidira se queria revelar o sucesso que tivera, mas não gostei da maneira como o Charlie fizera a pergunta. «Como te saíste?» Como se eu precisasse de lhe provar o meu valor.

— Nada — respondi.

— Não?

— Talvez se tivesse sabido do truque do nariz...

O Charlie ignorou a provocação, limitando-se a acenar com a cabeça, como se o resultado fosse o que esperava, não lhe provocando a desilusão que sentira com o Billy. Seguiu em frente.

— E tu, James?

O James pousou os papéis agraphados no colo e esboçou uma expressão de constrangimento.

Deixa-te de merdas, apeteceu-me dizer-lhe. Isto não interessa nada.

— Nada — respondeu o James, compungido. — Tal como o Paul.

As palavras magoaram-me um pouco, mas foi o tom de voz que doeu mais, como se ser como eu fosse um fracasso.

— Não detetaste padrões? — perguntou o Charlie.

— Nada mesmo. Foi tudo um grande emaranhado.

— Não há problema. Isto só requer prática e experiência. Mais uma semana, ou assim, e vocês chegam lá. Já foi positivo tentarem.

O James lançou um sorriso nervoso ao Charlie.

O Billy olhou para ele.

— Então, sonhaste com o quê?

O James baixou os olhos para a sua espécie de caderno.

— Nada de interessante.

— Não, conta lá. — O Billy inclinou-se para a frente e tentou tirar o diário de sonhos ao James. — Talvez possamos encontrar alguns padrões que te escaparam. — O James inclinou-se para longe do alcance dele.

— Não.

— Então, conta-nos.

— Bem... Ontem à noite, sonhei com o bosque. — O James olhou para mim. — Aquele atrás da nossa aldeia. As Sombras.

Pareceu ligeiramente culpado. Talvez porque, após todas as expedições de fim de semana que nós os quatro tínhamos feito, a aldeia e o bosque já não parecessem «nossos». Era o sítio onde eu e o James tínhamos crescido, mas fora o Charlie a levar-nos para o bosque e a inventar histórias sobre fantasmas.

— Continua — incentivou o Charlie.

— Estava escuro no sonho. Eu estava no meu jardim, na orla do arvoredor, a olhar para o bosque.

— Estava lá mais alguém?

— Havia muita gente no jardim atrás de mim, como se fosse uma festa. Acho que algumas das pessoas tinham capuzes e máscaras. Mas não era nada assustador. Mais parecia um evento para o qual eu não tinha sido convidado.

O Charlie inclinou-se para a frente, intrigado.

— E o bosque?

O James ficou em silêncio por instantes.

— Sim, havia... alguém no bosque, creio eu.

— Uma pessoa?

— Não percebi. Era mais como uma presença. Mas parecia que conseguia

ver-me. Como se estivesse a fitar-me. Havia muita luz no jardim, atrás de mim, mas estava tudo escuro no meio do bosque, por isso eu não conseguia distinguir nada para lá do arvoredor.

— Isso assustou-te? — O Charlie falava agora num tom de voz mais baixo.

— Quem estava no bosque assustou-te?

O James hesitou.

— Um pouco.

— Faz sentido. — O Charlie recostou-se. — Não precisavas de ter medo, mas não sabias disso na altura. Pensaste que iria chamar-te? Ou avançar na tua direção?

— Não sei.

— Então, o que é que aconteceu, de facto?

— Depois, o sonho mudou. Fui para outro sítio.

Mesmo tendo passado apenas uma semana, eu já conhecia aquela sensação — o modo como os sonhos se fundem uns nos outros, impercetivelmente —, mas a forma como o James dissera aquilo deixou-me inquieto. «Fui para outro sítio.» Parecia que o sonho era real.

O Charlie fitava-o, fascinado, como se algo importante tivesse acontecido, e ele mal pudesse acreditar.

— Tu viste-o — disse, com assombro na voz.

O silêncio preencheu a sala.

— Viu quem? — perguntei.

— Ele não o viu. — O tom de voz do Billy era soturno. — Ele nunca disse que o viu.

— Certo, mas sentiu-o. — O Charlie lançou um breve olhar ao Billy, antes de voltar a focar a atenção no James. — Sabes com o que é que eu sonhei ontem à noite?

— Não.

— Sonhei que estava no mesmo sítio que tu. Estava no bosque, com ele, e

vi-te a olhar para nós. Estava muito escuro no local onde nos encontrávamos, pelo que eu não tinha a certeza se conseguias ver-nos. Mas viste. — Sorriu com orgulho. — Aconteceu muito mais cedo do que eu esperava.

— Estás a falar de quê? — perguntei.

O Charlie olhou para mim.

— Ontem à noite, eu e o James estivemos no mesmo sonho.

— O quê?!

— Eu e o James partilhámos um sonho.

— Oh, não sejas ridículo! — As palavras saíram-me inadvertidamente, e, com elas, o ambiente na sala mudou. Eu podia até já ter revirado os olhos a coisas que o Charlie dissera, mas nunca o contestara de forma tão direta e agressiva. O seu sorriso desapareceu, e os seus olhos ficaram vazios. Claramente, eu pisara o risco. Porém, não me contive. — Isso não é possível, Charlie.

— Eu compreendo, Paul — disse ele. — Não te esforçaste tanto quanto nós. Não chegaste a lado nenhum. Mas acredita em mim. Aconteceu mesmo.

— Pois, mas não aconteceu.

O Charlie abriu o seu diário de sonhos e passou-o ao James, por cima da mesa.

— James, podes ler isto, por favor?

O James hesitou. A agressividade da conversa deixara-o nervoso, mas também estava intrigado. Um segundo depois, avançou e pegou no diário do Charlie, ficando ali parado a ler a página aberta à sua frente.

Arregalou os olhos.

— O que foi? — perguntei, curioso.

Contudo, o James não respondeu. Quando terminou de ler, baixou o caderno e olhou para o Charlie, assombrado.

— Isto é... Não pode ser.

— Mas é. — O Charlie acenou com a cabeça na minha direção. — Mostra

ao Paul.

O James passou-me o diário. Apesar de eu estar obviamente assustado, tudo aquilo me parecia absurdo. As pessoas não podiam partilhar sonhos. Olhei para o caderno. A entrada mais recente do Charlie começava na página da esquerda, e os seus gatafunhos miúdos enchiam as duas páginas. A data, no topo, era a desse mesmo dia.

Comecei a ler.

Estou sentado ao lado dele, no bosque.

Está muito escuro aqui, mas percebo que ele veste o velho casaco militar, aquele com o tecido puído nos ombros, que mais parece uma penugem, como um anjo a quem cortaram as asas até restarem apenas os cotos. Há algum luar. O cabelo dele é negro e emaranhado, selvagem, como a vegetação rasteira à nossa volta, e a sua cara é um buraco negro, como sempre. Está sentado de pernas cruzadas, com as mãos pousadas nas coxas, e, por algum motivo, consigo vê-las claramente. São de um vermelho-vivo.

O homem levanta-se e inclina-se sobre mim, grande como uma montanha. Cambaleia em direção ao bosque, e as árvores abrem alas à sua passagem. Percebo que devo segui-lo. Há algo que ele deseja mostrar-me, algo que quer que eu veja.

Sigo-o bosque adentro. Ele é como um urso, um monstro, tapando a vista à frente. Esforço-me por acompanhá-lo; não quero perder-me e desiludi-lo. O bosque fecha-se atrás de mim, tão depressa quanto se abre à frente dele, e eu fico espantado com o controlo que ele tem aqui.

Para subitamente e estende uma mão, vermelha, com os dedos afastados. Eu também paro e posiciono-me ao seu lado. Ele pousa a sua manápula vermelha sobre o meu ombro, e sinto um arrepio na

pele, no ponto onde ele me toca. Sinto o seu cheiro a terra e a carne, e o seu enorme peito a expandir lentamente ao meu lado. O fôlego ressoa-lhe na garganta, à medida que ele respira. Quero apoiar-me no seu peso, força e proteção. Quero ver a sua cara, mas sei que ainda não sou digno.

O bosque estende-se por uma curta distância à nossa frente. Adiante, vê-se o que parece ser um jardim, muito mais iluminado do que o local onde estamos. Está lá alguém. Não vai conseguir ver-nos por causa da escuridão, mas eu consigo vê-lo.

É o James.

O meu coração começa a bater mais depressa, pois sei que está finalmente a resultar. Aquilo que ele me ensinou e me disse está a concretizar-se. Hei de levar-nos, um a um, até ele.

Estou prestes a chamar o James quando acordo.

Assim que terminei de ler, voltei a confirmar a data. Em seguida, reli a entrada por alto, dando-me algum tempo para pensar. A sala mantinha-se envolta em silêncio, e pressenti que estavam os três de olhos postos em mim, à espera da minha reação, na expectativa de saber se seria eu ou o Charlie a vencer aquele confronto. Parecia que tudo estava suspenso no fio da navalha.

Olhei para o Charlie, que me observava com curiosidade. Só consegui encará-lo durante um segundo, antes de voltar a fixar o olhar no caderno, sem saber o que dizer.

O que acabara de ler — o que continuava diante dos meus olhos — era impossível. Duas pessoas não podiam partilhar um sonho. Porém, tinha a certeza de que não se tratava de uma combinação entre o James e o Charlie. O choque que vira na cara do James fora genuíno.

Senti os segundos a passarem, e, com eles, a frustração a crescer dentro de mim. Por mais que tentasse, não conseguia desvendar o truque de magia que

o Charlie executara à minha frente. Contudo, tinha de dizer alguma coisa, e a minha teimosia em fazer-lhe frente era mais forte do que nunca. Pressentia que havia ali algo de errado. Perigoso, até. Só não sabia como lidar com isso.

Fechei o diário e pousei-o casualmente na mesa à frente do Charlie.

— Então, quem é o Sr. Mãos Vermelhas? — perguntei, tentando parecer o mais indiferente possível.

10

Agora

— O Michael passava praticamente o tempo todo aqui.

Mary Price falava baixinho, como se o ar, naquela sala, fosse delicado e ela receasse que a sua voz pudesse feri-lo.

Amanda olhou em redor. Os vestígios da vida de Michael Price permaneciam, efetivamente, ali dispersos. Havia uma mesa de vidro junto à janela com o que parecia ser os trabalhos de casa do rapaz, um monte de camisolas com capuz atiradas para cima das costas de uma das cadeiras de madeira, um conjunto de auscultadores pretos sobre o braço do sofá e, junto à televisão, caixas de jogos espalhadas no chão, diante de uma *PlayStation*. A julgar pelo aspeto da sala, parecia que Michael tinha ali estado momentos antes e que voltaria muito em breve.

Porém, quando o olhar de Amanda se fixou de novo nos pais do rapaz, tornou-se imediatamente óbvio que isso não iria acontecer. Mary estava pálida e perturbada. O marido, Dean, encontrava-se sentado ao seu lado, no sofá, de expressão vazia, com uma mão a apertar o joelho com força. Falar com os familiares das vítimas era a parte do trabalho de Amanda que ela considerava mais difícil. Sobretudo nos últimos tempos, tinha dificuldade em não assumir como sua a dor de terceiros, imaginando-os ao seu lado nos locais do crime e absorvendo o impacto da sua dor. O sentimento de perda e de ausência naquela sala era quase insuportável.

«Procura abstrair-te», imaginava o pai a dizer. «Tens de manter o distanciamento.»

Porém, ela não conseguia.

— Bem sei que, em parte, a culpa é nossa — dizia Mary. — Nunca

tivemos muitas posses. O Michael tinha o mesmo quarto desde os 8 anos, demasiado pequeno para um adolescente; só tem espaço para uma cama e uma cómoda. Meu Deus, fui uma mãe horrível!

Amanda olhou para Dean, à espera de que ele consolasse a mulher, mas ele parecia estar tão longe que, possivelmente, nem a teria ouvido.

— Não diga isso. Tenho a certeza de que ambos deram o vosso melhor.

— Tem filhos? — perguntou Mary.

Deus me livre! Amanda ainda se lembrava bem do susto que apanhara quando tinha 20 e poucos anos ao julgar que estava grávida; fora uma das piores coisas que lhe aconteceram.

— Não, ainda não — respondeu simplesmente.

— É compensador, mas pode ser muito difícil. O Michael sempre foi um rapaz sossegado, mas tornou-se demasiado calado à medida que foi crescendo. E claro que não queria conversas com a mãe. — Mary olhou para o marido, que continuava de olhar perdido. — Mas vocês davam-se melhor nos últimos tempos, não era? Foi bom para os dois. Creio que ele se sentia menos só. — Afagou-lhe o joelho, mas Dean não respondeu, pelo que ela se virou novamente para Amanda. — Era por isso que eu não me importava que ele jogasse tanto. Nessa altura, baixava um pouco a guarda, compreende? Esquecia-se de que eu estava aqui. Era bom ouvi-lo a interagir com as pessoas.

— A maioria dos amigos dele estava online?

— Bem, não eram propriamente amigos. Eram apenas desconhecidos com quem ele jogava. Foi por isso... foi por isso que eu fiquei tão contente quando julguei que ele tinha encontrado amigos no mundo real.

Mary ficou em silêncio, e Amanda ajeitou-se desconfortavelmente na cadeira. Aquilo iria ser difícil, mas precisava de ser feito. Aqueles pais mereciam saber o que se passara.

— Como devem saber — começou por dizer —, dois rapazes foram

acusados do homicídio do vosso filho. Irão comparecer em tribunal no início da próxima semana.

Dean ganhou vida.

— Elliot Hick e Robbie Foster — disse. Falou devagar e intencionalmente, embora mantendo o olhar fixo na parede em frente.

Amanda hesitou. Os rapazes não tinham sido identificados na imprensa, mas parecia escusado não revelar a informação aos pais. Eles já sabiam. Todos sabiam. Featherbank era esse tipo de comunidade. Tornara-se assim depois do Homem dos Sussurros, tantos anos antes.

— O Hick e o Foster eram amigos de infância — prosseguiu Amanda. — É verdade que o vosso filho só se começou a dar com eles no início deste ano?

— Sim — confirmou Mary. — Perguntaram-lhe se ele se queria sentar ao pé deles nas aulas.

Fora o que Hick contara à polícia. Os três rapazes começaram a andar juntos, na escola, e depois, aos fins de semana, iam até à pedreira. Hick dissera que Michael se mostrara ávido da companhia deles, quase dolorosamente grato. Pela forma como falavam, parecia que tinham adotado um cachorro abandonado. À luz do que se passara, essa ideia causava náuseas a Amanda.

No sábado de manhã, Michael encontrara-se com Hick e Foster no terreno baldio, como habitualmente, seguindo juntos para a pedreira. Presumivelmente, Michael julgara que iria usufruir de um pouco mais da amizade e do companheirismo que procurara toda a vida, e que acreditava ter encontrado agora. Contudo, desta vez, os seus dois supostos amigos haviam levado facas e os diários de sonhos, com a intenção de o matar. O utilizador conhecido como CC666 dissera-lhes tudo o que precisavam de saber para poderem replicar o que Charlie Crabtree fizera.

«Eu estava lá. Envia mensagem direta.»

— O Michael alguma vez vos falou de uma aldeia chamada Gritten?

Mary pensou um pouco, com o rosto inexpressivo. Pouco depois, Dean inclinou-se para a frente. Amanda reparou que ele era um homem de traços vincados, e havia algo de quase ameaçador na forma como focara a sua atenção nela.

— Não — respondeu. — Onde fica isso?

— É uma aldeia a norte daqui. — Ela hesitou. — E de Charlie Crabtree? Ou de alguém chamado Mãos Vermelhas?

Dean abanou a cabeça.

— Quem é o Mãos Vermelhas?

Um mito, pensou Amanda.

Só que nem isso era, claro. «Mito» era um termo demasiado pomposo para uma figura de fantasia inventada por um grupo de adolescentes, 25 anos antes. Porém, por mais absurdo que fosse e por mais triste e escusado que parecesse, tudo apontava para que tivesse sido esse o motivo do homicídio de Michael Price naquele fim de semana. O crime original era anterior à Internet moderna, mas o mistério do desaparecimento de Charlie Crabtree fora passado como um testemunho ao longo dos anos — pesquisado, analisado, debatido —, e, pior, servira de inspiração.

De certa maneira, era difícil de acreditar. Embora Amanda ainda se lembrasse, mesmo aos 30 e muitos anos, do horror inerente à sua própria adolescência: a dificuldade em dar sentido a um mundo que parecia estar em constante mudança; a confusão e as dúvidas sobre como se comportar para se integrar; a teia de tensões e de pressões divergentes. Particularmente, lembrava-se do desejo de escapar de tudo isso, de estar em qualquer sítio menos aquele onde se encontrava, e de se deparar com a pessoa que estava destinada a ser, como se o seu verdadeiro eu já existisse algures, e como se, um dia, se pudessem cruzar e cumprimentar. Só que os adolescentes não são racionais, e o mundo nem sempre os trata da melhor maneira.

Tentou explicar a Mary e a Dean o que se passara em Gritten 25 anos antes. Dean agora ouvia-a com atenção, de expressão cada vez mais fechada.

— Não compreendo. Está a dizer que o meu filho foi assassinado por causa de um fantasma? — perguntou ele.

— Não estou a argumentar que faça sentido, mas os assassinos pareciam acreditar verdadeiramente em tudo isto. Imaginaram que iria acontecer. Pensaram que iriam desaparecer.

— Como é que eles ficaram a saber dessa história?

Amanda hesitou novamente. Não queria referir o que CC666 dissera a Hick e a Foster naquele fórum. Era um pormenor que não desejava que se tornasse público para já, sobretudo tendo em conta que ela já vira o conteúdo da «prova» que CC666 fornecera por mensagem direta.

— Há muitas informações sobre o caso na Internet — respondeu.

Felizmente, Dean ainda estava focado em tudo o que Amanda lhe dissera. Parecia furioso e confuso, em igual medida, e incapaz de conciliar ambas as emoções.

— Mas porque é que alguém acreditaria em tais disparates?

— Como já referi, este homicídio ocorreu há 25 anos. Depois disso, o Charlie Crabtree nunca mais foi visto. Desapareceu.

— Como assim, desapareceu?

— Precisamente isso — disse Amanda. — Tanto quanto sei, houve uma busca exaustiva, mas nunca mais ninguém o viu. Por isso, algumas pessoas...

Ia dizer «acreditam que ele o cometeu, de facto», mas Dean voltou a interrompê-la, erguendo a mão para lhe cortar a palavra. Era demasiado para ele. Levantou-se e saiu da sala sem dizer mais nada. Amanda e Mary ficaram a ouvir os seus passos nas escadas, seguidos de uma porta a fechar de uma forma surpreendentemente suave, no andar de cima.

O silêncio instalou-se por um momento.

— Peço desculpa pelo meu marido — disse Mary.

— Nenhum dos dois tem de pedir desculpa.

Mary levantou-se devagar e dirigiu-se à secretária, começando a ajeitar o monte periclitante de camisolas penduradas na cadeira.

— Tem sido muito difícil para ele — prosseguiu. — O Dean foi soldado no exército, e o Michael foi sempre um rapaz muito doce e sossegado. Eles não se compreendiam. Quando o Michael era mais novo, tinha medo do escuro e costumava chamava por nós. O Dean ficava frustrado; dizia-lhe que os fantasmas e os monstros não existiam. Por isso, acabava por ser sempre eu a ir ter com ele.

— Eu também era assim em pequena — comentou Amanda.

— A sério?

— Sim.

Só que, no seu caso, fora sempre o pai a acudi-la: calmo, meigo e paciente, de cada vez que era preciso tranquilizar a filha. O pai que, decerto, estaria agora a franzir o sobrolho, dizendo-lhe que uma agente da polícia não devia divulgar aquele tipo de pormenores em serviço.

— Só quando o Dean saiu do exército é que eles começaram a dar-se melhor — continuou Mary. — Tornaram-se muito próximos. E o Dean sempre foi muito prático. Um solucionador de problemas.

— Mas este é um problema que ele não consegue resolver, não é? — concluiu Amanda.

Mary esboçou um sorriso triste.

— Pois. É um problema que ninguém conseguiria resolver, não é? Algo com que temos de viver. — Acabou de arrumar a roupa e suspirou. — O que acha que lhe aconteceu? Refiro-me ao tal rapaz.

— O Charlie Crabtree?

— Sim. Acredita que ele ainda está vivo?

Amanda considerara essa hipótese. Ao longo dos últimos dois dias, analisara todos os dados disponíveis sobre o homicídio de Gritten, e

continuava sem saber o que pensar. As buscas por Crabtree haviam sido exaustivas: centenas de agentes envolvidos, equipas de busca e de salvamento locais munidas de cães pisteiros; indivíduos com uma enorme experiência no terreno, e todos eles concentrados em encontrar aquele adolescente, que não poderia ter ido muito longe, mas que, ainda assim, nunca fora encontrado.

Além disso, havia a considerar o utilizador CC666. Quem quer que estivesse por detrás da conta parecia estar a implicar que se tratava de Charlie Crabtree, e a informação que transmitira a Foster e a Hick resultara no homicídio de Michael Price.

Pensou no ficheiro enviado como prova da identidade do utilizador, [entrada.jpg]. Quando o abrira, a imagem com que se deparara provocara-lhe um arrepio na espinha: a fotografia de um caderno, aberto em duas páginas datadas de há um quarto de século e preenchido por linhas de uma escrita a tinta preta.

«Estou sentado ao lado dele, no bosque.»

O diário de sonhos de Charlie Crabtree, que deveria ter desaparecido com ele.

Amanda olhou para Mary, mas foram as palavras de Dean que recordou, e foi à sua pergunta que respondeu: «Está a dizer que o meu filho foi assassinado por causa de um fantasma?»

— Não sei — disse ela.

O sótão encontrava-se quase vazio, à exceção de uma pilha de três caixas de cartão, perfeitamente arrumadas ao centro, como um altar. Ao lado delas, estava uma lata de tinta vermelha ressequida, e viam-se folhas de papel de cozinha amarrotadas e espalhadas por toda a parte, de tal forma embebidas na tinta que mais pareciam cobertas de sangue. Provavelmente, haviam sido ali deixadas pela minha mãe, pensei, tendo servido para limpar as mãos após criar aquela obra, à minha volta.

Aproximei-me das caixas, a medo, com a visão periférica dominada por aquelas aterradoras mãos vermelhas. Tive a terrível sensação de que se mexiam quando eu não estava a olhar para elas — que, durante os dias que passei naquela casa, elas haviam estado ali, a esvoaçar silenciosamente pelos beirais, na escuridão.

Tirei a caixa de cima e sentei-me no chão. Estava fechada com fita-cola, pelo que usei uma das minhas chaves para a abrir. No interior, havia um monte de jornais antigos. Tirei o primeiro. Era um exemplar de outros tempos do *Gritten Valley Times*, o jornal local durante a minha infância. Pousei-o no chão e li a manchete, que ocupava a parte central da primeira página amarelada.

Gritten Abalada por Chacina de Adolescente

O texto sob a manchete estava esborratado pelos dedos que o folhearam e esbatido pelo tempo, mas as fotografias desfocadas ainda eram visíveis. Uma era do Billy, com 15 anos, a fulminar a câmara com o olhar, sombriamente, a sua farta cabeleira castanha com risco ao meio e vestígios de acne nas faces. Por baixo, estava uma fotografia do Charlie, com um

sorriso escarninho ausente, o cabelo preto penteado para trás, os olhos tão vazios e alheados como os de um tubarão.

Eu conhecia bem aquelas imagens. Faziam parte da fotografia de turma que tínhamos tirado em conjunto no início do ano em que o homicídio ocorrera, e eu e os outros colegas estávamos ali algures, fora do enquadramento. As fotografias do Billy e do Charlie estavam ampliadas, o que explicava a má qualidade das imagens. Havia fotografias melhores de ambos, mas a comunicação social elegera aquelas. Na altura, não percebi porquê, mas via agora que pareciam ser as que melhor se enquadravam na história, captando não apenas os assassinos, mas também o papel que desempenharam.

O Charlie, o líder.

O Billy, o seguidor.

Há anos que não via uma fotografia dos dois, e fiquei paralisado por dentro. Achava que deveria sentir alguma coisa, mas não me ocorria nada. Fitei a imagem desfocada do Charlie durante alguns segundos vazios. Por fim, algo explodiu dentro de mim, como se um tendão na minha mente tivesse cedido a uma pressão súbita, e a emoção saiu em catadupa, furiosa e nauseante.

Odeio-te!

Odeio-te de morte!

As minhas mãos tremiam ao retirar mais jornais da caixa. Havia outros exemplares do *Gritten Valley Times*, bem como jornais de tiragem nacional, todos com histórias sobre o homicídio em Gritten e a subsequente investigação. Falavam da detenção e do julgamento do Billy, das buscas pelo Charlie, do pesar de uma comunidade em choque perante a maldade pura que surgira no seu seio.

A minha mãe guardara tudo.

Mas por que razão? Lembro-me de que ela me incentivara a não acompanhar as notícias na altura, na tentativa de me proteger. Eu ignorara-a,

claro, e cada relato que agora revia trazia consigo um reavivar de memória: uma fotografia do parque infantil, isolado pela fita policial, com um agente de guarda junto aos arbustos; outra coluna lateral sensacionalista a pormenorizar a obsessão do Charlie e do Billy com os sonhos lúcidos.

Virei uma página e deparei-me com a fotografia de uma faca, o sangue na lâmina, seco, como migalhas cor de ferrugem. Li a legenda que a acompanhava.

A arma que Charles Crabtree e William Roberts usaram para apunhalar a vítima até à morte. No total, foram registados 57 golpes no corpo, que deixaram a cabeça da vítima praticamente decepada.

Pu-lo rapidamente de lado.

Sentia-me oco por dentro, com o corpo ligeiramente entorpecido, como se o impacto de voltar a ver tudo aquilo fosse mais físico do que mental. Enquanto isso, as mãos vermelhas tremeluziam na minha visão periférica.

O que estaria dentro das outras caixas?

Essa questão assumiu, subitamente, um caráter de urgência. Peguei na segunda caixa e abri-a. Também continha jornais, mas pareciam ser mais recentes. O primeiro que tirei era datado de há apenas quatro anos.

E, no entanto, a manchete era terrivelmente familiar.

Rapaz de 14 Anos Assassinado por Colegas

Ao lado, a fotografia de um rapaz de cabeleira loura desgrehada e a cara pintalgada de sardas, a sorrir docemente para a câmara. Na parte inferior da fotografia, via-se o colarinho da farda escolar. A legenda informava que se chamava Andrew Brook. Parecia ter muito menos de 14 anos, e, por instantes, fez-me lembrar tanto o James naquela idade que fiquei

momentaneamente sem fôlego.

Enquanto percorria os jornais, tudo pareceu estranho e desordenado à minha volta, como se o sótão tivesse girado alguns graus e o mundo estivesse agora num ângulo estranho e desnorteador. A história do que acontecera ao Andrew emergiu fragmentada através das manchetes.

Duas Detenções em Investigação de Homicídio

«Forasteiros» Acusados de Homicídio Brutal

Polícia Afirma que Ligação ao Oculto É «uma das Linhas de Investigação»

O nome dos assassinos não era mencionado nos artigos, mas, lendo-os por alto, era evidente que o Andrew fora atacado por dois rapazes da sua escola — rapazes que julgara serem seus amigos — e que a polícia acreditava que o tinham matado como parte de uma espécie de ritual. Havia uma menção a diários e a outros materiais que haviam sido levados das suas casas para análise.

Puxei a terceira caixa para mim e abri-a. Mais um monte de jornais. Estes datavam de há apenas dois anos, e os relatos eram sobre outra morte, desta feita de um jovem de 15 anos chamado Ben Halsall. Dois colegas tinham sido detidos e acusados do seu homicídio.

Ligação a Seita de Sonhos em Crime Local

À semelhança da caixa anterior, os artigos eram vagos em termos de pormenores, mas, sabendo o que procurar, a ligação era ainda mais direta neste caso. Havia referências ao facto de os dois suspeitos serem rapazes reservados e isolados, obcecados com sonhos e com mitologia da Internet. A influência do homicídio de Gritten era óbvia.

Percebi perfeitamente o que tinha diante de mim: homicídios cometidos

por imitadores.

Durante 25 anos, fiz os possíveis para não pensar no que o Charlie e o Billy haviam feito, ou no meu papel nos acontecimentos que proporcionaram tal desfecho. A culpa fora recalcada, e, quando parti para a universidade, imaginara que o comboio em que embarquei me levava para longe de tudo aquilo. Quando pensava no assunto, partia do princípio de que o resto do mundo fizera o mesmo que eu, e que o Charlie havia sido esquecido.

Mas não.

E a minha mãe sabia.

Porque é que guardaste tudo isto, mãe?

Não havia, obviamente, resposta para essa pergunta ali. Sentei-me sobre os calcanhares e fechei os olhos. O silêncio era ensurdecedor. Na escuridão que me envolvia, senti cem mãos ensanguentadas a passarem silenciosamente sobre os beirais.

Uma hora depois, estacionei à porta da casa de repouso. O ambiente estava tranquilo, como habitualmente, com o sol quente filtrado pelas árvores. Porém, o mundo parecia-me mais soturno, como se uma sombra fosse cobrindo tudo lentamente, e o meu peito contraía-se de nervosismo quando me dirigi para o quarto da minha mãe.

Ela estava a dormir. Pela primeira vez desde que eu regressara a Gritten, desejei que não estivesse. Hoje, parecia ainda mais pequena, e a respiração lenta que o seu corpo forçava era quase impercetível. A máquina que controlava o seu ritmo cardíaco emitia um ligeiro sinal sonoro com o intervalo de alguns segundos, e até esse som parecia mais ténue do que o habitual.

— Com o que é que estarás a sonhar? — perguntei em surdina.

Sentei-me na cadeira ao lado da cama, esfregando lentamente as mãos. A janela estava aberta, permitindo-me sentir o cheiro das árvores e da relva

acabada de cortar e ouvir uma brisa suave.

Contudo, apesar de o meu corpo estar ali, a minha mente regressava constantemente ao sítio e ao que lá encontrara. Enquanto aguardava que a minha mãe acordasse, retirei o telemóvel do bolso e iniciei uma pesquisa online.

Encontrei milhares de resultados. Demoraria horas a ler toda a informação, mas selecionei um fórum dedicado ao homicídio em Gritten e percorri as centenas de publicações que nele constavam. A quantidade de informação surpreendeu-me; todos os aspetos do caso eram tópicos de conversação discutidos ao pormenor. Porém, o que achei mais fascinante foram os tópicos dedicados ao desaparecimento do Charlie. A especulação não tinha limites.

Tudo aquilo me parecia escusado. Se a polícia não conseguira encontrar o Charlie há um quarto de século, o que é que um punhado de amadores esperava alcançar? Não obstante, todos eles tinham uma teoria que explicava o desaparecimento. Alguns pensavam que os restos mortais do Charlie estavam nas profundezas do bosque de Gritten, ainda à espera de serem encontrados. Outros aventavam que ele fora ajudado por um cúmplice, e que continuava vivo, algures.

Só de considerar essa hipótese, senti um calafrio.

Todavia, pior ainda eram as publicações daqueles que pareciam crer no impossível. O Charlie asseverava que um sacrifício lhe permitiria desaparecer para o mundo dos sonhos, para sempre, e havia pessoas online que acreditavam piamente que ele o conseguira.

Era ridículo, claro, mas, simultaneamente, fez-me pensar no interesse que os sonhos lúcidos haviam despertado em mim em adolescente. Apesar de eu não ter engolido em absoluto as tretas do Charlie, aquela ideia basilar de escapismo atraía-me. Embora eu não tivesse acreditado nele, talvez uma parte de mim desejasse fazê-lo. Sim, aquilo era ridículo, mas eu

testemunhara-o com os meus olhos, certo? Uma crença a fincar raízes, e, depois, as terríveis repercussões dessa convicção a desenrolarem-se lenta e inexoravelmente em tempo real.

Os assassinos do Andrew Brook e do Ben Halsall tinham, claramente, acreditado.

Isso revoltava-me. O que o Charlie e o Billy fizeram naquele dia tornara-se uma história, que fora crescendo e sendo deturpada ao longo dos anos, e agora pelo menos mais dois adolescentes estavam mortos por causa dele. Podia ser absurdo acreditar que o Charlie desaparecera num mundo de fantasia, mas, de certa forma, ele concretizara o seu propósito. O homicídio espalhara-se e afetara as vidas de muitas outras pessoas, e o Charlie perdurava nos seus sonhos e pesadelos, tal como almejava.

Eu também havia desempenhado um papel no que acontecera, sendo-me impossível ignorar o sentimento de ser, em parte, responsável pelos subsequentes homicídios. Quer tivesse sabido deles quer não, aquilo, de certa forma, também era culpa minha.

Passado algum tempo, a minha mãe remexeu-se, no seu sono. A sua respiração mudou e, apesar de, provavelmente, ser fruto da minha imaginação, o sinal sonoro do seu monitor cardíaco pareceu tornar-se mais audível.

Ela abriu os olhos.

Aguardei, vendo-a a fitar o teto durante alguns segundos. Ela virou a cabeça e encarou-me com um olhar vago. Pareceu-me mais triste do que nunca, como se quisesse alcançar alguém, tocar-lhe, mas um vidro os mantivesse separados.

— As coisas podiam ser bem melhores para ti, sabes? — disse.

Lembrei-me das fotografias que encontrei em casa dela. A minha mãe ainda jovem, cheia de sonhos e de esperanças, a rir com tamanha alegria, como se o mundo inteiro a encantasse. O contraste com o presente era

avassalador.

— Mãe — chamei. — Sou eu. O Paul.

Ela olhou para mim. Receei que reagisse como na primeira visita, mas, ao invés, passados alguns instantes, a sua expressão mudou: a tristeza transformou-se em algo ligeiramente mais feliz, ainda que eivado de melancolia e de perda.

— Estás tão crescido — comentou.

— Pois estou.

— Oh, eu sei. Ou pelo menos julgas que estás. Todos o julgam, na tua idade. Mas isso não me impede de me preocupar contigo. O meu filho... a partir sozinho por esse mundo fora. — Engoli em seco. Ela não estava ali comigo, no presente, mas eu sabia por onde vagueava a sua mente e o que estava a ver. Não precisei de fechar os olhos para imaginar aquele último dia na estação, enquanto esperávamos juntos pelo comboio. Eu estava de partida para a universidade, com as malas pousadas ao meu lado, no cais. Lembrei-me do que ela me dissera: «Não tarda, está aí o Natal.» — E sei que não vais voltar — acrescentou, com um sorriso triste.

Durante alguns segundos, eu não disse nada. Tal como naquele dia.

Em seguida, inclinei-me para a frente.

— Pois não, não vou — respondi em surdina. — Lamento.

— Não precisas de lamentar.

— Ficas triste?

Ela abanou a cabeça suavemente. Depois, olhou para o teto e voltou a sorrir, desta vez mais para si mesma.

— Vou ter muitas saudades tuas — disse. — Mas fico contente por ti. Quero que partas por esse mundo fora e faças grandes coisas. Foi tudo o que eu sempre quis. Que virasses costas a este sítio e a tudo o que aconteceu aqui. Quero que vás para o mais longe possível, para que possas crescer grande e forte num sítio melhor. Para que tenhas uma boa vida. Não me

importa que nunca mais penses em mim. Eu hei de pensar sempre em ti.

Não respondi. Não sabia o que ia na cabeça da minha mãe naquele dia, e nunca tive filhos que me ajudassem a compreender a noção de sacrifício incondicional que ela descrevia.

«Foi tudo o que eu sempre quis. Que virasses costas a este sítio e a tudo o que aconteceu aqui.»

Ela estivera a par dos assassinos imitadores; guardara jornais que descreviam crimes ligados a mim, e de que eu, felizmente, nunca tivera conhecimento. Permitira a minha evasão, carregando, na minha ausência, um fardo que deveria ser meu. Protegera-me.

— Eu fui ao sótão, mãe — disse-lhe.

O seu sorriso estremeceu ao ouvir as minhas palavras, como se tivessem interferido com a sua receção, interrompendo a nitidez do sinal que estava a receber, como uma erupção de estática desagradável através do ecrã das suas memórias. Arrependi-me de imediato de o ter dito. Se ela fizera aquilo por mim ao longo dos anos, decerto chegara a altura de ser eu a carregar o fardo. Os seus últimos dias e horas deveriam ser tranquilos.

— O que é que disseste? — perguntou-me.

— Nada, mãe.

Ela respirava lentamente.

Segundos depois, franziu ligeiramente o sobrolho.

— Preciso de te contar uma coisa — disse-me.

— O quê?

Novamente, o silêncio, interrompido apenas pela sua respiração suave.

— Não me lembro o que é — prosseguiu.

Aguardei. Não sabia de que tempo e de que lugar estaria ela a falar agora, visto que as minhas palavras a tinham interrompido. Estaria ainda comigo na estação de comboios, naquele dia? Ou seriam estes pensamentos provenientes de um sítio totalmente diferente?

Não houve, porém, resposta a essa questão. Fosse qual fosse o sonho em que a minha mãe se encontrava antes, foi para lá que regressou.

12

«Está a dizer que o meu filho foi assassinado por causa de um fantasma?»

Amanda ainda estava a matutar nessa pergunta quando chegou à esquadra. Em vez de seguir diretamente para o seu gabinete, entrou no elevador e carregou no botão da cave.

Aquele era o sítio indicado para os fantasmas. Enquanto o resto do edifício havia sido modernizado alguns anos antes, a cave permanecia intocada. A tinta nas paredes estava a cair, como se tivesse sido arrancada à unhada, e algumas das luzes do teto bruxuleavam. Ali em baixo, os corredores eram silenciosos, à exceção de um zumbido onnipresente. Amanda ficava sempre na dúvida se o ruído proviria das luzes do teto, dos cabos nas paredes ou de qualquer outro lado. Nem sabia qual destas opções a deixava mais inquieta.

Seguiu em direção à câmara escura.

Quando lá chegou, bateu à porta e aguardou. Mesmo não gostando daquele sítio, parecera-lhe mais fácil fazer uma visita pessoal do que um telefonema, ou enviar um e-mail.

Ouviu movimento no interior, e a porta entreabriu-se segundos depois. O inspetor Theo Rowan tinha o hábito de não abrir a porta o suficiente, fazendo lembrar aquelas pessoas que mantinham a corrente de segurança na porta quando atendiam visitas indesejadas.

A reputação que ele granjeara no departamento devia-se, em grande medida, ao seu trabalho. Amanda imaginava que aqueles que já tinham ouvido falar dele ficassem surpreendidos quando o conheciam pessoalmente. Theo tinha 20 e muitos anos, um porte atlético e uma cabeleira loura

encaracolada, e, apesar do rumor de que era um homem assustador, tinha um sorriso simpático. Que mostrava agora.

— Amanda.

— Olá, Theo.

O sorriso permaneceu, mas a porta manteve-se entreaberta.

— A que devo este prazer? — perguntou ele.

— Preciso que me ajudes a encontrar uma pessoa.

Ambos sabiam que aquela não era a sua função. Porém, Amanda já havia tentado os trâmites habituais sem sucesso, e achara que Theo iria perceber que ela estava à procura de uma abordagem ligeiramente diferente. Não propriamente ilícita, mas talvez menos convencional do que a permitida pelos cânones policiais.

Achava também que ele ficaria intrigado com a ideia. E tinha razão. Instantes depois, a porta abriu-se por completo.

— Nesse caso, é melhor entrares.

Amanda seguiu Theo, fechando a porta atrás de si. O gabinete nada tinha de câmara escura, não obstante a designação oficiosa que os agentes lhe haviam dado. Apesar de não ter luz natural, estava de tal forma bem iluminado e as superfícies encontravam-se tão impecavelmente limpas e polidas que mais parecia um laboratório.

De certa forma, havia, efetivamente, coisas a desenvolverem-se ali.

Amanda olhou para o lado. O gabinete era maioritariamente branco e desimpedido, com as secretárias cheias de monitores, meticulosamente arrumados, mas uma das paredes era mais escura e desarrumada. Havia uma enorme biblioteca de discos rígidos pretos encaixada num elaborado sistema de prateleiras; os cabos que emergiam por entre eles estavam cuidadosamente enrolados e atados, mas não deixavam de criar uma massa de textura hirsuta a partir da qual uma amálgama de pequenas luzes LED verdes e vermelhas piscavam, como olhos de aranhas. Cada um dos discos

rígidos estava marcado com uma fina etiqueta branca. Amanda sabia que muitas delas continham nomes de crianças. Não crianças reais, de carne e osso, mas identidades online falsas que Theo e a sua equipa tinham criado. Havia também identidades de adultos falsas. Outros discos continham apenas o nome de fóruns na Internet. Alguns deles eram conhecidos, mas outros, felizmente, não eram acessíveis ao público em geral.

O trabalho que Theo fazia na câmara escura era, simultaneamente, simples e aterrador. Ele e a sua equipa passavam os dias nas profundezas da Internet, a dragar o lodo. Se havia alguém que poderia ajudar Amanda a encontrar um fantasma online, era Theo Rowan.

Não estava mais ninguém no gabinete naquele momento. Theo encaminhou-a para uma secretária ao fundo.

— Está relacionado com o homicídio do Price? — perguntou ele.

— Sim. *O Não Solucionado e...*

— *O Desconhecido*. Sim, eu lembro-me. Diz-me o que precisas.

Amanda explicou-lhe os antecedentes do caso e falou-lhe do utilizador no fórum que enviara fotografias do que parecia ser o diário de sonhos de Charlie Crabtree. Com recurso ao login de Foster, ela constataria que todos os que estavam registados no site tinham um perfil pessoal, mas o de CC666 estava vazio. O site encontrava-se alojado fora do país, e o registo era privado. Entrara em contacto com o proprietário anónimo, através de um link no fórum, mas não obtivera resposta. Ele ou ela não parecia ter vontade de colaborar com a polícia. Isso significava que a única pista que tinha sobre o utilizador CC666 eram as suas palavras num ecrã. Parecia ser um beco sem saída.

Theo escutou-a atentamente, embora, a meio da explicação, já tivesse focado a sua atenção no monitor à sua frente, começando a teclar rapidamente.

— E acreditas que essa pessoa possa ser o Crabtree? — perguntou.

— Não sei — respondeu Amanda. — Não parece ser possível, mas as mensagens parecem sugeri-lo. E, tendo em conta a forma como ele encorajou o Hick e o Foster, gostava de descobrir de quem se trata. Mas não vejo como.

Theo acabou de escrever.

— Talvez consiga arranjar-te o IP do utilizador.

— Consegues?

— Possivelmente. Mas tens de compreender que, mesmo que consiga, pode não ser suficientemente preciso para identificares o utilizador. Os endereços de IP variam na sua precisão. Posso não conseguir identificar a casa exata, mas pelo menos restringe-se a área de busca.

— Isso seria bom — disse Amanda. — Como?

Theo apontou para o fundo do gabinete, para a parede de discos rígidos.

— Com uma ajudinha dos meus amigos.

Por outras palavras, recorrer a um fantasma para apanhar outro fantasma.

Theo explicou que iria usar uma das suas identidades falsas para criar uma conta no fórum, disponibilizando dados suficientes no perfil que fizessem com que quem a visse julgasse tratar-se de uma pessoa real e sem ligação à polícia. Em seguida, enviaria uma mensagem direta a CC666 com um link concebido para despertar a sua curiosidade. O link teria um aspeto genérico e inocente — escolheram um artigo de jornal —, mas passaria primeiro por uma página de *spoof*, que ninguém veria. Essa página registaria dados exaustivos sobre o utilizador: a sua ligação à Internet, as informações do seu computador, dados relativos à sua localização aproximada. Como CC666 seria a única pessoa a clicar nesse link, teriam a certeza de que as informações que obtivessem pertenceriam a essa pessoa.

Theo fez tudo aquilo parecer bastante simples.

— Claro que, para isso, CC666 terá de morder o isco — disse.

— Tu morderias?

Ele ergueu as sobrancelhas e riu-se.

Enquanto subia no elevador, Amanda continuava a pensar na pergunta que lhe tinham feito duas vezes nesse dia: o utilizador seria Charlie Crabtree?

Era difícil imaginar. Por certo, Crabtree estaria morto; caso contrário, já teria sido encontrado. Tinha 15 anos por altura do homicídio, e, com base no que Amanda descobrira sobre o caso, parecia astuto e extremamente metódico no desenrolar do seu plano, mas era difícil acreditar que pudesse ter escapado à captura da polícia durante todos aqueles anos.

Embora não fosse impossível.

A ideia provocou-lhe um calafrio. Se era mesmo ele, qual seria a sua ideia? Qual seria o seu plano agora?

Já no gabinete, Amanda fechou as cortinas, apagou a luz e sentou-se ao computador. Disse a si própria que fosse razoável: antes de começar a pensar em fantasmas, havia outras hipóteses a explorar.

«Eu estava lá. Envia mensagem direta.»

Era verdade que a polícia não encontrara Charlie Crabtree há 25 anos, mas as provas contra Billy Roberts foram irrefutáveis. Roberts declarara-se culpado pelo homicídio. O seu advogado argumentara que o rapaz sofria de esquizofrenia, mas o diagnóstico havia sido contestado por um segundo exame psiquiátrico, e o juiz acabara por rejeitar a alegação. As implicações de abuso de menores foram tidas em conta e considerara-se que Crabtree tinha sido o autor moral do crime, pelo que Roberts acabara por ser condenado a 20 anos de prisão pelo homicídio.

Segundo os ficheiros online que Amanda consultou, ele reagira bem aos vários programas e iniciativas em que se inscrevera no decorrer da pena. Os relatórios de avaliação descreviam-no como atencioso, arrependido e pouco suscetível a constituir um perigo para a sociedade. Fora considerado apto a ser libertado e a ficar em liberdade condicional há mais de dez anos.

Amanda recostou-se na cadeira.

Billy Roberts, uma pessoa que, efetivamente, estivera presente naquele dia, encontrava-se agora à solta pelo mundo.

Essa tomada de consciência provocou-lhe sentimentos contraditórios. Ela estava a par do homicídio de Gritten, e a ferocidade do ato entranhara-se na sua mente. Nem poderia ser de outra maneira, pensou, uma vez que vira, com os seus próprios olhos, uma recriação na pedreira. A ideia de que uma das pessoas responsáveis por tamanha atrocidade andava à solta na comunidade deixou-a abalada.

Porém, claro, Roberts era quase uma criança por altura do homicídio. E Amanda tinha de acreditar que as pessoas podiam mudar.

Simultaneamente, tinha algumas reticências no que tocava a confiar no juízo de valor de estranhos nessas matérias. Voltou a ler os relatórios no ecrã. Roberts podia perfeitamente ter-se mostrado atencioso e arrependido, mas quem sabe se o crime e o subsequente encarceramento não lhe teriam causado danos invisíveis a um nível mais profundo? Sobre tudo quando ele sabia que Charlie escapara impune.

Amanda abriu um novo separador no computador e começou a escrever. Estava disposta a tentar encontrar Roberts através do sistema de liberdade condicional, mesmo se tivesse de ranger os dentes perante as adversidades que a isso pudessem estar inerentes. Contudo, não iria ser necessário: inacreditavelmente, a morada e o número de telefone de Roberts eram do conhecimento público. Pelo menos partia do princípio de que fosse ele. Tinha de ser. A morada que constava do sistema ficava apenas a alguns quilómetros do centro de Gritten, e uma verificação no ficheiro original informara-a de que se tratava da casa onde os pais de Roberts moravam na altura.

Aprofundou a pesquisa, dando por si a piscar repetidamente os olhos diante do que descobriu. A mãe de Roberts morrera quando o filho estava na

prisão. Após ter sido libertado, ele regressara a casa para viver com o pai, que morrera poucos anos depois. Desde então, ocupava a casa da família.

Meu Deus!, pensou Amanda.

Supostamente, tendo em conta o seu historial, não teria tido outra opção, mas, ainda assim, era difícil imaginar que um homem que tivesse cometido tal crime regressasse à aldeia onde tudo acontecera. Morar lá — ou pelo menos tentar. Perguntou a si própria quantos dos vizinhos dele se lembrariam ou teriam ficado a saber do que Roberts fizera, e se a sua presença permanente na zona teria sido mais difícil para eles ou para Roberts.

Pegou no telefone.

Tocou durante algum tempo.

— Estou?

A voz de um homem. Soava simultaneamente ríspida e vazia, como se estivesse aborrecido por ser incomodado por algo que sabia não ter a menor importância. Havia mais vozes ao fundo. Amanda conseguia ouvir asneiras e gritaria, mas era tudo ao longe, como se proviesse de outra divisão.

— Sim — respondeu. — Estou a falar com o William Roberts?

— Quem fala?

— Sou a inspetora Amanda Beck. Estou a tentar...

Roberts desligou o telefone.

Amanda ligou novamente. Desta vez, como seria de esperar, ninguém atendeu.

Ela franziu o sobrolho.

Porque é que não queres falar comigo, Roberts?

Havia, obviamente, milhões de respostas a essa pergunta, mas a verdade era que andava alguém à solta que afirmava ter presenciado o homicídio de Gritten, que tinha acesso ao que parecia ser o diário de sonhos desaparecido de Charlie Crabtree e que ajudara a incitar um crime. Apesar de a armadilha montada por Theo poder dar resultados, Roberts parecia ser, até lá, um bom

candidato a ser investigado.

Amanda fechou o computador e foi falar com Lyons.

13

Eu queria voltar a ver a Jenny, e tinha uma ideia da melhor maneira de a encontrar. A forma como o vinho branco aparecera à sua frente sem ser pedido sugeria que ela era cliente habitual no bar local quando estava na aldeia. Imaginei que fosse uma rotina para escapar de casa da mãe para ter algum tempo para si, à tarde.

Tal como eu julgara, assim que entrei no bar, avistei-a de imediato, sentada à mesma mesa com um copo de vinho à sua frente. Pedi uma bebida e encaminhei-me para junto dela. Ela ergueu os olhos com uma expressão de culpa quando me viu a aproximar.

— Apanhaste-me — disse. — Não tenho um problema, juro.

— Também estou aqui outra vez, não estou? Importas-te que me sente?

— À vontade.

Sentei-me à frente dela e comecei a brincar com a base de copos para dar às minhas mãos algo que fazer. Ficámos ambos em silêncio, por instantes, até que, por fim, ela se recostou na cadeira.

— Estava a pensar no que me disseste ontem.

— O que disse eu?

— Coisas sobre a tua vida. Sempre julguei que estarias casado, com filhos, por esta altura. A escrever as tuas histórias. E, também, a forma como não quiseste aprofundar aquilo que a tua mãe te disse. Estás tão diferente da pessoa que costumavas ser. Digamos que me lembrava de ti mais... proativo.

Ergueu uma sobrancelha cúmplice. Percebi que, mesmo após todo aquele tempo, a Jenny ainda tinha a capacidade de me fazer corar, e passei o dedo sobre a condensação da garrafa de cerveja para me distrair.

Ela tinha razão, obviamente. Contudo, em vez de pensar em nós os dois naquela altura, dei por mim a pensar naquele dia no râguebi, o dia em que o Hague morreria, e na minha vontade de conseguir dominar o meu oponente, para chegar ao outro lado do campo. Pensei no facto de ter sido sempre eu a defender e a proteger o James, e na minha determinação, em adolescente, a burilar as minhas ideias para histórias a altas horas da noite, com a casa às escuras e o silêncio em meu redor.

— Acho que tens razão — concordei.

— Então, o que mudou?

Olhei para ela.

— Sabes bem o que mudou.

— Mas passaram 25 anos. — Ela devolveu-me um olhar incisivo. — Parece-me muito tempo para remoer.

Não respondi. Mais uma vez, ela tinha razão. Eu passara a maior parte da minha vida a tentar não pensar no que acontecera em Gritten, mas a verdade é que não precisamos de pensar numa coisa para que ela nos afete. Tinha ficado desorientado, e, ao manter os olhos fechados, nunca conseguira corrigir a minha trajetória.

— Bem, eu aprofundei aquilo que a minha mãe disse. Vasculhei a casa. Terias ficado orgulhosa de mim — observei, por fim.

— Então, foste à procura. E...?

— E encontrei.

Falei-lhe das caixas de jornais que a minha mãe recolhera, dos artigos que cobriam não só o que o Charlie e o Billy tinham feito em Gritten, mas os homicídios cometidos desde então; de como parecia que, ao longo dos anos, outros adolescentes tinham lido a história do Charlie e tentado recriar aquilo que alguns acreditavam que ele conseguira fazer.

— Imitadores — disse-lhe. — Fiz uma pesquisa online. Todos os pormenores estão acessíveis. O Charlie acreditava que um sacrifício ao

Mãos Vermelhas lhe permitiria viver no mundo dos sonhos para sempre, e, como ele desapareceu mesmo, há pessoas que julgam que foi bem-sucedido.

A Jenny abanou a cabeça.

— Mas isso é...

— Ridículo? Sim, eu sei. Mas há muitos sites. — Levei a mão ao telemóvel, mas depois pensei melhor. — É de loucos! Estes investigadores cibernéticos, como eles se denominam, analisam todos os pormenores para determinarem como é que o Charlie desapareceu.

— Todos gostam de um bom mistério — comentou a Jenny.

— Mas ninguém vai conseguir solucioná-lo. Tanto quanto sabemos, o Charlie pode perfeitamente estar vivo. — Desejei de imediato poder voltar atrás no que dissera. A ideia de ele ter escapado à justiça depois de tudo o que fizera era insuportável, além de ser desconcertante imaginar que pudesse andar algures, à solta. Mesmo após este tempo todo, a ideia de ele poder estar por perto assustava-me. — Presumo que seja possível — acrescentei. — Porque as pessoas ainda lhe dão ouvidos, não é? Ainda aprendem com ele.

— Porque é que achas que a tua mãe guardou tudo isso?

— Não sei. Creio que ela não queria que eu soubesse daquilo tudo, ou que tivesse de lidar com aquilo. Há muita culpa ali, e parece-me que ela preferiu suportá-la para eu não ter de o fazer.

— Não tens de te sentir culpado de nada — retorquiu a Jenny.

— Tenho, sim.

Olhei para ela e invadiu-me uma recordação diferente. O primeiro sonho lúcido que tive ocorrera algumas semanas depois de o Charlie e o James terem, supostamente, partilhado o seu primeiro sonho. Começara como um dos meus sonhos recorrentes sobre o mercado negro, a vaguear por vielas estreitas, enquanto era perseguido por algo descomunal e perigoso, mas dessa vez fora diferente.

Já estive aqui, pensara. Reconheço isto.

Apertara o nariz e tentara respirar. Havia várias formas de testar se estávamos a sonhar ou não, mas o Charlie dissera-nos que o «truque do nariz» era o mais fiável. Na vida real, não seríamos capazes de respirar, mas, num sonho, isso era possível. Experienciara, então, a sensação desconcertante e impossível dos meus pulmões a encherem-se de ar.

Meu Deus, estou a sonhar neste momento!, pensara.

Olhara em volta, para as bancas cinzentas, os barris mal iluminados, as mesas bambas e os toldos escuros a rangerem, e tudo me parecera perfeitamente real. O mundo era totalmente indistinto daquele que me rodeava quando eu estava acordado. Fui invadido por uma profunda sensação de assombro. Era tudo tão intrincado que achara ridículo julgar que o meu cérebro fosse capaz de construir algo tão elaborado.

Mostra-me a saída daqui para fora, pensara.

«Paul.» A voz da Jenny surgira imediatamente à minha esquerda. «Por aqui.»

Fora a imagem da Jenny que o meu subconsciente invocara para me ajudar, no meu primeiro sonho lúcido. Se não tivesse sido assim, tudo se teria desenrolado de uma forma muito diferente.

«Não tens de te sentir culpado de nada.»

— Tenho, sim — repeti, voltando à realidade.

A Jenny franziu o sobrolho.

— Sentiste-te assim este tempo todo?

— Não. Isto é novo. Quando saí daqui, tomei a decisão de esquecer tudo, de deixar tudo para trás. Mas deveria ter-me sentido culpado.

— Meu Deus, devias falar com alguém!

— E estou a falar.

— Uma pessoa mais indicada, quero eu dizer. Alguém que te possa ajudar.

— Sim. Talvez.

— Outra vez essa palavra. Costumavas, efetivamente, ser mais determinado. — Ela suspirou e levantou-se. — Tenho de ir.

— Eu sei.

— Mas, a sério, pensa no que eu disse.

Fi-lo, enquanto a via a caminhar para a porta. «Não tens de te sentir culpado de nada.» Pensei nisso vezes sem conta, e tentei acreditar, mas não me pareceu verdade.

A meio da noite, acordei subitamente, sem saber ao certo o que se estava a passar. O quarto à minha volta estava escuro como breu. Fora arrancado de um estado de sono profundo, acordado à força por algo, mas não sabia o quê.

Permaneci deitado, com o coração acelerado.

O quarto foi-se revelando, gradualmente, formas sombrias a surgirem lentamente, como se saídas da escuridão, na minha direção. O meu antigo quarto. Vê-lo suscitou em mim a sensação perturbadora à qual me tinha acostumado desde que regressara. Não estava onde deveria estar, mas o quarto era-me tão familiar que parecia que eu estivera sempre ali.

Pum, pum, pum.

Soergui-me rapidamente, com o coração em sobressalto.

O barulho provinha do piso de baixo — alguém estava a bater à porta da rua. Porém, o ruído fora ritmado, espaçado, como se tivesse sido um grande esforço levantar o braço para quem ali se encontrava. A julgar pelo ímpeto dos golpes, parecia que estava a tentar arrombar a porta.

Passei as pernas para fora da cama e tateei com os pés o chão à minha volta. Peguei no telemóvel, que ganhou vida nas minhas mãos; passava pouco das 3 horas. Ligeiramente em pânico, vesti as calças de ganga da noite anterior e dirigi-me ao patamar.

No piso térreo, o chão junto à porta da rua estava iluminado por uma nesga de luz ténue da rua. Fitei-a durante alguns instantes, esperando voltar a ouvir

as batidas e ver a porta a abanar com o impacto.

Nada.

Hesitei.

«Costumavas ser mais determinado.»

Desci cautelosamente, com o telemóvel na mão.

Quando cheguei junto à porta, ativei o ecrã do telemóvel e selecionei a lanterna. Uma luz intensa preencheu a entrada, e o feixe tremeluziu em redor, à medida que eu retirava a corrente de segurança e abria a porta.

Não estava ninguém lá fora. A entrada estava vazia, e a rua, deserta.

Contudo, o portão estava aberto.

Tê-lo-ia eu deixado assim?

Não me lembrava. Avancei para o exterior, sentindo o frio ar noturno na pele e o áspero carreiro de pedra sob os pés descalços. Apontei a lanterna para a esquerda e para a direita, banhando o jardim descuro com luz e sombras. Não estava ali ninguém escondido. Desci o carreiro e transpus o portão aberto, para a rua. A estrada estava mergulhada numa luz âmbar enfermiça, e vazia nos dois sentidos.

Pus-me à escuta.

Toda a aldeia estava silenciosa e sossegada.

Fechei o portão e encaminhei-me para casa. Quando cheguei à porta, o feixe de luz da lanterna iluminou-a.

Paralisei, com o coração a bater descompassadamente.

Estabilizei a lanterna e senti um arrepio quando fiz incidir a luz na madeira, pensando no ruído que ouvira, à medida que me apercebia das marcas que tinham sido deixadas na porta.

14

Antes

Depois do meu primeiro sonho lúcido, seguiram-se muitos mais, nas semanas seguintes, mas nunca os mencionei ao Charlie, nem ao Billy e ao James. Em parte porque me pareceram demasiado pessoais para serem partilhados, mas também, com o passar do tempo, porque me senti ressentido com a forma como a experiência estava a tomar conta das nossas vidas.

O Charlie começara a organizar debates cada vez mais frequentes sobre as nossas «descobertas», e tornara-se claro que não se tratava de um dos seus interesses passageiros. Em retrospectiva, tenho dificuldade em recordar exatamente como tudo aconteceu. A ideia de partilhar sonhos era impossível, mas eles fizeram-no — ou pelo menos alegavam tê-lo feito. Parecia uma espécie de corrida às armas. Por exemplo, o Charlie lia a entrada no seu diário de sonhos primeiro e depois o Billy descrevia o seu sonho, havendo uma clara ligação entre os dois. O Charlie ficava satisfeito, o que, obviamente, incentivava o James a encontrar uma ligação no seu próprio sonho. Ou então o James lia primeiro, e o Charlie descrevia um sonho semelhante, e depois o Billy, que não queria ficar atrás, afirmava que vivera algo parecido. Nunca mais mostraram os seus diários uns aos outros depois daquela primeira vez. Talvez não quisessem destruir o mundo de fantasia que estavam a criar entre si.

Parecia, cada vez mais, que os três formavam um grupo à parte, e a minha relutância em alinhar começou a cavar um fosso no grupo. Eu mantinha a esperança de que a minha indiferença pudesse acabar por os convencer, mas tal não aconteceu. O James, sobretudo, mostrava-se cada vez mais fascinado com o Charlie, o que também me deixava ressentido.

Tive a sensação desconfortável de que estávamos a caminhar em direção a algo. Havia um propósito naquilo que o Charlie estava a fazer, e, apesar de eu não conseguir descortinar qual era, sentia-me cada vez mais inquieto.

No entanto, por mais estúpido que tudo aquilo me parecesse, lembro-me de pensar: *Que mal pode fazer?* Tal como eu dissera ao James, no primeiro dia em que comparámos os diários de sonhos, nada daquilo tinha importância. Os sonhos eram apenas sonhos. Por isso, achei que, mais cedo ou mais tarde, tudo aquilo se extinguiria, e a vida voltaria ao normal.

Não tem importância, dizia a mim próprio.

«Incubação.»

Apesar da conotação sinistra, a palavra descreve um facto bastante simples: os sonhos que temos são influenciados pelo mundo real. O nosso subconsciente pega nas nossas experiências do dia a dia e estiliza-as no chão, como uma jarra; em seguida, pega em alguns dos cacos e forma algo aleatório e novo, que nos mostra durante o sono. Podemos reconhecer alguns fragmentos, mas estão ligados de forma peculiar e separados por estranhas fendas. Os sonhos são uma manta de retalhos, tecida a partir das coisas que nos acontecem quando estamos acordados.

Contudo, por vezes, o contrário também pode ser verdade.

À hora do almoço, eu e o James estávamos no recreio da escola, a dirigir-nos para a Sala C5b. Eu já não estava a desfrutar daquela nossa atividade habitual, um sentimento que se intensificava enquanto caminhávamos, mas também não conseguia arranjar uma desculpa para não ir.

Olhei para trás. Avistei a Jenny, no outro extremo do recreio, a encaminhar-se para o estaleiro de obras, com o seu ar confiante e autónomo de sempre — sozinha, mas nunca só. O modo como se deslocava fazia parecer que desenhara uma trajetória por entre os outros miúdos que lhe permitia seguir em linha reta sem ter de parar.

Observei-a a percorrer o caminho ao longo do estaleiro. Para onde iria? Havia pouca coisa naquela direção, além dos campos de ténis, algumas salas de aula exteriores e o estacionamento dos funcionários, mas ela caminhava com uma convicção reservada, claramente com um destino em mente.

— O que foi? — perguntou o James.

Demorei um segundo a responder. Ver a Jenny lembrou-me do meu primeiro sonho lúcido, e, tal como os nossos sonhos são moldados pela nossa realidade, há alturas, como aquela, em que a nossa vida pode ser alterada pelos sonhos que tivemos.

— Já vou ter contigo — disse-lhe.

— Porquê?

— Preciso de falar com uma pessoa.

— OK — respondeu ele, encolhendo ligeiramente os ombros e seguindo caminho.

Hesitei, mas acabei por dar meia-volta e retornar por onde tínhamos vindo. Ao perto, as lonas eram suficientemente transparentes para deixarem ver a lama salpicada do outro lado. O braço erguido de uma retroescavadora pairava no ar, com os seus grandes dentes de metal deformados e enferrujados, e sentia-se um ligeiro cheiro a alcatrão. Supostamente, estava a acontecer algo ali, mas o estaleiro encontrava-se tão tranquilo que era fácil imaginar que tudo não passava de uma ilusão, e que os oleados poderiam ser removidos como um lenço, num truque de magia, revelando que nada mudara.

Não havia mais ninguém por perto, e o mundo tornou-se mais silencioso à medida que eu avançava. Os campos de ténis, à esquerda, estavam fechados atrás de uma rede de arame, ao passo que as salas de aula, à direita, pareciam caravanas onduladas num abandono desalinhado. Mais à frente, havia um banco de madeira solitário. Era lá que a Jenny estava sentada. Teria tido um minuto de avanço, se tanto, mas já estava a escrevinhar

furiosamente num caderno pousado no colo.

Parei a uma curta distância, sem saber o que fazer, sentindo-me um pouco estúpido. Aquele era claramente o seu canto, e ela estava tão embrenhada que parecia errado intrometer-me. Apesar de termos falado algumas vezes desde que ela me emprestara o livro, fora sempre por acaso: conversas depois do clube de escrita criativa ou trocas de palavras fugazes quando nos cruzávamos no corredor. Eu nunca tinha ido à procura dela propositadamente, como agora. Não fazia ideia do que iria dizer. Um sonho poderia ter-me levado ali, mas a realidade emudecera-me.

Estava prestes a dar meia-volta quando a Jenny ergueu os olhos e me viu. Parou de escrever, com uma expressão momentaneamente vazia. Em seguida, cumprimentou-me:

— Olá.

Ajeitei a mochila ao ombro.

— Olá — respondi.

Houve um momento de silêncio.

— Então, vens ou vais-te embora? — perguntou-me.

Senti-me estúpido, mais uma vez. Porém, se virasse costas e voltasse para trás, iria parecer ainda mais ridículo. Aproximei-me do banco.

— Desculpa. Parecias ocupada — disse-lhe.

— Ocupada? — Ela olhou para baixo, para o caderno. — Oh, não. Estava só a apontar algumas ideias.

— Ideias para histórias?

Ela fechou o caderno.

— Mais ou menos. Queres sentar-te ou tencionas ficar de pé?

Outra pergunta que, agora que eu ali estava, só tinha uma resposta possível. Sentei-me numa ponta do banco, deixando uma distância razoável entre nós. A Jenny olhou para mim, em expectativa.

Pois... Provavelmente, preciso de um motivo para estar aqui, certo?

Senti-me subitamente inspirado.

— Vi-te, e lembrei-me de que te devia um pedido de desculpas. Ainda não te devolvi o livro que me emprestaste há tanto tempo.

— Oh, não te preocupes com isso.

— Fiquei com a impressão de que era importante para ti.

— Sim, mas tenho-o há séculos. Já leste as histórias todas?

— Ainda não.

— Então, fica com ele mais algum tempo. Faz o trabalho de casa. Porque são todas boas. Há algumas que são verdadeiros clássicos, e essas tens mesmo de ler.

Sorri.

— Para me instruir?

— Sim. Se queres ser escritor, tens de conhecer o terreno em que te moves, não é? Tens de ter respeito pela história. Por mais extraordinário que o Stephen King seja, não posso permitir que não leias mais nada o resto da vida.

— Acho que tens razão. — Senti-me ainda mais constrangido. «Se queres ser escritor.» Eu queria, efetivamente, mas, com as recentes distrações, há semanas que não escrevia nada. Tinha anotado algumas ideias, mas pareciam desinteressantes e estéreis. Não tinha um tema sobre o qual escrever, nenhuma história para contar. — Em que é que estás a trabalhar? — perguntei.

— Numa história de terror, obviamente. — O rosto da Jenny iluminou-se com um entusiasmo desarmante. — Mais ou menos. Uma história de fantasmas; por isso, é uma história triste, mais do que qualquer outra coisa.

— Triste porquê?

— Porque as histórias de fantasmas devem ser tristes. Não achas?

Por norma, as histórias de fantasmas faziam-me pensar em lençóis brancos, correntes ruidosas e corredores escuros com espetros que nos

atacam. Contudo, pensando bem, conseguia perceber aonde a Jenny queria chegar.

— Sim, acho que sim. Deve ser triste ser um fantasma.

— Exatamente. Se há um fantasma, é porque alguém morreu. Alguém que ficou para trás e não está em paz. Há pessoas a fazer o luto. E por aí fora...

— E esta história não tem partes sangrentas?

— Não. — Ela fungou. — Bem... não muito.

Sorri, lembrando-me de *Lindo Menino*, a história macabra que a Jenny lera em voz alta sobre o cão que comera o dono, quando este morrera. Fez-me pensar no Goodbold, a passear pela rua com o seu cão, e uma parte de mim desejou-lhe o mesmo destino. Se bem que, apesar do mal que ele nos fazia, parecia tratar bem o animal.

— A história do cão é cinco estrelas — comentei.

— Obrigada.

— Disseste que foi baseada em factos verídicos. Como é que ficaste a saber dessa história?

— Contou-ma a Marie.

— Quem é a Marie?

— Uma amiga. — A Jenny pousou o caderno no banco, entre nós. — O que me lembra... que tenho algo para ti. Não sei se estarás interessado, mas foi um presente da Marie, e fez-me pensar em ti. Espera.

Inclinou-se sobre a mochila, aos seus pés, e vasculhou-a, retirando, por fim, uma revista esfarrapada, que me entregou.

— *The Writing Life* — disse eu.

— Espreita a contracapa. — Virei a revista e passei os olhos pelas informações. — É um concurso de contos — adiantou-se a Jenny. — Aberto a qualquer miúdo com menos de 18 anos. Eles vão fazer uma antologia com os vencedores... um livro a sério. O prazo de entrega não é muito longo.

— Certo.

Olhei para o anúncio, sem perceber.

Por fim, fez-se luz.

— O quê, achas que eu devia concorrer?

— Sim! Sem dúvida! Achei a tua história muito boa. Devias enviá-la.

— Vais enviar a tua?

— Claro. O que temos a perder?

Observei a revista por alguns segundos, a reler os pormenores, desta vez com mais atenção. Fundamentalmente, não havia taxa de inscrição. Que mal poderia fazer? Claro que tinha receio de ser rejeitado, mas a Jenny achava que a minha história era suficientemente boa.

— Não tenho caneta.

Ela revirou os olhos.

— Não precisas de enviar já.

— Eu sei, mas é para anotar a morada.

— Não há problema, leva a revista. Já tirei todas as informações.

— Tens a certeza?

— Absoluta. — Ela assentiu com a cabeça, divertida. — Foi por isso que a trouxe.

«Foi por isso que a trouxe.»

Lembro-me de ter ficado entusiasmado com aquilo. Significava que, apesar do nosso número reduzido de interações, a Jenny pensara em mim, o que me provocava uma sensação difícil de descrever, como uma espécie de calor no estômago. Nunca sentira nada assim, mas foi como se tivesse acabado de descobrir que o mundo continha possibilidades que eu desconhecia.

Guardei a revista na mochila.

— Obrigado.

— Na boa — respondeu a Jenny. — Não foi nada de mais.

Na manhã seguinte, dirigi-me para casa do James, caminhando pela aldeia, bocejante, quase em piloto automático. Pelo menos, o frio ajudou-me a despertar. Apesar de a primavera já ter chegado, Gritten parecia agarrar-se aos seus invernos com a mesma força com que se agarrava aos seus habitantes. Porém, na aldeia, pelo menos as ervas tinham voltado a despontar, e, apesar de naquele momento o Sol não ser mais do que uma moeda brilhante ocultada por nuvens, eu sentia que a nova estação começava a ganhar força. Ouvia-se o canto dos pássaros pelo que me parecia ser a primeira vez em meses, um som cauteloso, como se não quisessem desafiar o destino.

O meu coração parou quando cheguei a casa do James.

Costumava ser o Carl a prepará-lo para a escola e a despedir-se dele de manhã, mas, naquele dia, era a Eileen quem estava à porta. Vestia uma bata desbotada e estava a limpar a porta com um trapo azul amarrotado, com uma expressão de concentração irritada estampada no rosto.

O portão pendia numa dobradiça velha. A madeira roçou no solo quando o abri, e a Eileen olhou-me com um ar contundente. Mantive a cabeça baixa ao avançar pelo carreiro.

— Bom dia, Sra. Dawson.

— Será mesmo? — Ela retomou a sua atividade, segurando na porta com uma mão e esfregando-a com o trapo que tinha na outra, com uma ferocidade tal que eu quase contava ver a madeira frágil a ceder. Gritou para dentro de casa. — Anda daí, rapaz! Está na hora da escola!

Não houve resposta imediata, e eu fiquei ali parado, desconfortavelmente, durante alguns instantes a vê-la a trabalhar. Havia um frasco de desinfetante aos seus pés.

— Aconteceu alguma coisa em tua casa ontem à noite? — perguntou-me, apanhando-me de surpresa, sem saber ao que se referia. Um segundo depois, talvez interpretando o meu silêncio como culpa, olhou-me com desconfiança.

— Saíste ontem à noite?

— Como assim, Sra. Dawson?

— Não me esbugalhes os olhos, rapaz! Saíste ontem à noite?

— Não.

Ela fitou-me, avaliando-me. Após o que me pareceu uma eternidade, abanou a cabeça e voltou a focar a atenção na porta.

— Alguém saiu. Um de vocês andou a fazer das suas.

Antes de eu poder dizer fosse o que fosse, o James assomou à porta, contornando a mãe, cautelosamente, como se a mulher tivesse eletricidade e lhe pudesse dar um choque.

— Até logo, pai! — gritou ele para dentro de casa. — Adoro-te!

A voz do Carl emergiu do interior.

— Também te adoro!

Esperei até nos encontrarmos distantes o suficiente para que ninguém nos pudesse ouvir.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Sim — respondeu o James.

Era, obviamente, mentira, mas eu não quis insistir. Quando o autocarro chegou, ele foi o primeiro a entrar. Costumava ser eu a encaminhar-nos para a parte de trás do piso superior — que parecia ser o lugar onde nos devíamos sentar naquela idade —, mas o James optou por ficar num lugar vago a meio do piso inferior. Quando as portas se fecharam e o autocarro arrancou, ficámos em silêncio durante algum tempo.

Apesar de eu não querer perguntar de chofre ao James o que se passava, continuava curioso em relação às palavras da Eileen.

«Aconteceu alguma coisa em tua casa ontem à noite?»

— O que é que a tua mãe estava a fazer? — perguntei.

— A limpar a porta.

— Sim, isso eu vi. Mas porquê?

O James hesitou.

— Ouviste alguma coisa? Ontem à noite?

Pensei na questão. Do que me lembrava, tivera um sono sem sobressaltos.

— Que eu me lembre, não.

— Tens a certeza?

O James tinha um ar tão cansado quanto eu, mas também estava assustado.

— Não sei — respondi. — O que é que deveria ter ouvido?

O James virou a cara e focou a atenção na janela, observando a paisagem lúgubre que passava por nós.

— Nada.

— Pois. Parece mesmo não ser nada.

— Alguém a bater à porta. Não ouviste?

— Alguém a bater à porta? Não.

— Pois.

— Tu ouviste?

— Não, mas foi o que a minha mãe disse. Alguém veio bater à nossa porta, com toda a força, a meio da noite. Ela ficou fura porque isso a acordou. — O James encolheu os ombros, um gesto tímido, tão subtil que pareceu ficar suspenso. — Por isso, ela acordou-me a mim e ao meu pai. Mas não estava ninguém lá fora. Achei que ela tinha sonhado, só que, hoje de manhã, havia algo na porta. Era isso que ela estava a fazer: a limpá-lo.

— A limpar o quê?

O James voltou a não me responder. Perguntei-me se ele saberia, ou se estaria alguma coisa na porta, sequer. A Eileen bebia muito, e não era o género de pessoa que admitisse quando estava enganada. Era fácil acreditar que pudesse ter imaginado um barulho a meio da noite, que tivesse tido uma reacção excessiva e que tivesse limpadado a porta de manhã como uma forma teimosa de asseverar que tinha razão.

O autocarro saiu da via rápida, passando pelas fábricas abandonadas,

lojas degradadas e casas entaipadas.

O James disse algo em surdina, que eu não percebi.

— O quê? — perguntei.

— Sangue. — Continuava de olhos fixos no cenário de miséria, num tom de voz sumido, praticamente impercetível. — Ela disse que havia sangue na nossa porta.

15

Agora

O agente Owen Holder semicerrou os olhos à porta de casa da minha mãe.

— O que acha que é? — perguntou-me.

— Não sei. Parece ser sangue.

— Pois, parece que sim. — Ele inclinou a cabeça. — Talvez.

Eu dizia aquela palavra muitas vezes, e irritava-me ouvi-la agora. Havia três manchas vermelhas na porta, cada uma com o tamanho aproximado da parte lateral de um punho cerrado, e contrastavam nitidamente com a madeira branca, com um brilho baço ao sol da manhã. Se já fora inquietante ver aquilo à luz da lanterna do telemóvel, sozinho no escuro, aquela visão dava-me agora a volta ao estômago. As marcas estavam a começar a secar, e já tinham atraído algumas moscas.

— Acho que é mesmo sangue — declarei.

— Não estavam aqui antes?

— Não passam despercebidas, pois não?

— Não — concordou o Holder. — Presumo que não.

Inclinou-se para trás, enfiou as mãos nos bolsos e franziu o sobrolho, como se não tivesse a certeza de como proceder naquele caso. Eu também não tinha. Hesitara em chamar a polícia, e acabara por decidir esperar até amanhecer. Porém, agora, fosse qual fosse o resultado, estava contente por o ter feito. As marcas na porta eram claramente uma espécie de mensagem, e, mesmo que eu ainda não percebesse o seu significado, assustavam-me mais do que queria admitir.

Não tentara voltar a adormecer depois de ter sido acordado pelas pancadas. Ao invés, verificara todos os trincos das portas e janelas, e

sentara-me na cama da minha mãe, no escuro, com as cortinas entreabertas para conseguir ver a rua. Aguardara, vigilante, até o silêncio se impor no ar. Ainda assim, apesar de não estar ninguém lá fora e de não haver indícios de movimento na aldeia, eu continuara com a inquietante sensação de estar a ser observado.

Na verdade, ainda o sentia.

O Holder inspirou lenta e profundamente; depois, olhou para o carreiro que descia até à rua, parecendo confuso.

— Não sei bem o que lhe diga, Sr. Adams. Creio que seja uma espécie de vandalismo. E compreendo que deva ser aborrecido, mas não houve danos na propriedade. Deve ter sido uma partida.

«Um de vocês andou a fazer das suas.»

Apesar do calor que já se fazia sentir pela manhã, a recordação dessas palavras provocou-me um calafrio. Porém, o Holder parecia ter menos de 30 anos, e deduzi que seria demasiado novo para saber o que acontecera aqui há tanto tempo. Eu podia ter tentado explicar, mas pareceu-me que haveria demasiado para contar, para que ele ficasse a par. E, mesmo que o fizesse, só quem passara por aquilo compreenderia o verdadeiro significado.

— No mínimo, gostaria que abrisse um processo — disse-lhe.

Ele suspirou e tirou o telemóvel do bolso.

— Com certeza, senhor.

Tirou fotografias à porta, de diferentes ângulos. Eu permaneci mais afastado, de braços cruzados, a perscrutar a rua e as casas mais próximas. Não havia nada para ver. Todavia, se alguém me estivesse a observar, pelo menos saberia que eu estava a levar a situação a sério; que, pelo menos à superfície, não me deixaria intimidar.

Depois de o Holder se ter ido embora, voltei para dentro. Toda aquela situação era estranha e dececionante. Algo de muito grave acontecera, mas a casa em si parecia perfeitamente normal, e a vida decorria tal como nos

últimos dias. Eu não sabia o que fazer.

Para começar, limpar a porta.

Sim, essa era a medida proativa a tomar, certo?

Levei panos, um balde de água e um frasco de desinfetante para a entrada e arregacei as mangas. Porém, estava constantemente de olho na rua, atrás de mim, e, apesar de não haver ninguém ali, fiquei contente quando concluí o trabalho e pude voltar para casa e trancar a porta ao mundo.

A casa estava mergulhada em silêncio.

Quem teria deixado aquelas marcas? Era uma pergunta de resposta impossível. Quando eu fizera a minha pesquisa online, no dia anterior, vira inúmeras referências às pancadas na porta de casa do James. Era apenas um dos muitos pormenores terríveis do caso, uma peça do puzzle do conhecimento de milhares de cibernautas obcecados. Se alguém me quisesse pregar uma partida, tinham muito material à disposição em que se inspirar.

Talvez não passasse disso mesmo.

Contudo, ao pensar nas publicações que lera online, lembrei-me dos utilizadores que acreditavam que o Charlie ainda estava vivo, algures, e daqueles que julgavam que ele conseguira fazer o impossível. O mau pressentimento que crescera nos últimos dias estava ao rubro. A sensação de que o passado não se encontrava enterrado e de que algo terrível estava prestes a acontecer.

Mas, a ser verdade, o quê?

Subi as escadas, lentamente, e parei no patamar, junto à janela, a olhar para o sótão. A portinhola estava fechada, mas eu quase conseguia sentir as marcas vermelhas e as caixas de jornais ali fechados, por cima de mim.

«Está aqui em casa, Paul! Está aqui em casa!»

Voltei a pensar no tom de urgência nas palavras da minha mãe, no pânico e no medo que lhe enchiam a voz. Eu encontrara caixas cheias de relatos de três homicídios diferentes, separados por anos, mas com um fio comum que

vinha dar a mim. Por mais doloroso que tivesse sido descobrir o que a minha mãe me escondera estes anos todos, achara que não havia mais nada a descobrir. Contudo, agora, indagava-me se haveria algo que me tivesse escapado. Algum pormenor suficientemente importante para alguém me enviar uma mensagem ou um alerta. Ou uma ameaça.

A ideia assustava-me.

Ainda assim, precisava de ir verificar novamente. Estava prestes a abrir a portinhola do sótão quando vislumbrei algo pelo canto do olho. Fiquei imóvel, obrigando-me a continuar a olhar para cima. A janela ao meu lado dava para o quintal e para o bosque, e eu tinha a certeza de ter visto um movimento fugaz no arvoredado.

Olhei de relance lá para fora, atento ao bosque, por alguns segundos, e tentando avistar de novo o que me chamara a atenção.

Não vi nada.

Depois, vi.

Não tinha a certeza, mas pareceu-me lóbrigar uma figura acorada na vegetação rasteira, na extremidade da cerca.

Age naturalmente, disse para mim mesmo.

Tentei manter a calma. Após alguns instantes, virei-me de costas para a janela e deixei-me ficar ali mais um pouco, olhando casualmente, como se não tivesse visto nada, como se, simplesmente, não soubesse o que fazer a seguir.

Bem, de certa forma, não sabia. Estaria disposto a confrontar quem se encontrasse lá fora? O meu coração batia com uma mensagem constante: «Não, não, não.» Era a última coisa que queria fazer. Porém, depois pensei nas palavras da Jenny, e lembrei-me de ter corrido na direção do meu oponente no campo de rãguebi, naquele dia, há tantos anos, e constatei que aquilo que queremos fazer nem sempre é o que temos de fazer. Encaminhei-me para o piso térreo.

O quintal era comprido, uma extensão de cerca de 50 metros de vegetação rasteira entre a porta e o bosque, e, se eu saísse por ali, quem estivesse escondido ver-me-ia, e desapareceria por entre as árvores antes de eu o conseguir alcançar. Havia, contudo, outros caminhos para entrar nas Sombras.

Saí pela frente, tranquei a porta e desci rapidamente a rua. Um pouco mais adiante, um carreiro de vegetação alta desviava-se da estrada na direção do bosque. Segui por aí. Abafado pelos arbustos, de cada lado, o mundo tornou-se absolutamente silencioso, ouvindo-se apenas o zumbido suave das abelhas nos espinheiros à minha volta, e até mesmo esse som desapareceu quando cheguei ao fim do carreiro e avancei por entre as árvores, cautelosamente.

A inquietação intensificou-se. Há 25 anos que não pisava aquele bosque, mas lembrava-me muito bem dele. Só precisávamos de avançar alguns metros para a civilização desaparecer atrás de nós, instalando-se um silêncio profundo e perturbador que nos fazia sentir encurralados e perdidos, mesmo nos caminhos estéreis de vegetação pisada. E para nos sentirmos observados.

Porém, eu já não era um adolescente.

Um pouco mais à frente, virei à esquerda, avançando por entre as árvores, num ângulo que me permitia voltar às traseiras da casa da minha mãe. Se tivesse cuidado, conseguiria apanhar de surpresa quem quer que se encontrasse junto à cerca.

Um minuto depois, percebi que estava quase lá. Fazia um calor abrasador, e eu parei para limpar o suor do rosto. Agachei-me ligeiramente e abrandei o passo. As traseiras das casas distantes começaram a surgir, gradualmente, entre os ramos das árvores.

Um galho cedeu sob o meu pé com um estalido.

Fiquei imóvel durante alguns instantes. Nenhuma reação.

Continuei em frente, alcançando a cerca poucos segundos depois. Através das árvores mais rarefeitas, o quintal desgrenhado da minha mãe surgia, subitamente visível à minha frente. Não estava ali ninguém. Porém, ao olhar para o chão, apercebi-me de que a vegetação rasteira aos meus pés estava claramente pisada, e havia um cheiro no ar.

Um cheiro enjoativo a terra e a suor.

Senti um formigueiro na nuca. Virei-me lentamente na direção do bosque, atrás de mim. Sempre houvera algo de errado com aquele lugar — um tamborilar suave de energia na terra, como quando nos aproximamos demasiado de um poste de eletricidade —, mas aquilo que eu sentia era bastante pior.

Estava ali alguém.

Alguém escondido no arvoredor.

— Ei! — gritei. — Quem está aí?

Nenhuma resposta. Havia, contudo, tensão no silêncio, como quando sustentamos a respiração.

— Charlie?

Não faço ideia porque chamei por ele, mas o nome surtiu efeito. Após alguns segundos de silêncio, ouvi um restolhar na vegetação à minha esquerda. Fiquei imóvel, com o coração a bater descompassadamente. O bosque era tão denso naquela direção que eu só conseguia ver alguns metros adiante, mas o som não viera de longe. Quem se encontrava ali escondido ainda estava por perto.

Ganhei coragem e avancei cautelosamente, passando por entre os troncos rugosos das árvores, pisando os tufo de ervas e desviando pequenos ramos do meu caminho.

Quando desemboquei na clareira, estarreci.

Estava um homem na outra extremidade.

Encontrava-se a cerca de dez metros, de costas para mim, de cabeça

tombada, o corpo absolutamente imóvel.

— Meu senhor? — chamei.

O homem não respondeu. Observei-o com mais atenção. Vestia o que parecia ser um antigo casaco militar, puído nos ombros, como tufo de penugem. Pus-me à escuta, conseguindo ouvir a sua respiração.

Não, pensei.

Não, não, não!

Apesar de uma parte de mim querer aproximar-se, o meu corpo não reagia. Senti que ganhava raízes no sítio onde estava, como as árvores que me rodeavam. Ergui a mão e apertei o nariz.

Não estava a sonhar.

De repente, o homem afastou-se por entre as árvores. Fiquei a observá-lo, aterrorizado, mas ele desapareceu quase de imediato, com a folhagem a quebrar à sua passagem, embrenhado no bosque.

De seguida, o mundo ficou em silêncio.

Eu permaneci ali, absolutamente imóvel, com o coração a bater desenfreadamente.

Tal como o nome do Charlie me surgira do nada, instantes antes, fui acometido por um pensamento igualmente espontâneo: o que eu acabara de ver não era um homem; era algo saído das profundezas das Sombras para me visitar, e que depois regressara ao seu lar, por entre o arvoredor.

Meu Deus!, pensou Amanda quando chegou a Gritten.

O mundo à sua volta parecia ter mudado por completo no espaço de 20 minutos. Ainda há pouco, ela vinha a conduzir por tranquilas estradas rurais, rodeadas de paisagens campestres solarengas e idílicas, e a pensar: *Esta zona não é má de todo*. Agora, via terrenos industriais vazios e casas e lojas degradadas por todo o lado, dando por si a pensar: *Que pardieiro mais miserável!*

Admitia que estava a ser um pouco dura. Dizia-lhe a experiência que os lugares eram apenas isso: lugares; o mais importante eram as pessoas que neles habitavam. Um código postal de uma zona fina não era garantia de nada; havia bom e mau em todo o lado. No entanto, Gritten emanava algo de particularmente lúgubre. Apesar do sol, o ar parecia pardo e mortiço, como um trapo velho molhado, meio espremido. Observando os bairros delapidados por onde ia passando, Amanda tinha dificuldade em afastar a ideia de que aquele lugar estava, de certa forma, amaldiçoado, de que havia algo venenoso naquele chão, enraizado na história daquela aldeia, mantendo a terra estéril e as pessoas sem vida.

O navegador no telemóvel, encaixado num suporte sobre o *tablier*, indicava-lhe o caminho a seguir. Faltavam cerca de 800 metros.

Abrandonou ligeiramente a marcha ao aproximar-se de uma curva apertada, passando, de seguida, por uma série de edifícios novos, à esquerda. *O desvario da esperança a levar a melhor sobre a experiência*, pensou. Era difícil imaginar que alguém se mudasse para Gritten se tivesse a opção de morar noutro sítio qualquer. Porém, algumas pessoas não tinham alternativa.

Minutos depois, estacionou um pouco adiante da casa de Billy Roberts, uma habitação pequena, erguendo-se, autónoma, entre duas extensões de relva rebelde e enlameada. A alvenaria estava a desfazer-se sob os parapeitos das janelas, e a tinta da porta da rua estava de tal forma descascada que mais parecia ter sido arranhada por uma criatura qualquer. Os vestígios de uma velha garagem mantinham-se fragilmente fixos do lado esquerdo, com painéis de ferro ondulado espalhados pelo chão, e algumas escoras enferrujadas espreitavam pelas paredes da casa, como um corpo com um braço amputado e os tendões pendurados.

A casa já tinha visto melhores dias, pensou Amanda, de imediato. Ou talvez não, corrigiu-se, lembrando-se dos pormenores implícitos que lera sobre a infância de Roberts — o abandono, a pobreza extrema e as alegações de abuso de menores.

Desligou o motor e enviou uma mensagem curta a Lyons, para o informar de que já chegara. No dia anterior, quando entrara no seu gabinete, ele parecera absolutamente satisfeito com a sugestão de Amanda de ir até Gritten falar com Roberts. Isso, por si só, não fora grande surpresa: com o possível envolvimento de terceiros online, o homicídio de Michael Price começara a ganhar contornos de maior relevância, e Lyons nunca perdia uma oportunidade para brilhar. Se Roberts estivesse implicado, ou, melhor ainda, se Charlie Crabtree ainda estivesse vivo, e a polícia encontrasse algo que levasse à descoberta do seu paradeiro, haveria medalhas para todos.

Lyons precisara do resto do dia para organizar a visita de Amanda com o departamento de polícia de Gritten. O que ela não esperara fora que, ao associar outros indivíduos ao crime original, viesse a descobrir, através da universidade onde Paul Adams trabalhava, que ele também regressara a Gritten. Lyons adorara saber isso, claro: dois coelhos de uma só cajadada. Assim, o que Amanda imaginara, inicialmente, que seria uma viagem de um dia acabara com ela a reservar um quarto num hotel local e a fazer a mala à

pressa, enfiada, naquele momento, na bagageira do carro.

Primeiro, Roberts.

Pegou no telemóvel e, ao aproximar-se da casa, voltou a ligar para o número dele. Na rua, imperava um silêncio sepulcral, ao ponto de Amanda conseguir ouvir o telefone a tocar lá dentro. Porém, ninguém atendeu. Desligou, e a casa mergulhou novamente em silêncio, até ela bater à porta.

Aguardou.

Parecera-lhe sentir movimento no interior.

A porta tinha um óculo, e, segundos depois, Amanda teve a sensação arrepiante de que estava alguém do outro lado da porta a fitá-la. Impacientemente, olhou para trás, para o cenário desolador. A casa ficava em frente a uma fila de lojas fechadas, com as grades de metal decoradas com *graffitis* simples. Mais adiante na rua, havia um pátio vedado cheio de pneus velhos, com um letreiro de madeira ilegível preso à rede de arame.

Amanda virou-se novamente para a casa e voltou a bater à porta.

Ninguém abriu.

Recuou um passo.

De acordo com os registos, Roberts estava desempregado há alguns anos, mas isso não o impedia de não estar em casa. Não tinha problema nenhum; Amanda poderia voltar mais tarde. Olhou de novo para o óculo. Parecera-lhe que estivera alguém do outro lado, e, dada a relutância de Roberts em atender o telefone, a sua atitude para com a porta não deveria ser diferente. Ajoelhou-se no degrau e abriu a ranhura da caixa do correio.

— Sr. Roberts?

Nada.

Espreitou o melhor que conseguiu, sendo premiada com um vislumbre do corredor. Terminava numa porta que dava para a cozinha, com a ripa da janela, ao fundo, a pender, como uma guilhotina. Tudo o que Amanda conseguia ver parecia antiquado: o papel de parede com padrões, o pó que

cobria as molduras das fotografias penduradas na entrada. Era como se Roberts não tivesse mexido em nada depois de se mudar para ali. A alcatifa bege tinha remendos e peladas, e havia...

Pegadas na alcatifa.

Amanda observou-as.

Pegadas vermelhas.

O seu coração começou a bater um pouco mais depressa. Baixou lentamente a ranhura da caixa do correio e levantou-se, levando a mão à maçaneta, que girou facilmente. Abriu a porta devagar, com as dobradiças a ranger.

Deu um passo para o interior.

— Sr. Roberts?

A casa estava mergulhada em silêncio.

Avalia as tuas saídas.

Analisou o ambiente em redor. Havia uma porta à esquerda, trancada com um cadeado ferrugento; supostamente, seria a ligação à garagem. As escadas conduziam ao piso superior, mas não estava ninguém no patamar escuro. O velho corredor que se abria à sua frente também se encontrava vazio, e era bastante estreito, dando apenas para passar uma pessoa de cada vez. Não havia ninguém à vista, daquilo que Amanda conseguia descortinar da cozinha, apesar de presumir que, certamente, existiria uma porta das traseiras.

Olhou para a direita. Uma porta aberta dava para o que parecia ser uma sala. Do corredor, não se via qualquer peça de mobiliário, apenas garrafas e latas vazias alinhadas junto aos rodapés. Também ninguém à vista. Porém, aquele era o seu foco de conflito imediato, o sítio onde se poderia esconder um agressor.

Amanda afastou-se da porta, por instantes.

Agora que estava no interior da casa, apercebia-se de que as pegadas que

seguiam pelo corredor se assemelhavam ainda mais a sangue. Daquilo que conseguia discernir do padrão, parecia que alguém saíra da sala, dirigindo-se à porta da rua, e depois seguira pelo corredor até à cozinha.

Pôs-se à escuta.

Silêncio.

Tirou o telemóvel do bolso e pressionou o contacto da polícia local, com o polegar a pairar sobre o botão de chamada, enquanto procurava acalmar-se. Em seguida, entrou na sala.

Pressionou de imediato o botão de chamada.

Foi mais por instinto do que por outra coisa qualquer, pois a sua mente demorou alguns instantes a processar o que estava a ver. A sua atenção foi atraída para um sofá vermelho-escuro, à sua esquerda, junto à parede que dava para o corredor, e, depois, para a figura imóvel lá sentada. Amanda não percebeu de imediato que se tratava de uma pessoa; parecera-lhe algo com características humanas, embora, ao mesmo tempo, horivelmente errado. A cabeça não tinha traços distintivos e era demasiado grande. Só depois de a observar mais atentamente é que percebeu que a cara do homem fora deixada irreconhecível, com a pele inchada até atingir proporções quase impossíveis, devido aos hematomas e cortes que lhe haviam sido infligidos.

Amanda levou o telemóvel ao ouvido.

Atendam, atendam, atendam!

— Esquadra de Gritten, em que...?

— Agente solicita assistência. Gable Street, n.º 18. Preciso da polícia e de uma ambulância no local com urgência. Um indivíduo parece estar morto, em circunstâncias suspeitas. O paradeiro do agressor é desconhecido.

Avançou cuidadosamente na direção do corpo, enquanto falava, registando os pormenores. As mãos do homem estavam pousadas no colo, todos os dedos partidos e retorcidos. Avançou um passo, e o seu pé pareceu pisar algo molhado. Olhou para baixo. Percebeu que o sofá não era vermelho:

estava encharcado de sangue, que ensopara a alcatifa por baixo dele.

Ergueu o olhar.

Um pouco adiante do sofá, havia uma porta aberta. A julgar pela dimensão da sala, devia dar para a cozinha.

O paradeiro do agressor é desconhecido.

— Minha senhora, importa-se de me dizer o seu nome?

— Inspetora Amanda Beck. Despachem-se!

O homem do outro lado da linha disse algo mais, mas Amanda baixou o telemóvel, com o coração a ribombar nos ouvidos, e toda a sua atenção focada na porta aberta à sua frente. Pensou nas pegadas no corredor. Desapareciam pela cozinha adentro, mas o caminho mais óbvio até lá, vindo da sala, seria por aquela porta. Porém, quem deixara aquelas pegadas saíra para o corredor, dirigindo-se à porta da rua.

Amanda lembrou-se da sensação que tivera quando batera à porta, de que alguém estava a fitá-la.

Tem calma.

De olhos postos na porta que dava para a cozinha, colocou o telemóvel no bolso do casaco e pegou nas chaves, cerrando o punho à volta delas. Em seguida, avançou cautelosamente para a ponta da sala, o que lhe proporcionava mais distância, tempo e um ângulo melhor. Não que, armada daquela maneira, tivesse hipóteses contra alguém capaz da brutalidade imobilizada naquele sofá.

A cozinha foi-se revelando, aos poucos. Amanda conseguia ver a ponta da bancada, cheia de pratos sujos, e, depois, a orla do lava-louça, a janela...

Hesitou, apanhada entre o medo do que poderia encontrar na cozinha e a figura disforme e vermelha que jazia atrás de si.

O pânico começou a instalar-se.

Não consigo fazer isto.

Por segundos, voltou a ter 8 anos, sentindo-se aterrorizada, mas demasiado

assustada para chamar por alguém, pois sabia que não havia ninguém naquela casa que a pudesse acudir.

Então, imaginou o pai a dizer-lhe: «Tu consegues fazer isto. Eu criei-te em condições.»

Deu mais um passo para o lado.

A cozinha estava vazia. Conseguia vê-la, agora, na totalidade, até ao anexo, ao fundo, onde o óculo escuro de uma velha máquina de lavar roupa a fitava. Viu o vidro fosco da porta das traseiras, aberta contra a caldeira na parede, com o sol inconstante a entrar.

Estás bem.

Inundada por uma onda de alívio, Amanda começou a mover-se mais rapidamente, contornando as pegadas de sangue que provinham do corredor. Apesar do calor do dia, quando chegou à porta e inspirou, o ar era, de alguma forma, mais fresco e revigorante do que o ambiente de tortura que latejava atrás de si.

Nas traseiras, havia uma área pavimentada desgrenhada, com erva a crescer através das fendas, por entre as lajes sujas, e, mais à frente, uma extensão de árvores.

Ninguém à vista.

Amanda olhou para o chão.

As pegadas ensanguentadas seguiam pelas lajes em direção às árvores, ao fundo do quintal, mas iam-se esbatendo, como se a pessoa que as tivesse deixado fosse desaparecendo, à medida que fugia. Chegadas ao arvoredor, haviam sumido por completo.

17

Antes

Lembro-me da última vez que entrámos nas Sombras. Foi no fim de semana depois de terem batido à porta do James, à noite. Como sempre, encontrámo-nos os quatro no parque infantil e depois dirigimo-nos para a casa dele. Podíamos optar por diversos caminhos, mas, por algum motivo, o Charlie gostava sempre de entrar por ali. Naquele dia, enquanto caminhávamos pelo quintal do James, dei por mim a deixar-me ficar para trás. As árvores diante de mim pareciam mais escuras e inóspitas do que o habitual, enchendo gradualmente o céu, à medida que nos aproximávamos da cerca, e senti a pele mais fria à sombra.

Olhei para trás. Havia uma figura na janela do piso superior da casa. O Carl estava a observar-nos; o reflexo das nuvens ocultava vagamente a expressão do seu rosto. Ergui a mão num cumprimento, mas, por instantes, ele não respondeu. Depois, encostou timidamente a mão ao vidro.

Virei costas, afastei os arames finos da cerca do quintal e passei por baixo, avançando para o bosque, seguindo os outros até ao arvoredo. O leve restolhar do mundo real ia soando mais baixo, começando a desvanecer-se atrás de nós.

O silêncio no bosque era sinistro, e, não pela primeira vez, dei por mim a olhar em redor, enquanto me deixava ficar para trás, com o coração a palpitar perante a estranha sensação que nos assola quando sentimos que estamos a ser observados.

Era uma parvoíce, claro. Não havia ninguém ali, além de nós. Porém, o bosque sempre me deixara nervoso. A minha mãe avisara-me de que era um sítio perigoso. Havia poucos trilhos, o que propiciava à desorientação, e,

mesmo que isso não acontecesse, o terreno era traiçoeiro e inseguro. Havia minas abandonadas e sítios onde o chão abatera, deixando as árvores inclinadas, formando cruzeiros partidos sobre buracos que se estavam a desmoronar. Não era um local acolhedor. Não era, definitivamente, um bom sítio para as crianças brincarem.

Além disso, havia todas as histórias do Charlie sobre o bosque ser assombrado. Essa ideia invadiu a minha mente. Era sempre o Charlie que insistia em irmos para cá, e era sempre ele que liderava o caminho, levando-nos por diferentes trilhos, por entre as árvores. Parecia que procurava alguma coisa aqui, e eu dava muitas vezes por mim a olhar para o lado ou para trás. A escuridão e o silêncio eram tais, entre o arvoredo, que se tornava fácil imaginar-nos a ser perseguidos.

Naquele dia, caminhámos durante cerca de meia hora. Por fim, o Charlie tirou a mochila do ombro e pousou-a no chão.

— Aqui — decidiu. — Não é o melhor sítio, mas serve.

— Qual seria o melhor sítio? — perguntei.

Não esperava uma resposta, e também não a obtive. Nas últimas semanas, tornara-me abertamente antagónico em relação ao Charlie, e ele, por seu lado, começou a agir como se eu não estivesse presente ou não tivesse falado.

Olhei em redor, analisando o local onde estávamos.

Grande parte do bosque era impenetrável, mas o Charlie levava-nos por um desvio e conseguia encontrar uma espécie de clareira. O chão estava preto, chamuscado, como se tivesse havido um incêndio e a terra nunca tivesse recuperado totalmente. As árvores carbonizadas despontavam como flechas do solo escuro, os ramos expandindo-se bem alto como dedos abertos. O sítio emanava uma energia estranha. Girei sobre mim mesmo, absorvendo o ambiente, pensando em fadas e monstros. Se alguma dessas criaturas existisse, este poderia bem ser o sítio onde se reuniriam. Havia

uma sensação de expectativa no ar, como se aquele lugar estivesse à espera de que algo aparecesse.

O Billy também trouxera uma mochila, velha e manchada. Tirou lá de dentro uma faca e uma fisga. Passou a fisga ao Charlie, mas manteve a faca consigo, examinando a lâmina na mão. Eu já vira a fisga, mas a faca deixou-me nervoso. Tinha cerca de 15 centímetros de comprimento, serrilha e a ponta curvada. A luz ténue que incindiou sobre o metal revelou inúmeros riscos na lâmina. Imaginei o Billy na oficina do pai, a seguir as instruções de uma das suas revistas sobre como a afiar.

O Charlie revolveu o chão com os pés, em busca de uma pedra adequada para encaixar na fisga. Quando a encontrou, prendeu o suporte da fisga no antebraço, colocou a pedra na bolsa e puxou o elástico ao máximo.

Ouvi o rangido do elástico a esticar.

Ele fechou um olho para fazer pontaria, virou-se e apontou-a à minha cara.

Foda-se!

Reagi por instinto, fechando os olhos e erguendo a mão. Ele movera-se tão depressa que a minha mente completara o resto do movimento, e eu imaginei a explosão de dor no meu olho. Porém, nada aconteceu. Quando baixei a mão e voltei a abrir os olhos, o Charlie sorria para mim, apontando a fisga para o chão.

— Enganei-te — disse.

— Caraças, meu! — O meu coração batia com tanta força que me era difícil falar. — Que merda de ideia foi essa?!

— Estava na brincadeira.

Contudo, a casualidade na sua voz não se refletia nos seus olhos. Ele virou-se e apontou para uma das árvores. Engoli em seco e tentei recompor-me.

Se a mão dele tivesse escorregado, o mais certo era ter-me matado.

Então, faz alguma coisa!

A vontade existia, mas o Charlie continuava com a fisga nas mãos.

O Billy aproximara-se de mim e picava uma das árvores com a ponta da faca. Não chegava a espetá-la; era mais como se a torturasse, por curiosidade, com uma expressão vazia no rosto.

A tomada de consciência assolou-me, de repente.

Já não conheço esta gente.

— O Goodbold — disse o Charlie.

Disparou. A pedra foi arremessada com demasiada velocidade para que eu conseguisse segui-la, mas ouvi um enorme estalido, e, quando olhei nessa direção, cheguei a ver o Goodbold ali parado, por instantes, com um olho vermelho e estilhaços do seu crânio no ar, junto à orelha. Logo a seguir, voltou a ser apenas uma árvore. O disparo do Charlie arrancara um pedaço de casca à altura da cabeça.

— Em cheio! — acrescentou ele.

Abanei a cabeça, em discordância, ou apenas para apagar a imagem que aquilo me suscitara.

— Não foi em cheio — retorqui. — Acertaste num olho.

— Pois bem, um olho. Mas foi direto ao cérebro, ou lá o que ele tem na cabeça. É a tua vez, James.

O Charlie estendeu-lhe a fisga, e o James pegou nela com alguma hesitação, perscrutando o chão em busca de uma pedra para usar. Quando a encontrou, colocou-a na bolsa e posicionou-se, de pernas abertas, apontando desajeitadamente para a mesma árvore que o Charlie alvejara.

— Um bocadinho mais para a esquerda — instruiu o Charlie.

Manusear uma arma não era algo natural para o James. Percebi de imediato que ele iria falhar, tal como acontecia em campo. Enquanto ajustava a pontaria, o Charlie tocou-lhe no antebraço, orientando-o gentilmente.

— Mais um bocadinho. — A sua voz era pouco mais do que um sussurro.

— E um pouco mais para cima. Isso mesmo. Pronto... Vês o Goodbold ali?

O James tinha um olho fechado, e estava concentrado.

— Sim.

— Então, dispara.

O James disparou, mas mexeu ligeiramente a fisga, no último segundo, e a pedra foi embater na vegetação rasteira. Ele baixou a arma, com uma expressão de consternação no rosto.

— Só precisas de praticar. Tenta mais uma vez — encorajou-o o Charlie.

O James voltou a carregar a fisga.

— Gostava de lhe fazer isto a sério.

— E vamos fazer — asseverou o Charlie.

Por instantes, a clareira ficou em silêncio, à exceção do som constante do Billy a desbastar a árvore. Olhei para o Charlie. A certeza que notara na sua voz encontrava-se espelhada no seu rosto. Estava calmo, e muito sério.

— Como assim? — perguntei. Se fosse outro rapaz qualquer, eu poderia ter encarado aquilo como bazófia, mas o Charlie raramente sugeria algo que não tencionasse levar a cabo.

Olhou para mim.

— Vamos matá-lo — declarou.

— Eu não... eu não acho que devemos fazer isso.

— Porquê? O tipo é um rufia. E um pedófilo.

— Tenho quase a certeza de que ele não é pedófilo.

— Ah, sim? — O Charlie franziu o sobrolho. — O que chamarias a um homem que obriga os rapazes a despirem-se à sua frente?

Eu achava que o Goodbold era apenas uma versão adulta do Hague, um homem frustrado que descarregava os problemas da sua vida infeliz em nós.

— Ele é um rufia — disse.

— Não, é pior do que isso — replicou o Charlie.

— Talvez. Mas, caramba, mesmo que isso seja verdade, não significa que possamos matá-lo. — Abanei a cabeça. Toda aquela conversa era ridícula.

— Além de que não me parece que algum de nós queira ir parar à prisão.

— Isso não vai acontecer — retorquiu o Charlie.

— Pois, claro que não!

— Porque vamos pedir ao Mãos Vermelhas que o faça.

O seu tom de voz e a sua expressão denotavam, novamente, que ele estava a falar a sério. Olhei em redor, para o bosque, sentindo-me mais inquieto do que nunca. «Quem é o Sr. Mãos Vermelhas?» O Charlie nunca respondera à minha pergunta, mas, na verdade, nenhum de nós precisara que o fizesse. Tratava-se, obviamente, do fantasma que ele afirmava que assombrava o bosque, e que ele invocava no mundo dos sonhos. Estranhamente, parecia que não o dizer em voz alta tornava tudo mais credível. Quando as pessoas julgam que perceberam algo sozinhas, mais facilmente o consideram como verdade. Naquela altura, eu só não sabia porquê.

Olhei para o James e para o Billy. Nenhum dos dois pareceu minimamente desorientado com o que o Charlie dissera. Voltei a ter a mesma percepção.

Já não conheço esta gente.

— Mas ele não é real — argumentei, medindo bem as minhas palavras. — São apenas sonhos.

— Só dizes isso porque não o viste.

— Não. Digo-o porque é impossível.

— James?

Virámo-nos ambos para o James, que olhava, encavacado, para o chão queimado.

— O que foi? — perguntei.

O James hesitou.

— Eu vi-o — disse ele. — Vi-o com o Charlie.

— Não viste nada.

— Vi, sim, no início da semana. Sonhei que estava aqui no bosque, e eles os dois também aqui estavam. O Mãos Vermelhas era como o Charlie

descrevera. Vestia um casaco militar, puído nos ombros, como se lhe tivessem sido arrancadas as asas.

— E eu sonhei o mesmo — interveio o Charlie. — Não sonhei?

O James assentiu com a cabeça, olhando para mim, com um ar esperançoso.

— Ele tinha o cabelo desgrenhado, Paul. E as mãos eram de um vermelho-vivo. Mas não consegui ver-lhe a cara. Estava escura. Era apenas um buraco.

A certeza no rosto do James assustava-me. Desviei o olhar. Os espaços entre as árvores à nossa volta evocavam um mau agoiro, como se algo estivesse à escuta, atraído pela loucura silenciosa que se desenrolava na clareira.

— Conta-lhe o resto — instou o Charlie.

— Lembras-te daquela manhã, aqui há tempos, certo, Paul? — O James deu um passo na minha direção. — Aquilo de baterem à minha porta à noite?

Meu Deus!

Ele parecia ávido. Obviamente, já acreditava no que estava prestes a explicar, e queria desesperadamente que eu também acreditasse; queria partilhar aquilo comigo, levar-me consigo no percurso que ele próprio estava a seguir.

— Sim, lembro-me — respondi.

— E as marcas na porta na manhã seguinte?

Sangue.

— Sim.

— O Charlie mostrou-me o seu diário de sonhos, a sua entrada na noite anterior. Foi ele. Ele fez isso no sonho dele.

— Não — interveio o Charlie, erguendo a mão. — Não fui eu. — Sem que isso lhe fosse pedido, o James passou-lhe a fisga. — Foi *ele* quem bateu à porta — corrigiu. — Bem alto. Lembro-me de que o sonho me pareceu ainda mais real do que o habitual, como se estivéssemos, de facto, ali. Olhei para

cima e vi uma luz a acender-se no piso superior.

— Que foi exatamente o que aconteceu! — O James estava quase a implorar-me. — A minha mãe desceu as escadas, mas não estava ninguém lá fora. Lembras-te disso, certo?

Antes que eu pudesse responder, o Charlie abanou a cabeça.

— Foi demasiado para mim — disse. — Foi demasiado real. Pouco antes de a porta abrir, eu acordei. Como se o sonho me tivesse expulsado.

Fechei os olhos e lembrei-me da Eileen a limpar furiosamente a porta, naquela manhã, a esfregar o sangue, se é que era disso que se tratava. Pareceu-me evidente o que se passara, mesmo que a explicação racional fosse quase tão inacreditável como o que o James parecia disposto a aceitar: o Charlie escapulira-se a meio da noite e fizera aquilo. Depois, escrevera-o no seu diário para convencer o James.

Fora tudo deliberado e calculado.

Era tão óbvio.

Porém, quando voltei a abrir os olhos, vi que o James acreditava naquilo, pelo menos ao ponto de estar disposto a alinhar naquela loucura. A expressão nos seus olhos revolveu-me as entranhas. O que podia eu dizer? Tive a súbita perceção de que estava completamente sozinho ali, e de quão longe nós os quatro estávamos de qualquer outra pessoa. O Charlie, ali parado, com uma fiska carregada; o Billy, que se afastara da árvore e me observava, de faca na mão; e o James, um peão inocente num jogo que eu ainda não compreendia.

Tens de ter muito cuidado!, aconselhei a mim próprio. *Mesmo muito cuidado!*

— Pronto, está bem — disse lentamente. — Então, o Mãos Vermelhas vai aparecer e matar o Goodbold por nós. Como é que isso funciona?

— Precisamos de estar os quatro alinhados — explicou o Charlie. — Entre todos, e com a ajuda dele, seremos suficientemente fortes para afetar a

realidade.

— Por favor, Paul — implorou o James.

Estás louco!, pensei. Estão todos loucos!

Contudo, eu não tinha a certeza se isso era verdade. O Charlie parecia ter a situação completamente controlada. O mais importante era perceber onde é que ele queria chegar, pois, mesmo que tivesse convencido o James, era impossível a experiência ir muito mais longe. Esgueirar-se pela aldeia a meio da noite e bater à porta de casa do James era uma coisa, mas eu duvidava que o Charlie fosse capaz de assassinar o Goodbold.

O importante é sair daqui, Paul.

A ideia provocou-me calafrios.

— Está bem — disse. — E como é que fazemos isso?

O Charlie tocou com o pé na mochila pousada no chão e sorriu para mim.

— Incubação — respondeu.

Nessa noite, sentei-me à secretária, no meu quarto, com a casa mergulhada em escuridão e silêncio, e com aquilo que o Charlie me dera no bosque nessa tarde.

Um boneco.

Era artesanal, com cerca de 15 centímetros de comprimento. A base era um velho cabide de madeira, mas o Charlie embrulhara-o numa amálgama de materiais: pedaços de roupas velhas, novelos de linha, tinta seca e pinceladas de cola. O cabelo, naquilo que seria a cabeça do boneco, era escuro e desalinhado, e o rosto fora pintado todo de preto. O corpo estava envolto numa espécie de tecido de camuflagem, com braços em chenile a emergir das mangas; na extremidade de cada um, estavam presas cinco pontas compridas de fio vermelho — os dedos, deduzi, mas eram tão compridos que, quando segurei o boneco na vertical, ficaram pendurados até aos pés.

Virei o boneco na minha mão. Tinha um ar nojento. Parecia muito sujo e sarnento, como um brinquedo deixado debaixo de um sofá, ou no canto de uma sala que nunca fora limpa.

Incubação.

Porque é que eu decidira ficar com ele? No bosque, não tivera escolha. O Charlie tinha feito quatro destes bonecos, os outros três tão complexa e cuidadosamente produzidos como o meu. Por mais nojentos que fossem, denotavam uma imensa dedicação da sua parte, e o Billy e o James haviam aceitado os seus de bom grado. Pareceu-me que recusar o meu poderia ser perigoso. Assim, ouvira o que o Charlie nos dissera e fingira concordar,

dizendo a mim mesmo que me livraria daquele boneco asqueroso assim que me encontrasse em segurança.

Porém, ali continuava ele, nas minhas mãos.

Olhei para o vazio negro do seu rosto.

Depois de nos dar os bonecos, o Charlie explicou-nos o que teríamos de fazer. A ideia era que, se mantivéssemos o boneco perto de nós e nos concentrássemos nele antes de nos deitarmos, isso ajudaria a figura a encontrar-nos durante a noite. Quando tivéssemos um sonho lúcido, deveríamos transportar-nos para a Sala C5b e encontrar-nos lá, e o Charlie mostrar-nos-ia o que fazer.

Era impossível, obviamente. Eu acreditava tanto que isso pudesse acontecer como acreditara no bosque, e percebi que só alinhara naquilo por causa do James. Virar costas ao Charlie significaria perder o meu melhor amigo, e eu receava que abandonar o James o pusesse em perigo.

Precisava de alinhar com eles.

Realisticamente, até onde conseguiria o Charlie levar aquela brincadeira? Não havia nenhum mundo de sonhos partilhados; era impossível os nossos sonhos terem um impacto tangível no mundo real; e também não existia nenhum Mãos Vermelhas.

Ou seja, não iria acontecer nada.

E, amanhã, a brincadeira chegaria ao fim.

Ainda assim, havia limites para o que eu estava disposto a fazer. O Charlie dissera-nos para dormirmos com o boneco debaixo da almofada, mas eu achei a ideia demasiado horrível. Ao invés, guardei-o na gaveta da secretária.

Já na cama, apaguei a luz e fiquei ali deitado durante algum tempo. Ao imaginar os outros nas suas camas, fiquei enervado com a facilidade com que os conseguia visualizar. O dia assustara-me sobremaneira. Virei-me de lado, na escuridão, e repeti os mantras que se haviam tornado familiares.

Vou lembrar-me dos meus sonhos.

Vou acordar nos meus sonhos.

Não iria acontecer nada ao Goodbold. Em breve, o James começaria a desmascarar o Charlie, acordaria do feitiço que ele lhe lançara e, em poucas semanas, tudo isto seria esquecido.

O que mais poderia acontecer?

Ainda não fazia ideia daquilo que o Charlie era capaz.

Estou a sonhar.

Lembro-me da emoção familiar que senti quando me apercebi de que estava a ter um sonho lúcido, e da inquietação que se seguiu.

Encontrava-me na cave da escola, ao fundo das escadas, a olhar para a Sala C5b. A porta à minha frente estava fechada, e a janela gradeada, enevoadada e cinzenta. O alarme que senti tornou o sonho difuso e quase me despertou, pelo que me ajoelhei e recorri à técnica do ambiente, colocando a mão sobre o piso de pedra frio, esfregando a palma num movimento circular contra o chão áspero. Essa sensação ancorou-me.

Voltei a levantar-me.

Não tenhas medo.

Aquilo era um sonho, o que significava que era eu quem o comandava, e não havia necessidade de ter medo. Pensara nos acontecimentos desse dia, enquanto adormecia, e era perfeitamente natural que o meu subconsciente tivesse evocado aquele lugar.

Contudo, não havia motivo para permanecer ali. De costas para as escadas, disse a mim mesmo que, quando me virasse, haveria uma porta no cimo, e que, quando a abrisse, desembocaria numa praia. Era mais fácil do que tentar o teletransporte. Num sonho lúcido, o cérebro pode agarrar-se às regras familiares do que é possível, e aquela era uma técnica que eu já usara, e nunca falhava. Visualizei claramente e virei-me. O patamar estava cinzento

e morto, e... *clank*.

Ouvi um som distante, como se alguém batesse num cano com um martelo. O som reverberou e desapareceu. Não percebi de onde vinha, e senti-me ainda mais inquieto. Estava acordado no meu sonho, mas, de certa forma, parecia ter perdido o controlo, como se alguém estivesse a exercer a sua influência e fosse melhor nisso do que eu.

Clank.

Novamente aquele som. Mais alto, desta vez.

Virei-me e encaminhei-me para a porta da Sala C5b. A janela lateral estava baça, mas o ar do outro lado parecia rodopiar, como se a sala estivesse cheia de fumo. Percebi que estava algo lá dentro. Uma forma pálida, junto do vidro.

Era um rosto — ou pelo menos a versão de pesadelo de um rosto. Era alongado, quase oval, os olhos esticados e distorcidos em manchas borradas, o nariz pouco mais do que pequenas fendas verticais e a boca como um fino corte preto. Por mais distorcido que estivesse, consegui reconhecer o James. Os seus olhos arregalaram-se ao ver-me, e a sua boca começou a abrir-se de uma forma estranha quando tentou comunicar comigo, através de uma barreira que nenhum de nós poderia atravessar. Parecia que ele se tinha afogado e sido deixado debaixo de água, a sua imagem a nadar diante de mim, do outro lado da janela.

Clank.

De repente, ouvi um barulho bem mais alto atrás de mim, o som terrível de metal contra metal, o chiar e raspar de peças enferrujadas que não se deslocavam há muito tempo e que agora se libertavam da sua inércia.

Virei-me lentamente.

Nas sombras ao lado da escada, vi um triângulo amarelo difuso a brilhar sobre as portas do velho elevador. O som metálico estridente vinha de lá. O meu coração começou a bater tão depressa que parecia impossível que eu

não acordasse. Mas não acordei.

O tom do rangido mudou.

Acorda!

As portas de metal estremeceram.

Virei-me para a sala. O James ainda lá estava, agora a abanar a cabeça, as suas feições horrorizadas esbatendo-se numa mancha que se movia lentamente ao ver o que quer que fosse que surgira das profundezas da escola e aparecera atrás de mim.

Acorda!

Fechei os olhos, visualizei-me deitado na minha cama e imaginei que me transportava para lá.

Acorda!

Porém, quando voltei a abrir os olhos, o sonho parecia ainda mais vívido do que antes. A sala continuava à minha frente, e eu sentia algo atrás de mim. Um arrepio percorreu-me as costas.

Acorda!

Fui invadido pelo cheiro de folhas e de terra revolvida, e ouvi um som áspero, horrendo, como se alguém tivesse dificuldade em respirar por uma garganta aberta.

Acorda, acorda, acorda!

Uma mão vermelha e molhada alcançou a minha cara, com os seus dedos podres a fecharem-se sobre o meu nariz e a minha boca, tapando-os. Tentei respirar, em vão. Quando me senti a sufocar, comecei a esbracejar desesperadamente, em pânico.

Agora percebia porque é que não conseguia acordar.

Porque aquilo não era um sonho.

19

Agora

Entrei em casa da minha mãe, tranquei as portas e apoiei-me na bancada da cozinha, olhando pela janela para as Sombras, tentando controlar a minha respiração.

À exceção das moscas que esvoaçavam junto à cerca, estava tudo sossegado. Não se encontrava ninguém lá fora. Ainda assim, eu não parava de tremer.

Lembrava-me de como, ao acordar do pesadelo que o Charlie e o seu boneco me haviam causado, fizera os possíveis para explicar tudo aquilo, para o racionalizar: era natural que tivesse sonhado com a sala na cave e com o Mãos Vermelhas; após a intensidade do dia anterior, refletida na ameaça do Charlie e da sua fisga, e na loucura coletiva dos meus amigos, teria sido estranho se não tivesse sonhado.

Tentei fazer o mesmo agora.

As marcas na porta podiam ter sido uma partida, e as pessoas tinham todo o direito de passear no bosque. Talvez eu tivesse visto um sem-abrigo, algum homem que vivesse ali por não ter outro sítio para onde ir. Não seria estranho que uma pessoa assim estivesse vestida daquela maneira, agasalhado com um casaco velho e puído.

Queria acreditar nisso.

Porém, apesar de não gostar de o admitir, tudo aquilo me assustara bastante. Podia tentar convencer-me de que não teria valido a pena correr atrás do homem, que o bosque era tão cerrado e impenetrável que o mais certo seria tê-lo perdido rapidamente, mas, por mais verdadeiro que isso pudesse ser, sabia que não fora o que me parecera na altura.

Não. Vê-lo ali provocara-me um medo de morte. E eu ficara paralisado, como se fosse novamente um adolescente.

Um ruído repentino atrás de mim sobressaltou-me. Contudo, o som trouxe um eco familiar de recordações da minha infância: era apenas a caixa do correio. Virei-me, percebendo que o correio chegara.

Percorri o corredor e apanhei os envelopes caídos. Mais contas e circulares. Coloquei-as de lado, com as outras, mas depois pensei melhor. Obviamente, eram triviais e irrelevantes na conjuntura atual, mas teriam de ser passadas em revista a dada altura, e uma distração mundana poderia ajudar-me neste momento. Algo que me fizesse assentar novamente os pés na terra. Juntei o monte de correspondência, levei tudo para a sala e sentei-me no sofá.

A minha mãe era uma apologista inabalável da velha guarda, e continuava a receber cópias em papel de tudo. Havia as contas da casa, que abri, dando uma vista de olhos sem grande interesse, juntamente com um extrato bancário que decidi não abrir por enquanto; havia menus de *takeaway* e folhetos de empresas locais de jardinagem e de tratamento de caleiras; e havia uma conta de telefone.

Fitei-a durante alguns segundos, acabando por decidir abri-la. Era a conta trimestral do telefone fixo, que se estendia por três folhas. Passei os olhos pela lista detalhada de números — tudo chamadas que a minha mãe fizera —, passando para a folha seguinte e depois para a última.

Quase dois meses antes, encontrei o registo do meu número de telemóvel. Parecia ter sido há tanto tempo. Sobre o que faláramos? Não conseguia lembrar-me. Provavelmente, sobre nada de especial, apenas uma chamada para pôr a conversa em dia, que, certamente, eu teria despachado sem pensar. Era sempre a minha mãe que me ligava, e o tempo entre aquelas chamadas pouco frequentes parecia passar sem que eu sentisse a necessidade de ser eu a contactá-la.

Uma onda de tristeza invadiu-me.

«Não me importa que nunca mais penses em mim. Eu hei de pensar sempre em ti.»

Era isso que os pais faziam, certo? Queriam proteger os filhos; queriam a melhor vida possível para eles, sem esperarem nada em troca. Porém, tornava-se evidente, pela quantidade de registos naquelas páginas, que a minha mãe tinha necessidade de falar com alguém. Senti-me culpado por não ter sido comigo, por eu não ter pensado nela mais do que pensara.

Com quem é que ela falara?

Voltei à primeira folha. Houvera várias chamadas no último mês para um número que reconheci como sendo o da Sally, além de alguns outros números que não me diziam nada. Contudo, um em especial destacava-se pela quantidade de chamadas. Era um número de telemóvel para o qual a minha mãe ligara quase todos os dias. As conversas variavam em duração, e haviam ocorrido em horários irregulares, geralmente a meio da noite. Eu não fazia ideia de quem se tratava. Mas porque é que haveria de fazer? Sabia tão pouco sobre a vida da minha mãe.

Talvez não fosse demasiado tarde para mudar isso.

Peguei no telemóvel e liguei para esse número. Tocou durante uma eternidade, até passar para um voicemail anónimo e automatizado, que me convidava a deixar uma mensagem. Não o fiz. Desliguei a chamada e voltei a ligar um minuto depois. Talvez o dono do telemóvel não tivesse tido tempo para atender.

Desta vez, nem chegou a tocar. Interrompi a chamada e franzi o sobrolho. Quem estava do outro lado da linha decidira que não queria atender e desligara o telemóvel. Não parecia haver outra forma de interpretar a situação, mas fiquei sem saber o que pensar daquilo.

Permaneci ali sentado por alguns instantes, confuso.

Então, o meu telemóvel tocou, num súbito choque de som e de vibração, na

minha mão. Olhei para o ecrã, na esperança de ver aquele número, mas era uma chamada da Sally.

— Estou?

— É a sua mãe. Acordou e está a perguntar por si.

Conduzi em excesso de velocidade até à casa de repouso, apesar de não haver uma especial urgência naquilo que a Sally me dissera, nada que indicasse que eu precisava de chegar depressa, antes que fosse demasiado tarde. A minha mãe estava acordada e perguntara por mim, e eu estava suficientemente familiarizado com o seu padrão de sono para não querer perder aquela aberta para conversarmos. Após anos de um silêncio predominante entre nós, sentia que havia muito que eu lhe queria perguntar.

Estacionei o carro e entrei, encontrando a Sally à minha espera na receção. Assinei o registo de visitas e dirigimo-nos rapidamente para o quarto da minha mãe.

— Ela ainda está acordada? — perguntei.

— Há um minuto estava.

— O que é que ela me queria dizer?

— Não sei. — A Sally olhou para mim com ternura. — Não tenha muitas esperanças. Ela perguntou por si, mas ainda me pareceu confusa.

Quando chegámos ao quarto, a Sally ficou no corredor. Abri a porta lentamente, vendo a minha mãe deitada na cama. Parecia mais pequena e débil do que no dia anterior, o seu corpo a desaparecer a cada hora que passava. Estava, porém, acordada. Olhou para mim quando fechei a porta cuidadosamente, e o seu olhar seguiu-me pelo quarto quando me aproximei da cadeira junto à cama.

— Olá, mãe.

— Olá, Paul.

— A Sally disse que tinhas algo para me dizer.

Ela franziu o sobrolho.

— Quem é a Sally?

A mulher que cuida de ti há meses, pensei.

— Não interessa — respondi, simplesmente.

— É a tua namorada?

— Claro que não.

— Aquela que não me deixas conhecer? — Ela sorriu e olhou para o teto. Eu não disse nada. Referia-se à Jenny; era nessa época e nesse sítio que se encontrava agora. — Tens de pedir ao teu pai. — O meu pai morrera há seis anos. Mesmo em vida, eu não teria querido pedir-lhe nada, e, por instantes, fiquei sem perceber de que é que ela estava a falar. Fitou-me e esboçou-me um sorriso de incentivo, para que eu compreendesse. — Os envelopes, Paul. Sabes que é ele que guarda essas coisas. Vais precisar de dois, certo? E selos, claro. — Percebi, então, onde é que ela estava: no dia em que lhe mostrei a revista que a Jenny me dera, com as informações sobre o concurso de contos na contracapa. A inscrição era gratuita, mas isso não significava que eu tivesse tudo o que precisava. Envelopes e selos. Ainda me lembrava do nó no estômago que sentira só de pensar em pedir alguma coisa ao meu pai, e da expressão de menosprezo na sua cara quando o fiz e ele me obrigou a explicar para que é que eu os queria. — Não que eles te vão enviar o conto de volta — prosseguiu a minha mãe, mais para si própria. — Pelo menos se souberem o que é bom.

— Acho que não é muito bom, mãe.

— Que disparate! Eu entrei à socapa no teu quarto e li-o, enquanto estavas na escola. Aquele sobre o homem que caminhava pelas ruas onde cresceu... Achei-o brilhante. — Franziu o sobrolho. — Sei que não deveria tê-lo feito, mas tu nunca me mostras nada, Paul. Desculpa.

Engoli em seco. Na altura, teria ficado para morrer se soubesse que ela fizera aquilo, mas parecia tudo tão distante que não tinha a menor

importância.

— Não faz mal, mãe.

Ela voltou a olhar para o teto e fechou os olhos. Aguardei, sem saber o que fazer ou o que dizer. Viera a correr porque ela estava acordada e havia algo que me queria dizer. Talvez fosse uma tolice, mas, depois do que acontecera em casa dela, imaginei que estivesse relacionado com isso: as pancadas na porta, o homem que eu vira no bosque.

Porém, era apenas aquilo.

— Mãe, lembras-te de eu te dizer que fui ao sótão?

Por instantes, não obtive resposta. Então, ela suspirou.

— São todos iguais.

— Os... casos?

— Não. — Ainda de olhos fechados, ela sorriu, como se estivesse agradada com qualquer coisa. — Eles são todos iguais. Por isso é que ele não vai encontrá-lo.

— Quem? E o que é que ele não vai encontrar?

Ela limitou-se a abanar a cabeça. Parecia que, fosse ele quem fosse, e o que quer que fosse que ela estivesse a esconder, estava determinada a guardar segredo até de mim. Bem, eu poderia sempre voltar a ler os jornais mais tarde. Tentei reprimir a minha frustração e optei por uma abordagem diferente.

— Viste... alguém no bosque?

Mais uma vez, ela não respondeu de imediato. Porém, o sorriso desapareceu, e, segundos depois, os seus olhos abriram-se de repente, e ela olhou para mim, em pânico.

— Ele está no bosque, Paul!

— Está tudo bem, mãe.

— Ele está no bosque! Está lá agora!

Estendi o braço e alisei a ponta do cobertor sobre o canto da cama.

Pareceu-me uma tentativa vã de a acalmar, mas, pouco depois, o seu corpo pareceu relaxar ligeiramente.

— Quem é que está no bosque, mãe?

— Não quero dizer o nome daquele rapaz horrível. — Ela voltou a abanar a cabeça e fechou os olhos. — Não depois do que ele fez. Não depois da dor que causou ao longo dos anos.

Hesitei.

— Viste o Charlie no bosque?

Ela assentiu.

— A cintilar no arvoredo. — A imagem perturbou-me, e recolhi a mão. A minha mãe estava a ver fantasmas. O mais certo era estar a vê-los há meses, mas isso não significava que fossem reais. — Ah! — exclamou, subitamente. — Já me lembrei!

— Lembraste-te de quê?

— Do que precisava de te dizer.

Os seus olhos permaneceram fechados, e a sua voz soava mais sumida. Estava a perder a consciência. A janela estava a fechar-se, e eu não sabia se teria muito mais oportunidades.

Voltei a aproximar-me dela.

— O quê?

— Estou muito orgulhosa de ti.

Sorriu ligeiramente. Enquanto voltava a adormecer, a sua mente vagueava entre épocas, e eu sabia onde é que ela se encontrava agora: na estação de comboios, com o filho, à espera para se despedir, ciente de que ele não voltaria, lançando-o para o mundo, sem pensar em si mesma.

O quarto ficou mergulhado em silêncio por instantes.

— Obrigado — respondi, em surdina.

— Acho que vais ser escritor.

Mesmo com a voz muito ténue, disse-o com tal convicção que fui incapaz

de reagir. Fiquei simplesmente ali sentado, a ver os cobertores a subir e a descer, quase impercetivelmente, a cada leve fôlego que ela exalava. Até que, por fim, encontrei as palavras.

— Adoro-te — disse-lhe.

Contudo, por essa altura, ela já estava novamente a dormir.

Beijei-a ternamente na testa e fiquei ali sentado, ao seu lado, durante algum tempo.

«Estou muito orgulhosa de ti.»

Mais tarde, ao percorrer o corredor, pensei de novo nessas palavras. Deveriam servir-me de consolo, mas eu sabia que não era comigo que a minha mãe estava a falar — ou pelo menos não com a pessoa que sou agora. Não havia nada na minha vida presente que pudesse ser motivo de orgulho, fosse para quem fosse, e o que pudesse haver naquela altura fora desperdiçado nos anos subsequentes. Apesar de a minha mãe estar contente por eu ter fugido de Gritten e do que se passara aqui, a verdade era que eu nunca conseguira escapar. Não, efetivamente. A sombra pendera sempre sobre mim.

«Acho que vais ser escritor.»

Só podia ser piada. Em parte, sentia-me contente que a mente da minha mãe tivesse recuado a um tempo e a um lugar onde ela poderia continuar a acreditar que eu viria a ser alguém na vida.

Saí da casa de repouso, semicerrando os olhos ao ser brindado com o sol forte da tarde, e encaminhei-me para o meu carro, com a gravilha a ranger sob os pés. Por causa da luminosidade, do calor e das emoções que se agitavam dentro de mim, só quando cheguei junto do carro é que me apercebi de que havia outro veículo estacionado ao lado do meu, encostado ao qual se encontrava uma mulher, de braços cruzados, a observar-me.

Aparentava ter 30 e muitos anos, de cabelo castanho, comprido, apanhado

num rabo de cavalo. Não estava vestida para aquele calor — calças de ganga pretas e um casaco comprido preto —, mas, a julgar pela sua expressão, a temperatura era a menor das suas preocupações.

Afastou-se do carro com um impulso.

— Paul Adams?

— Sim — respondi.

Ela acenou para si própria, como se eu fosse mais uma desilusão, de entre uma longa lista.

— Sou a inspetora Amanda Beck — disse-me. — Há algum bar por aqui, Paul? Quanto a si, não sei, mas eu dava tudo por uma bebida.

Paul escolheu um bar não muito longe. Poucos minutos após deixarem a casa de repouso, fez pisca e entrou num parque de estacionamento. Amanda estacionou atrás dele, seguindo-o até ao bar que ficava ao lado. Tendo em conta o estado geral de Gritten, teve receio de que se tratasse de um pardieiro, mas acabou por não ser mau de todo: madeira escura e latão polido, com ecrãs suficientes para sugerir que seria animado mais tarde, mas calmo de momento. O mais importante de tudo era o facto de ter um bar.

Preciso de uma bebida.

Amanda dissera-o em inúmeras ocasiões; por norma, depois do que haviam sido, à luz do caso atual, dias relativamente calmos no trabalho. Porém, hoje não podia ser mais verdade. O quase encontro imediato em casa de Billy Roberts acionara o seu mecanismo de ataque ou fuga, e, depois da chegada da polícia e da ambulância, a adrenalina começou a instalar-se passivamente no seu sistema, como lodo. A adrenalina era um veneno; se não a usássemos, era ela que nos usava. Amanda tremia, enquanto conversava com o inspetor responsável, um homem chamado Graham Dwyer, e as suas mãos ainda estavam um pouco trémulas.

A empregada do bar entregou de imediato uma cerveja a Paul. Ciente do limite de álcool no sangue durante a condução, Amanda pediu uma vodca com cola e um *shot*, à parte. Despachou este último de um trago, assim que foi pousado à sua frente. Paul fez tenções de tirar a carteira do bolso, mas ela impediu-o.

— É por minha conta — disse-lhe, com a garganta a arder.

— Obrigado.

Assim que pagou as bebidas, olhou em redor e encaminhou-o para uma mesa lateral, o mais afastada possível do punhado de clientes que se encontravam no bar. Quando se sentaram, resistiu à vontade de emborcar a segunda bebida, dando-lhe apenas um gole, fechando os olhos para a saborear.

— Quer falar comigo por causa do que aconteceu hoje de manhã? — perguntou Paul.

Amanda engoliu lentamente e abriu os olhos.

— Hoje de manhã?

— As marcas na porta da casa da minha mãe — explicou Paul. — Foi um agente lá a casa. Acho que se chamava Holder. Tirou fotografias, mas não pareceu muito interessado.

Ao contrário de Amanda.

— Que tipo de marcas?

— Alguém bateu à porta a meio da noite e deixou marcas de punhos na madeira. O agente achou que podia ter sido uma partida.

— Seria uma partida bastante estranha.

— Foi o que eu achei. — Paul fitou-a por instantes, como se quisesse desenvolver um pouco mais o assunto, mas não soubesse ao certo como o fazer. Em seguida, abanou a cabeça. — Mas não está aqui por causa disso.

— Não. — Amanda mostrou-lhe a sua identificação. — Não pertenço à polícia de Gritten. Venho de uma povoação chamada Featherbank. — Observou atentamente a reação dele. Se Paul estivesse por detrás do utilizador CC666, o nome do local ser-lhe-ia familiar. Porém, a sua cara não revelou o menor indício de reconhecimento. Ela guardou a identificação. — Estou aqui por causa de um crime que ocorreu nessa localidade no fim de semana passado. Um homicídio. Dois rapazes mataram um colega de escola.

Esta informação, por seu turno, suscitou-lhe uma reação. Paul fechou os olhos e esfregou a testa com as pontas dos dedos. Amanda observou-o

novamente com atenção. Ele devia ter cerca de 40 anos, presumiu ela, mas tinha um rosto atraente, que, em circunstâncias normais, passaria por bastante mais novo. Naquele momento, porém, parecia abatido pelo mundo, cada um dos seus anos de vida gravados nos seus traços. E, aparentemente, ela estava a contribuir para isso.

— Mais um — comentou ele, em surdina.

— Mais um?

— Houve mais dois ao longo dos anos. Pelo menos.

Merda! Amanda pegou no telemóvel.

— Sabe os nomes? — Escreveu os dados que Paul lhe deu na sua aplicação de notas. Teria de aprofundar a investigação mais tarde. Seria possível que CC666 também estivesse envolvido nesses casos? — Não tinha conhecimento desses casos — confessou.

— Eu só descobri ontem. Até então, também não fazia ideia. Partira do princípio de que tudo aquilo... tinha sido esquecido.

— Online, não foi.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Pois, eu vi. Não compreendo.

— Sabe como é... — Amanda encolheu os ombros. — As pessoas estão sempre interessadas no não solucionado e no desconhecido — observou, da forma mais casual possível.

Paul abanou a cabeça.

— Mas o caso foi solucionado.

— Sim, é verdade. — Se ele já tinha ouvido falar do fórum, era um excelente ator. — É o nome de um site. *O Não Solucionado e o Desconhecido*. Conhece?

— Não.

— Eu também não conhecia, até há poucos dias. Os rapazes de Featherbank eram utilizadores desse site. Estavam obcecados com o caso do

Charlie Crabtree. E havia outro utilizador que parecia estar a incentivá-los, alguém que sabia bastante sobre o que se passou aqui em Gritten.

— Sim, já reparei que muitas pessoas sabem.

— Este utilizador sugeria ser o próprio Charlie.

Funcionou como magia. Por momentos, Paul ficou absolutamente petrificado. Depois, uma expressão de descrença assomou-lhe ao rosto: uma mistura de repulsa, confusão e dor. Amanda sabia que ninguém era tão bom ator. O que quer que Paul fosse, fossem quais fossem os seus problemas, ele não estava por detrás do utilizador CC666. O que era quase uma desilusão.

— Porque é que alguém faria tal coisa? — perguntou ele.

— Não sei. — Amanda hesitou. — Acha possível que seja verdade?

— Não. O Charlie está morto.

Paul dissera aquilo demasiado depressa, quase como se fosse um feitiço, um encantamento que, repetido até à saciedade, se pudesse tornar realidade.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou-lhe Amanda. — Tanto quanto sei, a polícia vasculhou o bosque minuciosamente.

Paul ponderou por instantes nas suas palavras.

— Lembro-me disso — disse, por fim. — Lembro-me de ouvir os cães a ladrar da janela do meu quarto. Ocasionalmente, avistava um agente junto ao arvoredor. Mas o que se diz online é que o Charlie desapareceu sem deixar rasto, e isso não é verdade.

— Não?

— Não. Ele e os outros rapazes tinham ido tantas vezes àquele bosque que havia vestígios dele por toda a parte. Os cães farejavam um rasto que os levava a outro, e acabavam por andar às voltas. Perseguiam, literalmente, as próprias caudas. Por isso, sim, as buscas foram exaustivas, mas só quem já lá esteve é que tem noção da enorme dimensão do bosque, e de como é fácil perdermo-nos lá dentro.

Tudo aquilo podia perfeitamente ser verdade, mas Amanda ainda detetava

dúvida na voz de Paul. Ele não estava tão seguro como queria fazer transparecer. Mesmo perante as provas e o peso da probabilidade, havia uma parte de si que não tinha tanta certeza. Era compreensível que a ideia o assustasse.

— Sabia que o Billy Roberts estava a morar em Gritten? — perguntou ela.

— Não. — Paul pestanejou. — Porra, não fazia ideia!

— Estava a morar na antiga casa dos pais.

— Eu nem sequer sabia que ele tinha sido libertado.

— A sério? — Amanda percebeu que Paul estava a dizer a verdade, novamente, mas esta apanhou-a de surpresa. — Tendo em conta o que se passou, julgava que o Paul teria acompanhado o caso ao longo dos anos.

— Muito pelo contrário. Fiz os possíveis para não voltar a pensar nisso. Quando saí daqui, quis esquecer tudo, fingir que nunca tinha acontecido.

Meu Deus, todos têm uma merda de uma caixa na mente onde escondem coisas, pensou Amanda. Ela, porém, não precisava sequer de fechar os olhos para recordar a visão de Billy Roberts no seu sofá encharcado de sangue. A imagem permanecia nos recantos da sua mente, e ela mal conseguia impedi-la de ser projetada. Dar-lhe-ia pesadelos, mais tarde.

— Estava? — perguntou Paul.

— Perdão?

— Disse que o Billy *estava* a morar na antiga casa dos pais.

Bastante perspicaz, pensou Amanda, pegando no copo e bebendo mais um gole, enquanto considerava que informações poderia divulgar. Fosse como fosse, a notícia espalhar-se-ia rapidamente.

— Ele foi encontrado morto, hoje — disse.

Fui eu que o encontrei.

— Morto? Como?

— Não quero abordar os pormenores agora, e deixe-me reforçar o seguinte: não estou oficialmente envolvida nessa investigação. A polícia de

Gritten já tem vários suspeitos com quem pretende falar. Eu fui visitá-lo por um assunto totalmente diferente.

— Acha que ele pode ser a pessoa por detrás das mensagens online?

Ainda mais perspicaz.

— Não sei. É uma das nossas linhas de investigação. Acha que ele poderia fazer esse género de coisas?

— O Billy? Não sei nada sobre ele.

Presente. Apesar de Paul ter acabado de saber que Roberts estava morto, a informação ainda não fora registada, ao ponto de ele corrigir o tempo verbal. Amanda já tinha a certeza de que Paul não estava por detrás do utilizador CC666. Agora, tinha a certeza de que também não estava envolvido na morte de Roberts.

Nesse caso, quem seria o assassino?

«Um assunto totalmente diferente», fora a explicação que ela lhe dera, e era aparentemente verdade. Embora não estivesse envolvida na investigação do homicídio, estivera no local do crime, dera um depoimento detalhado e conversara com o inspetor Graham Dwyer. Dwyer já tinha uma lista de pessoas com quem pretendia falar. Billy Roberts fazia parte de um círculo de consumidores de álcool locais, que tinham uma relação frequentemente volátil: homens que eram praticamente sem-abrigo e que se desentendiam e andavam à pancada no espaço de meia garrafa, numa explosão da raiva e do ressentimento reprimidos. Antes dos resultados forenses, essas ligações seriam o foco natural da investigação, e era bastante provável que Dwyer tivesse razão.

Contudo, Amanda não conseguia ignorar a sensação que tivera à porta de Roberts, de que alguém estava do outro lado, a observá-la. Se assim fosse, sugeria um assassino bem mais no controlo da situação do que a teoria vigente sustentava. Não lhe agradava nada pensar que quem cometera o ato terrível que ela vira naquela casa o tivesse feito com toda a calma do mundo.

Que tipo de monstro seria capaz de fazer aquilo?

Paul olhava para o vazio, desalentado, quase assoberbado pelas informações que Amanda lhe transmitira.

— Lamento ter vindo avivar más recordações — disse ela.

Ele abanou a cabeça.

— Acredite, elas já tinham sido avivadas.

— A sua mãe... não está bem?

— Está a morrer.

— Bem, eu estava a tentar ser cautelosa em relação a isso.

— Não é necessário.

Ela acenou com a cabeça, lembrando-se do que passara nos últimos dias de vida do pai. As visitas intermináveis, o cheiro do hospital, a forma como ele parecia definhar a cada dia, reduzido a uma figura que não se enquadrava na dimensão do homem que preenchia as memórias dela. Parecera impossível. Porém, está tudo bem até deixar de estar. As pessoas estão presentes, cheias de vida e tomadas como um dado adquirido, e depois deixam de estar.

— Sinto muito — disse. — Deve estar a ser bastante difícil para si.

— Acho que está a ser mais difícil para ela. — Paul pegou no copo e bebeu metade da cerveja de uma vez. Amanda esperou que ele continuasse.

— Há muito tempo que não a via. Nunca mais voltei cá. Sabe quando guardamos uma coisa e nos esquecemos dela, e é como se ela tivesse desaparecido? Mas depois apercebemo-nos de que esteve sempre ali.

— Como uma caixa que teima em não fechar? — arriscou Amanda.

— Exatamente.

— Acredite, sei o que isso é, todos os dias. Está em casa da sua mãe, certo? — Ele assentiu. — Espanta-me que não tenha preferido ficar num hotel — comentou ela.

— Os professores não ganham assim tão bem.

— Ainda assim.

Paul não comentou, e Amanda deu por si a tentar imaginar como seria regressar a uma casa de infância com tão más recordações entranhadas nos soalhos e paredes. Sobretudo quando, ao contrário de Roberts, Paul não precisava de o fazer. Porém, observando-o agora, reconheceu que muito do peso que aquele homem carregava era culpa. Apesar de ele não querer pensar no que se passara ali, talvez uma parte de si tenha concluído que, lá bem no fundo, havia essa necessidade.

— Não sei — disse ele, por fim, falando lentamente, como se ainda estivesse a tentar perceber isso. — Por mais difícil que esteja a ser, acho que o devo à minha mãe. Ela cuidou de mim quando eu era miúdo. Protegeu-me. Criou-me. Talvez seja o mínimo que eu posso fazer. Apesar de agora já ser demasiado tarde, obviamente.

— Não necessariamente.

O telemóvel de Amanda emitiu um sinal. Era uma mensagem de Lyons a pedir uma atualização da situação. As palavras haviam sido tão bem escolhidas que ela percebia que ele estava furioso por não ter sido informado. Bem, ele podia esperar. Percorreu as mensagens, na esperança de encontrar uma de Theo, mas nada. O misterioso utilizador por detrás da conta CC666 ainda não mordera o isco. E, claro, se fosse Billy Roberts, agora também nunca viria a morder.

Uma imagem da cena do crime invadiu-lhe a mente. Amanda afastou-a e esvaziou o copo.

— Muito bem, tenho de ir — disse.

— Bem, obrigado pela bebida.

— Ora essa. Agora que sei que os professores ganham pouco, fico contente por me ter chegado à frente. Vou dando notícias. Pode dar jeito falarmos sobre o que se passou aqui, nem que seja só para me dar uma ideia do que procuro.

— Não sei se lhe poderei valer de muito.

— Nem eu. Mas veremos. — Amanda levantou-se. — Entretanto, há mais alguém por aqui com quem valha a pena falar?

Paul olhou para lá dela, na direção da porta do bar.

Até então, ele fora tão franco que Amanda não duvidara de uma única coisa que ele dissera. Porém, agora havia algo de diferente na sua postura. Não parecia alguém a vasculhar a memória em busca de um nome, mas, antes, alguém que já tinha um nome em mente e estava a decidir se deveria ou não dizê-lo.

— Não — respondeu ele, por fim. — Ninguém.

Quando regressei a Gritten Wood, mais tarde, não fui diretamente para casa da minha mãe. Ao sair da via rápida, deparei-me com as Sombras, à distância, como uma muralha, uma presença negra e sólida no horizonte. Em breve, anoiteceria, e senti algum nervosismo por ir dormir no meu antigo quarto depois de tudo o que acontecera hoje, com tudo o que eu descobrira às voltas na minha cabeça, com os barulhos da casa em redor, e com o arvoredo ao fundo do quintal, dominado pela escuridão e pelos fantasmas.

Só que, claro, aqui havia fantasmas por toda a parte.

Estacionei junto de uma propriedade e olhei lá para fora, pela janela do carro. O jardim estava coberto de vegetação selvagem, com arbustos arqueados sobre o relvado, como rolos de arame farpado. A vegetação mais próxima da casa alcançava os vidros escuros e sujos das janelas do piso térreo. Aquele sítio era pouco mais do que uma fachada. Parecia que o bosque, nas traseiras, havia estendido os seus dedos pelo quintal, começando a cerrar lentamente os punhos, reclamando aquela casa para a natureza.

A antiga casa do James.

Tinha uma vaga lembrança de ouvir a minha mãe a comentar que o Carl e a Eileen se haviam mudado dali há anos. Talvez tivessem tentado vender a propriedade, mas quem compraria uma casa em Gritten Wood? A aldeia estava a morrer aos poucos, e as casas, como luzes, iam-se apagando uma a uma, sem que alguém substituísse as lâmpadas fundidas. Aquela, em particular, fora claramente abandonada há anos, mas o seu coração desaparecera muito antes.

O Billy está morto, pensei.

As palavras tinham claramente significado, mas ainda não pareciam surtir impacto, de uma forma que eu pudesse compreender. Deveria ser importante para mim — eu devia estar a sentir alguma coisa. Talvez devesse estar contente, satisfeito, por ele ter tido, finalmente, o castigo que merecia, depois do que fizera. Essa seria a reação natural, certo? Porém, sempre que procurava, dentro de mim, uma reação à notícia, não conseguia encontrá-la.

Na verdade, em todos os aspetos importantes, o Billy, para mim, estava morto há 25 anos. Tornara-se apenas uma fotografia antiga para a qual eu já não olhava. Naquela época, eu teria ficado contente por o matar pelo que ele fizera, mas o tempo acalmara esses ímpetos. Em retrospectiva, percebia que o Billy fora sempre facilmente manipulado. Tivera uma infância difícil, e a sua vida adulta não devia ter sido muito diferente. A única emoção que a sua morte suscitava em mim era uma tristeza estranha, vinda da noção de quantas vidas haviam sido arruinadas pelo que acontecera aqui, e o desperdício de tudo aquilo.

Agora, outro rapaz fora assassinado.

«O Charlie está morto.»

Foi o que eu dissera à inspetora Amanda, mas as palavras haviam sido fruto do instinto. Fora o que eu dissera a mim mesmo, ao longo dos anos, porque era o que precisava de ouvir. Olhei para lá da casa, em direção ao bosque. A explicação mais provável para o desaparecimento do Charlie era que ele estaria ali, nas Sombras; que, depois do que ele e o Billy fizeram, ele acordara e fugira, e os seus ossos estariam a desfazer-se algures por entre as árvores, destroçados pelas ervas e perdidos na vegetação rasteira.

Ainda assim, eu sentia um arrepio na pele.

À medida que a noite envolvia tudo em redor, pensei nas pancadas noturnas na porta, em figuras no bosque e no que a minha mãe me dissera — que vira o Charlie a cintilar no arvoredo.

Além disso, alguém estava a fazer-se passar por ele na Internet.

«Acha possível que seja verdade?»

Naquele momento, eu desejava sentir a convicção que tentara mostrar no bar, mas, na verdade, ainda conseguia sentir a presença do Charlie por toda a parte. Liguei o motor e arranquei, assustado com a ideia. Se ele ainda estava vivo, o que é que se passava ali?

O Billy está morto.

O pensamento surgiu novamente na minha mente, enquanto conduzia. Apesar de a inspetora Amanda ter dito que não havia uma correlação com o Charlie e que já tinham sido identificados suspeitos, o medo ganhou forma dentro de mim. Havia marcas de mãos vermelhas a serem deixadas novamente no mundo, e eu não conseguia evitar pensar que algo horrível iria voltar a acontecer. Acima de tudo, perturbavam-me as palavras da minha mãe: «Não devias estar aqui.»

Quando estacionei à porta de casa dela, concedi-me alguns segundos para me acalmar. Quase tinha medo de entrar, e não podia aceitar isso. Voltar a Gritten mexera comigo, nada mais, e, apesar de ainda se adivinharem momentos difíceis, o importante era que tudo acabaria em breve. Quando terminasse o que me trouxera até aqui, eu poderia regressar à minha vida e esquecer tudo novamente. Até lá, era compreensível que estivesse a ver fantasmas nas sombras. Isso não significava que existissem mesmo.

O passado é passado.

E já não me podia fazer mal.

A casa estava escura e sombria quando destranquei a porta da rua e girei a maçaneta. A porta embateu contra algo, por um segundo, e depois abriu mais devagar do que deveria. Estava algo preso sob a madeira. Abri a porta o suficiente para me esgueirar para o interior e fechei-a atrás de mim. O que quer que estivesse preso acabou por se soltar.

Acendi a luz.

Fiquei petrificado.

O que é isto?!

Contudo, eu sabia a resposta. Obriguei-me a agachar-me junto ao tapete e a resistir à repulsa que senti ao tocar naquilo que alguém enfiara pela ranhura da caixa do correio. O tecido estava empoeirado e velho, tendo começado a desfazer-se em alguns pontos, revelando aglomerados de cola por baixo. Virei o boneco e fitei o seu rosto negro. Os dedos de fio vermelho fizeram cócegas nas costas da minha mão.

O que era aquilo?

A resposta causou-me um calafrio, ao pensar na vasta e escura extensão do bosque atrás de mim.

Incubação.

22

Antes

Na manhã seguinte ao pesadelo com o Mãos Vermelhas, lembro-me de me sentir assustado ao caminhar pela aldeia até à casa do James. Sabia que o sonho que eu tivera — a experiência de estar junto da sala, na cave da escola, e o que acontecera com o Mãos Vermelhas — não passara de um sonho, um sonho que parecera lúcido, na altura, mas que, na verdade, não o poderia ter sido. Eu não conseguira respirar simplesmente porque estava a ter um pesadelo, e nunca estivera ao comando do que estava a acontecer. Ainda assim, por mais que tentasse racionalizar tudo aquilo, o terrível resíduo da experiência permanecera comigo. A noção de que o Charlie conseguira afetar-me daquela maneira era assustadora.

O James parecia cansado e apreensivo. Enquanto caminhávamos na direção da paragem, era óbvio que também estava a pensar nos sonhos que tivera na noite anterior. Nenhum de nós tocou no assunto até o autocarro sair da via rápida.

— E então... como correu? — perguntou o James.

— Como correu o quê?

— Ontem à noite. A experiência. Com o que é que sonhaste?

Obriguei-me a encolher os ombros, como se não tivesse sido nada de especial. Nessa manhã, escrevera, diligentemente, um relato básico do sonho no meu diário, e, se tivesse de o ler à hora do almoço, não fazia sentido mentir agora sobre o que acontecera.

— Sonhei com a sala — disse.

— Eu também. O que é que aconteceu no teu?

— Não aconteceu nada.

— Mas disseste que sonhaste com a sala.

— Sim.

Eu preferia não ter continuado a conversa, mas o James estava à espera de que eu prosseguisse, sem vontade de ficar por ali. Parecia assustado com o seu próprio sonho. Respirei fundo e contei-lhe que estivera junto da sala e o vira a flutuar atrás do vidro, embora minimizando quão assustador tudo aquilo fora, e, claro, sem mencionar o que acontecera no fim.

— E não estava lá mais ninguém — declarei. — Na verdade, nem sequer sei se eras tu. Foi apenas um sonho estúpido. — O James ficou a olhar pela janela. — E tu? — perguntei.

— Não quero falar sobre isso.

— Porquê?

— Porque foi horrível. — Ele abanou a cabeça. — Estou preocupado com o que fizemos, Paul. Acho que fizemos algo muito mau.

Algo ridículo, isso sim!, pensei.

Mas não o disse. O seu tom de voz perturbou-me. No dia anterior, eu não acreditara, por um segundo, que o Charlie se atrevesse a repetir a partida de bater à porta, ou a fazer alguma coisa ao Goodbold. Porém, nessa manhã, já não tinha tanta certeza.

— Vai correr tudo bem — acabei por dizer. — Vamos para a escola, e será tudo como de costume. O Goodbold vai lá estar, acredita. E vai ser o mesmo sacana de sempre. — O James não respondeu. O autocarro avançou aos solavancos. — Vais ver — sosseguei-o.

Contudo, o Goodbold não estava na escola nessa manhã.

Arrastámo-nos para os balneários para nos prepararmos para o futebol, e um professor de desporto diferente, o professor Dewhurst, levou-nos para o campo. Em circunstâncias normais, isso teria sido um bom sinal. O Dewhurst era bastante mais rigoroso do que o Goodbold, e, conseqüentemente, haveria

menos violência em campo. Contudo, aquele seria, provavelmente, o primeiro dia, desde que eu entrara para aquela escola, em que me sentiria feliz por ver o Goodbold. Ao caminharmos pela rua, vi o Charlie a sorrir para si mesmo, e o desconforto que me afligia desde que acordara intensificou-se.

Acontecera alguma coisa.

«Estou preocupado com o que fizemos, Paul.»

À hora do almoço, senti o nervosismo a zumbir dentro de mim. Eu e o James dirigimo-nos para a Sala C5b, os nossos passos ecoando na escada vazia. Era evidente que o que o preocupara naquela manhã tornara-se ainda mais premente nas últimas horas. Quando abriu a porta, senti a necessidade de o tranquilizar novamente, de lhe dizer que não se preocupasse, que tudo iria ficar bem. Porém, não consegui encontrar as palavras.

O Charlie e o Billy estavam nos seus lugares habituais, mas o resto da sala parecia mais escura. Demorei um segundo a perceber porquê. As luzes mais próximas da porta tinham sido apagadas, iluminando-os por trás, atraindo-nos na sua direção a partir das sombras. Teria sido premeditado? Achei que sim. O Charlie encenava tudo ao pormenor.

À medida que avançávamos por entre as cadeiras, decidi que não iria permitir que ele voltasse a manipular-me. Já não estávamos sozinhos no bosque, a quilómetros de vivalma; aqui, eu não corria perigo. Por isso, permiti que alguma da raiva que eu reprimira no dia anterior viesse ao de cima. Fosse qual fosse o propósito daquela experiência, decidi que teria de parar.

— Pois bem, mas que merda se passa aqui?! — perguntei.

— Sentem-se — ordenou o Charlie. Eu ignorei-o, mas o James, obviamente, obedeceu. As mãos tremiam-lhe quando tirou o diário de sonhos da mochila. — Com o que é que sonhámos todos? — perguntou o Charlie.

— Quero saber o que se passa — exigi.

Ele sorriu pacientemente.

— James?

O James olhou para mim, nervoso.

— Quero que o Paul leia primeiro.

— Não — respondeu o Charlie, abanando a cabeça.

— Não quero contar o meu sonho.

— Então, deixa que eu leio.

O Charlie estendeu a mão, à espera de que o James lhe entregasse o diário, um gesto executado com a confiança absoluta de que seria obedecido.

— Não tens de fazer isso — disse eu ao James.

Porém, a mão do Charlie permanecia estendida, e o James obedeceu-lhe. Ele não queria que a sua entrada fosse lida em voz alta, mas a influência do Charlie era tal que ele era incapaz de recusar.

O Charlie abriu o diário do James.

— «Sonhei que estava na Sala C5b» — leu. — «O Charlie e o Billy também estavam comigo, mas o Paul não. O ar estava estranho e líquido, quase como se eu estivesse a nadar na água. Quando me aproximei da porta, olhei pela janela e vi o Paul do lado de fora.» — O James olhou para mim, mas desviou rapidamente o olhar. — «Não conseguia vê-lo bem» — prosseguiu o Charlie. — «A cara dele estava distorcida, e parecia que ele não estava totalmente no sonho. Tinha um ar assustado. Comecei a tentar falar com ele, mas acho que ele não conseguia ouvir o que eu estava a dizer. Depois, desapareceu.»

O James tinha os olhos fixos no chão, incapaz de me encarar. Eu mal podia acreditar no que estava a ouvir. O seu sonho correspondia quase exatamente ao meu, e, mesmo tendo em consideração a incubação, não era possível que pudessem ser tão parecidos. Só havia uma explicação para aquilo. Ele escrevera a entrada no diário depois de falar comigo no autocarro.

«Quero que o Paul leia primeiro.»

Porque eu teria lido o relato do meu sonho, o James teria lido o seu, e viria a saber-se que eram em tudo iguais. Assim, teria conseguido impressionar o Charlie e provar que ele tinha razão — mesmo ciente de que tudo aquilo era uma fantasia e uma mentira.

Meu Deus!, pensei.

Depois de tudo aquilo por que passámos ao longo dos anos — todas as vezes que eu o defendera e protegera —, o James estava tão rendido que se mostrava disposto a usar-me para ajudar a confirmar os devaneios do Charlie.

— Tretas! — exclamei.

O Charlie interrompeu a leitura.

— O quê?

— Eu disse que isto é tudo uma treta!

— Porquê? — O Charlie alternou o olhar entre mim e o diário, fingindo-se confuso. — Foi isto que o James escreveu. O que é que estás a insinuar?

Por momentos, senti-me demasiado zangado, demasiado magoado, para poder responder. Olhei para os três, alternadamente: o Charlie aguardava a minha resposta; o Billy mostrava-se indiferente; e o James, ainda cabisbaixo, estava tão nitidamente envergonhado que eu não consegui prosseguir.

Estou a dizer que o meu melhor amigo é um mentiroso.

— Paul? — insistiu o Charlie.

— Acaba de ler o sonho do James.

O Charlie, porém, pousou o diário do James na secretária.

— Sempre duvidaste disto, não foi? — disse. — Porque é que não nos contas o teu sonho? Posso terminar o relato do James mais tarde.

Olhei para a minha mochila, pousada no chão, aos meus pés, com o diário de sonhos lá dentro. Agora, não podia ler o que escrevera, pois não? Não sem confirmar o que o James tinha escrito, ou contestá-lo sem rodeios, duas hipóteses que me pareciam inviáveis.

— Acaba de ler o que o James escreveu — insisti.

— Daqui a nada — retorquiu o Charlie. — Melhor ainda, acho que vou ler o meu sonho primeiro. Ou lê-o tu, Billy. Assim, evitamos dúvidas e suspeitas. Podes ler, Billy.

Os dois trocaram de diários e o Billy começou a ler.

— «Eu, o Billy e o James estamos na sala. Ao início, não tinha a certeza se eles estavam tão lúcidos quanto eu, mas pareceu-me que sim. O Paul não estava presente. Pressenti que ele se encontrava algures por perto, mas, por algum motivo, não quis juntar-se a nós. Fiquei desiludido, pois pensei que, só se estivéssemos os quatro juntos, conseguiríamos cumprir o nosso objetivo. Seria bastante mais difícil só com três, sobretudo se estivesse alguém descrente por perto. O Paul não quis juntar-se a nós...»

O Charlie ergueu a mão.

— Podes parar, Billy. Agora, vou ler o início do teu.

Abanei a cabeça.

— Isto é uma loucura pegada!

— «Eu e o Charlie estávamos na sala. O James também lá estava, mas parecia distorcido, como se não conseguisse estar tão presente quanto nós, como se não estivesse tão sintonizado. Conseguia ver o Charlie nitidamente. O Paul não estava lá.» — O Charlie parou de ler e olhou para mim. — Qual foi o teu sonho, Paul?

Não respondi, e o silêncio que se abateu sobre nós começou a zunir. Após alguns instantes, o James olhou para mim, com uma expressão suplicante estampada no rosto, que só agravava a revolta que eu sentia por dentro. À sua maneira triste, ele estava a fazer aquilo numa tentativa de me voltar a reunir com o grupo, para me dar uma oportunidade para investir na fantasia do Charlie, tal como ele fizera.

Fitei-o, mas de cara fechada.

— Eu não sonhei nada disso — respondi inexpressivamente. — Não

estava presente. Não vos vi.

— Que te lembres — corrigiu o Charlie. — O James anotou que te viu.

— Acho que estou farto disto tudo.

— Sim. — O Charlie recostou-se na cadeira. — Acho que é melhor assim. O teu envolvimento está a prejudicar-nos. Foi por isso que não conseguimos estabelecer uma ligação adequada; porque tu não estavas empenhado.

— James? — Levantei-me, à espera para ver se ele iria dizer alguma coisa; se iria ganhar juízo e confessar, pondo fim àquela farsa. O Charlie, a julgar pelas suas palavras, estava claramente a tentar afastar-me do grupo, e aquela era a oportunidade de o meu suposto melhor amigo se pronunciar e pôr um fim àquilo, saindo dali comigo. Porém, ele não disse nada. — Certo... — Peguei na minha mochila. — Vemo-nos por aí.

Encaminhei-me para a porta. Antes de sair, parei e olhei para trás. Ainda que soubesse que não poderia ter acontecido nada, a verdade era que o Goodbold não estava na escola.

— Como é que terminou? — perguntei.

— O sonho desfez-se — respondeu o Charlie. — Por tua culpa. Lembro-me de ver o James e o Billy a afastarem-se de mim, e de o sonho começar a diluir-se. Eu e o Mãos Vermelhas conseguimos chegar a casa do Goodbold, mas nós os dois não tínhamos força suficiente para lá entrar sozinhos. Tudo por tua causa.

Abanei a cabeça e rematei com um riso escarninho.

— Então, não aconteceu nada.

O Charlie sorriu.

— Conseguimos matar-lhe o cão.

No dia seguinte, o Goodbold estava de volta à escola.

Por razões óbvias, dei por mim a observá-lo pelo canto do olho. Aparentemente, nada nele tinha mudado: continuava a arrastar-se como sempre, rodando os ombros, o mesmo apito preso num fio ao pescoço. Contudo, se prestássemos atenção, ele parecia andar um pouco mais lentamente do que o habitual, como alguém a recuperar de uma cirurgia. De vez em quando, apanhava-o a olhar em redor, com um ar desconfiado, como se procurasse alguém.

Era impossível saber se o Charlie lhe matara, efetivamente, o cão. Não era o género de incidente que teria destaque nas notícias, ou que fosse tema de mexericos na escola. Porém, o Goodbold parecia magoado. Quando observava o seu rosto, em momentos de distração, era como se lhe tivessem infligido danos cruéis e ele não percebesse porquê.

Assim, embora não houvesse forma de ter a certeza, eu sabia.

Reparei que o Charlie, o Billy e o James também o observavam. No primeiro dia em que ele voltou, lembro-me de os ver sentados num banco, perto do bloco do 6.º ano, no intervalo. Embora eu fizesse os possíveis por os evitar desde o dia anterior, encontrava-me suficientemente perto para ver o Goodbold a passar, enquanto estava de serviço de supervisão ao recreio, e o que aconteceu quando ele se aproximou do banco.

O James estava de olhos no chão. O Billy olhava para o lado. Mas o Charlie fitava fixamente o Goodbold, observando-o a aproximar-se.

O Goodbold olhou para eles com indiferença.

Depois, novamente, com mais interesse.

Então, parou.

O Charlie sorria para ele, um sorriso repleto de intenção — um sorriso que, podendo facilmente ser desmentido, transmitia um recado que o Goodbold percebeu perfeitamente. Informava-o de que fora o Charlie quem cometera aquela maldade terrível, e que ele não podia fazer nada quanto a isso.

Aquele momento durou uma eternidade. O meu coração parecia ter parado no peito, enquanto eu imaginava o que poderia acontecer: se o Goodbold se aproximaria do Charlie para o desafiar, ou se perderia o controle e o atacaria.

No entanto, o Goodbold não fez nada. Limitou-se a ficar ali parado, embora a expressão no seu rosto tivesse mudado. Era como se ele não conseguisse compreender o que estava a ver — como se, naquele momento, percebesse o que acontecera, mas não entendesse porquê. Nesses poucos segundos, vi aquele homem sob uma luz diferente. Lembrei-me das ocasiões em que o avistara a passear o cão em Gritten e dei por mim a imaginar a sua vida doméstica solitária e as frustrações e desilusões da sua existência quotidiana. Imaginei-o a acordar na manhã do dia anterior, a descer as escadas, a sair para o quintal e a tomar consciência do que lhe haviam roubado.

Apesar de todas as indignidades a que ele nos obrigara ao longo de meses, tive pena dele.

Então, virou costas ao Charlie e seguiu caminho.

A vida prosseguiu, igualmente, para todos nós.

Nas semanas seguintes, foi fácil evitar o James. A aldeia era pequena, mas havia caminhos que não passavam por sua casa. Era fácil ignorá-lo enquanto esperava pelo autocarro na paragem. Durante a viagem, ele sentava-se no piso inferior, pelo que estava sempre à minha frente quando saíamos. No

caminho para casa, via-o frequentemente a atravessar a ponte pedonal sobre a via rápida, cabisbaixo e de mãos enfiadas nos bolsos, curvado, de passo apressado, como se estivesse a tentar fugir de alguma coisa.

Na escola, imagino que os três passassem a maior parte do tempo na Sala C5b. Eu já não tinha motivos para lá ir. Nem ao bosque. Aos fins de semana, mantinha-me longe das Sombras. Não queria encontrar os três no meio da natureza, a gizar os seus planos estúpidos, a alinhar nas fantasias uns dos outros e a confraternizar com o monstro dos seus sonhos.

Obviamente, não consegui livrar-me deles por completo. Via-os nas aulas e, por vezes, no parque infantil. Fazia sempre os possíveis por ignorá-los, mas era desconfortável, pois parecia-me que eles não faziam o mesmo comigo — ou pelo menos o Charlie. De vez em quando, sentia um calafrio; erguia os olhos, e lá estavam eles, o Charlie com um sorriso escarninho e uma maliciosa expressão vitoriosa no rosto. «Podes ter-te afastado do jogo, mas o jogo ainda não acabou para ti», parecia dizer-me. Eu desviava sempre a cara, perguntando-me como era possível que tivéssemos sido amigos. Fora por causa do James, claro.

Nunca vi o James a olhar para mim. Estava sempre cabisbaixo, envergonhado e constrangido. Lembro-me de pensar que ele parecia cada vez mais desavindo com os outros dois. Houvera dinâmicas de poder alternadas entre nós os quatro, enquanto grupo, mas a minha presença acabara sempre por equilibrar um pouco as coisas, e parecia que, agora que eu não estava por perto, o Charlie e o Billy tinham-se aproximado novamente, e o James estava a ser dominado.

Um dia, à hora do almoço, eu estava numa ponta do recreio e vi-os ao longe. O James caminhava entre os outros dois, tão cabisbaixo que mais parecia um prisioneiro a ser levado contra a sua vontade.

Porém, ele fizera a sua escolha.

Fiquei a observá-los por instantes, tentando convencer-me de que já não

era nada comigo e que eu não precisava dele.

Ele que se foda!

Pus a mochila ao ombro e segui pelo estaleiro de obras em direção aos campos de ténis e ao banco de madeira.

Eu tinha outra pessoa com quem passar o meu tempo.

24

Agora

«Espanta-me que não tenha preferido ficar num hotel», dissera-me a inspetora Amanda no dia anterior. O comentário apanhara-me de surpresa, na altura. Nunca me ocorrera fazê-lo, e ponderei porquê. Não era uma questão de dinheiro; talvez uma parte de mim procurasse uma espécie de autopunição. Ou, possivelmente, pensando no modo como a minha vida vacilara e fracassara ao longo dos anos, à sombra do que acontecera, talvez eu tivesse decidido, a um nível subconsciente, que tinha de ser assim, quase como um desafio a mim próprio.

Vês? Está tudo bem.

Em todo o caso, a chegada do boneco do Charlie mudou tudo. Eu não iria conseguir ficar ali em casa naquela noite. Arrumei as minhas coisas, juntamente com as caixas que a minha mãe guardara, entrei no carro e fui à procura do hotel mais barato em Gritten. Fiz o *check-in* e decidi que, de manhã, veria que medidas tomar.

No entanto, nunca consegui dormir bem em hotéis, e, até ali, longe da casa da minha mãe, persistia a sensação de ameaça e de mau augúrio. As pancadas na porta poderiam ter sido uma partida, e a figura que eu avistara no bosque poderia ser um desconhecido qualquer, mas não via como racionalizar o surgimento do boneco.

Havia alguém algures lá fora. Alguém me tinha como alvo.

Por mais que eu tentasse convencer-me de que era impossível, não conseguia deixar de pensar que o Charlie estava por detrás de tudo aquilo. Dei voltas e voltas na cama, até amanhecer, lembrando-me da forma como ele me olhava nas semanas após eu ter saído do grupo, da sensação que me

dera, na altura, de que as coisas não iriam ficar por ali.

«O jogo ainda não acabou para ti.»

Às primeiras horas da manhã, já eu saíra do hotel, percorrendo as ruas de Gritten. O mundo ainda estava calmo e sossegado. Não se sentia uma brisa sequer; apenas o ar fresco contra o meu corpo, uma sensação recebida quase de bom grado, antes do calor que se adivinhava para mais tarde. Fiapos de nuvens pairavam no céu, tão próximas que pareciam espíritos que haviam descido para me observar, e tão estáticas que era difícil imaginar que alguma vez se fossem mover dali.

Vagueei por ruas que conhecia bem. Havia inúmeras fileiras de casas de tijolo geminadas, anónimas, desconfortavelmente esmagadas umas contra as outras. Antes, viam-se estendais por todo o lado, com roupa pendurada, como bandeiras esfarrapadas. As ruas tinham mudado um pouco, mas permaneciam familiares.

Apesar de eu dizer a mim próprio que estava a caminhar sem destino, apenas à deriva, sabia que não era verdade, e, por fim, dei por mim no topo de uma colina que tão bem conhecia.

A antiga casa da Jenny encontrava-se mesmo à minha frente.

Parei antes de chegar ao cimo da rua. A casa estava quase igual ao que era há 25 anos. O meu olhar foi atraído para uma das janelas do piso superior, que correspondera ao seu quarto, e visualizei a cama estreita, com a coberta simples, a secretária encimada por uma pequena televisão, a guitarra num suporte, a um canto. As paredes estavam cobertas de prateleiras, desde o chão até ao teto, claramente artesanais, parecendo demasiado frágeis para suportar o número de livros que continham, e a estrutura só não desabava graças aos alicerces proporcionados por mais livros, guardados em baixo.

Meu Deus, ainda conseguia ver tudo tão claramente!

Lembrei-me da primeira vez que aqui viera, da surpresa ao ver a Jenny sem a farda da escola. Quando ela abria a porta, vestia umas calças de

ganga, uma t-shirt desbotada dos Iron Maiden, que parecia ser vários tamanhos acima do dela, e uma camisa axadrezada, preta e branca, aberta.

— Desculpa esta confusão — dissera-me, ao conduzir-me ao piso superior.

Não havia motivo algum para pedir desculpa. O contraste com o meu quarto fora notório de imediato, e eu sentira-me envergonhado, pensando no soalho despido, na cama sem estrado, nos montes de roupa e de livros, na humidade nas paredes. Até a ideia de ter o meu próprio roupeiro ou estante de livros era estranha para mim, quanto mais uma televisão.

— Devias ver o meu quarto — respondera-lhe.

O comentário valera-me o erguer de uma sobrancelha.

— É muito atrevido da tua parte.

Sorri ao evocar essa lembrança. Aquilo fizera-me corar, mas, ao mesmo tempo, a sensação de ter o estômago às voltas fora agradável. Os dois sentimentos regressariam, pouco depois, quando a Jenny terminara de guardar os livros que queria levar para a sua adorada loja de artigos em segunda mão, dizendo-me:

— É melhor descermos. Não queremos que a minha mãe fique desconfiada.

De súbito, a porta da rua abriu-se.

Quis esconder-me, mas não tinha para onde ir. Talvez não fosse a Jenny...

Mas claro que era.

Fiquei a observá-la a sair, dizendo qualquer coisa para dentro de casa. Avançou para a rua, colocando a mala a tiracolo. Desta vez, não era um saco de plástico cheio de livros, mas algo mais adulto, de marca e caro. Ela iria virar-se a qualquer momento e dar comigo ali parado, no meio da rua, como um idiota.

Já não és nenhum adolescente.

Pois não. Por isso, em vez de continuar a hesitar, avancei. Ela virou a

cabeça na minha direção e voltou a olhar quando percebeu que era eu. Esboçou um sorriso.

— Olá, estranho.

— Sou como uma lapa — observei. — Não descolo.

— Que injustiça! És bem mais do que isso. O que te traz aqui a estas horas?

— Os meus pés. Não ando a perseguir-te, juro. Estava apenas a fazer uma caminhada.

— Sim, sim. Acredito em ti. Muitos não acreditariam. — Fez um gesto para a casa. — Queres entrar um bocadinho e cumprimentar a minha mãe?

Não me imaginava a fazê-lo naquele momento.

— Obrigado, mas acho que não sou a melhor companhia. E vim só mesmo dar um passeio.

— Parece ser coisa séria. Eu ia agora tomar o pequeno-almoço, ler um bocadinho e tirar algumas notas. — Apontou para a mala. — Acompanhas-me?

— Claro.

Alinhei os meus passos com os dela. Enquanto caminhávamos, lembrei-me de que fizéramos aquilo inúmeras vezes naquele verão: vaguear pelas ruas, lado a lado, a dizer disparates e a partilhar as nossas aspirações para o futuro. Com o passar das semanas, as nossas vidas começaram a entrelaçar-se lentamente, e surgira uma leve tensão entre nós, uma noção partilhada de que algo estava a crescer. Passara muito tempo desde então, e tudo mudara, mas a facilidade que advinha da idade e da experiência era, naquele momento, igualmente agradável, à sua maneira.

— Porque é que perdemos o contacto? — perguntou a Jenny.

— Não sei. — Enfie as mãos nos bolsos, pensando nas vezes em que ela fora visitar-me à universidade, e nas várias ocasiões em que nos víamos depois disso. Eu sabia apenas que a situação se tornara cada vez mais

estranha. A Jenny fora o meu primeiro amor, e, quando somos jovens, apegamo-nos a isso até muito para lá da altura em que percebemos que já deveria ter terminado. Sabemos que temos de seguir cada um o seu caminho, mas é tão triste e difícil que só o fazemos quando se torna inevitável, quando a mágoa de ficar com essa pessoa supera a mágoa de a perder. — Não sei — repeti. — Foi há tanto tempo. Só sei que é bom voltar a ver-te.

— É, não é? — Ela sorriu-me. — E então, há novidades?

Vacilei.

— Não quero falar sobre isso agora.

— Já percebi. Mas acho que isso é mais um motivo para tentares fazê-lo.

Após alguma hesitação, acabei por lhe contar acerca das pancadas na porta, da figura que eu vira no bosque, de o Billy ter sido assassinado.

— Bem, fico contente por isso — observou ela, referindo-se a esse último facto.

— Achei que ficarias. E sei que eu deveria sentir o mesmo.

— Pois, mas tu sempre foste mais sensível. — Franziu o sobrolho. — Então, o que achas que se passa?

— Não sei. Mas lembras-te dos bonecos que o Charlie fez?

— Lembro-me de me falares deles.

— Alguém deixou um em casa da minha mãe ontem, pela caixa do correio.

— O quê?! — A Jenny parou ao meu lado, horrorizada. — Porque é que alguém faria tal coisa?!

Essa era uma das perguntas que me atormentavam. Até então, a atenção de que eu fora alvo havia sido de natureza ameaçadora, mas não lesiva. Talvez isso significasse que quem estava por detrás daquilo quisesse apenas assustar-me, por algum motivo. Contudo, o comportamento parecia estar a agravar-se, em crescendo, em direção a algo, e eu sentia-me em perigo.

Havia, no entanto, uma pergunta que me assustava ainda mais: quem estaria por detrás daquilo?

— Não sei — respondi.

— Tens de ir à polícia — disse a Jenny.

Olhei para ela.

— Não. Posso sempre ir-me embora — retorqui.

Ao dizer aquelas palavras, percebi que estava a falar a sério; a ideia surgira quando vira o boneco, no dia anterior, ainda que só agora admitisse essa hipótese. Eu podia ir-me embora. Nada me obrigava a permanecer em Gritten. Talvez desiludisse a minha mãe, mas, na verdade, conseguira viver com sentimentos de culpa piores ao longo dos anos. Além de que ela própria me dissera que eu não deveria estar ali. Não havia necessidade de ficar.

A Jenny sorriu tristemente.

— Não me parece que vás fazer isso desta vez, Paul.

Estendeu a mão, tocando-me no braço. Foi o primeiro contacto físico que tivemos em mais de 20 anos. Senti uma espécie de choque elétrico, e, quando ela não retirou a mão, o calor espalhou-se pela minha pele.

«Não me parece que vás fazer isso desta vez.»

— Devo-o à minha mãe, certo? — disse-lhe.

— Não, deve-lo a ti próprio. E sabes o que mais? Acho que parte de ti quer ficar. Afinal de contas, não precisavas de ter vindo, pois não? Não precisavas de ter ficado em casa da tua mãe, ou de ter ido ao sótão. Mas fizeste-o.

— Sim.

— Porque, lá bem no fundo, sabes que tens de o fazer.

Eu não respondi. Após alguns instantes, ela retirou a mão.

— A propósito, eu fico aqui.

Olhei para o lado, apercebendo-me de que nos encontrávamos à porta de um café, numa das ruas principais. Estivera tão embrenhado na nossa conversa que não prestara atenção ao mundo à nossa volta.

— Vou andando, então — disse-lhe. — Mas obrigado.

— Sempre às ordens.

A Jenny entrou no café, deixando-me sozinho no passeio, ainda a sentir o formigueiro no braço causado pelo contacto físico. As suas palavras também permaneceram comigo. Eu sabia que ela tinha razão. Sim, eu podia arrumar as minhas coisas e sair dali. Seria tão fácil. Porém, não era o que eu precisava de fazer.

Percebi, então, que havia outra pergunta a ser feita acerca do boneco: não apenas porquê e quem, mas como? Não sabia o que acontecera aos outros três bonecos, mas não me lembrava de me ter livrado do meu. Faria sentido que estivesse na caixa, juntamente com todos os meus pertences daquela altura, mas não estava. E se o boneco que surgira em casa da minha mãe era o meu? Como é que alguém conseguira deitar-lhe a mão?

Só me ocorria uma resposta.

A dada altura, alguém devia ter entrado lá em casa.

A manhã ia a meio quando os resultados da autópsia de Billy Roberts chegaram, finalmente. Amanda já estava exausta. Os hotéis não combinavam com ela — ou seria o contrário? Esse pensamento confundiu-a, momentaneamente. Abanou a cabeça, bebeu um gole de café reles e tentou focar-se no ecrã à sua frente.

Não foi fácil. Uma das muitas coisas que ela aprendera com aquele caso era que os sonhos ocorriam na fase mais superficial do sono, e, na noite anterior, o colchão desconfortável fizera os possíveis para a manter nessa fase, contribuindo para lhe fornecer um manancial deles.

Aquele pesadelo, claro.

Tendo em conta alguns dos horrores que Amanda testemunhara na sua carreira, poderia estar à espera de que quaisquer pesadelos se revelassem sombrios e viscerais, mas o mais comum que tinha era superficialmente benigno. Tudo em seu redor estava escuro como breu, e havia uma sensação de vastidão, como se o mundo inteiro tivesse sido varrido até ficar vazio e limpo. Não havia som. Na verdade, não havia qualquer sensação real, além do nó apertado de consciência na sua mente de que, algures lá fora, na escuridão, um rapazinho estava perdido, e que iria morrer se ela não o encontrasse — e ela não iria conseguir encontrá-lo a tempo.

Acordava do sonho sempre num estado de profunda angústia, com uma dor no peito. Não era bem uma dor — era mais como uma ausência, um sentimento de aflição e de desespero. Nessa manhã, esse sentimento fora agravado pelo pânico. O quarto em seu redor estava quase tão escuro quanto o mundo no pesadelo, e o pouco que Amanda conseguia vislumbrar na

escuridão era desconhecido e ameaçador.

Sentara-se rapidamente, sem saber onde se encontrava.

Durante alguns segundos, não conseguira raciocinar, voltando a sentir-se uma criança, com o desespero intensificado pela ténue noção de que o seu pai estava morto e que, se ela gritasse, ninguém viria acudi-la.

Pelo menos agora sabia onde estava: na cantina da esquadra de Gritten. A sala era um clássico do género, um espaço pequeno, com cadeiras beges e velhas mesas dobráveis com a fórmica lascada nas bordas. A oferta de restauração limitava-se a uma máquina de venda automática a um canto. Bebeu outro gole do péssimo café que tirara da máquina. *Concentra-te, mulher!*, pensou, abrindo o relatório da autópsia no portátil.

Incluía fotografias, em anexo, mas Amanda evitou-as. Havia horror mais do que suficiente na descrição, que ela examinou com o maior distanciamento possível. Estimava-se que a hora do óbito tivesse sido ao final da manhã do dia anterior. Essa informação fê-la estremecer. Amanda tinha a certeza de que o assassino ainda se encontrava na casa quando ela chegou, e o relatório forense confirmava praticamente a sua suspeita. Quando batera à porta, havia um monstro do outro lado, a observá-la.

Se ela tivesse levado a mão à maçaneta naquele momento...

Fez os possíveis para afastar esse pensamento e continuou a ler. A causa da morte parecia ser um ferimento com arma branca no pescoço de Roberts, mas, como ela observara no local, havia várias outras lesões, enumeradas no relatório: cortes no rosto e nos braços, hematomas extensos na cabeça e no corpo, ossos metodicamente partidos. Roberts fora barbaramente torturado antes de morrer, e as marcas nos seus pulsos sugeriam que havia sido algemado durante grande parte da provação.

Amanda preparou-se mentalmente e abriu uma das fotografias anexadas.

Mostrava uma ampliação do que restava do rosto de Roberts. Ela recostou-se ligeiramente, encolhendo-se diante da imagem. No decurso da

sua pesquisa, vira fotografias dele quando adolescente, e a que lhe ficara gravada na mente fora a publicada na imprensa: o rosto soturno a olhar para a câmara, algures num estado nebuloso entre criança e adulto. A discrepância entre essa fotografia de adolescente e a visão que tinha diante de si agora era absolutamente gritante.

Quem te fez isto, Roberts?, pensou.

Porém, como sempre, havia outra pergunta que exigia resposta, e que, naquele momento, parecia mais importante do que nunca: e porquê?

O inspetor Graham Dwyer julgava ter a resposta para as duas perguntas.

— Walt Barnaby, Jimmy Till e Stephen Hyde — disse. — São uns trastes de primeira.

Amanda seguiu-o por um dos velhos corredores da esquadra de Gritten, dividida entre a necessidade de o acompanhar e o desejo de não o fazer. Dwyer era um homem grande. O suor deixara-lhe o ralo cabelo grisalho húmido e as costas da camisa manchadas, com as fraldas praticamente de fora. Ela sentia o cheiro à distância, e ele, claramente, não se importava nem um pouco com isso. Era igualmente claro que se limitava a tolerar a presença dela ali e que ela não era bem-vinda — e que os cordelinhos que Lyons puxara na hierarquia de Gritten se haviam emaranhado.

Era compreensível, pensou Amanda. Ela teria provavelmente sentido o mesmo se as posições fossem invertidas. Porém, depois ponderou sobre o assunto. Talvez já não fosse assim. Lembrou-se da investigação sobre o desaparecimento do menino, e de como, inicialmente, levara a mal que outro agente tivesse sido destacado para a ajudar, quando agora sentia imenso a sua falta.

— São três pessoas — observou.

Dwyer não abrandou o passo.

— Vejo que sabe contar.

— Só vi um conjunto de pegadas no local do crime — disse ela.

— Um conjunto de pegadas sangrentas.

— Que apontam para um assassino sangrento.

— Que será um dos três homens que referi.

Dwyer encaminhou-a para o seu gabinete. Estava mais arrumado do que Amanda esperava, as prateleiras alinhadas com arquivos cuidadosamente etiquetados, a secretária vazia, à exceção do computador e de algumas pastas castanhas cuidadosamente empilhadas. Felizmente, a janela atrás da secretária estava aberta.

Dwyer sentou-se pesadamente na sua cadeira e suspirou.

— Tem de ter em conta que não conhece estas pessoas. O Barnaby, o Till e o Hyde são, tal como eu disse, uns trastes de primeira. Se não acredita em mim, os dossiês estão ali. — Apontou para o monte de pastas, sem fazer o menor esforço para lhas passar. — Esteja à vontade.

— Obrigada.

Amanda folheou as pastas, concluindo que a definição de Dwyer de «traste de primeira» era um pouco diferente da sua. Talvez estivesse a ficar mais branda com a idade, mas deu por si a ter uma certa pena dos três homens. Estavam todos na casa dos 40 anos, mas pareciam bastante mais velhos nas fotografias de cadastro: pele pálida, cabelo desgrenhado, olhos desvairados. Ela reconheceu o género, e leu nas entrelinhas das várias detenções e acusações: eram o tipo de homens que se deixavam arrastar para as franjas da sociedade e que acabavam por ser esquecidos. Estavam por toda a parte: a beber durante o dia em bares reles e mal frequentados; sentados com latas no parque; a beber até caírem para o lado, em casa uns dos outros, com o dia e a noite a fundirem-se. Uma rede volátil de amigos em que a ameaça de violência estava sempre a fervilhar sob a superfície. Bastava uma palavra errada, ou um aparente insulto, um desentendimento.

Dwyer fitava Amanda fixamente.

— Estão os três sob custódia — disse. — Temos diversas testemunhas que declaram que eles estavam a beber com o Billy Roberts, em casa dele, no dia anterior ao homicídio.

Ela lembrou-se das vozes barulhentas que ouvira no breve telefonema que fizera a Roberts.

— E o que mais?

— Dizem que se foram embora a dada altura. — Dwyer abriu as mãos. — Só que nenhum deles tem como corroborar isso. E todas as histórias são diferentes.

— Talvez estivessem bêbedos.

Dwyer riu-se.

— Sem dúvida.

— E levaram alguma coisa de casa? — perguntou Amanda.

— Sabe-se lá. E, antes que pergunte, estamos a aguardar os resultados da análise forense. Palpita-me que vamos encontrar inúmeras provas.

— Bem, já me disse que eles estiveram todos naquela casa...

Dwyer ignorou-a.

— Estamos a passar revista às propriedades de cada um, se é que lhes podemos chamar isso. E estamos a falar com eles, ou a tentar. Dois ainda se encontram bêbedos. Mas, acredite, a experiência diz-me que um deles será o assassino sangrento.

Amanda pousou as pastas na secretária, dividida entre o instinto que a levava a discordar de Dwyer e a percepção de que, provavelmente, ele estava certo. Não havia razão para acreditar que o homicídio de Roberts estivesse ligado ao que acontecera em Featherbank. Na maioria das vezes, a solução mais óbvia era a correta. Dwyer estava a seguir o caminho que ela possivelmente seguiria, no lugar dele. Nem tudo tinha de ter um significado mais profundo; às vezes um charuto era simplesmente um charuto.

Contudo...

A ferocidade do que haviam feito a Roberts não lhe saía da cabeça. Sim, o grau de violência enquadrava-se com um assassino cuja mente estivesse devastada por anos de consumo excessivo de álcool, drogas e sabe-se lá mais o quê, mas parecia-lhe que o que acontecera naquela casa fora um ato mais controlado e que havia algo que lhes estava a escapar.

— Parece preocupada — comentou Dwyer.

— E estou.

— Em relação a quê?

— Preocupa-me que isto possa estar relacionado com o que me trouxe aqui.

Dwyer revirou os olhos.

— Inspetora Beck, sei o que a trouxe aqui. Deixe que lhe diga, terras como esta têm boa memória. Ninguém se esqueceu do que aconteceu. Mas a verdade é que as pessoas não gostam de pensar nisso. Está feito. É passado. A vida continua.

— Alguém deixou marcas de sangue na porta do Paul Adams.

— Parece que sim. Eu disse que as pessoas não gostam de pensar nisso, mas talvez não se importem que os outros pensem.

Amanda apoiou-se na secretária.

— Nunca chegaram a encontrar o Charlie Crabtree. — Por instantes, imperou o silêncio entre eles. Dwyer fitou-a friamente, como se ela tivesse cometido uma transgressão, ultrapassado os limites. Sem se importar com isso, Amanda acrescentou calmamente: — Se o inspetor estiver enganado, o assassino continua à solta, e preocupa-me o que ele possa fazer a seguir.

Sentiu o telemóvel a vibrar no bolso, não a deixando prosseguir. Afastou-se da secretária e tirou-o do bolso. Uma mensagem de Theo: «Liga-me com urgência.»

Dwyer ergueu uma sobrancelha, com um ar sarcástico.

— O que foi? Uma confissão? — perguntou.

Amanda devolveu-lhe o olhar.

— Sim — respondeu. — Talvez.

Saiu para o corredor para ligar a Theo, encostando-se à parede. Quando ele atendeu, Amanda conseguia ouvir o zumbido de atividade dos discos rígidos que o rodeavam, ou pelo menos imaginava que conseguia.

— Fala a Amanda. O que descobriste?

— Ainda não obtivemos resposta do CC666, mas alguém abriu o link que enviei. Podia maçar-te com os dados que obtive do computador do utilizador, mas não o farei. O mais importante é que foi fácil detetar o endereço de IP. Consegui restringi-lo a algumas ruas. Uma localidade chamada Brenfield, a 160 quilómetros de Gritten.

— Há quanto tempo foi isso?

— Ontem à noite. Desculpa, só vi agora.

— Não faz mal.

Obviamente, a pessoa que estava por detrás do utilizador CC666 não era Roberts. Porém, o nome do local não lhe era estranho. Brenfield. Vira-o algures nos ficheiros, mas estava tão cansada que não conseguia vasculhar na sua mente toda a informação que absorvera nos últimos dias.

O som na linha alterou-se ligeiramente, e Amanda imaginou Theo a movimentar-se na sua câmara escura, alternando entre ecrãs.

— Reconheces o nome do local, certo? — perguntou ele.

— Tenho tido muito com que me entreter nestes últimos dias....

— É justo.

Então, Theo elucidou-a, e Amanda lembrou-se. Sem deixar de ouvir o que ele dizia, avançou a passos largos pelo corredor.

Sentado na beira da cama do meu quarto de hotel, peguei no telemóvel para fazer uma chamada. Não sabia ao certo o que iria perguntar ou o que faria com o que viesse a descobrir, mas precisava de fazer alguma coisa.

Alguns segundos depois, a chamada foi atendida.

— Sally Longfellow.

— Olá, Sally. Fala o Paul Adams.

— Olá, Paul. Estou em casa. Como está a Daphne?

— Ainda não fui vê-la.

— Eu sei que é difícil. Bem, presumo que esteja a dormir. — Baixou ligeiramente a voz. — Por mais triste que seja, é o melhor que podemos esperar nesta fase, não é?

Eu não estava com disposição para aquele tipo de conversa, pelo que decidi ir direto ao assunto.

— Presumo que sim. Mas liguei para saber se me podia dar mais algumas informações sobre o acidente da minha mãe.

— Claro. O que quer saber?

— Ela caiu, certo?

— Sim.

Aguardei, olhando pela janela para a rua, lá em baixo, mas a Sally não parecia disposta a acrescentar mais nada. O silêncio encheu-se de defensividade. Talvez ela julgasse que eu tencionava culpá-la pelo sucedido, por ter sido negligente, de alguma forma.

— Ela estava a subir ou a descer quando caiu?

— Não sei. Isso tem importância?

— Não sei ao certo. — Abanei a cabeça. A pergunta viera do nada, mas, por algum motivo, parecera-me subitamente importante. — Ela disse alguma coisa sobre o que se passara?

— Não. Ficou gravemente ferida. E sabe o estado da sua mãe, Sr. Adams; não sei sequer se ela percebeu que teve um acidente.

— Quanto tempo ficou ali estendida?

— Também não sei. Só lhe posso dizer que cheguei o mais depressa possível.

Houve uma nova pausa. Eu partira do princípio de que a visita da Sally teria sido agendada.

— Espere... Então... a Sally sabia que a minha mãe caíra?

— Que ela caíra, não, mas a Daphne tinha um alerta. Chamamos-lhe Bat-Sinal, no bom sentido, claro. Basicamente, é um bip que os utentes trazem consigo que nos envia um sinal para o telemóvel. Recebi um alerta da Daphne, pelo que tentei ligar-lhe para casa. Como ela não atendeu, segui imediatamente para lá.

Pensei um pouco sobre aquilo.

— Ela estava consciente depois da queda?

— Quando eu cheguei, não. Mas, obviamente, devia ter estado. Só lhe posso dizer, Sr. Adams, que cheguei no espaço de meia hora. Teria chegado mais depressa, mas já era bastante tarde.

«Devia ter estado.»

A menos que, por algum motivo, a minha mãe tivesse pressionado o botão de alerta antes da queda. Talvez por se sentir ameaçada por algo ou por alguém.

— Sr. Adams? Mais alguma coisa?

— Sim, desculpe. — Abanei a cabeça. — Só mais uma coisa. A porta estava destrancada quando chegou?

Houve um breve silêncio.

— Eu tenho a chave. Bem... agora é o senhor que a tem.

— Sim, mas usou-a nessa noite?

A Sally voltou a ficar em silêncio, por instantes, tentando lembrar-se.

— Agora que fala nisso, não sei ao certo. Creio que não. Bati à porta, e, como a sua mãe não veio abrir, entrei imediatamente. Mas acho que não tive de usar a chave.

— Certo. Obrigado.

— Mas o que...?

Terminei a chamada — claramente, uma extrema indelicadeza, mas, dadas as circunstâncias, achei que o universo me perdoaria, ainda que a Sally não.

Olhei pela janela para a rua, para as lojas em frente ao hotel, para as pessoas que passavam, tentando conjugar o que já sabia com o que acabara de descobrir.

Na noite da queda da minha mãe, ela enviara um alerta a pedir ajuda, e a porta estava destrancada quando a Sally chegara. Havia uma narrativa óbvia e inocente que se poderia criar a partir daí, e que fora, obviamente, o que as pessoas tinham feito. Só que a minha mãe estava desorientada e com medo de algo. Ela alegara ter avistado o Charlie no bosque. E, se me enviaram o meu boneco, alguém teria de ter entrado em casa dela, a dada altura.

Será que a queda da minha mãe fora mais do que aparentava? Talvez ela não estivesse sozinha naquela noite.

Talvez não tivesse caído.

Sentado no quarto do hotel, sentindo-me perdido e assustado, havia um pensamento que não me saía da cabeça: «O jogo ainda não acabou para ti.»

Tomei uma decisão.

No entanto, isso não significava que a minha determinação sobreviveria a um encontro com a realidade, e comecei a sentir-me um idiota antes de chegar à esquadra. A sensação foi agravada quando entrei. A receção não

mudara muito ao longo dos anos, e, por instantes, lembrei-me de ali entrar com a minha mãe, perdido e entorpecido, o braço dela pousado nos meus ombros, guiando-me atrás dos dois agentes que nos tinham trazido.

Porém, eu já não era um adolescente.

Na receção, pedi para chamarem a inspetora Amanda primeiro, mas, após uma confusão inicial, percebi que ela não estava ali. Então, pedi para chamarem o agente Owen Holder, que vira o sangue deixado na porta da casa da minha mãe. Aguardei algum tempo na entrada.

— Sr. Adams? — Quando chegou, o Holder parecia claramente perplexo por me ver, mas fez os possíveis por disfarçar. — Acompanhe-me.

Levou-me para uma pequena sala ao lado da receção. Era mais uma arrecadação do que um gabinete, mas tinha um computador. Ele sentou-se à secretária e começou a digitar algo. Sentei-me à sua frente e aguardei. Pela mudança de expressão na sua cara, pareceu-me que ele estivesse preocupado por achar que não registara o incidente das pancadas na porta, como eu pedira, mas, logo a seguir, mostrou-se subitamente aliviado ao descobrir que o fizera.

— Houve mais... danos na sua propriedade?

— A propriedade não é minha — corrigi. — A casa é da minha mãe.

— Com certeza.

— A minha mãe teve um acidente. Caiu das escadas. Só que não sei se foi mesmo isso que aconteceu.

— Então?

— Acho que podia estar mais alguém em casa.

O agente Holder ergueu os olhos do computador, na minha direção. A caminho da esquadra, eu imaginara que aquilo fosse soar ridículo dito em voz alta, e talvez assim fosse, mas também me parecia correto. O agente Holder recostou-se e fitou-me intensamente.

— Continue.

Contei-lhe tudo o que acontecera. Ao início, ele limitou-se a ouvir e a acenar, mas depois chegou-se para a frente, procurou uma caneta e papel, na secretária, e começou a tomar apontamentos. Pareceu cético em relação ao homem que eu avistara no bosque.

Porém, quando coloquei o boneco do Sr. Mãos Vermelhas sobre a secretária, ele ergueu os olhos do papel e petrificou.

— Mas que raio é isso?! — perguntou.

— É um boneco — respondi. — Alguém enfiou isto na ranhura da caixa do correio da minha mãe. Foi feito pelo Charlie Crabtree há muitos anos. O Charlie foi...

— Eu sei quem foi o Charlie Crabtree.

O agente Holder pegou no boneco com cautela e examinou-o.

Era demasiado novo para se lembrar do caso em si, mas talvez eu tivesse subestimado a memória dos cidadãos locais e a forma como as histórias são recontadas ao longo dos anos. Gritten, em particular, sempre fora assim. Preservava a sua gente e as suas histórias, mesmo que ninguém quisesse falar abertamente sobre elas.

— É... nojento — comentou o agente Holder, por fim.

— Sem dúvida.

Pousou o boneco e colocou as mãos sob a secretária. Talvez, mesmo sem se dar conta, estivesse a esfregar os dedos nas calças, tentando remover a mancha invisível que o boneco parecia carregar.

— E diz que alguém pôs isto na ranhura da sua caixa do correio?

— Na ranhura da caixa do correio da minha mãe — corrigi —, mas sim.

O olhar do agente Holder permaneceu fixo no boneco, como se estivesse a ver algo ao vivo que, até então, só conhecia dos livros de história. Percebi que ele ficara perturbado com o que eu lhe dissera, mas estava, igualmente, a tentar decidir o que fazer em relação a isso. Pelo menos estava a ouvir-me.

— Sabe quem foi o Charlie Crabtree — disse-lhe.

— Claro. Toda a gente daqui sabe.

— Então sabe o que aconteceu. Sabe o que é isto.

— Sim. E sei quem é o senhor. Vou ser muito franco consigo, Sr. Adams. Foi o único motivo para ter levado a sério as marcas na sua porta... perdão, na porta da sua mãe... e... — Olhou para o lado, constrangido.

— E? — instei.

— E também compreendo que regressar aqui deve ser bastante difícil para si, sobretudo após tanto tempo. — Aguardei, sem comentar. — O que eu quero dizer — continuou ele — é que a dor pode ter influências estranhas sobre uma pessoa. E não digo isto para lhe faltar ao respeito, mas pergunto-me se não terá imaginado alguns destes acontecimentos, ao ponto de lhes dar mais importância do que a que têm. Inclusivamente, ver coisas onde elas não existem.

Mantive-me em silêncio.

Eu estava preparado para me sentir um idiota por ali ir, ou ser informado de que não havia provas suficientes para a polícia poder fazer alguma coisa, mas não esperava ser acusado, mesmo que indiretamente, de mentir sobre o que acontecera. Por instantes, senti-me envergonhado, mas depois recordei-me das palavras da Jenny: «Costumavas ser mais determinado.»

— Não estou a inventar — retorqui.

— Não foi isso que eu disse.

— Foi, sim. — A minha voz soou fria. O agente Holder tinha razão pelo menos numa coisa: todas as emoções dos últimos dias estavam a borbulhar, e eu corria o risco de dizer algo que não devia. Perder o controlo não iria ajudar. — Onde está a inspetora Amanda Beck? — perguntei.

— Quem? — disse ele, abanando a cabeça. — Ah, é a agente de Featherbank, certo? Não sei onde está. Talvez tenha saído.

— E o Billy Roberts? Presumo que saiba que está morto.

— Claro que sei. — O agente Holder fitou-me, quase com uma expressão

de lamento. Apontou para o boneco. — Mas isso não tem nada que ver com isto. Já detivemos alguns suspeitos, e...

— Quem? Quem é que detiveram?

O agente Holder demorou um segundo a compor as ideias.

— Não estou em condições de divulgar essa informação neste momento, Sr. Adams.

— Acha que eu estou a mentir. — Levantei-me e peguei no boneco. — Ou que perdi o juízo.

— Não, eu só...

— Obrigado por porra nenhuma!

— Sr. Adams...

Não quis ouvir o que mais ele tinha a dizer. Quando cheguei ao carro, sentia-me absolutamente furioso — tão impotente e frustrado quanto na adolescência. Abri a bagageira e atirei o boneco lá para dentro, com tanta força que ele quase fez ricochete. Depois, bati ruidosamente com a porta, atraindo os olhares dos transeuntes, que ignorei.

Permaneci parado no meio do passeio, sem saber o que fazer. A esquadra ficava numa rua movimentada, ladeada sobretudo por lojas, e havia dezenas de pessoas a passear ao sol. Perscrutei-lhes os rostos, à procura de alguém que me parecesse familiar, ou que parecesse estar a observar-me.

Estás aí?

Seria o Charlie quem eu procurava?

Ali ao sol, rodeado da atividade mundana da vida quotidiana, parecia absurdo pensar que sim. No entanto, apercebi-me de que estava a fazer precisamente isso: a examinar as pessoas em redor, em busca do rosto de um miúdo que eu não via há 25 anos. Cabelo pintado de preto, penteado para o lado; olhos vazios. Um adulto, embora não tão diferente do que era, ao ponto de eu não o reconhecer. Um miúdo que ninguém sabia ao certo se tinha morrido.

A vida continuava à minha volta, aparentemente alheia a tudo aquilo. Ninguém parecia prestar-me atenção.

Comecei a andar. Em parte, por não saber o que mais fazer, mas, por outro lado, porque, se alguém estivesse realmente a seguir-me, essa seria a melhor forma de o identificar. Comecei a vaguear, fazendo os possíveis por parecer descontraído, mas mantendo um olho atento às pessoas em redor.

Nada.

Cerca de 20 minutos depois, percebi em que rua estava. Olhei em volta, maravilhado, sem reconhecer as novas lojas elegantes, os passeios varridos de lixo. Quando eu era adolescente, a maioria daqueles edifícios havia sido entaipada ou abandonada. Agora, todos eles estavam ocupados e pujantes. Havia até árvores plantadas, ordenadamente, em pequenos canteiros ao longo da estrada.

Não é possível que ainda exista.

Estuguei o passo.

Na primeira vez que fora a casa da Jenny, havia sido por aquela rua que ela me trouxera, carregada com um saco cheio de livros. Levara-me a uma loja que, como tantas outras naquela época, parecia abandonada. A porta era velha e frágil, as janelas tinham grades do lado de fora, e as vidraças por detrás delas estavam tão cobertas de pó que era difícil ver através delas.

Não é possível que ainda exista...

Mas existia.

Parei na esquina. A porta era nova, as grades haviam desaparecido e as vidraças estavam limpas, mas, em muitos aspetos, parecia que aquele lugar não tinha mudado. Olhei para cima. O letreiro verde fora repintado, mas ainda abarcava toda a extensão do estabelecimento, com o nome escrito num tipo de letra cursivo e elaborado, como algo saído de outra época: «Johnson & Ross.»

Deixei-me ali ficar, por instantes, a contemplar a loja. Era-me tão familiar,

e o mundo em redor ficou subitamente tão sossegado, que parecia que eu recuara no tempo.

Estendi a mão e girei a maçaneta, lentamente. Empurrei a porta.

Um sino tocou, no interior.

Tão nervoso quanto me sentira 25 anos antes, naquela primeira visita com a Jenny, entrei e viajei do presente ao passado.

Apaixonei-me pela Johnson & Ross assim que a Jenny ali me levou, naquele primeiro dia.

A porta dava para uma sala principal atulhada, e fui imediatamente atacado por uma cacofonia de sensações. Toda a loja estava viva com texturas. Havia livros amontoados em prateleiras ao longo de todas as paredes, enchendo armários e cobrindo a superfície das mesas, e um aroma reconfortante e bafiento pairava no ar, como se todo o couro e papel em redor o tivessem saturado ao longo dos anos. Lembro-me exatamente de como era. Via os livros, sentindo-os na pele e inspirando-os profundamente.

A Jenny levou-me por um dos corredores sobrelotados. Eu estava distraído, a olhar em volta, maravilhado, quase chocado com a minha reação visceral à loja. Entrar ali era como receber um abraço de alguém que cuidara de mim quando eu era demasiado pequeno para me lembrar condignamente. Nunca ali tinha estado, mas senti-me invadido por uma sensação de regresso a casa.

O balcão era pouco mais do que uma gruta entre as prateleiras e os armários. À primeira vista, não se conseguia perceber como é que alguém passava para trás dele, mas estava lá uma mulher sentada, com um jornal aberto sobre o balcão. Tinha 40 e poucos anos, cabelo comprido pintado de um intenso louro platinado e usava uns óculos pequeninos. Olhou para mim com curiosidade por cima das lentes quando nos aproximámos. Logo de seguida, olhou para a Jenny e sorriu calorosamente, encantada por vê-la.

— Jenny! O que é que me trazes hoje?

A Jenny levantou o saco de livros.

— Alguns do mês passado.

— Não estava a referir-me aos livros, minha menina.

A Jenny olhou para mim, e, pela primeira vez, que eu me lembre, pareceu-me um pouco nervosa.

— Eu sou... o estagiário dela — respondi.

— Ah! — A mulher mostrou-se ainda mais satisfeita. Fechou o jornal e piscou o olho à Jenny, conspirativamente. — É aquele de que me falaste, não é?

— Sim, o Paul — disse a Jenny. A julgar pela sua expressão, parecia, de súbito, não ter a certeza se trazer-me consigo teria sido uma boa ideia. Porém, depois virou-se para mim e acrescentou: — E esta é a minha amiga Marie.

Vim a saber que a Marie era a Johnson do nome da livraria. Ross era o nome do anterior proprietário, para quem ela trabalhara até ele se reformar, há vários anos.

— Mas quis manter o nome dele no letreiro — explicou-me a Marie. — A tradição é importante, não é? Precisamos de ter linhagem. Os lugares são como as pessoas: têm de saber de onde vieram e onde estão; caso contrário, nunca saberão para onde vão.

Concordei com ela, embora, sinceramente, fosse difícil não o fazer. A Marie era uma força da natureza. Passou os 20 minutos seguintes de um lado para o outro, arrastando-me para ver partes diferentes da loja e bombardeando-me com perguntas, frequentemente acompanhadas por olhares divertidos na direção da Jenny, como se tivessem o intuito quer de a provocar quer de me investigar.

— Então, como é que vocês se conheceram?

— Andamos na mesma escola — disse-lhe.

— Isso não é resposta. A Jenny tem muitos colegas de escola, e não me

lembro de me ter apresentado algum deles.

A Jenny ergueu uma sobrancelha.

— E admiras-te que assim seja? — perguntou.

Ainda assim, percebi que estava menos nervosa, e que parecia até calmamente satisfeita, como se apresentar-me à Marie fosse uma espécie de ritual de iniciação, que eu passara. Elas conheciam-se claramente há muito tempo, e a opinião daquela mulher sobre mim era importante. Foi bom ver a Jenny a relaxar um pouco. Eu admirava o facto de ela ser sempre tão reservada, mas também era agradável senti-la mais à vontade. «Ver alguém na sua praia», como diria a minha mãe.

Na altura, não me dei conta, mas, em retrospectiva, acabei por interpretar aquele encontro a outra luz: a Marie, mais velha e mais experiente do que eu e a Jenny, estava, efetivamente, a agarrar as nossas mãos e a juntar-nos, impelindo o jogo de sedução ao qual nós ainda nos furtávamos.

— Somos colegas do clube de escrita criativa — expliquei-lhe.

— Como eu já te tinha dito... — acrescentou a Jenny.

— Claro, claro. — A Marie fingiu esquecimento. — Bem, deixem-se chegar à minha idade. O clube de escrita criativa... A propósito, chegaste a enviar o conto para aquele concurso?

A Jenny fez um esgar.

— Sim, mas não vai dar em nada.

— Ora essa! És uma excelente escritora. Já leste alguma das histórias dela, Paul?

— Só aquela do clube. Ou melhor, ouvi a história. Aquela sobre o cão.

A Marie riu-se.

— Gostei dessa. Um bocadinho pessoal, mas é o que acontece com as melhores histórias.

— A Marie é uma fonte de informação local — disse-me a Jenny.

— Acredita que há muitas histórias por estas bandas — replicou ela.

— Eu sei, eu sei — concordou a Jenny.

Essa ideia apanhou-me um pouco de surpresa. Desde sempre que me habituara a pensar em Gritten como um lugar pardacento e aborrecido, e sonhava sair daqui para um sítio melhor. Nunca me passara pela cabeça que a localidade onde eu vivia poderia ser tão interessante como qualquer outra onde eu me imaginasse a viver.

— O Paul também enviou um conto. — A Jenny olhou para mim. — Acho eu...

— Sim — confirmei. Seguiria as instruções da minha mãe. Lembrava-me de como o meu pai escarnecera de mim quando lhe fora pedir dois envelopes e selos: um para enviar o conto e o outro para este me ser devolvido, caso fosse rejeitado. *Quando* fosse rejeitado. — Mas também não vai dar em nada. — Virei-me para a Jenny e acrescentei rapidamente: — Não estou com isto a dizer que o teu não vai dar em nada! Muito pelo contrário. Tenho a certeza de que o teu é bem melhor do que o meu.

— Ainda nem leste o meu.

— Não. Mas gostava de ler. Quer dizer, se tu quiseses...

— Sim, claro. Mas só se tu quiseses.

A Marie acompanhava a nossa conversa, alternando o olhar entre os dois, com uma expressão de incredulidade no rosto.

— Adolescentes!

— O que é que disseste? — perguntou a Jenny.

— Nada, querida. Adiante, mostra-me que livros me trouxeste.

A Jenny começou a descarregar o saco, e as duas vasculharam o conteúdo. Os livros eram todos em segunda mão, e deduzi que haviam sido comprados ali na loja. A Marie conferiu os preços marcados a lápis nas páginas interiores e fez uma lista de números numa folha. Presumi que, pelo menos para alguns dos seus clientes, a loja funcionasse mais como uma biblioteca do que como uma livraria.

— Fazes-me um favor, Paul? — pediu-me ela, olhando para mim por cima dos óculos.

— Claro — respondi.

— Ótimo! Já gosto imenso dele, Jenny. Pareces ser um rapaz forte e espadaúdo, e eu tenho uma caixa de livros no carro que precisava que alguém trouxesse para aqui. Fazes-me essa gentileza?

— Claro.

A Marie tirou um molho de chaves de debaixo do balcão e estendeu-mas.

— Podes ir por ali. — Acenou com a cabeça em direção à parte de trás da loja. — Basta seguires o corredor. O meu carro está nas traseiras. É um *Ford* laranja velho. Não há que enganar; é o único que lá está. — Peguei nas chaves. — A caixa está na bagageira. Mas tem cuidado. O metal fica quente com o sol, e eu não quero que queimes as mãos. — Franziu o sobrolho para a Jenny. — Tenho a certeza de que a Jenny também não quer isso.

Olhei de soslaio para a Jenny, vendo-a a ficar muito corada, e fechei rapidamente o comentário na minha cabeça, correndo até às traseiras da loja.

As últimas semanas do ano letivo pareciam arrastar-se. Dei por mim a contar os dias até às férias do verão, ansioso por ver a escola pelas costas, pelo menos durante algum tempo.

Fiz os possíveis por evitar o Charlie, o Billy e o James, sendo bem-sucedido na maioria das vezes. Havia, porém, alturas em que os encontrava — e que nunca pareciam totalmente acidentais. O James de olhos no chão, e o Charlie a sorrir, ao lado dele, como se estivesse a exhibir um troféu.

Eu desviava sempre o olhar, rapidamente.

Eles que se fodam!

Contudo, mesmo quando não nos cruzávamos diretamente, havia alturas em que eu pressentia a presença deles, de alguma forma. Quando passava perto das escadas que conduziam à Sala C5b, era como se sentisse um batimento

cardíaco a pulsar constantemente por baixo de mim, e começava a imaginar o que estaria a acontecer lá em baixo, o que aqueles três poderiam estar a sonhar juntos.

De resto, passava o máximo de tempo possível com a Jenny. Dividíamos o banco dela nos intervalos e na hora do almoço, até este começar a parecer mais nosso do que dela. Comparávamos notas sobre livros que tínhamos lido e histórias que inventávamos, ou ficávamos sentados a conversar; por vezes, passeávamos juntos pelas redondezas. Aos fins de semana, eu ia a casa dela. A mãe estava sempre em casa, pelo que as nossas oportunidades eram limitadas, mas lembro-me de que passávamos imenso tempo no quarto da Jenny, numa troca de beijos e de carícias. A nossa relação estava a florescer. Eu nunca me sentira tão confortável e descontraído com alguém, tão capaz de ser eu mesmo sem me preocupar com isso, e o facto de saber que ela sentia o mesmo era suficiente para me deixar sem fôlego.

E, claro, íamos à livraria.

A Marie tratava do café e do bolo, e dos ocasionais comentários libidinosos, embora estes se fossem tornando cada vez menos embaraçosos, pois eu e a Jenny sentíamos-nos mais à vontade um com o outro, além de que, nessa altura, a Marie já não estava propriamente atualizada em relação a esse assunto. Acima de tudo, ficávamos os três a conversar. Eu gostava da Marie, e comecei a ajudá-la quando a íamos visitar: a transportar e a desempacotar caixas, a organizar prateleiras...

Uma vez, elas estavam à conversa, e um cliente aproximou-se do balcão.

— Paul — chamou-me a Marie. — Podes atender este senhor, por favor?

— Claro — respondi.

Não fazia ideia de como operar a caixa registadora. Carreguei em alguns botões mais óbvios, mexi na gaveta e fiz as contas de cabeça.

Mais tarde, a Marie veio ter comigo.

— As férias do verão estão à porta, certo? — perguntou.

— Dentro de dez dias — fingi consultar um relógio que não tinha —, dezasseis horas, dez minutos e quinze segundos.

Ela riu-se.

— Bem, eu estava aqui a pensar... Vais ter muito tempo livre. — Olhou para a Jenny. — E acho que vais andar por esta zona; por isso, estava a pensar se aceitarias um emprego.

Pisquei os olhos, surpreso.

— Aqui? — perguntei, olhando em volta da loja.

— Deixa-me mostrar-te como funciona a caixa registadora — apressou-se a responder a Marie.

A minha mãe ficou satisfeita por eu ter arranjado um trabalho a tempo parcial para ocupar o meu tempo.

— E logo numa livraria! — comentou.

Gostava que o meu pai também tivesse ficado contente, mas há muito que eu perdera a esperança de o impressionar, e o facto de ser numa livraria — e de livros em segunda mão — pareceu merecer ainda mais o seu desdém do que o habitual. Contudo, em vez de desanimar, senti um discreto entusiasmo. Parecia que trabalhar na Johnson & Ross me aproximava, de alguma forma, do meu sonho.

Quando as férias começaram, passei a ajudar a Marie três dias por semana, e, assim que consegui dominar a caixa registadora, o trabalho tornou-se compensador. Havia prateleiras para organizar, caixas para embalar e descarregar, e clientes regulares a conhecer. A Marie era bastante menos provocadora sem a Jenny por perto para espicaçar. Mostrou-me alguns dos livros mais caros da loja, e até começou a ensinar-me a reconhecer o que poderia ser uma edição valiosa. Eu gostava cada vez mais dela. E a Jenny tinha razão: a mulher era um poço de histórias. Era como um repositório ambulante da história da região, e não passava um dia sem que

me encantasse com uma qualquer narrativa local mirabolante.

Pela noite fora, depois de os meus pais se irem deitar, eu continuava a tentar escrever contos. Era difícil. Embora não me faltassem ideias, o problema surgia quando me sentava à secretária e tentava traduzi-las em palavras. A Marie era uma contadora de histórias inata, e eu desconfiava que a Jenny também, mas eu não. As ideias que pareciam boas na minha cabeça saíam desinteressantes e sem vida no papel, pelo que comecei muitas histórias, sem terminar nenhuma.

O resto do meu tempo era passado com a Jenny.

A força dos meus sentimentos por ela assustava-me. Era estranho pensar que, no início do ano letivo, eu mal reparara nela, e, agora, não conseguia tirá-la da cabeça. O meu coração batia descompassadamente, como se a minha pulsação tivesse tido aulas secretas e aprendido truques novos e desconhecidos.

Quando não estávamos em casa da Jenny, passeávamos lentamente pelas ruas da sua zona. Ela mostrou-me o parque onde costumava brincar em criança, as lojas de que se lembrava e que já não existiam. Parecia tudo inconsequente, mas a intimidade tornava cada detalhe vívido e especial.

O tempo estava quente e luminoso, e, de repente, dei por mim a reparar em cores por toda a parte. O verão tinha chegado. Um mundo que dantes era monótono e pardacento estava mais vibrante a cada dia.

Nunca via o Charlie, o Billy ou o James.

Após todos estes anos, quando encontrei a Jenny ao regressar a Gritten, ela lembrou-me de que também tinha boas recordações daqui. Isso era verdade. Estavam todas ali, de quando me apaixonei pela primeira vez. As três semanas no início dessas férias foram as mais felizes da minha vida.

Foi na quarta semana que tudo descambou.

Voltar a entrar na Johnson & Ross, após tantos anos, provocou-me uma explosão de reconhecimento quase esmagadora. Apesar de o exterior ter sido renovado, o interior pouco mudara. As prateleiras e os armários estavam cheios de livros, muitos deles tão velhos e gastos que facilmente se acreditaria serem os mesmos que ali se encontravam naquela época. O cheiro e o ambiente eram exatamente como eu me lembrava. Todas as sensações eram tão intensas que me lembrei da minha primeira visita, e do sentimento de regresso a casa. Por um instante, perguntei-me se poderia ter sido uma impossível projeção desse tempo para agora, como uma recordação enterrada a emergir, não do passado, mas do futuro.

Avancei pelo corredor, hesitantemente.

Não estava ninguém ao balcão. Observei tudo em redor, percebendo que também não havia clientes na loja. Isso acontecia frequentemente quando eu trabalhava aqui. Nas alturas menos movimentadas daquele verão, eu ficava sentado em silêncio, a respirar os livros. Em certos momentos, parecia ouvir as páginas à minha volta num ligeiro restolhar, como se as histórias que elas continham se movimentassem suavemente enquanto dormiam.

A Marie certamente já não estaria ali, pois não?

Não sabia qual das respostas a essa pergunta me deixava mais apreensivo: que ela tivesse partido, ou encontrá-la ali após todo este tempo. Como é que qualquer uma dessas respostas me faria sentir?

Ouviu-se um barulho, vindo das traseiras da loja.

— Vou já — anunciou a voz de uma mulher. — Espere só um bocadinho.

O meu coração começou a bater aceleradamente. *Ainda vais a tempo,*

pensei. Podia virar costas e sair dali antes que ela aparecesse, mas obriguei-me a esperar. Por fim, ela emergiu por entre as estantes. Estava visivelmente mais velha — o cabelo oxigenado cortado curto, e agora naturalmente branco — e caminhava com alguma dificuldade. Porém, aos meus olhos, permanecia tão inalterada quanto a própria loja.

A Marie não contava ver-me, obviamente, pelo que ficou a olhar para mim durante alguns segundos, inexpressivamente, talvez surpreendida pela intensidade com que eu a fitava. Contudo, logo me reconheceu, e esboçou um sorriso que lhe acentuou as rugas nos cantos dos olhos.

— Paul!

Aproximou-se lentamente e abraçou-me.

Como seria vê-la após tanto tempo? Novamente, foi como regressar a casa.

A Marie virou a placa na porta para «Fechado» e preparou-nos um café, numa pequena cozinha atrás do balcão.

— Lamento, mas não tenho bolo.

— Não tem importância — disse-lhe. — Não tenho fome.

— Mas parece que estás a precisar de um café...

Parecia? Ainda me sentia cansado daquela manhã, mas não me apercebera de que era assim tão óbvio. Talvez fosse outro dos motivos para o agente da polícia ter achado que eu estava a perder o juízo.

— Não tenho dormido bem.

— É compreensível. Não deve ser fácil.

— Fico contente que ainda estejas aqui — comentei.

— Isso também não é fácil. Aguentei-me o mais que pude. Mas acho que não aguento muito mais.

— Não acredito nisso.

Ela sorriu, soprou o café e bebeu um gole.

— Sinto muito o que se passou com a tua mãe, Paul. É uma senhora amorosa.

Aquelas palavras apanharam-me de surpresa.

— Conhece-la?

— Um pouco. Só de passagem, mas ela costumava vir muito aqui.

Pensei um pouco naquilo.

— Aparentemente, tornara-se uma leitora compulsiva.

— Depois da morte do teu pai, sim.

Acenei para mim mesmo.

O meu pai fora um homem duro e implacável; trabalhava na terra quando havia trabalho, mas parecia sempre mais orgulhoso do modo como a terra o trabalhava a ele, como se a rudeza alcançada através do sofrimento fosse algo a almejar. Os livros nunca fizeram sentido para ele. Nem eu, o seu filho sossegado e estudioso, sempre enfiado no quarto, perdido nas histórias de outras pessoas, ou a tentar criar as suas próprias histórias.

Lembrei-me da fotografia que vi da minha mãe em criança, deitada na relva banhada pelo sol com um livro aberto diante de si. Foi fácil imaginá-la, livre da desaprovação do meu pai, a perseguir finalmente a paixão reprimida pela leitura. Poderia ter sido uma imagem reconfortante, mas, ao invés, visualizei uma mulher solitária, desesperada por contacto, à procura de consolo e de empatia nos únicos lugares onde os poderia encontrar, e senti-me assolado por uma enorme onda de culpa por não ter estado lá para a apoiar.

«Nunca me mostras nada, Paul.»

— Como é que ela estava? — perguntei. — Nos últimos tempos, quero eu dizer. — A Marie hesitou. — Não tem importância. — Bebi um gole de café. — Eu quero saber. Já sei que andava grande parte do tempo confusa.

— Sim, por vezes.

A Marie pousou a chávena no balcão e fitou-a, pensativa. Ambos

sabíamos que ela me dissera algo no passado que tivera consequências inimagináveis, e, agora, estava claramente a ponderar o efeito que as suas palavras poderiam surtir em mim.

— Podes dizer — instei.

— Ela perguntava por ti.

— Por mim?

— Sim. Havia alturas em que julgava que ainda trabalhavas aqui. Noutras alturas, vinha à procura de livros escritos por ti. Estava sempre a dizer que eu tinha de pôr à venda alguns dos teus livros, que iam ser um sucesso.

Não respondi.

— Eu dizia que ia tentar, claro — prosseguiu a Marie, sorrindo. — Dizia-lhe que achava que tínhamos tido uns quantos, mas que já haviam sido vendidos. Esse tipo de coisas...

— Deve ter sido difícil... lidar com isso.

— Nunca era difícil ser amável com a tua mãe, Paul.

Pois, pensei. Não devia ser, porque a minha mãe sempre fora amável, não só comigo, mas com toda a gente. Constatá-lo encheu-me de tristeza. Ocorreu-me que tinha perdido muitos anos, e que havia tanta coisa que eu lhe queria dizer, enquanto ela ainda me podia ouvir.

— Ela tinha muitos amigos — prosseguiu a Marie. — Não era infeliz. E estava muito orgulhosa de ti.

— Não tinha motivos para estar.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

Fiquei em silêncio.

«Acho que vais ser escritor.»

Outrora, também eu pensara assim. Lembrei-me de um dia, naquele ano, pouco antes do final do último período, quando descí as escadas e avistei um envelope endereçado a mim. Mesmo da porta da cozinha, reconheci a minha própria letra, bem como o selo que eu colara no canto. Nas semanas após ter

enviado o meu conto para o concurso, fizera os possíveis para não pensar nisso, dizendo a mim próprio que a história não era muito boa, que não seria aceite e que não valia a pena criar falsas esperanças. Porém, só de saber que o conto andava por aí fazia o meu coração palpitar, como se um pássaro vivesse dentro dele. Parecia que uma parte de mim havia deixado este lugar e ido pelo mundo, e, no fundo, eu permitira-me imaginar que ela haveria de encontrar um lar lá fora.

Abri o envelope, que continha o conto e uma carta de rejeição a lamentar o facto de eu não ter sido bem-sucedido. Lembro-me de a ler algumas vezes, e de parecer que aquilo que vivera no meu peito nas últimas semanas havia morrido.

— Estou a ensinar escrita criativa — contei à Marie. — É uma das coisas que faço. Mas pus a escrita de parte.

— Que pena! Porque é que paraste?

— Porque sabia que nunca seria suficientemente bom. — Não era totalmente verdade. Na realidade, eu nunca me esforçara o suficiente para descobrir, e devia ser sincero em relação a isso. — Depois do que aconteceu, senti que só havia uma história que valia a pena ser contada, e julgo que nunca encontrei as palavras para escrever sobre esse assunto.

— Talvez isso mude.

— Não me parece. Não é uma história que tenha um fim.

— Ainda não.

Pensei nas pessoas que analisavam o caso na Internet, desconhecidos que estavam determinados a resolver o mistério do desaparecimento do Charlie, mesmo após todos aqueles anos.

— Já passou muita água debaixo da ponte — observei. — É uma história antiga, que ficou para trás.

A Marie sorriu novamente.

— Não me parece que o tempo funcione assim, Paul. À medida que

envelhecemos, tudo se funde. Começamos a pensar que a vida nunca foi uma linha reta; sempre foi mais um... rabisco.

Ela riu-se baixinho. Era um comentário descartável, mas a descrição impressionou-me. Para onde quer que eu olhasse, em Gritten, conseguia ver traços do passado sob os detalhes que os anos haviam gravado por cima. Locais. Pessoas. O passado permanecia ali, sob o presente: não uma linha, mas um rabisco. Por mais que tentássemos esquecê-lo, estaríamos a correr sem sair do mesmo sítio, talvez sem nos apercebermos.

Estava prestes a fazer mais umas perguntas sobre a minha mãe, os livros de que ela gostava, as coisas que ela dissera, quando o meu telefone deu sinal, no bolso.

Uma chamada da Sally.

Atendi. Fiquei a ouvir, dando por mim a responder nas alturas certas, calma e formalmente, quase por instinto. A Marie não tirou os olhos de mim, com uma expressão de absoluta empatia, sabendo do que se tratava.

Quando terminei a chamada, todas as perguntas que eu quisera fazer há um minuto tinham-me abandonado. Só havia um punhado de palavras a pronunciar.

— A minha mãe morreu — disse, sem grande emoção.

A Sally não estava na casa de repouso quando cheguei, e uma enfermeira conduziu-me ao quarto. Era respeitosa, mas com uma atitude profissional.

— Os meus sentimentos pela morte da sua mãe — disse-me à entrada, não acrescentando mais nada enquanto caminhávamos juntos.

Havia, sem dúvida, inúmeras formalidades e procedimentos a cumprir, mas ficou patente, na sua postura, que isso poderia ser deixado para mais tarde.

Por ora, havia simplesmente aquilo com que lidar.

Parámos à porta do quarto.

— Demore o tempo que precisar — disse-me.

Vinte e cinco anos, pensei.

O quarto estava silencioso e tranquilo. Fechei a porta lentamente, como se entrasse no quarto de alguém a despertar, em vez de alguém que nunca mais o faria. A minha mãe encontrava-se deitada, como sempre. Porém, apesar de a sua cabeça estar apoiada na almofada, parecia um pouco perdida nela. Sentei-me ao lado da cama, impressionado com a ausência que permeava o quarto. A pele da minha mãe era amarela e fina, como papel vegetal sobre os contornos do seu crânio. Os seus olhos estavam fechados, e a boca, ligeiramente aberta. Ela estava absoluta e desumanamente quieta. *Só que não é ela, de todo*, pensei, pois aquela já não era a minha mãe. O corpo dela permanecia naquela cama, mas ela já não estava ali.

Houvera ocasiões, nas minhas visitas anteriores, em que a respiração dela era tão superficial e o seu corpo estava tão imóvel que eu me perguntara se ela teria falecido. Apenas o som suave da máquina ao lado da cama conseguira convencer-me do contrário, e até mesmo isso me parecera um truque, em certas alturas. Agora, a máquina estava em silêncio, e a diferença era profunda. Nunca fui um homem religioso, mas uma centelha de alma abandonara claramente aquele quarto, sendo difícil não imaginar para onde poderia ter ido. Não parecia possível que tivesse desaparecido completamente. Não fazia sentido.

Senti-me entorpecido. Estranhamente, o silêncio no quarto era tão solene que o espaço parecia inadaptado à emoção. Haveria de vir, eu sabia, pois, apesar de tudo, eu amava a minha mãe.

Dissera-lho no dia anterior, quando ela estava a dormir, pelo que não o teria ouvido.

Pensei em como as coisas poderiam ter sido diferentes entre nós se o Charlie e o Billy não tivessem feito o que fizeram; no rumo alternativo que a minha vida poderia ter tomado; no futuro que eu poderia ter tido com a minha

mãe, que não fosse aquele.

Malditos sejam!, pensei.

Os eventos dos últimos dias haviam-me assustado, e esse medo persistia. A sensação de ameaça continuava presente, mas, agora, havia raiva a arder juntamente com ela.

Pouco tempo depois — não sei precisar quanto —, comecei a ouvir vozes baixas no corredor, e alguém bateu levemente à porta. Levantei-me para a ir abrir. A enfermeira ainda ali estava, e a Sally chegara, entretanto.

— Os meus sentimentos, Sr. Adams.

A Sally pousou a mão no meu braço, suavemente, e estendeu-me um lenço. Apercebi-me de que eu estava a chorar.

— Pois, a janela está aberta. As minhas alergias dão cabo de mim nesta altura do ano — observei. A Sally sorriu gentilmente. — Ouça, obrigado — acrescentei. — Por tudo o que fez. Sei que não tenho o direito de o dizer, depois de tudo, mas a minha mãe haveria de querer que eu lhe agradecesse. E peço desculpa por aquilo ao telefone, antes.

— Não precisa de pedir desculpa. E não tem de agradecer.

Ela começou a explicar-me os passos seguintes e o que eu teria de fazer. Senti-me inundado pelas palavras. Sabia que deveria estar a memorizar aquilo, mas não conseguia concentrar-me. Retive apenas que demoraria alguns dias a organizar tudo.

— Pode ficar mais alguns dias? — perguntou a Sally.

Pensei em tudo o que acontecera, em quão assustado me sentira. Só queria sair dali e esquecer o passado, mas, fosse o que fosse que estivesse a acontecer agora, não era isso que eu ia fazer.

Porque, juntamente com o medo, ardia também a raiva.

— Sim, posso — respondi.

Já havia anoitecido quando Amanda regressou de Brenfield, a cidade onde tinham localizado a conta CC666. Conduzia devagar e com cautela ao longo da via rápida que passava por Gritten Wood. Os postes de iluminação banhavam o carro em ondas ambarinas intermitentes, um efeito hipnótico que a impelia para uma espécie de estado onírico. O mundo fora do carro não parecia real. Amanda tentava concentrar-se, mas a sua mente tornara-se escorregadia, e os seus pensamentos teimavam em vaguear.

Tomou a saída à esquerda. A aldeia à sua frente estava escura e morta, as ruas pouco mais do que caminhos de terra batida, e as casas semelhantes a barracas de madeira construídas à mão, meio enterradas na penumbra, nos seus lotes de terreno autónomos. Viam-se algumas janelas iluminadas, aqui e ali, pequenos selos de luz na noite, mas não havia sinais de vida. A pairar sobre tudo isto, avistava-se, ao longe, a muralha negra do bosque.

Amanda estacionou junto de uma casa que parecia ainda mais deserta do que as restantes e saiu do carro. O bater da porta ecoou pelas ruas vazias, e ela olhou em redor com algum nervosismo, como se pudesse ter perturbado algo ou alguém. Não havia viva alma por perto, mas, ainda assim, não a abandonava a sensação de ter olhares cravados em si, de a sua presença ser notada, e, após os acontecimentos dos últimos dois dias, isso assustava-a.

Virou-se para a casa. O portão da frente estava partido e pendia de uma única dobradiça enferrujada. Passou por ele e seguiu pelo caminho coberto de vegetação até à porta da entrada. As janelas, rachadas de ambos os lados, eram cinzentas e foscas, e o interior do vidro estava tapado por folhas de jornal amarelecidas. Com uma lanterna, Amanda teria conseguido ler as

manchetes, histórias de outros tempos, mas a sensação de estar a ser observada era tão forte que a deixava relutante em chamar a atenção.

Tentou abrir a porta.

Estava trancada, claro.

Deu um passo atrás e observou a madeira empolada da fachada da casa. As janelas superiores eram tão baças como lâmpadas fundidas, e uma parte da caleira estava solta. Havia musgo a crescer entre as traves sobre a porta.

Que se lixe!

Amanda pegou no telemóvel e acendeu a lanterna. Pisou cautelosamente as ervas que cresciam num dos lados do caminho, fazendo incidir o foco de luz através de uma janela onde um pedaço de jornal se descolara do vidro. O feixe deambulou silenciosamente pela divisão, túneis de luz e de sombra a percorrer soalhos vazios e paredes manchadas pela humidade.

Desligou a lanterna.

Não estava ali ninguém. A casa encontrava-se degradada e há muito abandonada. Fora ali que Eileen e Carl Dawson tinham vivido, e onde James Dawson havia sido criado, há 25 anos. Era dali que Charlie Crabtree insistia em partir quando levava os rapazes nas suas caminhadas pelo bosque, nas traseiras.

Eileen e Carl continuaram a morar ali até há cerca de dez anos, quando Carl herdou algum dinheiro e o casal decidiu sair finalmente de Gritten Wood. Porém, não conseguiram vender a casa. Afinal de contas, quem compraria um imóvel num sítio daqueles? Ainda assim, fizeram as malas e fugiram dali, deixando para trás a casa e todas as más recordações nela guardadas.

Mudaram-se para Brenfield, a 160 quilómetros de distância.

De volta ao carro, Amanda conduziu por algumas ruas e estacionou à porta da morada registada em nome de Daphne Adams. Era ali que Paul estaria.

Apesar de a propriedade se encontrar relativamente mais bem cuidada do que a que acabara de ver, assolou-a a mesma sensação de vazio ao percorrer o caminho até à porta. A casa estava escura e silenciosa, provocando-lhe uma onda de desalento. Olhou para a rua. Não avistou o carro de Paul. Ele não estava em casa.

Ainda assim, bateu à porta e aguardou.

Não esperava obter resposta, e não obteve.

A frustração aumentou. Precisava de falar com ele. Onde é que o homem se teria metido? Sabia que estivera na esquadra de Gritten, nessa manhã, para reportar que alguém enfiara um boneco na ranhura da caixa do correio da casa da mãe dele, mas o agente com quem falara, o agente Holder, não o levara a sério. Mais um dos inúmeros erros cometidos, alguns deles por ela, que nem sequer tinha o contacto de Paul. Descobrira que se encontrava em Gritten quando contactara a universidade onde ele trabalhava, mas não haveria ninguém que atendesse as suas chamadas àquela hora da noite. Theo talvez a pudesse ajudar, mas ligara-lhe e ele já tinha saído do trabalho.

Deu um passo atrás.

O jardim não estava tão descuidado como o da antiga casa dos Dawsons. Após um momento de hesitação, acendeu novamente a lanterna do telemóvel e dobrou a esquina da casa, seguindo pelo caminho emaranhado que dava para as traseiras, mantendo-se sempre à escuta, ouvindo apenas o ligeiro silvar da brisa noturna. Quando chegou ao quintal, iluminou-o com a lanterna. O feixe não tinha grande alcance, mas conseguiu distinguir o recorte da cerca de arame ao fundo, pressentindo a vasta e impenetrável escuridão do bosque, mais além.

O bosque onde Charlie Crabtree desaparecera.

Amanda estremeceu.

O Charlie está morto.

Já não tinha certeza disso. Contemplando a extensão obscura daquele

infindo arvoredos, imaginou quem ou o que se esconderia por trás dele naquele momento.

Apesar de ter ido a Brenfield nessa manhã, não chegara a visitar a casa de Carl e de Eileen. Por cortesia, pelo caminho, ligara com antecedência para a polícia de Brenfield, tendo sido informada de que já estavam agentes na propriedade, pois, nessa manhã, um homem e uma mulher haviam sido encontrados mortos naquela morada.

E se isto tiver algo que ver com o que me trouxe aqui?

Lembrou-se de Dwyer a revirar-lhe os olhos, e do que ela lhe dissera: que, se ele estivesse enganado, o assassino continuaria à solta, e preocupava-a o que ele pudesse fazer a seguir.

Onde se meteu, Paul?

Olhou para o bosque negro diante de si — as Sombras, como lhe chamavam por ali. Não ouviu nada além do silêncio profundo, mas sentia o peso da história que aquele lugar guardava no seu âmago. Uma história que parecia ter regressado. Uma história que estava a ceifar vidas, uma após outra.

TERCEIRA PARTE

30

Antes

Era a quarta semana das férias do verão.

Eu estava com a Jenny, no seu quarto, a trocarmos beijos e carícias. A mãe dela não parecia importar-se que a filha estivesse sozinha com um rapaz no quarto, mas a porta mantinha-se aberta, e ela estava constantemente a subir e a descer as escadas, a trabalhar sem descanso. A certa altura, ouvimo-la no patamar e afastámo-nos rapidamente um do outro. A Jenny levantou-se e distanciou-se da cama, onde nos encontrávamos, meio deitados. A mãe cantarolava casualmente para si mesma, pelo corredor fora, alternando entre as diversas tarefas. Ficámos à escuta.

Quando percebemos, pelos passos, que ela voltara a descer as escadas, a Jenny sentou-se novamente na cama.

— Por mais agradável que isto seja, seria preferível termos mais privacidade, não achas? — disse-me, com um sorriso.

O meu coração fez outro daqueles seus surpreendentes truques novos.

— Sim — respondi. — Sem dúvida.

Não é que eu não tivesse pensado nisso. Claro que, com os meus pais fora o dia todo, já me ocorrera que a minha casa seria o cenário perfeito. Só não tivera coragem de o referir. Além disso, após passar tanto tempo em casa da Jenny, tinha a perfeita e dolorosa noção de que a minha casa era bastante mais indigente e destituída. Porém, era uma estupidez da minha parte ter vergonha.

— Um dia destes, podias ir a minha casa.

— Sim?

— Os meus pais não costumam lá estar.

A Jenny sorriu.

— Então, parece-me boa ideia.

— Amanhã, estou a trabalhar. Sexta-feira?

— Sim. Parece-me muito bem. — Olhámos um para o outro por instantes, e percebi que ela estava tão nervosa e excitada quanto eu. — Ah! — acrescentou, levantando-se de repente. — Tenho uma coisa para te mostrar. — Encaminhou-se para a cómoda. Havia uma pilha de papéis e de livros ao lado da televisão. — Na verdade, recebi-a há alguns dias, mas não sabia se querias ver ou não.

— De que se trata?

A Jenny pegou num livro fino de capa dura.

— É a antologia. Do concurso. Enviaram-me uma cópia.

— Ena! — Fiquei envergonhado, mas também comovido pela sua inquietação em mostrar-ma. — Claro que não há problema! Adorava vê-la. Que fixe!

Ela sorriu e trouxe o livro para a cama. Não tinha sobrecapa em papel, mas estava muito bonito. A capa era azul-clara, com o título e a lista de autores — 12, no total. Encontrei o nome da Jenny, passando os dedos pela textura das letras.

— Tem um aspeto muito profissional — comentei.

— Tem, não tem?

— A tua primeira obra publicada.

— Na verdade, uma das minhas histórias foi publicada quando eu tinha 7 anos. Na revista *Kicks*.

— Pronto, a tua segunda obra publicada. Mas é a primeira com o teu nome na capa. Cá para mim, será a primeira de muitas.

— Obrigada. — Sorriu. — Estou muito contente.

— É fantástico!

E era, de facto. A desilusão perante a minha rejeição já diminuía um

pouco, mas nunca me teria passado pela cabeça ter inveja do sucesso da Jenny.

Olhei para a capa e imaginei ver o meu nome num livro daqueles. Decidi redobrar os meus esforços para que isso acontecesse. Talvez um dia tivesse algo assim para lhe mostrar.

A lombada soltou um rangido discreto quando abri o livro. Segurando-o cuidadosamente, folheei as primeiras páginas até encontrar o índice.

— É para ser lido — disse a Jenny. — Não é para emoldurar.

— Só quero ter cuidado.

— Ora, não é nada de mais.

— Claro que é!

Percorri a lista dos autores. Não estava por ordem alfabética, e encontrei o nome dela mais para o fundo.

Mãos Vermelhas, de Jenny Chambers.

Olhei fixamente para o título durante alguns segundos, sentindo um calafrio nas costas. Quase tive o ímpeto de apertar o nariz, mas não havia necessidade — sabia que não estava a sonhar naquele momento. Só não sabia como dar sentido ao que estava a ver.

— Paul?

Senti o franzir de sobrolho da Jenny, mas continuei a fitar aquelas duas palavras impossíveis: «*Mãos Vermelhas*.» O resto da página começou a diluir-se diante dos meus olhos. Durante mais de três semanas, eu fizera os possíveis para esquecer o Charlie e as suas histórias estúpidas, e, agora, parecia ter sido apanhado numa emboscada que ele conseguira planejar de antemão. Como se alguém me estivesse a pregar uma partida.

— Paul? — insistiu a Jenny.

— Desculpa. — Abanei a cabeça e folheei rapidamente o livro, à procura do início da história. — Dá-me só um minuto.

Encontrei a página e comecei a ler: «*Mãos Vermelhas*, de Jenny

Chambers. Era quase meia-noite quando o homem do bosque chamou pelo rapaz...» A Jenny tocou-me no braço, e eu encolhi-me. Ela afastou a mão como se tivesse apanhado um choque.

— Credo! O que é que se passa? Parece que viste um fantasma! — comentou, arriscando um sorriso. — E ainda nem sequer leste a história.

Olhei para ela, com o estômago às voltas.

— Foi isso que escreveste? Uma história de fantasmas?

— Mais ou menos. É aquela de que te falei.

— A história triste.

— Sim. — Acariciou-me o braço. Desta vez, nenhum de nós se contraiu. — O que foi, Paul?

— Não sei. Posso ler primeiro?

— Sim, claro. — Ela afastou-se um pouco.

A história era sobre um rapaz que fora atraído para fora de casa, na calada da noite, por um homem que o chamava do bosque. O rapaz esgueirou-se silenciosamente pelo patamar para não acordar a mãe, por quem nutria claramente algum tipo de ressentimento. No piso térreo, destrancou a porta das traseiras o mais silenciosamente possível e saiu para o frio e para a escuridão da noite. O seu quintal estava descuidado e coberto de ervas pretas ondulantes.

O homem encontrava-se parado ao fundo do quintal, junto ao limiar do arvoredo. O rapaz não conseguia ver-lhe a cara; conseguia apenas perceber que se tratava de uma figura grande e entroncada.

Quando o homem se virou e seguiu em direção ao bosque, o rapaz foi atrás dele.

Havia parágrafos eloquentes que descreviam o rapaz a entrar num bosque que se tornava cada vez mais assustador e digno de um conto de fadas. Apesar de assustado, o rapaz continuou a seguir o homem, mesmo quando,

por vezes, este se tornava, meramente, uma vaga presença por entre as árvores, à sua frente. O rapaz ia afastando a folhagem do seu caminho, na escuridão. Os seus tornozelos ficavam presos nas trepadeiras, e os seus pés faziam estalar paus e galhos.

Até que, por fim, encontrou o homem.

Quando se sentia já demasiado cansado para prosseguir, o rapaz avistou uma fogueira, um pouco mais à frente, com as chamas a dançar e a bruxulear por entre as árvores. Ouviu algo a estalar e viu faúlhas a subirem juntamente com o fumo. Avançou, dando por si numa clareira, onde a madeira recolhida no bosque ardia num poço de cinzas claras, com galhos que pareciam ossos a brilhar com a intensidade do calor.

O homem estava sentado de pernas cruzadas, o rosto oculto pelas sombras, mas o rapaz conseguia ver-lhe as mãos, pousadas nos joelhos, manchando-lhe as calças de ganga. A luz realçava o seu tom vermelho-vivo. Estavam vermelhas do sangue que ainda escorria das incisões irregulares que ele fizera nos pulsos. Era uma visão penosa para o rapaz. O homem continuava a sangrar, apesar de aquelas feridas já terem anos.

O rapaz sentou-se na vegetação rasteira, do outro lado da fogueira. A expressão do homem era inescrutável, mas o sangue ainda era visível, os cortes, terríveis e violentos. As chamas estalavam e esbracejavam entre eles.

Por fim, o pai do rapaz começou a falar.

Quando acabei de ler, fiquei em silêncio por segundos. Não sabia o que dizer, pelo que reli algumas frases, vezes sem conta, fingindo não ter terminado, enquanto tentava ordenar as ideias.

— Gostaste?

A Jenny parecia ansiosa, o que era compreensível, tendo em conta a minha reação.

— Acho que é brilhante — respondi.

— A sério?

— Sim, a sério.

Não estava a mentir. Em termos de qualidade de escrita, aquele conto estava léguas à frente de qualquer coisa que eu alguma vez criara. Apesar do meu desconforto com o tema, dei por mim ao lado do rapaz, enquanto lia — com medo por ele, mas também intrigado com o homem que ele estava a seguir. A Jenny acrescentara detalhes subtis suficientes para que o final parecesse inevitável, quando chegasse a altura, e para que a compreensão fluísse para trás, a partir desse momento. O rapaz morava sozinho com a mãe, e o homem que o chamava era o fantasma do pai, que se suicidara anos antes. O rapaz precisava de falar com ele, de perceber o que acontecera e porquê. Era uma metáfora da dor e da perda, bem como do mal causado àqueles que eram deixados para trás no rescaldo de uma tragédia daquele género.

Sim, achei a história brilhante.

Se gostei?

Nem um bocadinho.

Era demasiado próxima do sonho que o Charlie havia partilhado connosco e das fantasias que ele gizara para ser uma coincidência. Nós os quatro no bosque, em busca de algo que nunca encontrámos. As histórias de um fantasma por entre o arvoredo. Um homem com mãos de um vermelho-vivo e um rosto que ninguém conseguia ver.

Porém, como era possível que a Jenny estivesse a par daquela história? Tanto quanto eu sabia, ela nunca falara com o Charlie, ou com o Billy ou o James. E, no entanto, aquilo não podia ser fruto do acaso.

Tinha de haver uma explicação.

— Acho que é fantástica — disse-lhe. — De onde veio a ideia?

Contudo, ao fazer a pergunta, percebi que já sabia a resposta.

No dia seguinte, cheguei cedo ao trabalho.

A Marie dera-me um conjunto de chaves, pelo que entrei na livraria e comecei a fazer as minhas tarefas habituais. Após a abertura, havia apenas um punhado de clientes para atender e uma única entrega a tratar. Trabalhei metódica, mas mecanicamente, com a cabeça cheia de interrogações. De certa forma, sentia-me tão desesperado quanto o rapaz da história da Jenny, mas havia também uma parte de mim que não desejava saber, uma parte de mim que receava aquilo que poderia vir a descobrir.

A Marie apareceu pouco depois das 10 horas, encontrando a loja vazia, à exceção de mim. Levantei-me, rodeado por pilhas de livros na zona de triagem atrás do balcão. O meu coração estava acelerado. Se eu não fizesse aquilo de imediato, o mais certo seria nunca o vir a fazer.

— Preciso de falar contigo sobre um assunto — disse-lhe.

Ela olhou-me com curiosidade.

— Bem... Bom dia para ti também.

— Desculpa.

Permaneci imóvel.

A Marie suspirou, pousou a mala sobre o balcão e perguntou-me, calmamente:

— O que se passa, Paul?

— A história da Jenny... — respondi.

— O que é que tem?

— Aquela que ela enviou para o concurso. *Mãos Vermelhas*.

A Marie abanou a cabeça.

— Não sei, ainda não a li. Vai mais devagar. Diz-me o que te está a

perturbar.

— A história chama-se *Mãos Vermelhas* — prossegui. — É sobre um rapaz que vai para o bosque. O pai dele está lá... É dele que o rapaz anda à procura... Mas o pai está morto. É um fantasma. Suicidou-se anos antes, e tem as mãos cobertas de sangue. — A descrição saiu-me de rajada, mas percebi que a expressão da Marie passou de curiosidade a choque, enquanto me ouvia. Podia não ter lido a história, mas sabia exatamente do que eu estava a falar. — É baseada em algo que lhe disseste, não é? — perguntei.

— Oh, céus! — Ela fechou os olhos e esfregou a zona entre eles. — Sim, creio que sim. Mas não sabia que ela iria escrever sobre essa história. Temos de ter cuidado quando fazemos isso. Afinal de contas, nem todas as histórias nos pertencem. As pessoas podem ficar perturbadas.

— Preciso de saber o que aconteceu... a verdadeira história. — A Marie abriu os olhos e fitou-me durante alguns segundos. De repente, parecia cansada, como se, de alguma maneira, eu fosse um peso para ela. — Por favor — insisti.

— Os teus pais, Paul.

— O que têm eles?

— A tua mãe e o teu pai. Ainda estão ambos vivos?

— Sim. — Tive um vislumbre da cara do meu pai. — Infelizmente.

— Vais ter saudades deles quando partirem. — Porém, logo de seguida, esboçou um sorriso triste e corrigiu-se: — Claro que isso não é necessariamente verdade. Mas pronto. O que é que queres saber?

— Tudo.

Já sabia algumas partes, porque a Jenny já me tinha contado aquilo de que se lembrava. Há vários anos, um homem viera a Gritten Wood, entrara no bosque e cometera suicídio. Corria o rumor de que deixara um filho. Essa fora a premissa da história da Jenny. A partir daí, ela imaginara como esse filho se sentiria anos mais tarde.

A Marie permaneceu em silêncio, por instantes.

— O mais estranho é que só lhe contei essa história por tua causa — explicou. — Há uns tempos. Ela estava a falar de ti. Disse-me que havia um rapaz na aula de escrita criativa de quem gostava. Um aluno novo, de Gritten Wood. Não fiques envergonhado.

— Não estou.

O que eu sentia era o terror a tomar conta de mim. «Só lhe contei essa história por tua causa.» A noção de que aquilo — fosse o que fosse — pudesse ser, de alguma forma, culpa minha era difícil de aceitar.

— Disse-lhe simplesmente para ter cuidado — continuou a Marie. — Na verdade, era uma piada. Disse-lhe que o bosque estava assombrado por causa do que acontecera por lá.

— Nunca ouvi falar disso.

— Sim, mas tu cresceste lá. Quando acontece uma tragédia num determinado local, os habitantes têm tendência a resguardar-se. Achem que o melhor a fazer é não tocar no assunto e esperar que ele desapareça. Talvez isso aconteça algumas vezes.

— Alguém cometeu suicídio nas Sombras?

— Sim.

— Quem?

— Sinceramente, não me lembro do nome dele, Paul. Foi há muito tempo.

— Há quanto tempo? — Então, percebi porque é que ela me perguntara se os meus pais ainda eram vivos. — Há cerca de 16 anos?

— Sim, algures na década de 1970. Fez manchete no jornal local, mas não me lembro dos pormenores. Foi sobretudo um diz-que-diz. Mexericos.

— Porque é que ele se suicidou?

— Imagino que por todas as razões e mais alguma. — A Marie fitou-me, compungida. — A vida das pessoas pode ser bastante complicada, Paul. Tanto quanto sei, o homem esteve alistado no exército durante uns tempos, e

isso afetou-o profundamente.

«No exército durante uns tempos.»

Outra ressonância. Lembrei-me da descrição que o Charlie fizera do Mãos Vermelhas, e de como isso se tornara a forma como nós o imaginávamos. Vivia do que a terra lhe dava, como parte integrante do bosque, envergando um casaco velho e puído, desfiado nos ombros, como uma penugem.

— E o filho que ele deixou?

— Foi mais complicado do que isso. — A Marie abanou a cabeça. — Tens a certeza de que queres mesmo ouvir esta história? Pensa bem. Talvez haja bons motivos para nunca a teres ouvido. Talvez seja melhor que caia no esquecimento.

— Preciso de saber — insisti.

— Está bem. Não sei se isto é verdade, mas foi o que me contaram. Na altura, o homem era casado com uma mulher de Gritten Wood, a tua aldeia, e a mulher estava grávida. Contudo, também estava envolvido com outra mulher, de outra aldeia na zona de Gritten... Não sei ao certo de onde... E essa outra mulher também ficou grávida.

— Então, o homem tinha dois filhos?

— Sim. A segunda mulher sabia que ele era casado, e queria que ele deixasse a legítima. Mas ele não o fez; escolheu ficar com ela. Porém, quando lhe confessou o caso que tivera, ela rejeitou-o e pô-lo fora de casa. Então, ele foi para o bosque e fez o que fez. — A Marie estendeu as mãos, desamparadamente. — Mas não sei se isto é verdade, Paul. São apenas rumores que me contaram na altura, alguns deles em segunda ou terceira mão. Não te garanto que seja verdade.

Acenei com a cabeça para comigo.

A Marie podia não ter a certeza, mas eu tinha. Pensei no James e no facto de a mãe parecer ter algum ressentimento em relação a ele; no facto de o pai biológico dele ter desaparecido antes de ele nascer. Eu partira do princípio

de que o pai do James abandonara a família, e que o James seria um lembrete constante dessa dor para a Eileen. Mas nunca ninguém me dissera que fora isso que acontecera.

Depois, pensei no Charlie, e em como, por vezes, ele e o James eram muito parecidos; na maneira como o Charlie o procurou quando fomos transferidos para aquela escola, ansioso por o vergar à sua vontade e por o manter sob controlo — por o afastar de mim; na maneira como parecera ter sempre algum plano em mente, mantendo-nos na ignorância, alguns passos atrás dele.

Quando acontece uma tragédia, como a Marie acabara de me dizer, as pessoas tentam esquecer. Pelo menos as pessoas normais. Então, pensei na história da Jenny, acerca do rapaz desesperado por encontrar o pai, conversar com ele e ser aceite por ele, e perguntei-me se as pessoas assoladas por uma mágoa agiriam de outra forma.

Se iriam à procura de respostas.

Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie.

Na manhã do derradeiro dia, lembro-me de acordar sobressaltado assim que amanheceu. O sol entrava pelas cortinas finas que cobriam a janela sobre a minha secretária e começara a aquecer o quarto. Porém, apesar do calor, eu estava a tremer. Pela primeira vez em meses, não conseguia lembrar-me dos pormenores exatos do sonho que acabara de ter; apenas que envolvia o Charlie. O pavor que me causara ainda perdurava, permeando lentamente os meus pensamentos, como tinta preta a espalhar-se por papel de seda.

Deixei-me ficar quieto por alguns instantes, tentando acalmar-me e pensar em qualquer outra coisa.

Os meus pais haviam saído cedo para trabalhar, e a casa estava em silêncio. No piso térreo, encontraria a habitual lista de tarefas a realizar, que me manteriam ocupado durante algumas horas nessa manhã. Depois, à tarde, a Jenny passaria ali por casa.

«Seria preferível termos mais privacidade, não achas?»

O meu coração bateu descompassadamente, agora por outro motivo.

No entanto, o efeito do sonho permaneceu. Após algum tempo, sentei-me à secretária, fechei as cortinas e olhei para o emaranhado do nosso quintal e para o bosque, ao fundo. O mundo estava iluminado pelo sol e pujante de vida, murado e atapetado em mil tons de amarelo e verde, o orvalho ainda a brilhar nas ervas. Contudo, agora, eu sabia que, 16 anos antes, um homem entrara naquele bosque e cortara os pulsos, deixando que a sua vida fosse derramada na vegetação.

Em qualquer outro dia, eu teria escrito no diário de sonhos. Nessa manhã, porém, decidi não o fazer. Da noite anterior, lembrava-me apenas do Charlie, e não queria escrever o nome dele no meu caderno.

Tens de fazer alguma coisa em relação a ele.

Fui acossado pelo mesmo pensamento, desta vez com mais ênfase e urgência. Depois do que descobrira no dia anterior, tinha a sensação de que algo de muito mau estava prestes a acontecer — que o Charlie era perigoso. Ainda assim, não sabia o que fazer. Talvez devesse falar com um adulto, contar-lhe as minhas suspeitas; começar pelos sonhos e tentar explicar como tudo se tornou gradualmente demasiado sombrio. Podia referir o cão do Goodbold, o Mãos Vermelhas, e o facto de não saber se o Charlie estaria delirante e a precisar de ajuda ou se estaria a planear... alguma coisa.

Ninguém me daria ouvidos.

Ainda assim, tinha de tentar. Decidi delinear um plano, determinar exatamente o que precisava de contar e a quem. A Marie seria, provavelmente, a melhor escolha: de todos os adultos que me vinham à cabeça, ela seria, porventura, a mais recetiva, visto estar a par de alguns dos antecedentes. Poderia ajudar-me a perceber o que fazer.

Essa decisão deu-me a liberdade de esquecer temporariamente o assunto. Tomei banho e vesti-me, preparei uns ovos mexidos para o pequeno-almoço e depois dediquei-me à lista de tarefas deixadas sobre a mesa da cozinha: tinha de fazer algumas arrumações e limpezas, e a minha mãe deixara uma lista de compras e algum dinheiro. Comecei pela lida da casa, e, por fim, saí para fazer as compras, já a manhã ia longa.

O dia estava quente e claro, mas lembro-me de que pressenti uma qualquer estranheza na aldeia. As ruas estavam silenciosas, o que não era invulgar àquela hora, num dia útil, mas pareciam ainda mais desertas do que o habitual. A caminho da mercearia, não vi vivalma; era como se toda a gente tivesse sido removida do mundo, deixando-me completamente sozinho. O

silêncio pairava no ar, e havia um insólito tom sépia na luminosidade. As estradas, as casas, as árvores... tudo parecia ter sido mergulhado num líquido âmbar, que ainda não secara por completo.

Senti-me quase aliviado quando cheguei à mercearia e encontrei pessoas lá dentro. Normalidade retomada. Recolhi os artigos que constavam da lista de compras da minha mãe, que foram, depois, cuidadosamente guardados em sacos de plástico pela empregada da caixa. À saída da mercearia, sentia as alças dos sacos apertadas e cravadas nas dobras dos meus dedos.

Não queria ir já para casa. Ainda faltava cerca de uma hora para o meu encontro com a Jenny, e eu sabia que ficaria a andar de um lado para o outro, inquieto. Apesar do ambiente estranho, o dia estava particularmente bonito, pelo que decidi caminhar um pouco, seguindo por um percurso mais sinuoso do que o normal, enquanto desfrutava do calor e da tranquilidade.

Senti-me de imediato mais animado. Tinha evitado diversas estradas e ruas da aldeia nos últimos meses para não me deparar com o Charlie, o Billy e o James, e agora perguntava-me porquê. Afinal de contas, aquela era a minha aldeia, o meu lar. Nessa tarde, a Jenny iria a minha casa, e, à luz disso, que importância tinham aqueles três? Não passavam de um grupo de rapazes tristes, perdidos numa fantasia, ao passo que o meu mundo estava a florescer, as suas pétalas a desabrochar, o futuro à minha frente repleto de possibilidades. Naquele momento, senti-me com força suficiente para os enfrentar, caso fosse necessário.

A caminhada levou-me pelos limites da aldeia e, depois, pelo parque infantil, no centro. Se fosse deparar-me com eles, seria ali. Efetivamente, quando me aproximei, vindo da rua empoeirada, percebi que estava ali alguém.

O James.

Estava sozinho, sentado na primeira barra da velha estrutura metálica. Quando eu era mais novo, aquela estrutura parecia-me enorme, o chão

perigosamente distante quando chegávamos ao topo. Porém, na realidade, era pouco maior do que eu, agora. Ainda assim, o James parecia pequeno, comparativamente, sentado, com as costas arqueadas. Nas últimas semanas do ano letivo, ele parecera sempre retraído e esgotado, como se a sua vida estivesse lentamente a ser sugada, mas, agora, parecia quase esquelético, a sombra do seu corpo praticamente indistinta da desenhada pela fina estrutura de metal em seu redor.

A minha determinação vacilou, mas obriguei-me a seguir em frente.

Ele ergueu os olhos quando me aproximei, com o rosto vazio, e, ao ver-me, desviou rapidamente o olhar.

Passei por ele deliberadamente devagar. Não sabia ao certo porquê. Talvez fosse uma demonstração de domínio, uma tentativa de lhe mostrar que eu não queria saber dele. Todavia, na verdade, era uma estupidez, pois, no fundo, eu preocupava-me com ele.

Naquele instante, os acontecimentos dos últimos meses desapareceram. A minha vida afastara-se suficientemente da sua traição, e, mesmo que eu não o tivesse perdoado completamente pelo que ele fizera, conseguia pelo menos compreender os seus motivos, e sentia alguma pena dele.

Depois de passar por ele, olhei para trás, voltando a reparar na sua fragilidade, no seu medo.

É essa a recordação que tenho do James naquele dia: um rapaz perdido, que não sabia como escapar da situação em que se metera, ali sentado, à espera, como um prisioneiro condenado que aguarda o cumprimento da pena.

Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie.

De novo aquele pensamento. Não era racional, mas julgo que haja momentos assim na vida, momentos que percebemos serem fundamentais a um determinado nível; momentos em que tudo muda, e em que nos poderemos arrepender para sempre se não fizermos algo que sabemos que deveríamos ter feito.

Talvez tenha sido a estranheza do dia que me fez acreditar que aquele era um desses momentos; que aquilo que o Charlie planeava estaria prestes a acontecer; que, se eu virasse costas e me afastasse, haveria de ser consumido por remorsos, para sempre.

Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie. Antes que seja tarde demais.

Por isso, voltei ao parque infantil, lentamente. Passei sobre a cerca de madeira, que me dava pelos joelhos, separando o parque da estrada, e aproximei-me da estrutura metálica. O James estava de costas para mim. Não sei se me ouviu, mas não pareceu assustado quando pousei os sacos no chão. Limitou-se a encarar-me com aqueles olhos tristes e assombrados.

— Olá — disse-lhe. — Preciso de te contar uma coisa.

Lembro-me do alívio que sentia ao regressar a casa. Arrumei as compras com uma sensação de leveza, talvez até um pouco triunfante.

Tens de fazer alguma coisa em relação ao Charlie.

E eu fizera.

Contara ao James tudo o que a Marie me dissera, tendo cumprido o meu dever. Agora, estava nas mãos dele agir de acordo com o que ouvira. Não sabia se aquelas informações o ajudariam, ou se mudariam alguma coisa, mas, naquele momento, não me pareceu que isso tivesse importância — o importante era que a responsabilidade estava, agora, nas mãos do James, não nas minhas.

Além disso, conseguira fazê-lo sem abrir mão de nada. Quando começara a falar, vira um lampejo de algo no seu rosto, talvez esperança, mas a minha expressão cortara rapidamente com isso. Certificara-me de que o James percebia que eu não estava ali para o salvar nem para restabelecer laços. Queria apenas avisá-lo. Ele abanara a cabeça, confuso, mas as minhas palavras faziam-lhe sentido, como se eu lhe tivesse dado uma peça do puzzle

que ele sabia que encaixava algures, ainda que não soubesse ao certo onde.

«Tem cuidado.» Foram as últimas palavras que eu lhe dissera, proferidas com frieza, na expectativa de que a mensagem subjacente fosse clara. Não éramos novamente amigos, nem o seríamos no futuro.

Em seguida, pegara nos sacos de compras e voltara para casa.

Acabei de guardar as compras e afastei aquele encontro da cabeça. A Jenny estava quase a chegar, e preferi dar largas ao meu entusiasmo com essa ideia. Sentia um estranho misto de exaltação e de medo no peito, e o meu coração batia um pouco mais depressa a cada minuto que passava.

As 13 horas chegaram, e passaram.

Durante algum tempo depois disso, andei de um lado para o outro na sala, a espreitar frequentemente pela janela, na esperança de ver a Jenny a qualquer momento, airoso e linda, à luz do sol vespertino, a abrir o portão e a dirigir-se para minha casa.

Contudo, a rua e o carreiro permaneciam vazios.

Passei as horas seguintes a imaginar o que poderia ter corrido mal. Talvez ela tivesse ganhado juízo em relação a mim e desistido. Ou talvez tivesse surgido um imprevisto, e ela não tivesse conseguido vir, ficando retida em casa, triste por me ter dececionado. A mãe poderia ter descoberto para onde ela ia, impedindo-a de sair. Oscilei entre todas as explicações possíveis e imagináveis. As possibilidades giravam à minha volta.

O som de alguém a bater à porta fê-las retroceder.

Encontrava-me no meu quarto, a olhar para o bosque. Desci rapidamente as escadas. Já desistira da ideia de ver a Jenny, e, fosse como fosse, os meus pais regressariam a casa em breve, mas, ainda assim, tive esperança de que pudesse ser ela. Contentar-me-ia com isso. Disse a mim mesmo que o resto poderia esperar. Talvez pudesse até apresentá-la à minha mãe.

Porém, quando abri a porta, deparei-me com dois agentes da polícia. O carro-patrulha estava estacionado à frente da casa, com as luzes a piscar

inutilmente ao sol do fim de tarde.

— Paul Adams? — perguntou um dos agentes.

— Sim.

Pousou o antebraço na soleira da porta e olhou para dentro de casa, para lá de mim, como se procurasse alguma coisa. Em seguida, olhou-me de cima a baixo, com uma expressão carrancuda e desprovida de emoção.

— Conhece uma jovem chamada Jenny Chambers?

— Sim. — Fiz uma pausa. — Porquê?

Ele olhou para mim como se eu já soubesse.

— Oh, ela morreu.

Estou a sonhar neste momento.

Mesmo após tantos anos, nunca perdi a sensação de assombro que acompanha essa tomada de consciência, e voltou agora. Dei por mim a olhar para a escola de Gritten Park, espantado, como sempre, com a capacidade da minha mente adormecida de evocar algo tão realista.

Agachei-me e usei a técnica do ambiente: esfregar a palma da mão no chão para sentir a textura áspera do alcatrão. Ouvi um martelar ali perto. Olhei para a direita, vendo a lona esticada à volta do estaleiro das obras. Na vida real, são tempos que já lá vão, claro, mas esta era a escola tal como seria naquela altura, não como é agora.

Levantei-me e passei pelo estaleiro, depois pelos campos de ténis e pelos barracões de chapa ondulada. O sonho acrescentara camadas de ferrugem a estes últimos, posicionando-os em ângulos estranhos no relvado, como se tivessem caído aleatoriamente do céu.

O banco encontrava-se um pouco mais à frente.

Era onde a Jenny me aguardava. Apareceu exatamente como a minha mente a criara algumas noites antes: ainda reconhecível como a rapariga de que eu me lembrava, mas envelhecida para corresponder aos anos que tinham passado. Mesmo sentada, havia nela um porte de confiança. Porém, a velha mochila da escola estava pousada aos seus pés, e tinha um caderno aberto no colo. O passado e o presente, sobrepostos.

Não uma linha, pensei. Um rabisco.

Senti um aperto no coração ao vê-la.

Ela fechou o caderno e sorriu para mim.

— Ora viva!

No entanto, quer o sorriso quer o cumprimento pareceram ligeiramente mais forçados do que das outras vezes em que eu sonhara com ela. Lembrei-me da primeira vez que passara por ali, ainda adolescente, receando estar a perturbá-la. Não estava, na altura, mas, agora, tinha a estranha sensação de que sim; de que, apesar de aquele ser o meu sonho e de a Jenny ser apenas fruto da minha imaginação, ela preferia que eu não a incomodasse.

— Olá — respondi. — Importas-te?

— Só se tu te importares.

Sentei-me ao seu lado, no banco, mantendo alguma distância entre nós.

— Estás bem? — perguntei-lhe.

— Sinceramente? — Ela desviou o olhar. — Estou cansada, Paul. Quero voltar a dormir.

A julgar pelas suas palavras, parecia que eu fazia parte do seu sonho, e não o contrário. Senti uma onda de culpa por tê-la invocado — uma sensação antiga. «Porque é que perdemos o contacto?», fora a pergunta da Jenny na noite anterior. Ao pensar nos tempos em que eu sonhara com ela, após a sua morte aqui em Gritten, e, depois, quando fui para a universidade, a resposta era evidente: precisamente porque começara a sentir-me assim. O Charlie concedera-me uma ferramenta, e eu usara-a. Num sonho lúcido, podemos fazer qualquer coisa, e eu trouxera a Jenny de volta para a minha vida, na tentativa de aliviar a dor e a tristeza que sentia. Porém, o meu subconsciente sabia-o, e tornou-se evidente que aquilo tinha de parar.

Julguei que seria inofensivo voltar a vê-la agora, que tornaria mais suportável o meu regresso a Gritten, bem como tudo o que eu precisava de fazer e de enfrentar ali. E presumo que tenha tornado, pelo menos durante algum tempo. Contudo, eu sabia que não poderia durar, e estava na altura de a deixar partir novamente.

— Desculpa — disse-lhe.

— Não tens de pedir desculpa. Sei que sentes a minha falta.

— Sempre.

— Tenho de ir andando. Mas, antes, queria dar-te duas coisas.

— O quê?

— Lembras-te de quando a polícia foi a tua casa?

Pensei naquele dia. Os dois agentes não podiam interrogar-me sem a presença dos meus pais, mas perguntaram-me se podiam entrar, e eu, obviamente, dissera que sim. Ao princípio, não quiseram contar-me o que acontecera à Jenny. «Oh, ela morreu.» As palavras ecoavam na minha mente, mas não passavam disso, e pareciam não ter ligação à realidade. Se aquilo fosse verdade, o mundo teria acabado, e o mundo continuava igual.

— Julgaram que eu te tinha matado — murmurei.

A Jenny sorriu.

— Claro que sim. Afinal de contas, eu tinha um encontro marcado contigo, e o culpado costuma ser o namorado, certo?

— Certo.

Fora meia hora antes de a minha mãe chegar a casa. Ela insistiu em acompanhar-me à esquadra para que eu pudesse prestar depoimento sob custódia. Lembrava-me de me sentir entorpecido e de os agentes nos terem obrigado a parar em frente ao parque infantil para eu encarar o que supostamente fizera; da forma como a minha mãe me protegera tão ferozmente. Ela conhecia-me. Mesmo sem eu dizer nada, ela sabia que eu não fizera aquilo.

Enquanto isso, outros agentes revistaram a nossa casa, em busca de provas que me incriminassem. Talvez uma arma, ou roupas manchadas de sangue. Não havia nada que pudessem encontrar, claro, e, depois, o Billy fora encontrado a vaguear pela aldeia, com as roupas ensanguentadas, o diário de sonhos e a faca que ele e o Charlie usaram para assassinar a Jenny.

A Jenny sorria-me agora, tristemente.

— Nunca me mostraste a tua aldeia — disse-me. — Eu estava tão entusiasmada por ir ter contigo naquele dia que cheguei cerca de meia hora mais cedo, e achei por bem dar uma volta por ali.

— Porquê?

— Queria ver-te na tua praia.

Fechei os olhos ao ouvir as palavras da minha mãe a serem proferidas pela imagem da Jenny, gerada pela minha mente adormecida. No entanto, é um erro fecharmos os olhos num sonho lúcido. Precisamos de sensações para tornar sólido o mundo à nossa volta. Por isso, voltei a abri-los, agarrei as esquinas ásperas do banco e fiquei a ouvir o martelar distante da perfuradora, numa tentativa de me estabilizar.

— Quando cheguei ao parque infantil — prosseguiu a Jenny —, o James não estava lá. Claramente, levou o teu aviso a sério. Mas deparei-me com o Charlie e o Billy. Estavam à espera, e tinham um plano. Estavam zangados.

— Não preciso de ouvir isto — disse-lhe.

— Precisas, sim. Eles chamaram-me. Não sei bem porque fui ter com eles. Presumo que estivesse curiosa para saber o que queriam, depois de tudo o que me contaste sobre eles. Quando vi a faca, era tarde demais. — Só me apeteceu fechar os olhos, novamente. — Seguraram-me contra o chão e esfaquearam-me, à vez. Ao início, quase não senti dor, pois nem acreditava no que estava a acontecer. Acho que fiquei em estado de choque. Mas, depois, a dor chegou. Aquele que, a dada altura, não me estava a esfaquear, usava o meu sangue para fazer marcas no chão, com as palmas das mãos. Lutei com todas as minhas forças ao perceber que ia morrer. Queria tanto viver! — Olhou para mim com tristeza. — Mas isso não aconteceu. — «No total, foram registados 57 golpes no corpo, que deixaram a cabeça da vítima praticamente decepada», lembrei-me. — Enfiaram o meu corpo debaixo de um dos arbustos e, depois, foram para o bosque. Tomaram comprimidos para dormir, imaginando que iriam desaparecer deste mundo para sempre. O que

é ridículo, evidentemente.

— Só que o Charlie desapareceu mesmo.

— Ninguém desaparece, Paul. Ninguém se evapora no ar.

Pensei naquilo, e acenei com a cabeça.

— Mas a polícia tinha razão — disse-lhe. — Fui eu que te matei.

A Jenny abanou a cabeça.

— Paul, tu não sabias o que iria acontecer. Essa é a primeira coisa que quero dar-te. Fizeste o teu melhor, que é tudo o que se pode esperar de qualquer um de nós. Estavas a ajudar um amigo. Além disso, eras apenas um miúdo. A culpa não foi tua. Nada disto foi culpa tua.

Ela pareceu tão convicta que uma parte de mim quase acreditou nas suas palavras.

— Passei tanto tempo a desejar... — confessei-lhe.

— A desejar o quê?

— Não ter parado naquele dia. Não ter dito nada ao James. Porque não é justo. Eles deviam ter matado o James, não a ti. E só não o fizeram por minha causa.

Tive noção da tristeza subjacente ao que acabara de dizer. Durante anos, culpei-me por aquilo. Desejava não ter falado com o James naquele dia, e que as coisas tivessem sido diferentes.

Que desperdício me parecia tudo agora. Porque é que nunca desejei, simplesmente, que o Charlie e o Billy não tivessem matado ninguém naquele dia? Talvez porque o fizeram, efetivamente, tendo o ato assumido um cariz de inevitabilidade: o homicídio não podia ser evitado; apenas se podia mitigar e alterar os seus efeitos, em favor de pessoas diferentes, vidas diferentes. Porém, na verdade, haveria uma morte na minha consciência, independentemente das minhas ações.

— A culpa não foi tua — insistiu a Jenny. — E, agora, a segunda coisa.

Ela vasculhou a mochila, tirou uma revista e entregou-ma.

The Writing Life.

Lembrei-me de como ficara sensibilizado por ela me ter dado aquela revista, por significar que pensara em mim. Quando o texto na capa começou a ficar desfocado, percebi que estava a perder o controlo do sonho.

— Eles são todos iguais — disse a Jenny. — Por isso é que ele não vai encontrá-lo.

As palavras da minha mãe. Esfreguei as páginas da revista entre o dedo e o polegar, desesperado por permanecer ali.

— O que significa isso?

Porém, apesar dos meus esforços, tudo à minha volta começava a desvanecer-se. A consciência de estar deitado na cama, no quarto de hotel, começava a tornar-se mais real do que a minha presença naquele banco, e eu estava prestes a acordar. Contudo, mesmo que a Jenny não pudesse responder à minha pergunta, parecia-me urgente ouvir a sua resposta.

— O que é que é igual? — insisti. — O que é que ele não vai encontrar?

Enquanto olhava para o que restava dela, fui acometido por um clarão de discernimento, e julguei ter compreendido.

Apesar de o sonho já ter desvanecido quase por completo, e de o quarto no mundo real começar a materializar-se à minha volta, vi o sorriso da Jenny uma última vez, antes de despertar totalmente. Os seus lábios articularam palavras que senti e ouvi em igual medida:

— Adeus, Paul.

Senti-me completamente alheado da realidade enquanto conduzia até à casa da minha mãe, tão decidido a chegar lá que mal prestei atenção à viagem. Isso não se devia totalmente à inevitável sonolência decorrente dos sonhos lúcidos. Agora que a ideia me ocorrera, parecia-me importante chegar lá o mais rapidamente possível para verificar se seria verdade. À primeira vista, aquilo em que eu estava a pensar era uma loucura, mas, ainda assim, algo parecia encaixar, e eu precisava de o confirmar, para ter a certeza. Enquanto conduzia, era como se a minha mente se tivesse antecipado, e estivesse à minha espera, na casa, puxando-me na sua direção.

«Eles são todos iguais. Por isso é que ele não vai encontrá-lo.»

Quando estacionei e saí do carro, a rua estava deserta. Embora pudesse ser imaginação minha, o ar, naquele momento, parecia suscitar a mesma sensação de estranheza do dia do homicídio.

Assim que entrei na casa, parei no corredor. No topo das escadas, a poeira girava lentamente no ar, na zona do patamar, perturbada pela abertura da porta da rua. Estava tudo silencioso, como sempre, mas o peso no ar assumia uma textura diferente, como se o silêncio e o vazio fossem ainda mais profundos. Parecia pairar uma tristeza na casa, como se, de alguma forma, o próprio edifício soubesse que a pessoa que ali vivera tantos anos havia desaparecido, e chorasse a sua perda.

Ainda me sentia nervoso com o facto de ter recebido o boneco, mas a necessidade de saber superava tudo. Subi até ao meu antigo quarto e espalhei o conteúdo da caixa sobre a mesa.

A revista.

O livro com o nome da Jenny na capa.

Os cadernos.

Olhei para eles. Eram oito, no total, e, até então, eu não lhes prestara grande atenção. O meu diário de sonhos estava no topo da pilha, o primeiro que eu abrira, e não tivera interesse em examinar os outros e ler as minhas tristes tentativas adolescentes de escrever algo de jeito, as minhas tentativas incoerentes de contar histórias, que acabara por abandonar.

Agora, porém, decidi abrir um.

Nada.

Outro.

Nada.

Abri o terceiro, deparando-me, não com a minha caligrafia, mas com os gatafunhos pretos e miúdos do Charlie.

Fechei-o instintivamente, com o coração a bater mais depressa.

A minha mente recuou no tempo, até àquela vez em que nós os quatro comparámos os nossos registos, quando o Charlie fizera o truque aparentemente impossível de partilhar o sonho do James. Nesse dia, eu apercebera-me de que eu e o Charlie usávamos o mesmo género de caderno.

«Está aqui em casa, Paul.»

«Eles são todos iguais. Por isso é que ele não vai encontrá-lo.»

O diário do Charlie deveria ter desaparecido com ele. Ele e o Billy tinham os seus diários no dia do homicídio — supostamente como parte do ritual que o Charlie planeara. Isso significava que eu tinha na mão algo que desaparecera do mundo na mesma altura que o Charlie. Tinha um artefacto mágico impossível nas mãos.

Magia.

Examinei algumas entradas na parte final do caderno. Eram todas variações do mesmo tema: o Mãos Vermelhas, o bosque, o Billy e o James. A maioria era vaga, mas duas entradas destacavam-se como sendo mais

específicas. Havia uma longa passagem que descrevia o sonho em que o Charlie matara o cão do Goodbold, e, mais para trás, uma entrada igualmente detalhada sobre ter ido bater à porta do James durante a noite. Em ambos os casos, o Charlie sabia, obviamente, o que fizera na vida real, tendo conseguido ser bastante preciso.

Voltei mais atrás, até encontrar a entrada que mais me interessava.

Estou sentado ao lado dele, no bosque.

Está muito escuro aqui, mas percebo que ele veste o velho casaco militar, aquele com o tecido puído nos ombros, que mais parece uma penugem, como um anjo a quem cortaram as asas até restarem apenas os cotos.

Era exatamente como eu me lembrava de ter lido naquele dia, à hora do almoço, quando o Charlie quisera que eu lesse a entrada do seu diário de sonhos, para verificar a verdade com os meus próprios olhos. Eu olhara para aquela letra preta miúda, com a data daquele dia registada em cima, e o sonho era tão parecido com o que o James descrevera que parecia impossível ser uma coincidência. No entanto, eu não conseguira explicar como é que ele fizera aquilo.

O truque do Charlie.

Virei uma página e li: «Estou sentado ao lado dele, no bosque.»

Depois, outra: «Estou sentado ao lado dele, no bosque.»

Continuei a folhear o caderno, mais para trás. As entradas daquela semana eram praticamente idênticas. O Charlie alterara algumas palavras, mas o tema era exatamente o mesmo: em cada entrada, um rapaz e um monstro emergiam do bosque e viam o James no seu quintal a olhar para eles.

Após todos aqueles anos, compreendi, finalmente.

Incubação.

O Charlie passara semanas a convencer-nos de que o bosque era assombrado. Todos os fins de semana nos levava lá, insistindo em entrar sempre pelo quintal do James. Era quase inevitável que todos nós, incluindo o James, sonhássemos com o bosque.

Pensei no dia em que a Jenny me dera a revista. Na altura, achara que fora coincidência que ela a tivesse consigo precisamente no dia em que eu decidira ir à procura dela e abordá-la. Só que, obviamente, não fora assim; eu vira a situação ao contrário. Ela dera-me a revista naquele dia apenas porque fora o dia em que eu a abordara. Trazia-a consigo todos os dias, e, fosse qual fosse o dia em que eu decidisse ir falar com ela, teria sempre parecido uma coincidência.

O Charlie fizera algo semelhante. Preparara entrada após entrada, de modo a ter sempre uma pronta para quando o James descrevesse, finalmente, algo semelhante, o que acontecera bem mais cedo do que eu esperava.

A frustração tomou conta de mim. Teria facilmente conseguido pôr fim a tudo aquilo se me tivesse apercebido. Naquele dia, à hora do almoço, eles estavam os três de olhos postos em mim, à espera da minha reação à entrada do diário, e eu sentira-me impotente. Teria bastado virar uma página para trás.

Se o tivesse feito, nada disto teria acontecido.

Fechei o diário.

— Onde é que arranjaste isto, mãe? — murmurei.

Obviamente, a casa permaneceu em silêncio.

Fui até ao quarto da minha mãe. Abri as cortinas e olhei para a rua. A luz do Sol era tão forte que o ar por cima do meu carro tremeluzia com o calor. Continuava a não haver ninguém à vista; a aldeia estava morta e silenciosa.

Senti o diário pesado na minha mão.

Onde é que arranjaste isto?

A pergunta deu-me a volta ao estômago, pois, embora houvesse inúmeras

explicações possíveis para a presença daquele diário naquela casa, todas se resumiam a uma só resposta: a minha mãe sabia mais sobre o desaparecimento do Charlie do que me revelara.

Olhei para o teto, visualizando, na minha mente, as mãos vermelhas no sótão, e as caixas de jornais que a minha mãe compilara. Quando as encontrei, deduzira que as tivesse guardado ao longo dos anos, assumindo a responsabilidade de me proteger do conhecimento e da culpa. Porém, agora, perguntava-me se essa culpa não seria dela. Se ela sabia o que acontecera ao Charlie, pelo menos parte da culpa pelos homicídios dos imitadores era sua. Ela poderia ter feito algo para os travar.

Ainda assim, por alguma razão, mantivera o silêncio.

Olhei novamente pela janela.

A rua já não estava vazia.

Encontrava-se alguém parado junto do meu carro. A luz do Sol que incidia por trás definia-lhe ligeiramente a silhueta, e as suas feições estavam ocultas pela névoa que pairava sobre o veículo. Estava, contudo, claramente a olhar para mim. O reconhecimento foi imediato, fazendo com que 25 anos desaparecessem no espaço de um batimento cardíaco.

Ele ergueu a mão.

Após um momento de hesitação, fiz o mesmo.

Deixei o diário de sonhos sobre a cama e desci as escadas. Já na rua, fui acometido pelo calor e pela luminosidade. Ele começou a afastar-se, subindo a rua, lentamente. Não havia necessidade de o perseguir; eu sabia para onde se dirigia.

Virei-me e tranquei a porta.

Então, movendo-me devagar, segui-o.

Pela segunda manhã consecutiva, Amanda deu por si sentada na cantina da esquadra de Gritten, debruçada sobre o portátil. Por mais deprimente que fosse, parecia ter-se tornado o seu gabinete temporário.

Bebeu um gole de café. Não tinha melhorado.

Nem a situação em geral.

Houvera três homicídios até então, em que as vítimas estavam relacionadas com o crime original de Mãos Vermelhas. Amanda ainda não percebia ao certo o que se passava, mas acreditava que aquilo não fosse ficar por ali.

Precisavam de falar com Paul Adams.

Os agentes tinham localizado uma reserva em nome dele num hotel em Gritten. Irónico, pensou ela. Não conseguira encontrá-lo na noite anterior porque ele seguira o seu conselho de não ficar em casa da mãe. Porém, segundo o hotel, Paul não estava no quarto, e não havia sinal do seu carro no estacionamento. Talvez tivesse voltado a casa da mãe, deduziu Amanda. Falou com o inspetor Dwyer, que, apesar de inicialmente relutante, acabara por enviar o agente Holder a Gritten Wood para ver se Paul estava lá.

Amanda consultou o telefone, pousado na mesa, ao lado do portátil.

Nada.

Numa tentativa de se distrair, focou a sua atenção no computador. O crime em Brenfield ainda estava a ser processado, mas a história da família encontrava-se na base de dados.

Carl e Eileen Dawson tinham-se mudado para Brenfield há pouco mais de dez anos. O motivo da mudança parecia ter sido a necessidade de estarem

mais próximos do filho, James. Lendo nas entrelinhas, James debatera-se com grandes dificuldades no rescaldo do homicídio em Gritten. Ingressara na universidade, mas desistira após dois períodos, e, desde então, a sua vida fora maioritariamente itinerante. No seu cadastro, constavam condenações por delitos relacionados com estupefacientes e por comportamento antissocial. Havia também uma longa lista de endereços na base de dados, com lacunas temporais entre eles, sugerindo períodos em que fora sem-abrigo.

Em suma, lembrava a forma como Billy Roberts vivera após a sua libertação da prisão. Só que James tinha pessoas que se preocupavam consigo. Há dez anos, Carl herdara algum dinheiro, após a morte da mãe, e ele e Eileen compraram uma casa em Brenfield, a cidade onde o filho vivia, pelo que James fora morar com eles.

Os sacrifícios que os pais fazem pelos filhos.

No entanto, a julgar pelos detalhes no ecrã, nem tudo havia sido um mar de rosas. Os vizinhos, preocupados, chamaram a polícia em várias ocasiões, e Eileen chegara mesmo a ser detida e levada da propriedade. Não fora apresentada queixa, e ela acabara por regressar a casa. Amanda estava mais habituada àquele cenário no género oposto, mas isso não o tornava menos deprimente. Principalmente, por ter sido uma das razões pelas quais esses mesmos vizinhos preocupados não ligaram imediatamente para a polícia na madrugada do dia anterior, quando ouviram gritos na casa dos Dawsons.

Houvera, porém, claro, quem tivesse espreitado à janela. Pouco antes de amanhecer, uma das vizinhas ouvira a porta da rua dos Dawsons a abrir e vira um homem vestido de preto a sair. A vizinha deduzira que fosse Carl, mas estava escuro, pelo que não conseguira fazer uma descrição cabal. De qualquer forma, houvera algo suficientemente perturbador em tudo aquilo para ela pegar no telefone. Os agentes que acorreram ao local encontraram dois corpos na sala. O local do crime ainda estava a ser processado, mas

parecia que Eileen tivera uma morte rápida e que o assassino demorara mais tempo com James.

Amanda sentiu um aperto no coração.

De tudo o que lera na Internet sobre o caso, imaginava James como um rapaz pequeno e vulnerável, e saber como fora a sua vida nos últimos anos apenas reforçava essa impressão. Ele nunca chegara a recuperar completamente do que acontecera. Os seus supostos amigos tinham-no moldado, com a intenção de o matar, e, já em adulto, ele tivera dificuldade em encontrar um nicho para si no mundo. Era como se se tivesse cristalizado num estado nascente, sem nunca crescer ou florescer, imobilizado para sempre, com a sua existência definida por um momento de trauma.

Poder-se-ia argumentar que o que acontecera a Billy Roberts constituía algum tipo de justiça, mas não em relação a James. Fossem quais fossem os pecadilhos que ele cometera, não merecia um final assim.

Seria ele a pessoa por detrás do utilizador CC666? Parecia provável. Um computador fora encontrado em sua casa, e estava agora a ser analisado. Contudo, se assim fosse, Amanda não percebia porquê.

Não obstante, a questão mais importante agora era saber onde estava Carl.

A porta da cantina abriu-se. Amanda ergueu o olhar e viu Dwyer a entrar, trazendo consigo o cheiro a comida. Aproximou-se da mesa dela e sentou-se à sua frente, aterrando com tanta força que parecia que os móveis não suportariam o impacto. Em seguida, colocou um invólucro gorduroso sobre a mesa, de onde retirou uma sandes.

— O Holder acabou de dar notícias — anunciou. — Disse que não há sinal do Adams em casa da mãe. Mas o carro está lá.

— Eu diria que isso é um sinal.

— O Holder não é muito esperto.

— Ele procurou dentro de casa?

— A porta da rua estava trancada. Ele espreitou por algumas janelas, mas

não se via nada fora do lugar. Não havia razão para arrombar a porta. Talvez o Adams tenha ido à mercearia.

— Temos de o encontrar.

— Pois, já me disse.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, enquanto Dwyer engolia a sandes e limpava delicadamente a boca com um guardanapo em que Amanda não reparara. Então, a sua postura mudou ligeiramente.

— Eu estava lá, sabe? — observou ele.

— Como assim?

— Foi o que ouviu. Eu era o agente de serviço naquele dia. Estava naquele parque infantil quando o corpo da rapariga foi encontrado, e fui com um colega a casa dos Adams logo a seguir. Dei uma vista de olhos, enquanto esperávamos que a mãe dele chegasse. Nessa altura, eu e o meu colega julgávamos que tinha sido ele.

— Era óbvio, certo? — comentou Amanda.

— Exatamente. — Dwyer deu outra dentada na sandes. Ela aguardou que ele mastigasse e engolisse. — Em retrospectiva, vejo que foi injusto da minha parte. — Encolheu os ombros. — Tentamos a sorte, não é? Havia algo de estranho no Adams, em todos eles, mas o meu palpite naquele dia saiu ao lado. Talvez o que tenho estado a pensar também não esteja certo. Acha que o tal tipo, o Carl Dawson, está envolvido?

Amanda recostou-se na cadeira.

— De alguma forma? — perguntou. — Claro. Quer dizer, a família dele está morta, e ele desapareceu. Num cenário destes, é uma suposição natural.

— Tal como eu disse, tentamos a sorte.

— Sim, mas não sei se será ele o responsável. Ainda não conseguimos colocá-lo no local do crime do Billy Roberts.

— Não temos a certeza se o assassino é o mesmo. — Se Dwyer ainda estava apegado à sua teoria original, já não parecia tão convicto como no dia

anterior. Era uma coincidência demasiado grande. Billy Roberts e James Dawson, dois miúdos envolvidos no homicídio que ocorrera há 25 anos, haviam sido torturados e assassinados. Por mais que Dwyer não quisesse remexer no passado, estava, claramente, tão preocupado quanto Amanda. — O Carl conhecia as três vítimas — disse ele. — Acho que é ele o culpado.

Amanda estava prestes a responder quando o seu telemóvel tocou. O ecrã informou-a de que era Theo.

— Dê-me um segundo.

Atendeu a chamada. Como sempre, o zumbido dos computadores e dos respetivos fantasmas fazia-se ouvir em pano de fundo.

— Olá, Theo — disse. — Fala a Amanda.

— Olá. Querias o número de telemóvel do Paul Adams, certo?

— Exatamente.

— Ele está a usar um cartão pré-pago, mas consegui descobrir o número a partir do cartão de crédito dele. Não me perguntes como, mas aqui vai.

Amanda anotou o número.

— Obrigada, Theo.

— Há mais uma coisa. Vou ter de transmitir isto às autoridades competentes, mas achei por bem dizer-te primeiro. Também tenho o número do Carl Dawson.

O coração dela deu um salto. Enquanto o anotava, ocorreu-lhe outra coisa.

— Sabes dizer-me onde está o Carl? — perguntou.

— Queres este mundo e o outro, Amanda. Mas, sim, provavelmente. Dá-me um segundo. Por quanto mais torres de sinalização passar, mais fácil será para mim. — Ela conseguia ouvi-lo a teclar. — Ah, bingo!

— Encontraste-o? Onde é que ele está?

— A cerca de três quilómetros de ti — informou Theo. — Em Gritten Wood.

Após o homicídio, o parque infantil fora demolido e pavimentado. Quando deixei Gritten de vez, nada havia sido acrescentado àquele espaço de pedra vazio, como se ninguém soubesse o que fazer com ele e achasse que seria suficiente tapá-lo. Porém, agora, havia ali bancos, que rodeavam uma árvore, ao centro.

No entanto, quando me aproximei, consegui visualizar o parque tal como era naquela época. O homem que me esperava num dos bancos fez-me lembrar tanto o James naquele dia, tão frágil e assustado, que parecia que eu voltara atrás no tempo.

Parei diante dele.

— Sr. Dawson.

O padrasto do James fitava as mãos. Observei a pele manchada do seu crânio calvo e a aspereza velha e retorcida das suas mãos. Quando ele finalmente ergueu a cabeça, reparei no seu rosto magro e inexpressivo, os olhos afundados nas órbitas. Era um homem de uma tristeza desarmante. Senti as ondas de dor que emanavam dele; porventura, algo mais profundo do que a perda, como se, confrontado com os seus últimos dias de vida, ele estivesse a sofrer com todas as coisas que fizera e as que deixara por fazer.

Estão todos tão velhos, pensei.

Era estranho ver que uma geração que eu recordava como forte, robusta e fiável estava agora a definhar com a idade.

— Paul. — Ele apontou para o banco. — Senta-te, por favor. — Sentei-me na outra ponta, deixando um espaço confortável entre nós. Não havia o menor indício de ameaça física da sua parte; quando muito, a idade apenas

reforçara o seu caráter gentil e inócuo. Ainda assim, eu suspeitava que o Carl estivesse por detrás dos acontecimentos dos últimos dias, e, agora que ele decidira mostrar-se finalmente, preferi manter um certo grau de distanciamento entre nós até perceber porquê. — Sinto muito — disse ele. — Sinto muito o que aconteceu à Daphne.

— Obrigado.

Soava absolutamente destroçado. Então, lembrei-me de que ele fora amigo de infância da minha mãe, que a conhecia há muito mais tempo do que eu. Lembrei-me da fotografia que vira dos dois, ambos muito novos, o Carl a sussurrar algo ao ouvido da minha mãe que a fizera rir.

— Também lamento a sua perda — disse-lhe. Ele fez um aceno de cabeça. — Chegou a vê-la? — perguntei.

— Depois do acidente, não.

Senti uma brisa ligeira. Virei a cara para o sol e fechei os olhos por instantes.

— Presumo que o boneco tenha sido um presente seu.

— Sim — confessou. — Desculpa.

— Onde é que o arranjou?

— Era do James.

Abri os olhos. Então, não era o meu. Perguntei-me o que seria feito dele. Talvez nunca chegasse a saber. A caixa com os meus pertences que estava em casa da minha mãe continha muitos objetos desse ano, mas nem tudo merecia ser guardado.

— O James guardou-o este tempo todo?

— Ele não tem tido uma vida muito estável — comentou o Carl. — Mas sim. Não sei porquê, mas nunca se livrou dele.

— Carregamos todos muita coisa, não é?

— Sim, é verdade — concordou.

Eu não pensara muito em como teria sido a vida do James após sairmos de

Gritten, mas sempre partira do princípio de que ele era feliz. Entristecia-me saber que não era bem assim. A culpa que ele sentia também nunca o abandonara, não lhe permitindo aliviar a carga e deixá-la para trás.

— E as pancadas na porta? Também foi o Carl? — perguntei.

— Sim.

— E foi o Carl que eu vi no bosque naquele dia? — Ele assentiu. — Porquê?

— Estava a tentar assustar-te para que te fosses embora. — Quase resultara. O Carl estivera presente quando tudo acontecera, pelo que sabia exatamente como agir para me afetar. — Sinto muito — continuou. — Não sabia o que mais fazer. Sinceramente, nunca julguei que voltasses. A Daphne sempre me disse que não voltarias. Mas depois vi-te a entrar na casa dela, e percebi que seria uma questão de tempo até o encontrares.

«Está aqui em casa, Paul.»

— O diário de sonhos do Charlie — concluí.

— Encontraste-o?

— Sim. Porque é que a minha mãe o tinha?

Fez-se um longo silêncio. Olhei para o local do antigo parque infantil, atento aos arbustos na outra extremidade, que balouçavam suavemente com a brisa. Aguardei.

— Tens a certeza de que queres mesmo saber? — perguntou o Carl.

Depois de tudo o que acontecera, a raiva veio ao de cima.

— Sabe, as pessoas teimam em perguntar-me isso — respondi, rispidamente. — E, durante muito tempo, talvez a minha resposta fosse não. Não queria saber de nada. Mas estou aqui agora, apesar de todas as previsões feitas a meu respeito. Por isso, sim, quero saber, porra!

O Carl ergueu os olhos para o céu.

— Eu só queria que todos estivessem em segurança — disse. — Mas, agora que a Daphne morreu, talvez já não tenha importância. Talvez nada

disto tenha importância. E, meu Deus, estou tão cansado! Por isso, vou contar-te, se é mesmo isso que queres. Depois, podes carregar também tu este fardo e decidir o que fazer.

— Explique-me como é que a minha mãe obteve o diário.

O Carl continuou a fitar o céu por alguns instantes, perdido nas suas memórias. Depois, baixou o olhar e esfregou as mãos.

— Primeiro, tenho de te contar o que aconteceu naquele dia.

O Carl e a Eileen estavam em casa no dia em que o Charlie e o Billy assassinaram a Jenny. O Carl estava a trabalhar no andar de cima, e, como sempre, ouvira o James a sair, com um aperto no coração. Houvera muitos dias, nesse ano, em que ele se sentira assim, vendo, impotente, o Charlie a guiar-nos pelo quintal até ao bosque. Ele sabia quem era o Charlie — o filho ilegítimo do ex-marido da Eileen —, e desconfiava do seu envolvimento na vida do James. Porém, nunca achara que tivesse o direito de se pronunciar.

Enquanto o ouvia a contar-me isso, lembrei-me do último dia em que eu fora ao bosque com eles, o modo como o Carl erguera relutantemente a mão contra o vidro quando eu lhe acenara.

— Claramente, nessa altura já não estavas com eles — observou o Carl. — Mas, no dia do homicídio, falaste com o James aqui, contaste-lhe a verdade, e ele foi para casa, em vez de se ir encontrar com o Charlie e o Billy.

O Carl ouvira a discussão entre o James e a Eileen a começar. Saíra do seu escritório improvisado, deixando-se ficar no cimo das escadas durante algum tempo, a ouvir, em silêncio, as palavras furiosas trocadas entre os dois. As consequências dos meus atos haviam sido feias: a Eileen chorava e gritava, e o James parecia resoluta, determinado a descobrir a verdade sobre o pai.

— Sempre achei que devíamos ter-lhe contado tudo — admitiu o Carl. —

Mas a Eileen foi inflexível. Não queria pensar no que acontecera; só queria esquecer. Naquela altura, eu não sabia como é que o James descobrira a verdade, mas, em parte, estava feliz por ele. Entretanto, voltei ao trabalho, pois aquela era uma questão que eles tinham de resolver entre os dois.

A discussão no piso térreo prosseguira durante algum tempo, até se fazer uma espécie de silêncio. O Carl continuara a trabalhar, pensando que poderia ajudar com a situação mais tarde. Era esse o seu papel naquela casa: acalmar as coisas, cuidar de todos e manter tudo a funcionar. Fora sempre o pacificador.

— Mas, então, ouvi gritos — disse, respirando fundo. O Carl não sabia ao certo o que se passara, mas, a dada altura, o Charlie entrara pela porta das traseiras. — Aquele rapaz era louco! Sabes disso, não sabes?

Eu assenti.

— Sim, sei.

— Ele acreditava mesmo naquele mundo dos sonhos. Julgava que ia encontrar o pai se fizesse o que fez. Mas, obviamente, tudo aquilo era ridículo. Quando acordou no bosque, deve ter ficado perturbado, frustrado e furioso, e foi a nossa casa para descarregar na Eileen.

O Carl não assistira a nada, mas soubera mais tarde que o Charlie começara a insultar a Eileen e que depois a atacara, empurrando-a para o chão e batendo-lhe. O James ficara imóvel por alguns instantes, a ver o rapaz que ele julgara seu amigo a tentar matar a sua mãe, ciente de que fora traído e de que os alicerces da sua existência tinham sido destruídos numa só tarde.

Enquanto o Charlie continuava a atacar a Eileen, o James pegou numa faca.

Quando o Carl terminou, permaneci em silêncio durante algum tempo.

— O James matou o Charlie?

O Carl assentiu.

— Poderíamos dizer que foi em legítima defesa, ou pelo menos que ele

estava a proteger a mãe. Mas foi muito além disso. Ele perdeu o controlo. Julgo que tudo o que acontecera, tudo o que ele descobrira nesse dia, explodiu naquele momento. Ele ainda estava a esfaquear o Charlie quando eu desci as escadas. Tive de lhe arrancar a faca das mãos. — O Carl pestanejou para apagar aquela imagem da cabeça.

— Porque é que não chamou a polícia? — perguntei.

— Pensei nisso. Mas depois... bem, tomei uma decisão. Naquele momento, percebi que as nossas vidas tinham mudado para sempre, e quis minimizar os danos. — Olhou para mim, subitamente. — Eu amo o James. — Assenti com a cabeça. Sabia que o James era como se fosse seu filho legítimo. — E sabia que ele iria ficar em apuros. Não sabia o que estava a fazer, mas alguém tinha de assumir as rédeas. O James estava a soluçar; a Eileen estava histérica. Alguém tinha de cuidar dos dois. Coube-me a mim. Como sempre. — O Carl abanou a cabeça e ficou em silêncio. Eu aguardei. Após uma pausa, ele respirou fundo. — Embrulhámos bem o corpo do Charlie em plásticos e enfiámo-lo no sótão, rodeado de caixas e de tapetes. Limpámos tudo. Depois, aguardámos. Ainda não sabíamos o que ele fizera, e, quando o Billy foi detido, nessa noite, já era demasiado tarde para mudar fosse o que fosse. Havíamos escondido o corpo e limpo o local do crime. Éramos todos culpados. A polícia foi falar connosco no dia seguinte, mas não tinha motivos para desconfiar de nada. Nunca revistaram a casa. Eu contara que algo corresse mal, mas isso não aconteceu. O que restava do Charlie estava guardado por cima de nós, e acabou por ser fácil fingir que tudo aquilo simplesmente... desaparecera.

O Carl abriu as mãos, ciente de que acabara por não ser bem assim. Estava enganado. Eles podiam ter escapado impunes, mas as repercussões do desaparecimento do Charlie continuavam a fazer-se sentir. Havia pessoas a morrer por causa daquele segredo. O que acontecera naquele dia espraíara-se ao longo de 25 anos, e continuava a exercer a sua influência.

— O James nunca chegou a recuperar — prosseguiu o Carl. — Tem tido uma vida difícil. O álcool. As drogas. Eu e a Eileen recebemos algum dinheiro, e mudámo-nos para estarmos mais perto dele. Sempre precisou de que cuidassem dele.

— Sim — concordei.

— Fiz os possíveis por ajudar. Tentei convencê-lo de que o que acontecera não passava de um pesadelo. — O Carl riu-se da ironia. — Com o passar dos anos, julgo que ele aceitou isso como sendo verdade. Acredita mesmo que o Charlie desapareceu naquele dia. Está sempre a falar disso, a reforçar essa ideia para si mesmo. Precisa de que seja essa a realidade para não ter de se lembrar.

Pensei no que a inspetora Amanda me dissera.

— Ele fala sobre isso na Internet?

— Como assim?

— Não sei.

A inspetora Amanda acreditava que o tal utilizador do fórum incentivara os assassinos na sua cidade. Porém, talvez ela tivesse interpretado mal as mensagens que lera. Talvez o seu propósito não fosse incitar, mas reforçar uma ideia à qual precisava de se agarrar: que o Charlie não estava morto, e que aquilo que o Carl acabara de me descrever nunca tinha acontecido.

Nada disso, contudo, respondia à minha pergunta inicial.

— Em que medida é que a minha mãe estava envolvida?

— Não estava. — O Carl fitou-me. — Paul, tens de acreditar em mim. Ela não teve nada que ver com o que aconteceu.

— Mas...?

Ele desviou o olhar.

— Mas era difícil. A culpa. A pressão. E a Daphne era a minha melhor amiga. Nós... bem, preocupávamo-nos um com o outro.

Lembrei-me novamente da fotografia dos dois, bem como da conversa que

eu ouvira em miúdo. «As coisas podiam ser bem melhores para ti, sabes?» E o silêncio que se seguiu, antes da resposta do Carl: «Não me parece.»

Nessa altura, a minha mãe estava casada com o meu pai há anos, e o Carl havia assumido a responsabilidade de criar o James. Aquela conversa não me parecera ter duplo significado, mas, agora, percebia o peso dessas palavras e dos espaços entre elas: as regras que tinham de ser cumpridas, as hipóteses que não haviam sido seguidas, as coisas que não haviam sido ditas e as vidas que não haviam sido exploradas.

— Contou-lhe o que fez?

— Alguns anos depois.

— E o que é que ela disse?

— Que eu tinha agido corretamente, e que não valia a pena revelar a verdade. Ela compreendia que eu estava a fazer o que era melhor para o James, assegurando-me de que tudo aquilo seria esquecido. Por isso, guardou segredo todos estes anos. — Sim. Possivelmente, fora isso que a minha mãe fizera, por dever, por amizade, e talvez até por um amor perdido. Porém, o fardo tornara-se demasiado pesado para suportar. Pensei nas marcas de mãos vermelhas no sótão e nos recortes de jornais que ela compilara. Ela compreendera as consequências do seu silêncio, e isso acabara por ser torturante. Ainda assim, seguira em frente: uma geração que se sacrificara tanto para proteger a seguinte. — Mas, de há um ano para cá — continuou o Carl —, ela começou a ligar-me. A julgar pelo que dizia, estava claramente... a perder um pouco a noção da realidade. Falava constantemente do que se passara, e eu receava que ela pudesse tocar no assunto com outras pessoas. Por isso, há duas semanas, regresssei a Gritten.

— Foi visitá-la?

— Tentei falar com ela, mas ela não estava em si.

— Então, empurrou-a das escadas?

— Não! — O choque súbito na voz e na expressão do rosto do Carl eram

genuínos.

— Conte-me o que aconteceu.

— Decidi que seria melhor retirar o corpo do Charlie da nossa antiga casa. Assim, se a Daphne revelasse alguma coisa, não haveria provas. Nessa noite, levei os restos mortais para o bosque e espalhei-os. Enterrei-os ligeiramente. Fiz os possíveis para parecer que estavam ali há muito tempo.

— Lembrei-me do que a minha mãe dissera: «Ele está no bosque, Paul! A cintilar no arvoredo.» — Talvez a Daphne tivesse visto a lanterna. Mas não interessa, ela sabia o que eu estava a fazer. O problema era o diário de sonhos do Charlie, percebes? O James tinha-o levado consigo, e eu trouxe-o de volta. Porém, percebi que não podia deixá-lo no bosque. Os restos mortais do Charlie eram apenas ossos, mas o diário não estivera exposto aos elementos, e estava como novo. Pensei em queimá-lo. Deixei-o em cima da bancada da cozinha quando fui ao bosque, mas, quando regresssei... tinha desaparecido.

— A minha mãe foi buscá-lo?

— Só pode ter sido isso. Só que, nessa altura, já era demasiado tarde para fazer fosse o que fosse. Quando fui a casa dela, vi a ambulância à porta.

«Eles são todos iguais.»

Agora, percebia o que se passara. A minha mãe levara o diário e escondera-o entre os outros cadernos, todos iguais. Contudo, o seu corpo já não tinha força suficiente.

— Então, ela estava a descer as escadas — disse eu, por entre dentes.

— O quê?

— Não interessa.

O silêncio abateu-se sobre nós.

O Carl suspirou.

— Estou cansado, Paul. Agora, já sabes de tudo. E, tal como te disse, cabe-te decidir o que fazer com o que te contei. — Apontou para trás de nós.

— O Charlie está ali, no bosque, e, mais cedo ou mais tarde, irá ser encontrado. Tudo irá terminar. Entretanto, terás de decidir o que fazer. Podes dar cabo do que resta das vidas de três pessoas, manchar a memória da tua mãe... ou podes...

— Esquecer?

— Sim. Presumo que sim.

Desviei o olhar e refleti acerca de tudo o que ele me contara. Pensei na sucessão de acontecimentos, na teia de causa e efeito. Se o que o Carl revelara era verdade, poderia eu culpar alguém? Não tinha a certeza. Todos haviam tentado fazer o seu melhor para proteger as pessoas que amavam, para os poupar ao sofrimento, e para carregar os fardos que lhes foram entregues. Talvez estivesse na altura de eu assumir, igualmente, a minha parte.

Recordei as palavras da minha mãe, e fiz eco delas:

— As coisas poderiam ter sido bem melhores para si, sabe? — disse.

Havia uma vida inteira de arrependimento gravada no rosto do Carl. Na verdade, as minhas palavras aplicavam-se a toda a gente; talvez só quando nos aproximamos do fim da vida é que damos valor à sua força.

— Sim, eu sei — respondeu ele.

Então, também eu conseguirei suportar, e decidir o que fazer em relação a isso.

Estava prestes a dizer outra coisa quando ergui o olhar, vendo os carros da polícia a chegar.

Dwyer seguia com demasiada velocidade, travando a fundo junto ao que antes fora o parque infantil de Gritten Wood. Um segundo carro parou atrás dele, quase embatendo na sua traseira.

Amanda olhou pela janela do passageiro, avistando duas pessoas sentadas num dos bancos. Reconheceu Paul e deduziu, com base nos dados de localização que Theo lhe estava a transmitir, que o outro homem seria Carl Dawson.

Dwyer não tinha dúvidas, claramente: saltou do carro e avançou com uma rapidez incrível; ela ainda estava a tirar o cinto de segurança quando ele galgou por cima da pequena cerca com a identificação em punho.

— Sr. Dawson? — ouviu-o a dizer. — Carl Dawson?

Amanda apressou-se a alcançá-lo. Atrás de si, ouviu portas a bater. Os dois veículos da polícia tinham estacionado no mesmo lado do antigo parque infantil. Não era o método mais eficaz, mas havia uma densa vegetação em forma de ferradura no lado oposto, e Carl parecia demasiado surpreendido para fugir. Ainda assim, levantou-se e afastou-se do banco, em direção ao centro da área. Paul permaneceu sentado, obviamente confuso com o que se estava a passar. Carl tinha uma expressão de pânico estampada no rosto, como se já contasse com a presença da polícia ali e desejasse tentar fugir, se achasse que seria possível.

Isso, porém, ficou fora de questão quando Dwyer o alcançou, guardando a identificação com uma mão, enquanto a outra lhe agarrava o braço, tão rapidamente que Amanda mal conseguira acompanhar-lhe os movimentos.

— Carl Dawson, correto? Tenha calma, amigo. Só queremos falar consigo,

pode ser?

Carl estava paralisado. Amanda passou pelos dois e seguiu até ao banco onde Paul permanecia sentado. Ele levantou-se quando ela se aproximou.

— O que é que se passa?

— Nada — respondeu ela, examinando-o. Paul parecia estar abalado, mas incólume. — Está bem? — Ele limitou-se a olhar para lá dela. Amanda ouviu mais agentes a aproximarem-se, a par com os estalidos da estática dos rádios da polícia. — Tenha calma, Paul — tranquilizou-o.

— O que é que se passa? — insistiu ele.

— Só precisamos de falar com o Sr. Dawson.

— Sobre o quê?

— Para já não lhe posso revelar essa informação.

Os olhos dele pousaram nela, por instantes, e ela apercebeu-se do seu desespero, as mãos caídas ao lado do corpo, os punhos a abrir e a fechar, alternadamente. Virou-se, vendo Dwyer a levar Carl para o carro, com um braço praticamente em redor dos seus ombros. Vistos de trás, poderiam passar por amigos, um deles a ajudar o outro a voltar para casa após uma noite de copos.

Carl curvou-se ligeiramente, como se tivesse perdido o fôlego. Amanda percebeu que Dwyer acabara de lhe revelar o motivo da detenção: a suspeita de homicídio da sua mulher, do seu enteado e de Billy Roberts.

Por instantes, Carl olhou para trás, para onde ela e Paul se encontravam. Amanda nunca vira uma expressão de tamanha perda no rosto de um homem. Parecia que tudo aquilo por que ele lutara e se esforçara ao longo dos anos lhe havia sido roubado. Como se, naquele momento, ele olhasse para trás, para toda a sua vida, e percebesse que cada segundo fora inútil e desperdiçado.

Dwyer encaminhou-o de novo para o carro.

— O que é que ele fez? — perguntou Paul.

Amanda virou-se.

— Pode não ter feito nada. Precisamos apenas de conversar com ele. — Pousou-lhe a mão no ombro. — Tem a certeza de que está bem? — perguntou suavemente.

— Sim, estou.

— O que é que estava a fazer aqui com ele?

— Estávamos apenas a conversar.

Ela ouviu a porta do carro a bater, atrás de si.

— A conversar sobre o quê? — perguntou.

Paul estivera a olhar por cima do ombro de Amanda, e, quando a fitou, ela não conseguiu ler a expressão no seu rosto. Fez-lhe lembrar quando lhe perguntara, no bar, se havia mais alguém em Gritten com quem ela pudesse falar. Como se ele se debatesse com algo no seu íntimo, sem saber o que deveria contar-lhe.

— Sobre a minha mãe — respondeu.

— O que tem ela?

— Morreu.

— Eu sei. Os meus sentimentos.

— O Carl era amigo dela.

Amanda olhou para trás, para o carro onde Dwyer a aguardava, com Carl no banco de trás. Houvera três homicídios brutais, e aquele homem estava ligado a todas as vítimas. «Acho que é ele o culpado», dissera-lhe Dwyer, na esquadra, e certamente teria razão. Afinal de contas, estava a tentar a sorte. Se não fosse ele, quem poderia ser? Porém, quando voltou a olhar para Paul, achou que faltava alguma coisa — havia ali mais qualquer coisa que lhes estava a escapar.

— Paul? — chamou.

Caramba, dá-me uma ajudinha!

Contudo, a expressão dele era vazia. Fosse qual fosse a razão para aquele

sofrimento interior, ele fizera claramente a sua escolha. Quando se pronunciou, parecia que estava a falar sozinho.

— O Carl era amigo dela — repetiu. Em seguida, baixou os olhos e virou costas. — Só isso.

O meu pai costumava queimar coisas.

É uma das poucas lembranças que tenho dele, da minha infância. Sinto que passei toda a vida adulta sem a necessidade de fazer fogo de qualquer espécie, mas, naquela época, era algo recorrente. Quando ainda era suficientemente novo para o meu pai não me odiar, ficava com ele no quintal a observá-lo a cortar lenha, deixando tiras finas de madeira penduradas nas pontas, como garras, e depois ajudava-o a varrer pilhas de folhas para o fogareiro, bem como jornais, lixo e braçadas de galhos de arbustos; queimava-se tudo aquilo que era para deitar fora, e as cinzas eram varridas no dia seguinte, para dar lugar às fogueiras subsequentes. Presumo que, quando alguma coisa perdia a utilidade para o meu pai, ele assumia a responsabilidade de a eliminar do mundo.

Talvez estivesse certo.

Sentado no patamar das traseiras, fitei a primeira das caixas, nas minhas mãos.

Era quase de noite, e, para onde quer que olhasse, as sombras começavam a adensar-se. A noite caía rapidamente em Gritten, e iria escurecer muito em breve. A muralha de arvoredos ao fundo do quintal transformara-se numa manta de retalhos preta e cinzenta, ocultada pela névoa que subia do emaranhado de vegetação rasteira. Estava mais frio, e soprava uma leve brisa, que me trazia o cheiro a terra e a folhas.

Passara a tarde atordoado, chocado e confuso com o que acontecera: primeiro, com tudo o que o Carl me contara, e, depois, com a chegada da polícia. Amanda recusara-se a explicar-me o que queriam do Carl, e, desde

então, não tivera notícias dela. Obviamente, o contrário também era verdade: eu não lhe contara a minha conversa com o Carl, nem lhe ligara mais tarde a disponibilizar informações adicionais. Quando ela me abordara, no recinto do antigo parque infantil, fora demasiado cedo. Parecia que a decisão que o Carl deixara nas minhas mãos tinha sido uma imposição, e eu precisava de pensar no melhor caminho a seguir.

Se revelasse toda a verdade, a vida de três pessoas seria destruída, e o envolvimento da minha mãe seria de conhecimento geral. E para quê? Matutara naquele assunto enquanto tentava distrair-me com coisas práticas: fora buscar os objetos da minha mãe à casa de repouso e tratara da certidão de óbito e dos preparativos para o funeral.

Contudo, tinha de tomar uma decisão, e achava que já sabia o que fazer.

Atravessei o quintal com a caixa. O fogareiro estava tomado pela vegetação, mas os tijolos à volta continuavam no lugar. Era mais ou menos como eu me lembrava: uma úlcera pálida na pele verdejante do jardim. Virei a caixa ao contrário e despejei os jornais para o fogareiro, formando uma pilha, e pressionei-os com o pé, fazendo levantar nuvens de cinza antiga e o aroma acre e bafiento a fogueiras de outros tempos. Em seguida, voltei para dentro.

Pareceu-me ser uma tarefa que deveria ser levada a cabo no escuro, pelo que não acendi as luzes. Havia luminosidade suficiente para ir até à porta da rua, onde juntara tudo.

Peguei na segunda caixa e levei-a para o fogareiro.

Esvaziei-a.

Estaria a agir bem?

Olhei para cima. O céu já estava a ficar azul-escuro, tenuemente pontilhado por estrelas. Não seria ali que encontraria a resposta.

Voltei para dentro, indo buscar a terceira caixa, que também esvaziei no fogareiro, onde o cinzento da pilha de jornais se confundia com o tom

pardacento das cinzas.

Só faltava uma.

A última caixa.

Já estava bastante mais escuro dentro de casa do que quando eu começara aquela tarefa, e havia um peso no ar, como se as minhas ações estivessem a aumentar a carga da casa, em vez de estarem a aliviá-la. Enquanto levava a caixa para o fogareiro, a brisa aumentou, e as ervas à minha volta estremeceram. Esvaziei-a: os meus cadernos antigos, o meu diário de sonhos, a revista de escrita criativa, o boneco que o Charlie dera ao James, o livro fino de capa dura com a história da Jenny sobre o Mãos Vermelhas.

Mas não o diário de sonhos do Charlie.

Franzi o sobrolho.

Onde estaria o diário?

Demorei alguns instantes a perceber que ainda deveria estar no quarto da minha mãe. Eu pousara-o em cima da cama antes de ir atrás do Carl. Voltei de novo lá dentro e subi as escadas, lentamente. O patamar estava escuro como breu, como se a casa estivesse a sugar a noite. Entrei no quarto da minha mãe, cheio de formas e de sombras. Porém, o diário era bem visível: um retângulo preto, sólido, sobre o colchão despido.

Peguei nele.

Estarei a agir bem, mãe?

Indagara toda a tarde sobre o que seria que a minha mãe gostaria que eu fizesse. Ela decidira roubar o diário ao Carl por algum motivo. Após tantos anos a acumular culpa, talvez uma parte de si quisesse que a verdade fosse revelada. Porém, nessa altura, ela já não estava na posse de todas as suas faculdades, e nunca revelara o segredo do Carl, em nome da amizade que lhe tinha, ou até algo mais.

Estarei a fazer o que devia?

Não sabia ao certo o que ela diria se estivesse aqui, agora, e a casa escura

não me oferecia mais respostas do que o céu noturno. Talvez não houvesse uma resposta. Talvez a vida se resumisse a fazermos o que julgamos ser melhor numa dada altura, tendo, depois, de viver o melhor possível com as consequências. Se a minha mãe estivesse aqui, dir-me-ia, provavelmente, que eu era um homem adulto, que ela me criara e protegera o melhor que conseguira, e, agora que ela já partira, eu teria de decidir sozinho o que fazer.

Ouvi um barulho no piso térreo.

Permaneci imóvel durante alguns instantes, à escuta.

Não se ouviu mais nada. Era apenas a casa a espreguiçar-se após um dia de calor, a aprontar-se para ir dormir. Talvez ela soubesse o que eu estava prestes a fazer e estivesse a preparar-se para ficar trancada e esquecida durante algum tempo.

Encaminhei-me para o patamar, levando o diário comigo. Hesitei ao olhar para o fundo das escadas. Estava muito escuro no piso térreo, e a casa parecia ainda mais cheia do que antes. Um formigueiro perpassou-me as costas. Desde que regressara a Gritten que nunca me sentira totalmente sozinho ali, mas isso devera-se às recordações contidas em cada canto e superfície. Agora, pressentia um tipo de presença diferente.

Está alguém lá em baixo.

O pensamento surgiu do nada.

Não havia motivo para acreditar que fosse verdade. Tudo o que acontecera ali fora fruto da tentativa do Carl de me assustar. Ainda assim, o silêncio zumbia nos meus ouvidos, e uma parte primitiva de mim estava alerta.

Olhei para a porta da rua. Pusera a corrente de segurança quando entrara, mas a porta das traseiras estava destrancada.

Será que o som que eu ouvira fora o dessa porta a abrir?

Tens de ir lá para fora.

Esse pensamento assumiu um carácter de urgência assim que surgiu.

Desci as escadas em passadas rápidas, mas o mais silenciosamente possível, estremecendo a cada rangido abafado. Junto do último degrau, olhei para trás, para o longo corredor escuro. A cozinha estava igualmente escura, e a porta das traseiras mantinha-se fechada. Não havia ninguém ali.

Porém, quando me virei e levei a mão à corrente para destrancar a porta da rua, o espectro de um homem emergiu das sombras da sala de estar, ao meu lado. Deslocou-se tão depressa que mal tive tempo de tomar consciência da sua presença antes de a dor explodir nos meus pulmões.

O mundo girou à minha volta, e a escuridão no corredor encheu-se de estrelas.

— Ele parece estar a mentir em relação a alguma coisa — observou Dwyer.

Amanda olhou para o monitor sobre a mesa e assentiu. O ecrã mostrava imagens da câmara na sala de interrogatórios.

Carl Dawson estava sentado à mesa, com os cotovelos sobre o tampo e o rosto ocultado pelas mãos. O que lhe restava do cabelo estava puxado para cima, espalhado pelos dedos. Há dez minutos que o tinham ali deixado, e, tanto quanto ela percebia daquilo que via no monitor, ele não se mexera.

«Ele parece estar a mentir em relação a alguma coisa.»

Ele está a mentir em relação a muitas coisas, pensou ela.

Por um lado, Carl afirmara ter regressado a Gritten há vários dias. Até certo ponto, isso encaixava nas atividades que a polícia detetara no seu cartão de crédito, mas, noutros aspetos, não fazia sentido. O que é que ele estava ali a fazer? Ao que tudo indicava, viera ver Daphne Adams, mas isso também não batia certo. Chegara a Gritten no dia anterior ao acidente da senhora, mas, na casa de repouso, não havia registo de que a tivesse ido visitar depois. Então, o que andara ele a fazer?

— Ele não respondeu à questão sobre a Daphne — observou Amanda.

— Pois, fechou-se em copas. Porque está a mentir.

— Será?

— Claro que sim! — exclamou Dwyer. — Se veio vê-la, falhou redondamente. Sejam sinceros, não me parece que ela andasse por aí a correr de um lado para o outro.

— Pois não.

Dwyer tinha razão, e, ainda assim, um lampejo de dúvida permaneceu na

mente de Amanda. Por algum motivo, Carl não lhes estava a contar tudo, mas ela achava que havia um grão de verdade no que ele dissera. Era como se eles tivessem uma fotografia e ele, outra, e algumas partes coincidissem e outras não. Talvez tivesse, efetivamente, vindo ver Daphne, mas havia mais qualquer coisa, e, apesar das horas de pressão a que o sujeitaram, ele não explicara o quê. Alguma coisa estava a escapar-lhes.

— Não acha que ele é culpado pelos homicídios? — perguntou Dwyer.

— Não tenho a certeza. — Amanda olhou para ele. — Mas estou a ver que o inspetor continua a crer que sim.

Ele encolheu os ombros.

— Podemos estabelecer ligações entre o Carl Dawson e as três vítimas. Sabemos que estava em Gritten quando o Billy Roberts foi assassinado, e não demoraria assim tanto a voltar a casa. Por isso, sim, acho que ele é culpado.

— Mas qual é o móbil?

— Anos de violência doméstica registados. Talvez se tenha passado finalmente dos carretos.

Amanda olhou novamente para o ecrã.

Carl continuava no mesmo sítio.

— Talvez — disse.

— Quer saber o que eu penso? — insistiu Dwyer. — Ele veio até cá com algum propósito... Digamos que foi mesmo para ver a Daphne Adams. Ela está a morrer, e ele fica perturbado. Tem tido uma vida de merda, e está pelos cabelos, e a verdade é que só tem más recordações de Gritten. A coisa começa a ferver, e ele encontra o Billy Roberts, e explode. Então, volta para casa e perde o controlo com a família.

— E depois regressa a Gritten para vir conversar com o Paul Adams?

Dwyer encolheu novamente os ombros.

— Se acredita que era isso que estavam a fazer...

Amanda não sabia o que dizer. Paul ficara a matutar em alguma coisa. Quando conversaram pela primeira vez, teve a certeza de que ele lhe contara a verdade, tornando mais fácil aperceber-se quando não o fez. Porém, tinha o pressentimento de que aquilo que ele não estava disposto a revelar-lhe não se relacionava com os homicídios de James e de Eileen Dawson. Se ele estivesse a par desses crimes, dir-lhe-ia, de certeza. As aparências podem ser ilusórias, claro, mas ele parecera-lhe boa pessoa.

— Não acho que estejam os dois metidos nisto — observou.

— Estão os dois metidos nalguma coisa.

— O Paul não tinha motivo para fazer mal à Eileen e ao James.

— Mas tinha em relação ao Billy Roberts.

— Claro, mas, quando falei com ele, julgo que ele nem sabia que o Billy fora libertado. Sinceramente, acho que o Paul fez os possíveis para esquecer o que se passou em Gritten. Sei avaliar bem as pessoas, e ele ficou verdadeiramente chocado quando lhe contei. — Apontou para o monitor. — E isso é outra coisa.

— Que coisa?

— A cara do Carl Dawson quando lhe contou sobre a Eileen e o James.

Aquele momento continuava gravado na sua mente, e, desde o início do interrogatório, Carl parecera-lhe um homem derrotado. Não houvera choro, gritos de negação nem desmaios causados pelo choque; apenas um vazio nele, bem como uma estranha determinação, como se já tivesse suportado pesos maiores do que aquele, e, custasse o que custasse, fosse conseguir fazê-lo novamente.

Dwyer olhou para o ecrã.

— Continuo a achar que ele é culpado — insistiu.

Amanda suspirou. Não obstante as suas reservas, era possível que Dwyer tivesse razão. Como Paul também se recusava a falar, Carl era a sua única pista.

— Terceiro assalto? — perguntou ela.

— Vamos a isso!

O gabinete onde se tinham refugiado ficava a apenas duas portas da sala de interrogatório. Quando lá chegaram, o telemóvel de Amanda tocou. Ela tirou-o do bolso, na expectativa de que pudesse ser Paul, mas já tinha gravado o seu número na lista de contactos, e não reconhecia o que estava no ecrã.

— Pode ir começando — disse a Dwyer. — Já vou ter consigo.

— Tudo bem.

Carl ergueu os olhos quando Dwyer entrou, a sua expressão ainda perdida e vazia; depois a porta fechou-se. Amanda atendeu a chamada e encostou-se à parede.

— Inspetora Amanda Beck — disse.

— Inspetora Beck?

Era a voz de uma mulher. Amanda não a reconhecia, mas o tom daquelas duas palavras fora suficiente para detetar nele a urgência e o pânico.

Afastou-se da parede.

— Sim. Quem fala, por favor?

— É a Mary.

— Mary?

— Mary Price. Esteve em nossa casa há alguns dias para falar sobre o homicídio do nosso filho. Preciso mesmo de falar consigo. Estou muito assustada.

A mãe de Michael Price. Amanda lembrava-se de ter estado numa sala onde ainda se encontravam espalhados os objetos do rapaz, o ar saturado de dor, deixando-a ansiosa por sair dali.

— Mary — repetiu. — Claro. Tente acalmar-se, por favor.

— Desculpe. Peço imensa desculpa.

— Não precisa de pedir desculpa.

— Devia ter ligado mais cedo. Mas não o fiz... Meu Deus!

«Estou muito assustada.»

— Conte-me o que se passa, Mary.

— O meu marido.

Dean Price. Amanda lembrava-se de que o homem saíra da sala de repente, incapaz de aceitar que o filho tivesse sido assassinado por causa da história que ela lhes contara. «Está a dizer que o meu filho foi assassinado por causa de um fantasma?» Pressentira nele a ameaça, a violência mal contida a borbulhar à flor da pele.

— O que tem o seu marido? — perguntou.

Mary começou a chorar.

— Acho que ele pode ter feito algo terrível.

A luz do corredor acendeu-se, e vi à minha frente um par de botas militares, tão depressa nítidas como desfocadas. Eu estava deitado no chão polido, o corpo enrolado, tentando desesperadamente respirar, apesar da aguda dor nos pulmões. Parecia que o homem mal se tinha mexido, mas conseguira atingir-me com uma força tal que me tirou o fôlego, tornando impossível conseguir recuperá-lo.

— Respira devagar — disse-me. — Não morres desta.

A sua voz era monocórdica e desprovida de emoção, declarando os factos sem querer saber do resultado. Porém, ele tinha razão. O efeito do impacto foi diminuindo gradualmente, e eu consegui inspirar pequenas golfadas de ar, sentindo a dor a queimar cada vez menos.

Enquanto isso, o homem aguardou que eu recuperasse, absolutamente imóvel. De certa forma, eu sabia que era melhor não me levantar — que ele me queria no chão, e que voltaria a derrubar-me se eu resistisse —, mas, passado algum tempo, arrisquei olhar para ele. Encontrava-se à porta da sala. Envergava calças militares escuras e uma camisola preta. O seu corpo parecia magro e seco, e talhado para a violência. Tinha o cabelo curto. Não lhe reconheci o rosto, mas a sua expressão era tão implacável quanto a sua voz.

Numa das mãos, enluvadas, segurava uma faca de mato.

O terror zumbiu no meu peito.

— O que quer? — consegui proferir, com cada palavra a reacender a dor nos pulmões.

O homem ignorou-me, tirando uma mochila dos ombros, em que eu nem

sequer reparara até então. Levou a mão livre ao interior e atirou algo na minha direção. Encolhi-me quando o objeto caiu no chão, ao meu lado, com um estrondo.

Algemas.

— Coloca as algemas — ordenou ele. Todos os instintos do meu corpo me diziam para não o fazer, mas apercebi-me de que, mesmo que o homem não tivesse a faca e eu não me encontrasse deitado no chão, impotente, não estava à sua altura fisicamente. Ele iria simplesmente colocá-las por mim, e doer-me-ia bem mais. Deu um passo em frente, girando a faca na mão. — Não vou repetir.

— Está bem.

Peguei nas algemas. Eram sólidas e profissionais, com pouca distância entre si. Equipamento policial, deduzi, ou talvez militar. O homem tinha, de facto, um ar de autoridade, como se controlar e magoar pessoas fosse natural para si.

Passei uma algaema pelo pulso esquerdo e tranquei-a.

— Um pouco mais apertada — ordenou ele, e eu obedeci. — Agora, a outra.

Repeti o movimento no outro pulso. Fiquei impotente, embora não mais do que já estava. Talvez pudesse dar-me algum comprazimento o facto de ele ter sentido a necessidade de me maniar. Se quisesse matar-me, já o teria feito, certamente.

— O que quer? — repeti.

O silêncio foi, mais uma vez, a resposta.

Ele agachou-se e fitou-me friamente. A faca estava bastante mais próxima de mim. Vi que um dos gumes era serrilhado, e o outro, fino e implacável. O homem observava-me como se estivesse a examinar uma carcaça que teria de desossar, e senti um calafrio ao perceber que ele poderia ter outros motivos para me maniar, e que havia destinos piores do que simplesmente

estar morto.

Senti uma vibração na coxa.

Era o meu telemóvel a tocar.

O homem também ouviu e enfiou a mão no meu bolso. Olhou para o ecrã, por instantes, e depois pousou o telemóvel no chão, fazendo-o deslizar até à sala escura. Mostrou-me a faca.

— Estás a ver isto? — perguntou.

— Sim.

— Isto significa que vamos ter uma conversa.

— Sobre o quê?

— Silêncio! A conversa vai ter a duração que eu achar necessária, e, se não me deres as respostas que quero, vou magoar-te mesmo muito até mas dares. Entendido?

— Sim.

— Porque eu sei que tu sabes as respostas. Sei que sabes o que aconteceu ao Charlie Crabtree e para onde é que ele foi.

Pestanejei.

Não pensara propriamente no que aquilo era até então — talvez um assalto? —, mas lembrei-me do Billy e de quão abalada a inspetora Amanda me parecera ao vir do local do crime.

«A conversa vai ter a duração que eu achar necessária.»

O homem fincou o joelho na minha zona lombar, prendendo-me ao chão, e passou a ponta da faca sobre o meu ombro.

— Eu não sei o que aconteceu ao Charlie — disse-lhe.

— Não? Então, porque é que tencionavas queimar as provas?

Tentei pensar.

— Só queria arrumar este assunto. Foi tudo o que sempre quis.

A minha resposta pareceu enfurecê-lo. A pressão do joelho sobre mim aumentou, e ele levou a faca ao meu rosto. Senti a ponta a picar a pele, a um

dedo do meu olho.

— Sabes perfeitamente o que lhe aconteceu — insistiu ele. Podia revelar-lhe a verdade, mas não queria fazê-lo, e, a julgar pela sua expressão, achei que ele me iria magoar independentemente do que eu dissesse. Apesar da situação, senti a raiva a crescer dentro de mim. Raiva por, mesmo após tantos anos, o Charlie ainda ter a capacidade de me afetar, e determinação por isso estar a chegar ao fim. — Diz-me onde está o Charlie.

De repente, a ponta da faca entrou mais fundo, e eu estremeci quando o homem virou a mão, espetando a lâmina na minha face. A dor ainda não era insuportável, mas o metal cintilante preencheu o campo de visão do meu olho direito, e a expectativa era ainda pior.

Tens de lhe contar uma história.

— O Hague — disse.

O nome surgiu do nada, entrando na minha cabeça tão repentina e violentamente como a carrinha que atropelara o Hague.

O início de uma história. Agora, só precisava de encontrar o resto. Porém, para já, a lâmina parara de girar, enquanto o homem pensava no que eu dissera. Demorou algum tempo a dar sentido ao nome, mas percebi que não lhe era estranho. Devia ter lido os mesmos fóruns online que eu.

Então, a faca afastou-se da minha cara.

— O rapaz que morreu no acidente — disse ele.

— Não. Não é ele — retorqui. — O irmão mais velho. O Rob Hague.

Não fazia ideia se isso era verdade.

— O que tem ele?

— Ele estava preso, mas foi libertado nesse ano. Circulavam rumores sobre o que o Charlie dissera no campo de rãguebi naquele dia. Algumas pessoas achavam que o Charlie causara o acidente, e o Rob Hague era uma delas. Culpava-o pela morte do irmão.

Era uma invenção completa, claro, mas, agora que começara, apercebi-me

de que conseguia ver a história a desenrolar-se na minha cabeça, tal como acontecera em raras ocasiões quando era adolescente e me sentava a delinear os meus contos. O Rob Hague e os seus amigos às voltas de carro, à procura de uma oportunidade para defrontarem o Charlie e dando de caras com ele a vaguear sozinho perto de Gritten Wood após ter acordado e abandonado o Billy no meio do bosque. Arrastaram-no para dentro do carro, uma surra que ficou descontrolada.

— Eram três — contei. — Não me lembro do nome dos outros. Depois de matarem o Charlie, entraram em pânico. Embrulharam o corpo numa alcatifa dentro da bagageira do carro. Mais tarde, livraram-se do corpo no bosque e queimaram o carro.

— Em que zona do bosque?

— Há um poço antigo.

— A polícia procurou em todos os poços.

— Antes de eles se terem livrado do corpo. Haveria melhor sítio para o esconderem?

Sustive a respiração, enquanto o homem ponderava as minhas palavras. Precisava que ele acreditasse na história ao ponto de me permitir ganhar tempo. Eu não sabia o que faria com esse tempo, mas sabia que não queria que ele me magoasse; que, desse por onde desse, seria à minha maneira. Por fim, ele guardou a faca.

— Como é que sabes isso?

— O Hague mostrou-me.

— Porque é que faria tal coisa?

Boa pergunta.

— Foi uns dois meses mais tarde — respondi. — Ele sabia que eu odiava o Charlie, e achou que eu iria gostar de saber que fora feita justiça. Talvez acreditasse que podia confiar-me esse segredo. E tinha razão.

O homem fitou-me.

Ainda não estava totalmente convencido. Mas quase.

— O Hague deu-me uma coisa — disse-lhe. Apontei para o diário de sonhos do Charlie, que eu deixara cair junto à porta quando o homem me atacara. Ele olhou para o caderno, por alguns instantes, e depois pegou nele, folheando-o. Fosse quem fosse aquele homem, estava suficientemente a par do caso para saber o que tinha em mãos. — E fiquei muito contente — acrescentei —, radiante até, por ele me ter contado.

Ainda que o resto do que eu contara fosse invenção, não havia qualquer tipo de fingimento no veneno que transparecia na minha voz. Se a minha história fosse verídica, e o irmão do Hague tivesse aparecido à minha porta, eu teria ido com ele ao bosque num piscar de olhos.

Quando o homem olhou para mim, percebeu que eu estava a dizer a verdade. Segundos depois, atirou o diário para a sala.

— Vais levar-me até lá — disse-me.

Lá fora, nos limites do quintal das traseiras, as espirais e os remoinhos de ervas formavam um mar azul-escuro e congelado à minha frente. As árvores negras, ao fundo, poderiam perfeitamente sinalizar o fim do mundo. Atrás de mim, o homem acendeu uma lanterna. O feixe de luz transformou a vegetação rasteira numa alcatifa incolor de textura e sombra.

— Vamos entrar por aqui? — perguntou-me.

— É menos provável que sejamos vistos.

— A que distância está?

Pensei um pouco.

— Longe. A um quilómetro e meio ou mais.

— Espero que não estejas a mentir — respondeu ele, pressionando a faca contra o fundo da minha coluna. — Sabes o que acontecerá se estiveres.

— Não estou a mentir.

Inspirei o ar da noite, mais fresco, ali no exterior. Estranhamente, sentia-me calmo, apesar de ignorar como seriam os minutos seguintes. O mais certo era morrer às mãos daquele homem, estando apenas a prolongar o tempo que me restava. Havia uma tensão enviesada no mundo e uma qualidade irreal no silêncio, como se nos tivéssemos desviado da linha do tempo e nos encontrássemos num lugar onde o passado e o presente se misturavam livremente, e onde tudo poderia acontecer.

Ergui as mãos, ainda algemadas, apertei o nariz e tentei respirar.

— O que é que estás a fazer? — perguntou-me o homem.

Baixei as mãos.

— Nada. Vamos.

Avancei pelo quintal. A luz bruxuleante, num ritmo calmo e metódico, era o único indício de que ele me seguia. Ao fundo do quintal, retirei o arame dos postes e calquei-o com o pé. O homem apontou a lanterna para o bosque, revelando um carreiro com as margens e a parte de cima tão dominadas pela vegetação que mais parecia um túnel do que um caminho.

Olhei para trás. Com a intensidade da luz, era impossível vislumbrar o homem, mas tive a impressão de que ele estava tão inquieto quanto eu — ou quanto eu deveria estar. Virei-me de novo para a frente e passei por cima do que restava da cerca, abrindo caminho por entre os ramos e a folhagem que me arranhavam os braços.

Estava a entrar nas Sombras pela última vez.

Foi fácil encontrar um dos poucos carreiros irregulares que serpenteavam pelo bosque, e seguimos por lá durante algum tempo. O homem vinha ligeiramente mais atrás, mas ia apontando a lanterna para a frente. A luz dava à madeira um ar espectral e alienígena. As árvores mais próximas, de ambos os lados, estavam bem iluminadas, revelando todos os pormenores da casca esburacada. À minha frente, estendia-se uma alcatifa de ervas emaranhadas e de galhos partidos. Porém, a luz só penetrava até certo ponto. O cenário que se conseguia avistar poucos metros à minha frente era como uma pupila negra, ou um buraco para dentro do qual eu nos levava.

Enquanto caminhávamos, comecei a perder a noção do rumo que estávamos a seguir. Não que isso tivesse importância. Após alguns minutos, avistei uma aberta conveniente por entre o arvoredado do lado esquerdo. Não seria um caminho, mas era transitável, e decidi fazermos um desvio por ali.

— Temos de ir por aqui.

— Tens a certeza?

No tronco mais próximo, à altura da coxa, havia um molho de ramos finos que pendiam de outro maior, como dedos esqueléticos suspensos sobre um

piano. Apontei para eles, como se fossem um ponto de referência conhecido.

— Absoluta.

Segui, confiante, na esperança de não ir desembocar num beco sem saída. A sorte estava do meu lado. Um pouco mais à frente, havia uma nova aberta por entre as árvores, desta vez à direita. Conduzi-nos por ali, embrenhando-nos cada vez mais no bosque.

Um galho estalou contra o meu antebraço. Com as mãos algemadas, tentei desajeitadamente desviar outros galhos do caminho. Quanto mais penetrávamos no bosque, pior a lanterna parecia funcionar, e as árvores lançavam sombras umas sobre as outras, conferindo um aspeto estilhaçado a tudo. No silêncio, ouvia-se apenas os galhos a estalar sob os nossos pés, à medida que nos afastávamos cada vez mais do resto do mundo.

«É por aqui», dissera-lhe. «A um quilómetro e meio ou mais.» Mas, obviamente, não tinha nenhum destino em mente, nem ideia alguma de para onde estava a levar aquele homem, ou o que aconteceria quando lá chegássemos.

De repente, um desnível na terra. Vacilei e quase caí. Uma enorme faixa de terra desabara um passo à nossa frente.

Calma.

Não havia maneira de avançar, pelo que dei um passo para a esquerda, passando cuidadosamente o pé sobre um emaranhado de vegetação rasteira.

— Cuidado aqui — alertei.

Só precisava de ter esperança. Lembrava-me bem de como era aquele bosque — muitas vezes, parecia que não éramos nós que o atravessávamos, mas ele que se movia à nossa volta. Enviei-lhe um apelo silencioso para que me ajudasse naquele momento.

A sorte voltou a estar do meu lado. Um pouco mais à frente, o chão fechou-se, e eu consegui levar-nos novamente para a direita. A aldeia parecia ter ficado bem lá para trás.

— Ainda falta muito? — perguntou o homem.

— Um bocadinho.

Percebi, pelo silêncio que se seguiu, que a sua paciência começava a esgotar-se. Precisava de o distrair, à medida que íamos avançando.

— Porque é que está a fazer isto? — perguntei-lhe.

Ele não respondeu.

— Quem é o senhor? Um soldado, presumo — insisti.

Novamente, apenas silêncio. Porém, desta vez, parecia-me que o homem ficara a pensar na pergunta.

— Já fui soldado — acabou por responder. — Durante muito tempo. E fiz coisas muito erradas ao longo da minha carreira, das quais me envergonho. Mas depois fui pai, e tudo pareceu entrar nos eixos.

A sua voz era absolutamente monótona e vazia. Compreendi, por fim. Ele era pai, supostamente da vítima de Featherbank, de que a inspetora Amanda me falara. O Charlie nunca fora encontrado, e, por conseguinte, o seu filho fora assassinado, e isso deixara-o devastado. Era por isso que estava ali: estava a tentar retificar a situação.

— Sinto muito — disse-lhe.

Silêncio.

— Eu era apenas um miúdo — prossegui. — Fiz o melhor que pude. Não imaginava que isso levaria outros miúdos a copiarem o que o Charlie tinha feito. Julguei mesmo que tudo seria esquecido.

O tempo esgotou-se.

Passei por entre o arvoredor e deparei-me com um beco sem saída. Havia ali outro fosso enorme, com as margens sulcadas por raízes de árvores, como veias negras a emergirem da terra que se desmoronava. Era impossível seguir em frente. O chão à esquerda estava dominado pela vegetação, e era intransponível. À direita, havia uma pequena faixa de terra que terminava num muro de árvores, cujos intervalos estavam ocupados por ervas e galhos

que mais pareciam arame farpado.

Não podíamos prosseguir.

— Ali — disse eu.

O homem posicionou-se ao meu lado. O meu coração batia aceleradamente enquanto eu apontava para o chão à direita da ravina à nossa frente. Ele direcionou a lanterna para lá, movimentando o feixe de luz para trás e para a frente, em busca de um velho poço que nem sequer existia.

— Onde?

«Costumavas ser mais determinado.»

Ergui os braços rapidamente, dei um encontrão na lanterna, na direção da cara do homem, e empurrei-o com os ombros, com toda a força — a mesma força que usara, certa vez, para levar de vencida um rapaz no campo de rãguebi. O homem caiu, não para a ravina, como era minha intenção, mas suficientemente longe de mim para eu dar meia-volta e regressar pelo caminho por onde havíamos vindo.

Corri escuridão adentro, para garantir a minha sobrevivência.

«Está a dizer que o meu filho foi assassinado por causa de um fantasma?»

Fora essa a pergunta que Dean Price lhe fizera. Porém, enquanto Amanda seguia a alta velocidade pela escura via rápida em direção à aldeia de Gritten Wood, foi das palavras que Mary Price proferira nesse mesmo dia que ela se lembrou: «O Dean foi soldado no exército... Só quando o Dean saiu do exército é que eles começaram a dar-se melhor... E o Dean sempre foi muito prático. Um solucionador de problemas.»

Na altura, Amanda pensara que aquele não era um problema que tivesse solução, mas agora interrogava-se se seria efetivamente assim. Michael Price havia sido assassinado porque Charlie Crabtree nunca fora encontrado. O mistério do seu desaparecimento lançara uma sombra sobre tudo e causara imensa dor.

E esse era um problema que tinha solução, certo?

Para quem tivesse a formação adequada e vontade. Para quem não tivesse mais razões para viver.

Mary contara a Amanda que Dean saíra de casa há três dias e que nunca mais tivera notícias dele. O telemóvel estava desligado. O homem desaparecera.

Está tudo bem, disse Amanda para si mesma.

Já tinha confirmado que Paul não se encontrava no quarto no hotel, pelo que, provavelmente, estaria em casa da mãe. Ele não atendera o telemóvel, mas, depois de tudo o que acontecera nesse dia, talvez não quisesse simplesmente falar com ela. Não havia, portanto, qualquer motivo de preocupação.

Contudo, isso era o raciocínio lógico a falar, e Amanda ouvia, igualmente, outras vozes que se sobrepunham. A paisagem escura lá fora fazia-lhe lembrar o pesadelo que costumava ter, e começava a sentir o pânico e a urgência que ele lhe suscitava sempre. Alguém estava em apuros, e ela não iria conseguir chegar a tempo.

O telemóvel estava no suporte, no *tablier*. Ligou a Dwyer.

— Onde é que você se meteu?! — exclamou ele.

— Vou a caminho de Gritten Wood.

Amanda explicou-lhe o que soubera pelo telefonema de Mary.

— Raios partam! E não pensou em esperar por mim?

— Não há tempo. Tenho a certeza de que está tudo bem, mas queria vir o mais depressa possível. Mantenha-se em linha. Eu aviso-o se precisar de si.

— Seja como for, vou enviar reforços.

Ela ponderou por instantes.

— Tudo bem.

O carro à sua frente deslocava-se lentamente, pelo que Amanda o ultrapassou e acelerou, ignorando a buzina dela com que foi brindada. Logo depois, surgiu a saída para Gritten Wood, à esquerda, por onde seguiu, quase sem abrandar, mesmo quando a estrada ficou mais estreita, com o carro a estremecer sobre o piso irregular. Os contornos da aldeia surgiram diante de si, tão escura e aparentemente deserta como antes, e, mais além, o amontoado negro de árvores.

O seu coração começou a bater mais depressa.

Chegou a casa de Paul um minuto depois. O carro dele estava estacionado à porta. Amanda parou logo atrás, puxou o travão de mão e retirou o telemóvel do suporte.

— Já cheguei — disse ela.

— Alguma coisa?

— O carro dele está aqui. — Ela saiu e observou a casa. — A luz do

corredor está acesa.

— Mantenha-se em linha.

— Entendido.

— E não faça nenhum disparate.

Amanda lembrou-se da tortura a que Billy Roberts fora submetido, e do pânico que sentira por ter estado tão próximo do monstro que cometera tal crueldade.

— Não farei; não se preocupe.

Manteve o telemóvel colado ao ouvido, enquanto subia o carreiro até à porta da rua. Bateu, mas não esperou que alguém viesse abrir; levou de imediato a mão à maçaneta, apercebendo-se de que a porta estava aberta. No interior, o corredor bem iluminado encontrava-se deserto.

— Paul? — gritou.

Silêncio.

— O que se passa? — perguntou Dwyer.

— Espere. — Amanda espreitou para a cozinha, que ficava na outra ponta do corredor. A luz não estava acesa, mas sentiu a corrente de ar que vinha dali. Avançou. A porta das traseiras estava aberta, dando para o mar negro e descuidado do quintal. — A porta das traseiras está aberta.

Amanda saiu para a rua. Era difícil distinguir os pormenores, mas conseguia ver as árvores ao fundo. A escuridão era absoluta.

— Há agentes a caminho — informou Dwyer.

Ainda bem!, pensou Amanda. Sabia que precisava de reforços. Não conseguiria fazer aquilo sem ajuda. Jamais entraria sozinha naquele bosque. Porém, simultaneamente, um pensamento diferente começou a atormentá-la, e, mesmo não sendo possível ter a certeza, algo lhe dizia que os reforços não iriam chegar a tempo.

Ficou paralisada, incapaz de percorrer o caminho por entre as ervas em direção à escuridão implacável, ao fundo do quintal. Estava a tremer. Instava

o corpo a avançar, mas ele não reagia.

Tem calma, disse para si própria. A voz surgiu-lhe como uma bofetada. Por instantes, julgou que fosse a do pai, mas não: era apenas a sua. *Há alguém que precisa de ti*.

Sim, Amanda tinha noção de que era isso que estava em causa. Ela já não era aquela menina que acordava a meio da noite com medo do escuro, à espera de que alguém a fosse salvar — era a pessoa que acorria quando alguém precisava de ajuda.

— Está aí? — perguntou Dwyer.

— Sim, estou — respondeu Amanda.

Baixou o telemóvel e avançou rapidamente pelo quintal, em direção ao bosque.

Agachei-me entre duas árvores, sem fôlego, a tentar combater o pânico que me assolara, com a espessa e emaranhada vegetação rasteira à minha volta, invisível. Não conseguia ver quase nada, e estava perdido.

Quando fugi do homem, tive a certeza de que estava a voltar pelo mesmo caminho. Porém, devo ter feito um desvio qualquer, pois não fazia ideia de onde me encontrava agora. O bosque era labiríntico até durante o dia, quanto mais naquela escuridão quase absoluta. Nem sequer sabia se seguira na direção da aldeia, ou se me embrenhara ainda mais no bosque.

Fiquei parado, à escuta.

Ouvi o quebrar de galhos à direita, não muito perto, mas também não a grande distância. Olhei nessa direção, e vi a luz a tremeluzir tenuemente por entre as árvores. O homem estava ali, a vasculhar o bosque, à minha procura. Parecia ser metódico nas suas buscas. Se eu ficasse onde estava, seria encontrado.

Mas... sair dali para onde?

Tinha um espinheiro cravado no braço. Mudei de posição e tentei raciocinar.

Para já, segue para a esquerda, para longe da luz.

Ergui-me.

— Não te podes esconder de mim — ouvi, de súbito. Virei a cabeça na direção da voz. As palavras vieram da minha esquerda. Consequia ver a luz a piscar por entre as árvores, nessa direção, mais perto do que antes. Era impossível que o homem tivesse coberto tanto terreno tão rapidamente. Era eu que estava a girar, ou era o mundo? — Ganhava a vida a caçar pessoas

assim.

Afastei-me da voz e da luz, e apalpei o caminho, lentamente, por entre as árvores, as minhas mãos contra os troncos ásperos, avançando vagarosa e silenciosamente, rezando para não ser encurralado. Durante algum tempo, o silêncio só foi interrompido pelo restolhar das folhas contra os meus braços e pelo ténue estalar das ervas emaranhadas nos meus tornozelos.

De repente, o mundo abriu-se à minha frente. Tão depressa as costas da minha mão embatiam contra um ramo, como, logo a seguir, parecia que a árvore se afastava de mim. A luz estava agora diretamente à minha frente, incidindo por entre os troncos negros.

— Vês como te encontrei?

A luz apagou-se, e o bosque mergulhou na escuridão.

Ouvi um som horrível e irado quando o homem correu na minha direção. Virei-me e desatei a correr para um dos lados, mergulhando às cegas no bosque, abrindo caminho por entre as árvores, embatendo contra elas, seguindo por qualquer carreiro que se abrisse à minha frente. Porém, por onde quer que eu fosse, sentia que estava a ir ao encontro do homem, como se o bosque formasse uma espiral que nos ia aproximando cada vez mais. O barulho parecia vir de todas as direções. Para onde quer que eu olhasse, via apenas formas cinzentas indistintas, e, sempre que me virava, o carreiro mal desenhado diante de mim era idêntico ao anterior. Parecia estar cercado por todos os lados.

Não conseguia encontrar a saída sozinho. Precisava de...

— Paul!

Aquela voz apanhou-me de surpresa. Vinha de trás de mim, e soara tão longe que cheguei a julgar que tivesse sido apenas imaginação minha. Contudo, à sua maneira, era pesada como uma âncora. A voz de uma mulher. Por instantes, pensei que fosse a Jenny, mas claro que isso era impossível.

— Paul, está a ouvir-me?

Hesitei. Então, voltei para trás, pelo mesmo caminho.

Porém, o homem também ouvira a voz da mulher. Pressenti a sua presença algures por entre as árvores, à minha direita. Era de lá que vinha o som áspero da sua respiração pesada.

Quando me mexi, senti que ele se aproximava.

— Paul?

Ao início, avancei devagar, seguindo a voz como um fio através de um labirinto. Ouvi galhos a estalar ao meu lado quando o homem me seguiu, mas pelo menos agora estava apenas num dos lados. As árvores tornaram-se mais rarefeitas, e eu dei por mim num caminho. Estuguei o passo, ainda a contar que o homem surgisse a qualquer momento.

De súbito, ouvi um som diferente atrás de mim. Novamente a voz do homem, não através de palavras, mas sob a forma de um grito primordial de frustração e de dor.

Comecei a correr.

— Paul!

Os gritos atrás de mim começaram a desvanecer-se. Por algum motivo, o homem deixara de me seguir, e a voz da mulher, fosse ela quem fosse, tornou-se mais audível, guiando-me para fora dali. Corri cada vez mais depressa na direção de Gritten, na direção dela, na direção do som ainda mais distante das sirenes que se aproximavam, e para longe das Sombras.

43

Depois

Era manhã cedo. O dia estava luminoso e fresco quando Amanda saiu de casa, iniciando a viagem de meia hora até Rosewood Gardens. O céu estava limpo, e as estradas, silenciosas. Não ligou o rádio e conduziu devagar, desfrutando da tranquilidade.

Como sempre, àquela hora, ela era a única pessoa no cemitério. Estacionou no piso de gravilha e seguiu o habitual caminho por entre as campas.

Talvez fosse apenas fruto da sua imaginação, mas hoje tudo parecia diferente. Passou pelos talhões já conhecidos: os decorados com flores; aquele com a velha garrafa de brandy; e o túmulo com os peluches encostados à pedra. Aparentemente, pareciam estar na mesma, mas era como se Amanda os estivesse a ver com um novo olhar naquela manhã. A garrafa já estava ali há muito tempo, e quem quer que a tivesse deixado — supostamente, um antigo companheiro de copos — nunca mais voltara; as flores vibrantes pareciam mais gestos de gratidão e de amor do que de dor; e, por mais tristes que fossem os peluches, a sua presença indicava algum tipo de reconhecimento — antes estarem ali do que a acumular pó num pequeno quarto intocado, preservado como um museu.

Tudo aquilo revelou-lhe uma verdade essencial. No passado, Amanda encarava aquelas deslocações como visitas ao pai, mas percebia agora que nunca o haviam sido. O pai estava morto.

Os cemitérios podiam albergar os mortos debaixo da terra, mas o que estava à superfície era para os vivos: são os sítios onde as pessoas vão para lidarem com a rutura entre o que a sua vida fora outrora e o que passara a

ser. Amanda ia ao cemitério para se visitar a si mesma e à sua relação com o passado, e competia-lhe a si decidir como fazê-lo.

Chegou ao túmulo do pai, aquele quadrado de granito sólido e fiável, com a sua cautelosa ausência de emoção.

— Olá, pai. Sei que disseste que não querias que eu falasse contigo, nem que me pusesse com essas parvoíces, mas, olha, azar, porque sinto a tua falta.

Não obtive resposta, claro, e o cemitério permaneceu em silêncio à sua volta. Contudo, sentiu um alívio tão avassalador que desatou a rir, um riso que, a meio, deu lugar às lágrimas, fazendo-a levar a mão ao nariz.

— Que se foda! É verdade, sabes? Sinto mesmo muito a tua falta, e lamento não ser como tu, mas, olha, azar para isso também, porque, na verdade, julgo que ficarias orgulhoso de mim na mesma. — Fez uma pausa. — Sim, acho que ficarias orgulhoso.

Era suficiente, para já. Deixou-se permanecer ali algum tempo, a chorar. Seguindo outra das instruções do pai, também nunca se permitira fazê-lo ali, mas, tal como tudo o resto, Amanda achava que ele compreenderia. Talvez tivesse até acenado em silêncio, em sinal de aprovação. Ele criara a filha para ser forte, certo? Para ser firme e tomar as suas decisões, em vez de obedecer a ordens. Se ela quisesse chorar, haveria de chorar à vontade! A decisão era sua.

Da mesma maneira, o género de agente que Amanda se tornara não tinha de ser avaliado por contraponto com o agente que o seu pai fora. Ela era a agente que era. E se isso implicava, por vezes, envolver-se demasiado, deixar-se assombrar pelo passado ou ser incapaz de guardar as coisas numa caixa e manter a vida profissional separada da vida pessoal, não havia mal nenhum.

Até nisso, algo parecia ter mudado, pelo menos um pouco. Passara-se quase uma semana desde os acontecimentos em Gritten, e Amanda tivera o

pesadelo apenas uma vez, dois dias depois de ajudar Paul a fugir do bosque. Aparentemente, o sonho fora o mesmo de sempre, mas também lhe parecera diferente. Ela estava parada na escuridão, ciente de que havia alguém desaparecido por perto, mas, desta vez, reconhecera o sonho por aquilo que ele era, e essa tomada de consciência acalmara-a.

Supostamente, podíamos fazer o que quiséssemos num sonho lúcido, mas, em vez de tentar criar algo elaborado, Amanda começara simplesmente a andar na escuridão. Nunca tinha feito isso. E, embora não soubesse se estava a caminhar na direção certa, pelo menos estava a avançar.

Desde então, nunca mais tivera o pesadelo.

Olhou para o túmulo do pai.

— Só vou fazer isto uma vez. Prometo.

Pousou as flores que trouxera consigo na lápide. Depois, deu meia-volta e foi trabalhar.

Mas não em Featherbank.

Ao invés, perto do meio-dia, conduziu pela paisagem idílica em redor de Gritten até entrar no coração pardacento e degradado do centro. Passou pelo hotel onde ficara hospedada na semana anterior e dirigiu-se para o estacionamento do bar onde Paul a levara quando se conheceram. Lá dentro, deu com ele sentado no mesmo sítio. Contudo, ele estava diferente. Cortara o cabelo e envergava um fato preto de bom corte. Tinha diante de si um copo de cerveja pela metade. Amanda pediu um copo de vinho e foi ter com ele, consultando o relógio de forma espaventosa.

— Achas bem estares a beber a estas horas? — perguntou.

— Acho lindamente. Não gosto de discursos em público.

— Por amor de Deus, tu és professor.

— Eu sei. Pelo menos até ver. E nem sequer me pagaste um copo. — Apontou para a cerveja.

Amanda sorriu. Tendo em conta as poucas vezes que se tinham encontrado, era estranho sentir-se tão à vontade na sua companhia. Talvez fosse apenas por estarem ligados pelos acontecimentos, mas a verdade era que ela gostava dele — ou pelo menos gostava dele ao ponto de não o pressionar para lhe contar tudo o que acontecera em Gritten.

Por um lado, era tudo bastante simples — confuso, à sua maneira, mas, ainda assim, sem grande complexidade. As provas forenses implicaram Dean Price nos homicídios de William Roberts e de Eileen e James Dawson. Devastado com a morte do filho, Dean decidira descobrir a verdade sobre o desaparecimento de Charlie Crabtree, para resolver o problema à sua maneira. Amanda já sabia um pouco mais sobre a história de Dean no exército: as coisas que fizera, a exoneração sem honras, as dificuldades por que passara para encontrar um propósito na vida civil. O seu filho, Michael, ajudara-o neste último aspeto, e, quando perdeu isso, algo dentro de si se estilhaçou.

O corpo de Dean fora encontrado no meio do bosque, na manhã seguinte ao rapto de Paul. Enquanto o perseguia por entre as árvores, Dean torcera o tornozelo. Aparentemente, embrenhara-se ainda mais no bosque, antes de perder a esperança de conseguir sair de lá. Amanda vira fotografias do cenário com que os agentes se depararam na manhã seguinte. Um homem como Dean nunca se deixaria capturar. Foi encontrado sentado no chão, encostado a uma árvore, com os pulsos cortados, a vegetação rasteira à sua volta encharcada de sangue.

Caso encerrado.

Contudo, ainda subsistiam inúmeras perguntas. Amanda continuava sem saber porque é que Carl Dawson regressara a Gritten, ou sobre o que conversara com Paul naquele dia, no antigo parque infantil. Além disso, os métodos de Dean não encaixavam nas marcas deixadas na porta da casa da mãe de Paul, nem no boneco enfiado pela ranhura da caixa do correio, e,

embora a conta do utilizador CC666 tivesse sido localizada no computador de James Dawson, ela não percebia porque é que ele teria enviado aquelas mensagens, ou onde arranjava uma fotografia do diário de sonhos de Charlie.

Tudo isso fazia-a ter a certeza de que havia ali algo que lhe estava a escapar. Porém, nem Carl nem Paul estavam dispostos a falar sobre o assunto. Mantiveram-se em silêncio, deixando-a a braços com peças de um mistério que ela não conseguia encaixar.

Enquanto bebia um gole do vinho, decidiu, contudo, que isso não tinha importância. Afinal de contas, obtivera respostas para as perguntas de que precisava, e, apesar de não ser como o pai, tinha o pressentimento de que aquilo que não lhe estava a ser revelado deveria, para bem de todos, ser esquecido.

— Porque é que quiseste vir ter comigo hoje? — perguntou Paul.

— Apoio moral — respondeu Amanda. — Não sabias? Quando salvamos a vida a alguém, somos responsáveis por essa pessoa para sempre. — Ele franziu o sobrolho. — Pronto, está bem — concedeu ela. — Confesso que não me sinto à altura desse grau de responsabilidade. Tinha outro motivo para vir. — Levou a mão à mala e retirou uma capa fina. — A história que contaste ao Dean Price, naquela noite, sobre o irmão do Hague ser responsável pela morte do Charlie Crabtree...

— Foi tudo inventado.

— Pois, já me tinhas dito. Sinceramente, e não leves a mal, decidimos verificar. O irmão dele chamava-se Liam, e ainda estava preso na altura.

— Tentei inventar qualquer coisa à pressa.

— Acredito em ti.

Amanda pousou a capa na mesa e empurrou-a na direção dele.

— O que é isto? — perguntou Paul.

— Recebi isso ontem. Vá, abre!

Ele fitou-a, por instantes, e depois olhou para a capa, abrindo-a. Continha

uma fotografia. Da perspectiva de Amanda, estava de cabeça para baixo, mas ela já a observara tempo suficiente para saber do que se tratava, fosse de que ângulo fosse: as roupas esfarrapadas; a disposição das ossadas, semicobertas pela vegetação rasteira; o crânio, que rolara para o lado.

A fotografia fora tirada na manhã em que encontraram o corpo de Dean, a uma curta distância de onde ele estava. A identificação oficial fora confirmada ao final do dia, e Dwyer fizera-a chegar a Amanda por cortesia. Ela, por sua vez, enviara uma mensagem a marcar um encontro com Paul pelo mesmo motivo.

Ele fitou fixamente a fotografia.

— Este é...?

— O Charlie Crabtree — completou ela. — Sim.

Paul não descolava os olhos da fotografia, e Amanda imaginou o que estaria ele a pensar. Como seria ver aquilo após todo aquele tempo? Saber que um pesadelo que durara um quarto de século terminara finalmente. Era difícil imaginar o que lhe passava pela cabeça.

— É verdade, não devias estar a ver isso — observou ela. — Mas achei que gostarias de saber. Que merecias saber.

Por fim, Paul ergueu o olhar. O seu rosto espelhava tantas emoções que era impossível discerni-las umas das outras.

Exceto uma: alívio.

Amanda lembrou-se de como se sentira no cemitério, ainda há pouco.

— Obrigado — disse-lhe ele.

Foi a minha mãe que me levou à estação de comboios.

Na verdade, era o meu pai que ia a conduzir, mas ele tornara-se pouco mais do que uma presença distante na minha vida, e fizera aquela última viagem quase a contragosto. Não saiu do carro quando chegámos. Supostamente, porque queria estar de olho nos polícias de trânsito, mas ambos sabíamos que o verdadeiro motivo era o facto de não termos nada a dizer um ao outro, e seria mais fácil esquecer um adeus no carro do que na gare. Foi a minha mãe que me acompanhou e que esperou comigo, pelo que penso sempre que foi ela quem me levou naquele dia.

Eu levava uma mochila carregada e uma mala pesada com rodinhas, que rangiam no átrio ao avançarmos pela multidão de passageiros. Lembro-me dos quadros de partidas a zumbir e a oscilar quando eram atualizados, e do altifalante a transmitir mensagens intermitentes indecifráveis. Por toda a parte, o som das conversas ecoava nas paredes de azulejo. Naquela altura da minha vida, nunca tinha andado de comboio, e achei todas aquelas sensações quase esmagadoras. Lembro-me de estar nervoso — assustado, até —, mas não o demonstrei.

Eu e a minha mãe só falámos quando chegámos à gare. O comboio ainda iria demorar alguns minutos, pelo que procurámos um lugar à sombra para aguardar.

— Tens o bilhete? — perguntou-me.

Apeteceu-me lançar-lhe um olhar que lhe mostrasse que eu tinha 18 anos e não era nenhum idiota, mas, naquele momento, lembrei-me de uma viagem diferente que havíamos feito juntos, quando eu fora transferido para uma

escola nova, em que ela me perguntara algo semelhante. Sabia que, na altura, a pergunta não me era dirigida, tal como esta — ela só estava a perguntar para se tranquilizar.

— Sim — respondi.

— Claro que sim, desculpa.

Ela parecia genuinamente arrependida de ter perguntado, mas eu percebi que também estava distraída, cheia de uma energia nervosa. É assim que as pessoas ficam quando se preocupam com algo importante que está fora do seu controlo.

Não precisas de pedir desculpa, pensei, mas não disse nada.

Lembro-me de estar assustado, sim, embora, na verdade, também estivesse entusiasmado. Os últimos dois anos tinham sido bastante difíceis para mim. Era importante não me focar muito nisso, claro, e, nas poucas ocasiões em que pensei em Gritten, ao longo dos anos — naqueles instantes em que me esquecia de esquecer —, fazia-o sempre num termo específico: nada daquilo me acontecera a mim. Sabia, na altura — e sei-o ainda melhor agora —, que houve outras pessoas que sofreram bem mais do que eu, e que aquela tragédia fora sua. Acima de tudo, claro, fora a tragédia da Jenny Chambers.

Não obstante, tal como muitos de nós, eu fazia parte daquela história, e era assombrado pelo papel que desempenhara, ainda que contra a minha vontade. A consciência das coisas que fizera ou não fizera ensombrou a minha vida desde então. Enquanto esperava na gare naquele dia, eu não fazia ideia do que o futuro me reservava, mas sabia que não era apenas Gritten que eu deixava para trás.

— Não tarda está aí o Natal — disse-me a minha mãe.

— Eu sei.

Eu passara os últimos anos a poupar dinheiro. Trabalhara na livraria e aceitara todos os trabalhos na área que conseguia encaixar nos meus estudos. Mesmo que não o reconhecesse, nem para mim próprio, focara-me ao

máximo no meu objetivo. E, mesmo que o Natal não tardasse, sabia que não fazia tenções de regressar a casa nessa altura. Porém, não disse nada.

Ergui os olhos e vi o comboio a chegar: duas carruagens frágeis que avançavam lentamente na nossa direção, azuis em cima e sujas de fuligem em baixo, como se tivessem passado por campos lamacentos. Mais à frente, as pessoas começavam a pegar na bagagem. Avancei, com a sensação de que tinha de entrar imediatamente, ou poderia perder a minha oportunidade, e o comboio poderia partir sem mim.

A minha mãe pousou a mão no meu braço. Quando olhei para ela, percebi, pela sua expressão, que ela adivinhara o que eu não proferira em voz alta — que tão cedo não voltaria a ver-me — e que aceitara isso.

— Gosto muito de ti, Paul — disse-me, em surdina. — Cuida-te.

— Prometo.

— E, por amor de Deus, dá um abraço à tua mãe!

Tirei a mochila do ombro. Não sabia há quantos anos não abraçava a minha mãe, mas lembro-me de ficar surpreendido por sentir quão pequena e frágil ela era. Quando nos separámos, ela colocou as mãos nos meus ombros e fitou-me de alto a baixo.

— Estás tão crescido.

Eu não sabia o que responder àquilo, pelo que não disse nada. Atrás de mim, o comboio emitiu um som de vapor a ser expelido, e a minha mãe afagou-me os braços e largou-me.

— Promete-me que tomas conta de ti — insistiu.

— Eu fico bem, mãe.

Ela sorriu.

— Eu sei.

Já dentro do comboio, procurei o meu lugar. Ela ficou na gare à espera para se despedir. Na altura, não percebi o que lhe passaria pela cabeça, e ainda agora não sei, mas pelo menos tenho uma vaga ideia.

Ela julgava que eu iria ser escritor.

Havia uma história que eu nunca lhe mostrara, mas que ela encontrara e lera à socapa. Apesar da tristeza por me ver ir embora, penso que também estava contente por me ver a partir para o mundo, a voltar costas ao passado e a seguir em frente para um presente diferente, sem sequer olhar para trás. Por mais doloroso que seja, é isso que os bons pais fazem.

Julgo que terá sido o que aconteceu que ergueu uma cortina de silêncio entre nós, que tornara impossível proferir determinadas coisas em voz alta, mas gosto de pensar que não precisaram de ser ditas.

«Estou muito orgulhosa de ti», não me disse ela. «E eu compreendo.»

«Obrigado», não respondi. «E gosto muito de ti.»

Fiz uma pausa e ergui os olhos das minhas anotações.

Com a ajuda da Sally, conseguira falar com inúmeros amigos da minha mãe nos dias que se seguiram à sua morte e descobrira que a crença religiosa esporádica que ela nutrira ao longo da sua vida tinha florescido nos últimos anos, pelo que a decisão estava tomada: seria um funeral na igreja.

O espaço à minha frente parecia cavernoso, e, ainda assim, todos os corredores estavam cheios. Filas e filas de pessoas que se amontoavam, ombro a ombro, como se todos aqueles que viviam num raio de quilómetros de Gritten tivessem sido convocados por um qualquer sentido de dever para se reunirem e lhe prestarem uma última homenagem.

Ainda há pouco, enquanto eu esperava pelo início da cerimónia, todos os ruídos e tosses ecoavam pelo espaço, tal como ecoavam agora as palavras que eu acabara de proferir.

«Obrigado. E gosto muito de ti.»

Olhei em redor. Estava escuro na igreja; a multidão à minha frente, iluminada pela luz do Sol que entrava debilmente através dos vitrais sobranceiros. Ainda assim, consegui vislumbrar alguns rostos conhecidos.

A Sally estava sentada à frente, juntamente com alguns dos amigos da minha mãe que vim a conhecer. O Carl também estava presente, sentado na ponta de um corredor mais para trás. Apesar de tudo o que acontecera, estava formalmente vestido, contendo a dor que sentia, concentrado na luta que tinha pela frente — despedir-se de alguém que eu sabia que ele amara.

A inspetora Amanda também estava ali, mais ao fundo da igreja. O meu olhar alternou entre ela e o Carl, enquanto pensava no que ela me mostrara uma hora antes. O Charlie fora encontrado, pelo que essa parte da história chegara ao fim. Desconhecia se ainda haveria perguntas a responder a esse respeito. Se fosse o caso, logo lidaria com elas. Contudo, depois da fogueira que eu fizera, finalmente, dois dias antes, sabia que não havia mais nada que ligasse a minha mãe ao que acontecera. Pareceu-me ver, no rosto do Carl, a mesma convicção que eu sentia no meu coração: não havia necessidade de falar sobre essas coisas, a menos que tal fosse necessário; todos já tinham perdido o suficiente.

Por fim, avistei a Marie. Encontrara um lugar na ponta de uma das filas do meio e sorriu-me quando me viu a olhar para ela. Eu fora à livraria, no dia anterior, levando comigo um livro antigo: *The Nightmare People*. Ocupou o seu lugar nas prateleiras em frente ao balcão, mas sem um preço escrito a lápis no interior. Eu sugerira à Marie que, se alguém o encontrasse e o quisesse, deveria levá-lo sem pagar, e ela concordara comigo. Em seguida, ajudara-a com uma entrega, como nos velhos tempos, e ela dissera-me algo bastante sugestivo: «Sabes, não vou conseguir fazer isto muito mais tempo, Paul.»

Ainda estava a pensar nas suas palavras. Quando falara com a inspetora Amanda ainda há pouco, dissera-lhe que era professor «pelo menos até ver», porque, apesar de, até há uma semana, tal não me passar sequer pela cabeça, uma parte de mim já estava a imaginar um letreiro diferente sobre a livraria. Johnson & Ross, claro, pois é importante não nos esquecermos das nossas

origens, mas não era impossível que um novo nome viesse a constar do letreiro. Afinal de contas, sempre senti aquela como a minha casa.

Era algo em que pensar.

Olhei para baixo.

— A história que escrevi — prossegui —, aquela que a minha mãe leu, era muito estúpida. Era sobre alguém que voltava a casa pela última vez. Acaba mesmo antes de ele chegar, pois eu não sabia como terminá-la. E continuo sem saber. Só sei o que aconteceu quando foi comigo.

Depois, falei um pouco sobre o que descobrira sobre a minha mãe desde o meu regresso a Gritten. Não era muito, mas era qualquer coisa: os amigos que eu não conhecia, o amor pela leitura que ela redescobriu numa altura tardia da vida, as pessoas de quem gostava e que gostavam dela.

Quando terminei, olhei para o caixão ao meu lado, lembrando-me de todas as fotografias que tinha visto. Aquelas em que ela era jovem, sem reservas, a rir de alegria, com uma vida pela frente, repleta de possibilidades. Mesmo não sendo um homem religioso, dei por mim a perguntar-me se ela estaria a sonhar com alguma coisa agora.

— Dorme bem — disse-lhe.

AGRADECIMENTOS

À semelhança do que acontece com a escrita de qualquer romance, tenho uma enorme dívida de gratidão para com um grande número de pessoas, nomeadamente os meus editores, Joel Richardson e Ryan Doherty, sem os quais este livro seria uma obra bastante diferente. Os seus conselhos e paciência foram ímpares e extremamente valorizados. Agradeço também a Cecily van Buren-Freedman, Emma Henderson, Grace Long, Ellie Hughes, à equipa dos direitos autorais da Michael Joseph e, literalmente, a todas as pessoas do mundo da edição que tive a sorte de conhecer e trabalhar neste e no livro anterior. Alguns escritores têm sorte a esse nível; eu sinto que fui abençoado.

Um enorme obrigado à minha incrível agente Sandra Sawicka, e a Leah Middleton, Guy Herbert e a todo o pessoal da Marjacq.

Agradeço também aos críticos, *bloggers* e leitores que escolheram a minha obra e despenderam tempo a tecer comentários elogiosos — tenho uma dívida de gratidão para convosco. Aos maravilhosos funcionários do The Packhorse, do Briggate e do Bower's Tap, em Leeds, por me aturarem enquanto teclava pelos cantos. À minha família e amigos. À comunidade de ficção criminal em geral, sobretudo a Colin Scott, por me manter são e por ser extremamente talentoso.

Por fim, muito obrigado à Lynn e ao Zack. Nada disto seria possível sem vocês, e é por isso que vos dedico mais este livro, com todo o meu amor.

Edição original

Título: *The Shadow Friend*

Texto: © 2020 Alex North

Capa: © Lee Motley/MJ

Fotografias da capa: Getty Images

Publicado pela Michael Joseph,
uma chancela da Penguin Books, Londres.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *O Amigo das Sombras* (Alex North)

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Maria João Fonseca

Paginação Eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-537-4

ISBN edição ePub: 978-989-564-625-8

1.^a edição: maio de 2021

Versão 1.0: maio de 2021

© 2021 Topseller, uma chancela da 20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

O Amigo das Sombras (Alex North) é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.